ISSN - 0100 - 3437

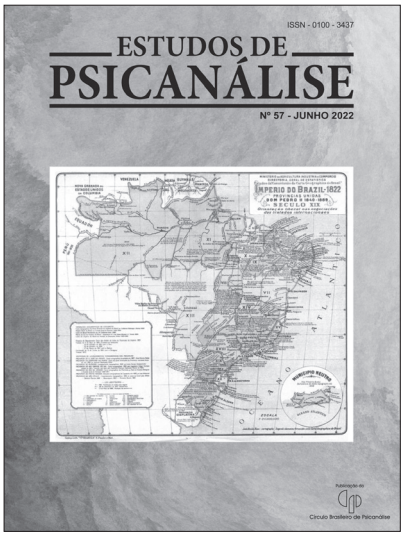
ESTUDOS DE PSICANÁLISE

Nº 57 - JUNHO 2022

Publicação do
Círculo Brasileiro de Psicanálise

ESTUDOS DE PSICANÁLISE

ISSN - 0100-3437



Publicação do
Círculo Brasileiro de Psicanálise

Estudos de Psicanálise	Rio de Janeiro - RJ	n. 57	p. 17 – 184	junho 2022

REVISTA

ESTUDOS DE PSICANÁLISE

Indexada em:
CLASE (UNAM – México)
IndexPsi Periódicos (BVS – PSI) – www.bvs-psi.org.br
Latindex (Sistema Regional de Información en Línea
para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal)
Diadorim

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
ANPEPP – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia
Classificação Capes/Anppep–B2 - Psicologia - B2 - Interdisciplinar e A2 - Letras/Linguística

Esta revista é encaminhada como doação para todas as bibliotecas
da Rede Brasileira de Bibliotecas da Área de Psicologia – ReBAP

Os artigos são de total responsabilidade dos autores.

FICHA CATALOGRÁFICA

ESTUDOS DE PSICANÁLISE. Rio de Janeiro: Círculo Brasileiro de Psicanálise, n. 57, jun. 2022. 184 p.

Semestral. ISSN: 0100-3437 – 28 x 21cm

1. Psicanálise – periódicos

Revista Estudos de Psicanálise

EDITORES DA REVISTA
Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)
Maria Auxiliadora Toledo Garcia Freire (CPMG)
Marli Piva Monteiro (CPB)
Magda Maria Colao (CPRS)
Paulo Roberto Ceccarelli (CPPA)
Ricardo Azevedo Barreto (CPS)

CONSELHO CONSULTIVO
Ana Cristina Teixeira da Costa Salles (CPMG)
Carlos Antônio Andrade Mello (CPMG)
Déborah Pimentel (CPS)
Maria Beatriz Jacques Ramos (CPRS)
Marie-Christine Laznik (ALI-França)
Marta Gerez Ambertín (Universidad Nacional de Tucumán)
Stetina Trani de Meneses e Dacorso (CBP-RJ)

CONSELHO EDITORIAL
Ana Paula Perissé (CBP-RJ)
Elizabeth Samuel Levy (CPPA)
Juliana Marques Caldeira Borges (CPMG)

ENDEREÇO DA REDAÇÃO
Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504 - Copacabana
22050-002 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 2236-0655
E-mail: cbp.rj@terra.com.br
Site: www.cbp-rj.com.br

PROJETO GRÁFICO E FORMATAÇÃO
Valdinei do Carmo

IDEALIZAÇÃO DE CAPA
Renata de Brito Pedreira

REVISÃO
Português e normalização
Dila Bragança de Mendonça
Inglês
Anchyses Jobim Lopes

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS
Gráfica Formato – Certificada – FSC®

Círculo Brasileiro de Psicanálise – CBP

DIRETORIA 2021-2023

PRESIDENTE
Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)

VICE-PRESIDENTE
Juliana Marques Caldeira Borges (CPMG)

SECRETÁRIA
Helena Maria Melo Dias (CPPA)

TESOUREIRA
Anna Lúcia Leão López (CBP-RJ)

COMISSÃO CIENTÍFICA
Déborah Pimentel (CPS)
Eliana Rodrigues Pereira Mendes (CPMG)
Elizabeth Samuel Levy (CPPA)
Maria Beatriz Jacques Ramos (CPRS)
Stetina Trani de Meneses e Dacorso (CBP-RJ)

EDITORES DA REVISTA ESTUDOS DE PSICANÁLISE
Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)
Maria Auxiliadora Toledo Garcia Freire (CPMG)
Marli Piva Monteiro (CPB)
Magda Maria Colao (CPRS)
Paulo Roberto Ceccarelli (CPPA)
Ricardo Azevedo Barreto (CPS)

REPRESENTANTE JUNTO À ARTICULAÇÃO DAS ENTIDADES PSICANALÍTICAS BRASILEIRAS
Anchyses Jobim Lopes (CBP- RJ)

Círculo Brasileiro de Psicanálise – CBP

INSTITUIÇÕES FILIADAS

Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro – CBP/RJ
Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504 - Copacabana
22050-002 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 2236-0655
E-mail: cbp.rj@terra.com.br
Site: www.cbp-rj.com.br

Círculo Psicanalítico da Bahia – CPB
Av. Adhemar de Barros, 1156/101 - Ed. Máster Center - Ondina
40170-110 - Salvador - BA
Tel./Fax: (71) 3245-6015
E-mail: circulopsi.ba@veloxmail.com.br
Site: www.circulopsibahia.org.br

Círculo Psicanalítico de Minas Gerais – CPMG
R. Maranhão, 734/3º andar - Santa Efigênia
30150-330 - Belo Horizonte - MG
Tel.: (31) 3223-6115 Fax: (31) 3287-1170
E-mail: cpmg@cpmg.org.br
Site: www.cpmg.org.br

Círculo Psicanalítico do Pará – CPPA
Rua Boaventura da Silva, 1303/02/Altos - Umarizal
66060-060 – Belém/PA.
(91) 99150-6200 e (91) 3355-6710
E-mail: contato@circulopsicanaliticodopara.com

Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul – CPRS
R. Senhor dos Passos, 235/1001 - Centro
90020-180 - Porto Alegre - RS
Tel./Fax: (51) 3221-3292
E-mail: circulopsicanaliticors@gmail.com
Site: http://www.circulopsicanaliticors.com.br

Círculo Psicanalítico de Sergipe – CPS
Praça Tobias Barreto, 510/1208
São José Ed. Centro Médico Odontológico
49015-130 - Aracaju - SE
Tel.: (79) 3211-2055
E-mail: cps@infonet.com.br
Site: www.circulopsicanalitico-se.com.br

Sumário

15 **Editorial**

AUTORAS CONVIDADAS

17 **O trabalho clínico com as infâncias trans**
Clinical work with trans childhoods
Cassandra Pereira França

27 **Escarificações na adolescência: o infantil em análise**
Scarifications in adolescence: the child in analysis
Raquel Furtado Conte

PSICANÁLISE: CLÍNICA, TEORIA E HISTÓRIA NO BRASIL

35 **Algumas notas sobre o início da difusão de Freud no Brasil: de médicos e psiquiatras até Mário de Andrade e outros poetas**
Some notes on the beginning of Freud's diffusion in Brazil: from doctors and psychiatrists to Mário de Andrade and other poets
Anchyses Jobim Lopes

55 **Arte e pesquisa em psicanálise: das aberturas de uma fotografia para encontros com realidade**
Art and Research in Psychoanalysis: concerning the possibilities opened by a photograph to different encounters with realities
Andréa Máris Campos Guerra
Jacqueline de Oliveira Moreira
Amanda Lessa Malta
Rodrigo Goes e Lima
Júnio Marques da Silva
João Vitor Couto

69 **Análise de crianças em tempos de pandemia: ecos no analista**
Analysis of children in times of pandemic: echoes in the analyst
Anna Lúcia Leão López

75 **O umbigo do samba: a interpretação analítica na obra de João Gilberto**
The navel of samba: psychoanalytic interpretation in the art of João Gilberto
Bernardo Costa Couto de Albuquerque Maranhão
Guilherme Massara Rocha

89 **NAEP-UERJ: Um novo espaço da psicanálise na Saúde Pública do Estado do Rio de Janeiro Núcleo de Apoio e Estudo em Psicanálise (NAEP) do Núcleo Odontológico de Radiologia e Atendimento a Pacientes com Necessidades Especiais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – Policlínica Piquet Carneiro - PPC**
NAEP-UERJ: A new space for Psychoanalysis in Public Health in the State of Rio de Janeiro Nucleus of Support and Study in Psychoanalysis (NAEP) of the Dental Nucleus of Radiology and Care of Patients with Special Needs at the State University of Rio de Janeiro (UERJ) Piquet Carneiro Polyclinic - PPC
Bruna Michalski dos Santos
Cristiane Marques Seixas
Livia Barbosa Corrêa
Luciana Freitas Bastos
Marcelo Daniel Brito Faria
Rodrigo Zanon de Melo

101 **Interpretação psicanalítica**
Psychoanalytic Interpretation
Fábio Rodrigo Oliveira Carvalho

107 **O silêncio dos torturadores: a neutralidade e a violência psíquica**
The silence of torturers: neutrality and psychic violence
Jhéssyca Dias de Carvalho
Luan Sampaio Silva

117 **Notas sobre a violência atuada nas ditas patologias do agir**
Notes on the violence involved in the so-called pathologies of act
João Eduardo Torrecillas Sartori
Leandro Rafael Ferreira dos Santos

127 **Supervisão on-line: uma correlação entre necessidade e contingência**
Online supervision: a correlation between the need the and the contingency
Magda Maria Colao

139 **Brincar.com compartilhando tela, rabiscos e afetos na clínica psicanalítica com crianças e adolescentes**
Playing.com sharing screen, squiggles and affection in the psychoanalytical clinic with children and adolescents
Manuela Dumans e M. Costeira

147 **Psicanálise: o processo de subjetivação em tempos de pandemia e conexões virtuais**
Psychoanalysis: the process of subjectivation in times of pandemic and virtual connections
Maria Melania Wagner Franckowiak Pokorski

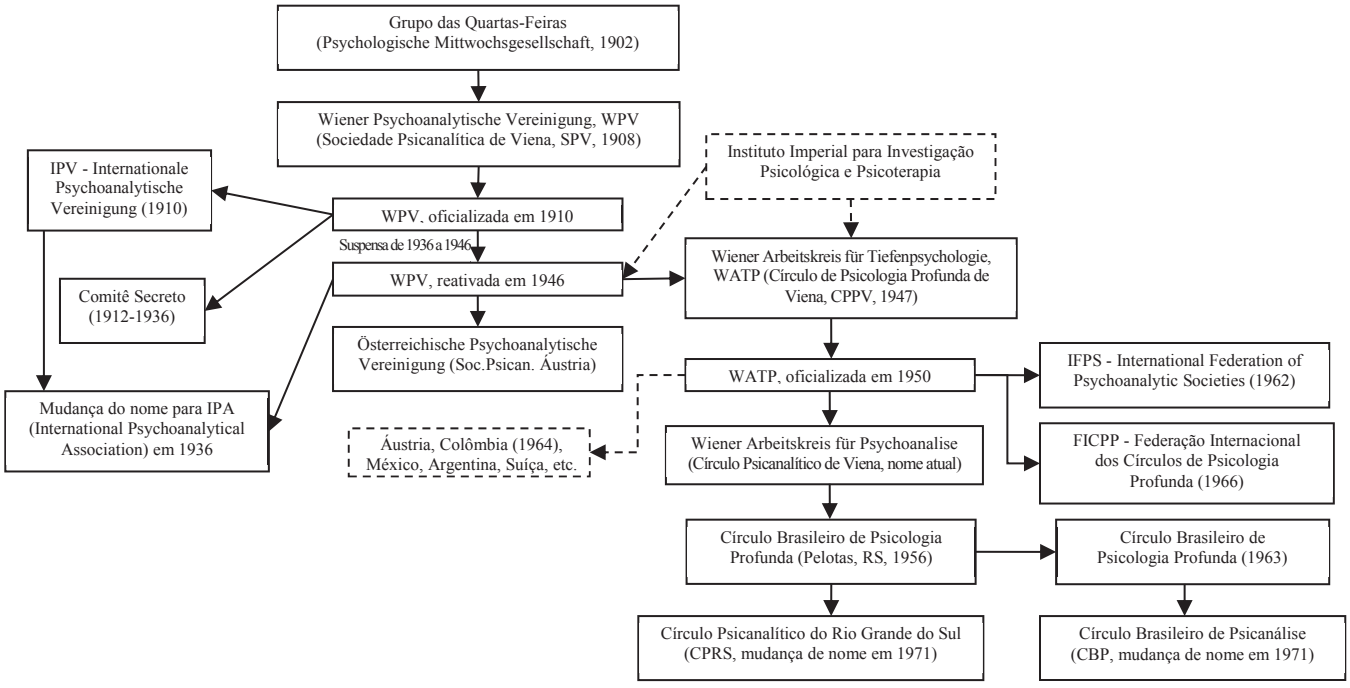
153 **A mulher dos bolos: reflexões clínicas sobre psicopatologia e migração**
The Cake's Woman: clinical reflections on psychopathology and migration
Michell Alves Ferreira de Mello

171 **Trabalho, laço social e sofrimento psíquico**
Work, social link and psychic suffering
Paulo Roberto Ceccarelli

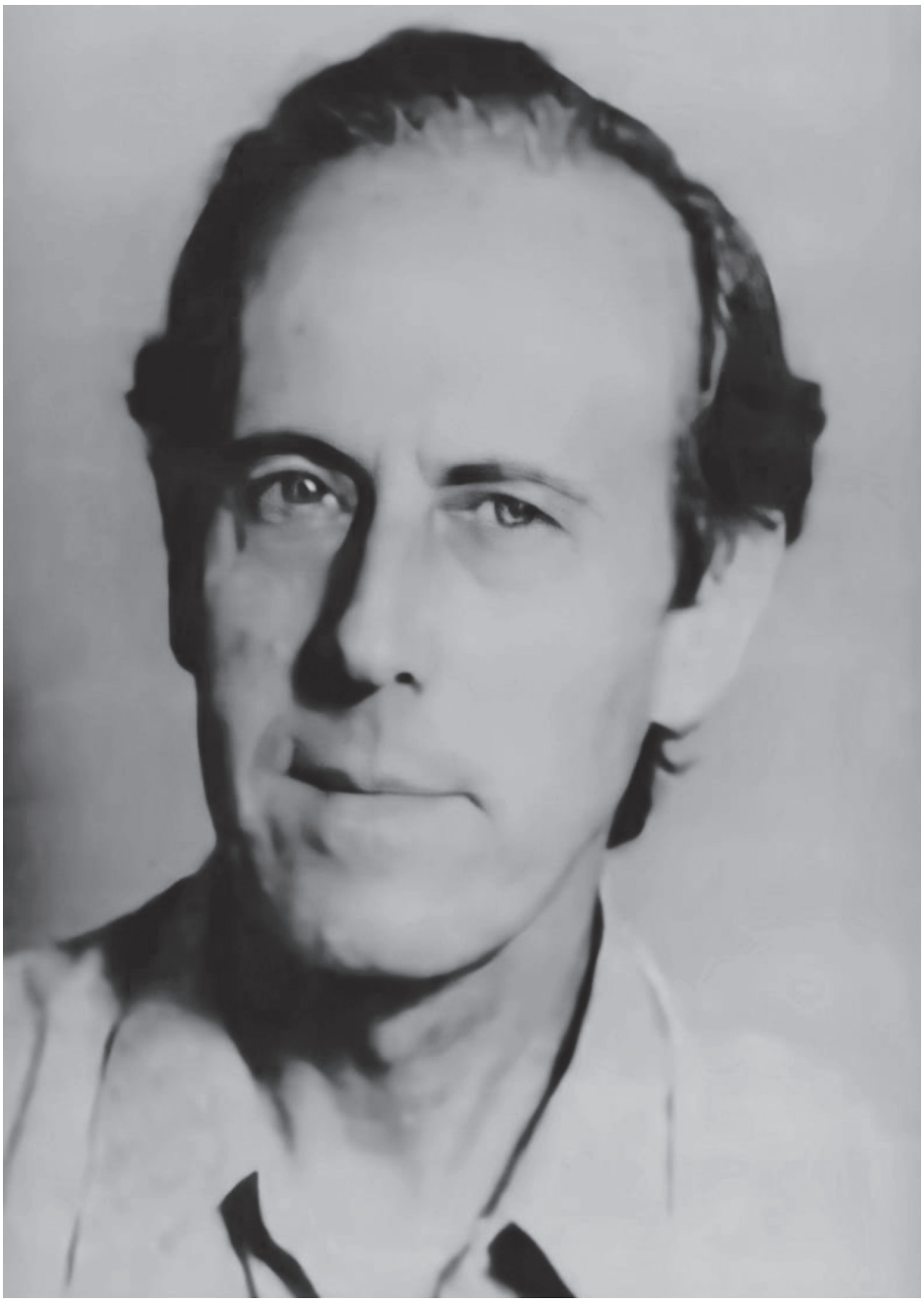
179 **Normas de publicação**

183 **Roteiro de avaliação dos artigos**

Organograma Histórico do CBP e CPRS



Organograma publicado na Revista Estudos de Psicanálise n. 41, 2014, p. 82.
Autor: Cleo Mallmann



Malomar Lund Edelweiss (1917-2010),
fundador do Círculo Brasileiro de Psicologia Profunda

Editorial

2022: bicentenário do Brasil como nação independente. Números redondos – duas centenas – por qualquer calendário que seja, invocam comemoração especial.

A primeira sociedade psicanalítica fundada no Brasil – a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, em 1927, dissolvida em 1930 e recriada em 1951 – ainda não completou seu primeiro centenário. Quanto ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP), completa 66 anos neste ano do bicentenário do Brasil.

Há mais de vinte anos, quando pela primeira vez assumimos a chefia do Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ), fundado em 1981, a instituição era pequena e precária sua sede: entre membros e candidatos mal passava de trinta pessoas. O local alugado em Botafogo era a antiga garagem para dois carros, fundos de uma grande casa de dois andares.

Uma senhora de mais de meia-idade, recente ex-aluna do curso de Psicologia, mas já graduada há décadas em Direito, no intervalo de uma supervisão em consultório, escutou meu ceticismo quanto à instituição psicanalítica. Em oposição à ausência de qualquer crença religiosa minha, essa supervisionanda era de fé judia ortodoxa. Junto com o marido preservavam, salva da Segunda Grande Guerra, a biblioteca várias vezes centenária do rabino chefe de uma grande cidade europeia, a fim de finalmente a levarem para Israel. Em tom forte, seu comentário para meus queixumes sobre o CBP-RJ foi: "o importante é que ele existe".

Sim. O ato de fundação, seja de um país e por mais discutíveis que tenham sido os motivos e os métodos, seja de uma instituição de ensino e transmissão de uma prática clínica, por mais que seus participantes adorem querelas esdrúxulas, é o ato de criação de algo até então inexistente, mas que sonha em transmitir algo de novo e livre para as gerações futuras.

O Círculo Brasileiro de Psicanálise passava por crise semelhante ao do Rio. Gestões polêmicas, pouco participativas com as filiadas e tomando decisões polêmicas sem consulta as filiadas. Que por sua vez indagavam qual o propósito de uma federação.

Roberto Bittencourt, um dos fundadores do primeiro círculo do Rio em 1969 e fundador do CBP-RJ em 1981, mas que retornara ao seu estado natal, o Rio Grande do Sul, indicou que procurássemos Clovis Figueiredo Sette Bicalho, presidente do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais. Com seu auxílio estabeleceu-se uma nova chapa para o CBP. Maria Mazzarello Cotta Ribeiro foi eleita presidente do CBP, e propostos os nomes para próximos mandatos. Sucederam-na, cada qual de um círculo diferente, três presidências que durante mais seis anos deram continuidade ao trabalho de investimento no Círculo Brasileiro. E que continuou nas gestões seguintes.

Uma das primeiras mudanças da gestão de Maria Mazzarello foi a completa reforma da Estudos de Psicanálise. Desde então o CBP tem mantido seu alento.

O CBP não se originou diretamente de um ato forte de criação como a International Psychoanalytic Association (IPA), fundada pelo próprio Freud. Embora o Círculo de Trabalho

de Psicologia Profunda de Viena, fundado em 1947 por Igor Caruso, tenha surgido como dissidência da Sociedade Psicanalítica de Viena, fundada por Freud antes da IPA, era uma instituição menor. E Caruso foi um nome importante em seu tempo. Mas hoje muito esquecido, bem como seus livros.

Ter um fundador e um ato de fundação mais frágeis guarda seus méritos. A instituição não pode se fiar na crença de que possui força própria inata para continuar. Herdeiros de um ato de fundação fraco, não há como escapar de permanentes dúvidas quanto à sua origem, seu propósito e sua capacidade. Um ato de fundação forte pode criar a mística e a ilusão da perenidade, que aos poucos pode se reduzir à inercia.

Temos de ser gratos a Igor Caruso, Malomar Lund Edelweiss, Kattrin Kemper e vários outros, que vieram e que virão.

Pouco após assumir o cargo chefe na chapa que em 2000 passou a administrar o CBP-RJ, recebi o telefonema de uma reunião sobre algo que não entendi bem do que se tratava. Mas fui à reunião. Era o início do Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras. A sobrevivência em jogo não era apenas de uma instituição psicanalítica, mas de todas no Brasil, que também é a do país enquanto mínima e humanamente viável. Porque a psicanálise só sobrevive onde há um grau razoável de liberdade de pensamento, jogo democrático e possibilidade de sobrevivência econômica de seus cidadãos.

Anchyses Jobim Lopes
Presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise
Presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro

O trabalho clínico com as infâncias trans

Clinical work with trans childhoods

Cassandra Pereira França

Resumo

O artigo apresenta a necessidade premente de a psicanálise acompanhar a subjetividade de seu tempo, tomando-a como um diapasão a dar referências tanto para a afinação da metapsicologia quanto para a teoria da técnica psicanalítica. A mudança radical ocorrida no campo da sexualidade, desde os tempos vitorianos até os dias atuais, convoca os analistas ao estudo aprofundado daqueles conceitos que ficaram insuficientes na vasta produção freudiana: a teoria do narcisismo e a da identificação. Assim, junto à urgência de a psicanálise repensar as concepções que sustentam a sua linguagem heteronormativa, posta-se o desafio clínico da escuta das novas sexualidades. Nos casos em que a autopercepção do gênero se manifesta precocemente, é possível observar o quanto a insubordinação radical do(a) filho(a) à aceitação do gênero que lhe foi designado, pode provocar uma fratura narcísica extensa nos pais, capaz de deixar graves sequelas no narcisismo primário fundante do sujeito.

Palavras-chave: Gênero, Transidentidades, Infância, Identidade sexual.

O que havia em meu corpo infantil
que previa a minha vida inteira?
Paul Preciado, 2019.

As palavras pronunciadas em 17 nov. 2019 por Paul B. Preciado denunciando a hipocrisia e a posição reacionária cristalizada nos "posicionamentos silenciosos" dos grandes institutos de formação de analistas, diante do fervoroso movimento das diversidades sexuais mundo afora e que colocavam em xeque a estruturação binária de muitos pressupostos teóricos da psicanálise, foram recebidas com espanto por uma plateia de 3.500 psicanalistas, em um evento científico organizado de modo paradoxal: convidando um homem trans para falar num congresso sobre *Mulheres na psicanálise*.[1] É claro que o resultado teria mesmo de ser um imbróglio que serviu para colocar sob holofotes uma grave questão que vinha sendo abafada há décadas, e que estava calcada numa falsa premissa teórica: a escolha homossexual de objeto, implica uma impossibilidade de constituição superegoica capaz de garantir o exercício da função analítica. Tal pressuposto, que nos parece absurdo nos dias atuais, trazia em seu bojo um grande obstáculo para que candidatos homossexuais pudessem fazer uma formação analítica ortodoxa. Isso mesmo, houve um tempo em que a psicanálise, além de se dar ao luxo de ficar à mar-

1. Palestra pronunciada em 2019 na Jornada Internacional da Causa Freudiana sobre o tema Mulheres na psicanálise, no *Palais des Congress* em Paris, publicada no Brasil com o título *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*.

gem das mudanças na constituição das subjetividades sexuadas, endossou os tortuosos caminhos teóricos que vinculavam a homossexualidade à perversão. Pois bem, além de uma enorme dívida moral acumulada ao longo de algumas décadas, outro problema se descortinava: a psicanálise não havia preparado seus profissionais para realizar intervenções quando chamados a atuar no campo das questões de gênero.

Enclausurada no emparedamento binário, a psicanálise havia, ainda por cima, ficado enredada em uma compreensão atrofiada das sexualidades trans, fazendo uma leitura *schereberiana* dessas identidades, colocando-as em contiguidades com as psicoses e não conseguindo sequer ouvir o apelo aflito contido em outras vozes que se levantavam para alertar os psicanalistas:

> Passaram-se cem anos da publicação dos *Três ensaios*, em 1905, e se cabe perguntar-nos o que se passou com a psicanálise ao longo de um século, a questão principal é o que se passou na sociedade com as mudanças que se operaram a respeito da sexualidade. E é a partir desta perspectiva que há tempos tento distinguir, em função da organização do pensamento psicanalítico e de ir localizando os problemas do futuro da psicanálise, como separar aqueles núcleos de verdade que permanecem através do tempo e que remetem a questões invariáveis da constituição psíquica, dos modos da subjetividade que mudaram ao longo do tempo. O que se chama produção de subjetividade é de ordem política e histórica (Bleichmar, 2009, p. 33).

Não restam dúvidas de que Silvia Bleichmar estava certíssima: para salvaguardar o futuro da psicanálise, precisamos estar afinados com a produção das subjetividades de nosso tempo. Para aqueles psicanalistas que convivem com centenas e centenas de jovens, como acontece com os professores universitários, essa tarefa torna-se mais viável, uma vez que temos oportunidade de conhecer mais de perto a realidade do universo dos alunos: ouvimos suas gírias, os casos de envolvimentos afetivo/sexual, os relatos do que falam nas redes sociais – e, assim, facilmente, constatamos a efervescência de determinadas temáticas e a necessidade de nos inteirarmos de estudos que possam complementar o que aprendemos com a metapsicologia psicanalítica. Facilmente identificamos em seus olhos a reação às teorias que arranham seus ouvidos (justamente aquelas sustentadas na lógica binária e androcêntrica, que permeia a linguagem conceitual dessa ciência) e, se queremos que gostem da psicanálise, precisamos criar programas de ensino que contextualizem historicamente os pressupostos do edifício teórico da psicanálise e garantam um espaço de debate aberto à releitura desses textos à luz do que se passa na cultura no momento presente.

Mas não é só o espaço acadêmico que facilita essa condição. A clínica psicanalítica infantojuvenil também se presta a ajudar nessa forçosa aterrisagem na realidade, pois tal como uma espécie de arauto, anuncia em tempo recorde as novidades do reino, ou seja, as mudanças na direção dos ventos culturais serão responsáveis pelas alterações na constituição das subjetividades das gerações presentes e futuras. Tomarei como recorte temático, neste momento, o comparecimento da temática de gênero na clínica infantil nas quatro décadas de meu exercício profissional, ou seja, entre 1980 e 2020. Ao longo desse espaço de tempo, observamos o aumento do número de famílias que passou a procurar os psicólogos e psicanalistas a fim de solicitar orientações sobre a forma como deveriam agir, quando percebiam que seus filhos estavam expressando modos identificatórios em desacordo com o socialmente esperado para a designação de gênero que lhes fora outorgada. Os comentários dos pais, repletos de angústia, ilustram por si mesmos o avanço gradativo no cenário de aceitação da possibilidade da diversidade sexual. Acompanhemos a metamorfose

gradativa, com que se apresentaram cronologicamente essas colocações: "Por que meu filho(a) está agindo desse jeito? Quem ele(a) está imitando? Eu não quero um filho bichinha. Eu não quero uma filha sapata. Ele(a) é grudado(a) demais na mãe! O pai dele é ausente, nunca brinca com ele(a)! Ele não quer fazer futebol, tudo bem, nem todo menino tem de gostar disso! Ela gosta mesmo é de coisa mais abrutalhada, gosta de queimada, de futebol. Não gosta de usar vestidos de babados". Observemos que esses discursos estavam em contiguidade direta com os tropeços contidos nas noções teóricas que a psicanálise tentava apresentar para os impasses nas identidades de gênero: mãe fálica, pai ausente, fórmulas da sexuação. Enfim, premissas que em nada ajudaram na escuta do sofrimento do paciente ou de suas famílias que, desesperadas, buscavam encontrar uma causa, um culpado, para a insurreição do(a) filho(a) à heteronormatividade.

Entretanto, em um pequeno hiato de tempo (talvez de duas décadas), pudemos observar uma mudança no conteúdo dos temores dos pais: "E se ele for efeminado, como vai ser o futuro dele aqui no Brasil? Acho que vamos tentar escolher um nome neutro para o nosso próximo filho(a), depois que ele(a) crescer um pouco, aí decide como vai querer se chamar. Ele está fascinado por uma saia de brilho que viu na internet, acho que vou pedir e deixar que use essa saia... Acho melhor que ele tire logo essas mamas, afinal, só lhe trazem vergonha!" Assim, em meio a tais pensamentos, podemos notar que, lado a lado, encontram-se a diminuição do preconceito dos pais e de seu sofrimento moral em ter um(a) filho(a) diferente, e um giro no foco de sua atenção para a valorização da autopercepção de gênero da criança/adolescente. Essa desconstrução do preconceito em muitas famílias trouxe um alívio enorme aos psicanalistas de crianças e adolescentes que antes ficavam aviltados pelas propostas para que diagnosticassem a causa do "problema" e apontassem uma "correção ortopédica".

No entanto, mal houve tempo para saudarmos as boas novas e fomos pegos de surpresa por outras demandas – dessa vez, solicitadas pelo campo médico: laudo psicológico acerca do momento ideal para a entrada da hormonoterapia; laudo psicológico acerca das condições psíquicas do jovem para uma intervenção cirúrgica. Enfim, demandas que evidenciaram, mais uma vez, o quão importante é o trabalho de contenção das angústias dos pais (a fim de não fiquem à mercê da lógica pragmática de algumas correntes da medicina), mas que também desnudaram uma outra faceta da questão: não temos parâmetros ou protocolos que possam nos ajudar na realização de um laudo ético desse quilate! Como enfrentar essas demandas só com a nossa experiência clínica e sensibilidade? Escutar. Todos nós escutamos a angústia dos pacientes, porém com qual metapsicologia podemos escutar as questões de gênero?

De fato, a passagem do século XX para o XXI pode ser tomada como uma referência temporal na virada de muitos paradigmas de gênero em nossa sociedade. Algumas mudanças nos padrões comportamentais naturalmente dão esse testemunho: os discursos das famílias passaram a ser mais receptivos; o tema frequenta mais enfaticamente as novelas e propagandas comerciais das emissoras de TV; intensificam-se as reações contundentes (delirantes e violentas) dos governos de ultradireita[2] contra a minoria LGBTQIA+. Todas essas observações cênicas, seja as de aproximação, seja as de horror e pânico, asseveram que algo inusitado está ocorrendo no psiquismo dos ocidentais subjetivados no modelo do binarismo. Até mesmo no campo psicanalítico, cuja linguagem

2. Assistimos, atônitos, o Brasil ser jogado em uma guerra político-religiosa que teve, como um dos motes, o risco do fim da lógica binária em nossa sociedade. Com isso, retrocedemos à era das trevas. Agora, além do peso de sermos o país que mais mata a população travesti e transexual, carregaremos também todo o prejuízo cultural do fato de uma temática tão complexa como essa, ter sido banalizada e ridicularizada.

está toda marcada pela heteronormatividade, temos assistido mudanças significativas: nas universidades, um número crescente de pesquisas acadêmicas vem conjugando os estudos psicanalíticos com outras colaborações preciosas como os estudos feministas e as propostas das ciências sociais e do campo jurídico. Recentemente, até nas instituições psicanalíticas mais ortodoxas, há um interesse enorme pelos estudos de gênero. Acaso seria essa reação geral uma primeira resposta à interpelação que o feminismo (em sua segunda, terceira e quarta ondas) vêm fazendo à psicanálise? Será que começamos a enfrentar o desafio de tentar exercer uma psicanálise exorcizada do binarismo? Aguardemos, pois ninguém duvida de que a verdade é filha do tempo.

As intervenções com os pais para reabastecer o reservatório narcísico

Entretanto, é preciso reconhecer que o *status quo* de nosso objeto de estudo encontra-se muito diferente dos tempos em que comecei a me debater com este assunto, seja como analista, seja como supervisora. Através dessas experiências, aprendi que uma das primeiras tarefas de um psicanalista que trabalhe com perspectiva de gênero e que tome em tratamento um caso de criança muito pequena, em que já se presentificou um desencontro entre o corpo biológico e a identidade de gênero esperada pela cultura, é acolher os pais e escutar, analiticamente, o impacto dessa vivência sobre seu narcisismo, ajudando-os na elaboração de suas angústias, medos e fantasias. Em geral, essa situação tem o poder de jogar os pais numa espiral enlouquecedora. Num primeiro momento, desnorteados com a queda vertiginosa de seus valores identitários, buscam a todo custo identificar de quem é a culpa por não terem conseguido cumprir o "mandato da sexuação" de sua cria pela lógica reinante – tarefa que sentem ser de sua inteira responsabilidade, uma vez que estão completamente misturados com o(a) filho(a) que, por sua vez, também está sendo banhado pelas projeções dos pais e de suas figuras idealizadas.

A insubordinação radical do(a) filho(a) à aceitação da imposição de uma identidade de gênero pode provocar uma fratura narcísica extensa nos pais, capaz de fazer ruir a base dos constructos psíquicos edificados até então. Lembremos que "depor a onipotência narcísica sob a coação da realidade implica um trabalho que não se realiza sem sofrimento" (Hornstein, 2009, p. 52) e deixa em seu rastro um sentimento de fracasso e vazio diante da vida.

Portanto, antes que haja o risco de que essa fonte de reabastecimento narcísico do Eu da criança seque, temos de oferecer alguma parceria na reconstrução dos caminhos narcísicos iniciais, quando "o sangue errou de veia e se perdeu".[3] Afinal, a criança depende, essencialmente, do apoio dos pais para se organizar no plano emocional e enfrentar as batalhas que terá de travar com todos aqueles que terão dificuldades em considerá-la um semelhante. Seus pedidos de mudança de nome, de vestimentas, de brincadeiras, logo evocam a inadaptação à heteronormatividade – o que, sem sombra de dúvidas, irá trazer aos pais uma grande ameaça a todo o sistema de repressão que até então a cultura lhes impôs. Isso sem falar no risco de que tais vivências que remetem ao *Unheimlich* [o estranho familiar] possam provocar até mesmo o desmonte do par parental (como tantas vezes ocorre em quadros de psicose nos filhos), justo no momento em que os pais mais precisam de estar em uma parceria saudável, tanto para dar continência à angústia do(a) filho,(a), oferecendo-lhe segurança e apoio amoroso, quanto para tomar decisões sensatas diante das inúmeras demandas que a criança fará ao longo da infância, em nome

3. Referência ao verso "Meu sangue errou de veia e se perdeu", da canção *Eu te amo* (1980), de Chico Buarque e Tom Jobim. Disponível em: https://www.letras.mus.br/chico-buarque/79060.

do seu desejo de se ver e de ser vista no gênero em que se autopercebe.

Se defendo que é fundamental que a nossa escuta analítica comece pelos pais – é porque sei que temos as ferramentas para dar contenção à angústia do ser humano e dela extrair derivados que possam ajudar na reconfiguração dos esboços dos ideais do eu – aqueles que começaram a ser delineados nos tempos inaugurais do narcisismo primário. Precisamos ouvir os ecos sonoros da música que embalou aquele momento mítico da" Sua majestade, o bebê" e agora embala o luto por um projeto narcísico (datado historicamente) que se desfaz quando os pais constatam que vão precisar mudar muitos dos seus projetos de vida e dos seus sonhos: "Se ao te conhecer/ Dei para sonhar, fiz tantos desvarios/ Rompi com o mundo, quebrei meus navios/ Me diz pra onde é que 'inda posso ir".[4] Ajudar os pais a redesenhar os sonhos e desvarios de seu amor pelo(a) filho(a) representa a possibilidade de religar o narcisismo transvazante do pais: a sua capacidade de se voltar para outro ser. E se preconizamos análise para o par parental como medida emergencial na maioria desses casos, é porque sabemos quão desastroso pode ser o estancamento do investimento narcísico dos pais na fundação do narcisismo primário de seu(sua) filho(a).

Assim, buscamos diminuir o risco de que o traumatismo sofrido pelos pais possa comprometer o narcisismo infantil [*Selbstgerfühl*], termo empregado por Freud e que pode ser compreendido em dois sentidos: a consciência de uma pessoa em relação a si mesma (sentimento de si) e a vivência do próprio valor com relação a um sistema de ideais (sentimento de autoestima). Se, de fato, acreditamos que é o objeto externo que provê um sistema exógeno de regulação da autoestima e de preservação da coesão do sentimento de si, a consequência negativa para o narcisismo primário da criança (caso o objeto externo sucumba e não exerça suas funções), seria um déficit intrapsíquico em que predominaria a vulnerabilidade da autoestima, gerando, assim, um sujeito especialmente sensível aos fracassos e desilusões.

A escuta do sofrimento psíquico da criança

Mas, afinal, o que espera dos pais uma criança com questões de gênero? Uma operação psíquica extremamente difícil: o descentramento do Eu – condição *princeps* para que se possa respeitar os desejos nascentes de um psiquismo em constituição, mesmo que sua direção não corresponda ao esperado. Assim, além da suprema operação egoica dos pais para se adaptar à nova realidade, eles vão precisar "intervir no mundo externo alterando-o e nele produzindo, deliberadamente, aquelas condições que possibilitem a satisfação [do filho]" (Freud, [1926] 1996). Por isso mesmo, a possibilidade de contenção da angústia dos pais é o que pode, indiretamente, proteger a infância da ansiedade reinante em nossa cultura, o que exige decisões que portam uma imediatez assustadora e atropelam o tempo processual do vivenciar, do pensar e do elaborar.

A qualquer custo é preciso preservar os tempos narcísicos da infância para o brincar e o sonhar, ambos permeados por diferentes níveis de questionamentos e elaborações dos limites do corpo e da alma – tarefas psíquicas indeléveis a partir de um bom processo de análise. Afinal, bem sabemos quão árduos são os caminhos entre os exercícios fantasmáticos identificatórios e as tentativas da cultura patriarcal e machista em tentar anular os vínculos entre identidade e desejo. Portanto, vale enfatizar que o trabalho analítico pode sim ajudar na diminuição da intensidade dos processos de cisão do Eu e de aceitação da incompletude do ser – condições apriorísticas para o delineamento das trilhas do desejo – as mesmas que, de modo soberano, irão arrematar os contornos iden-

4. Versos da canção *Eu te amo* (1980), de Chico Buarque e Tom Jobim. Disponível em: https://www.letras.mus.br/chico-buarque/79060.

tificatórios de cada sujeito. Lado a lado, nessa trajetória, estará postada a nossa esperança em ajudar os pequenos pacientes a romper com a escravidão e a dependência absoluta do reconhecimento e da admiração dos outros – o que poderia jogá-los em um ciclo constante de futuras reparações estéticas em função da idealização de uma imagem fixa, fechada em si mesma, que não apresenta nenhum defeito e mais representa um ícone da idealização do Eu Ideal.[5]

Enfim, o que precisamos mesmo é admitir que a subjetividade contemporânea pede, além de uma revisão de alguns paradigmas da psicanálise, o aprofundamento justamente daquilo que ficou insuficiente na vasta produção freudiana: o campo da teoria do narcisismo e da identificação, tarefa que "convoca todos a trabalho". De minha parte, coube a decisão nada fácil de trazer a público o que pode ser produzido na análise de uma criança de quatro anos de idade que apresentava um acentuado rebaixamento de sua autoestima, devido à incongruência entre o gênero em que se percebia e o gênero que lhe havia sido outorgado. A publicação do livro *Nem sapo, nem princesa: terror e fascínio pelo feminino* (França, 2017) e de sua tradução para o espanhol *Ni sapo, ni princesa: terror y fascino por lo femenino* (França, 2022) procura convocar os analistas a participar de um debate a partir da voz, dos desenhos e dos questionamentos de uma criança trans.

Acompanhar na infância um movimento pendular entre o fascínio pelo feminino e o terror ao feminino, levou-me a querer compreender o fantástico percurso do movimento de torção que leva o terror (vivenciado intensamente nas fantasias primitivas da infância), a ser plenamente amortecido diante do fascínio pelo feminino. Esse *Historial clínico*, ocorrido nas últimas décadas do século XX, foi organizado a partir de uma análise que apresenta o sofrimento psíquico de uma criança aprisionada pelos ditames da sexualidade normativa. Podemos vislumbrar, a um só tempo, nesse processo analítico, tanto a fragilidade do clássico modelo edipiano quanto a necessidade de a psicanálise reconhecer que, como dizia Silvia Bleichmar (2000, p. 3): "a identidade de gênero antecede a eleição de objeto e se inscreve no núcleo do Eu, antes mesmo que a criança reconheça sua correlação com a genitalidade".

O material clínico apresentado, além de colocar em discussão alguns pilares conceituais do pensamento psicanalítico, chama a atenção do leitor para a precocidade da identidade de gênero, atestada tanto na literatura, com os inúmeros casos clínicos estudados, entre outros, por Stoller (1982;1993), Graña (1996) e Bleichmar (2006) quanto pela observação clínica, através dos relatos de pacientes e familiares que apontam o terceiro ano de vida da criança como a época em que a identidade de gênero parece estar visivelmente configurada.

Partindo de reflexões teóricas acerca da invasão violenta feita pelo psiquismo da mãe ao núcleo identitário básico de um garoto de quatro anos, apresentei vinte desenhos que ilustram tanto a obstrução da saída de uma imersão simbiótica quanto o árduo início da construção da subjetividade. A minha proposta ao trazê-lo a público, foi dividir com os colegas psicanalistas a riqueza dos afetos e da fantasmática que acompanha os primórdios da constituição da identidade sexual, colaborando, assim, para um debate teórico consoante ao funcionamento psíquico da criança. Os fatos clínicos apresentados são capazes de evidenciar que as variações na identidade sexual não se reduzem ao posicionamento do sujeito diante da castração, mas aos complexos modos de combinação entre os fantasmas que articulam o desejo sexual e as formas de organização dos atribu-

5. Por isso mesmo, é recomendável que esperemos o rearranjo identificatório da adolescência, que trará uma estrutura psíquica mais estável (capaz de suportar a frustração da incompletude), para que possamos acompanhar as demandas das inúmeras sexualidades que convivem no interior de cada pessoa.

tos de gênero, a cada época, em determinada sociedade.

Portanto, a complexidade deste tema convida-nos a aceitar a tarefa que Freud ([1914] 1996, p. 99) propôs às futuras gerações de analistas, ao registrar as seguintes palavras no estupendo artigo *Sobre o narcisismo: uma introdução*:

> Os distúrbios aos quais o narcisismo original de uma criança se acha exposto, as reações com que ela procura proteger-se deles e os caminhos aos quais fica sujeita ao fazê-lo – tais são os temas que proponho deixar de lado, como importante campo de trabalho ainda por explorar.

Cem anos depois, uma problemática como essa que estamos focando, impõe não só a urgência em refletir sobre as transidentidades, os travestismos e as reverberações mútuas que produzem no narcisismo de pais e filhos (as), mas também a tarefa de repensar a nossa função analítica na condução desses casos clínicos.

Essa atenção à angústia circundante no entorno da criança com questões de gênero é um dos pontos altos dos escritos que Bleichmar nos deixou. Podemos ver sua atuação clínica expandindo os limites do *setting* analítico, abrindo vias de comunicação para se corresponder com as mães, psicanalistas e advogados que acompanham casos que demandam uma intervenção multidisciplinar. Seu esforço em nos mostrar a necessária profundidade do assunto nos mostra quão importante é, para os psicanalistas, saber discriminar quando se trata de um caso de transexualidade originária (que deverá ser ouvida e respeitada desde muito cedo na vida da criança); quando o travestismo é a expressão de uma necessidade psíquica (radicalmente primitiva), de envolver-se numa pele feminina/masculina, em uma espécie de cápsula narcísica, para proteger a integridade corporal; ou ainda quando representa uma fuga da angústia de castração – o que vai lhe impor a identificação com uma figura imaginária, dificilmente alcançável, que exigirá do(a) cliente a servidão voluntária, pelo resto da vida, a procedimentos estéticos invasivos para alcançar uma perfeição narcísica. Em cada um desses desígnios, o analista precisará repensar a todo o tempo, se está conseguindo ajudar o paciente a conseguir, futuramente, encontrar uma identidade que lhe permita não apenas o acesso ao pleno exercício sexual satisfatório, mas também a uma chancela pelas veredas do amor.

Desejo encerrar este texto deixando ao leitor as palavras de Bleichmar (2014, p. 254), que tanto têm me ajudado a acompanhar algumas crianças.

> A sexualidade não é um caminho linear que vai da pulsão parcial à assunção da identidade, passando pelo estágio fálico e o Édipo como sinais de seu percurso, senão que se constitui como um complexo movimento de sobredeterminações e ressignificações, de articulações provenientes de diversos estratos da vida psíquica e da cultura, das incidências da ideologia e dos movimentos de desejo, sendo necessário, portanto, dar um peso específico a cada elemento.

É imprescindível que a psicanálise possa reconhecer a necessidade de fazer um inventário do seu instrumental teórico e técnico para lidar com a mudança sociocultural ocorrida ao longo de um século de sua existência, principalmente no campo da sexualidade – sustentando, até a última instância, o reconhecimento da limitação dos dualismos estanques presentes nas categorias enrijecidas de masculinidade e feminilidade. É preciso acompanhar a plasticidade inscrita em movimentos identificatórios nos primórdios da constituição psíquica, que ilustram tão bem a riqueza das identificações múltiplas, em permanente movimento de ressignificação do desejo. Somente assim a psicanálise poderá participar, de modo ético, do debate acerca do conceito de gênero, que

é um conceito sociológico, enquistado nos processos de subjetivação produzidos pela cultura e que acompanham os movimentos da história e da política.

Abstract

The article presents the pressing need of psychoanalysis to follow the subjectivity of its time, taking it as a tuning fork to provide references both for the tuning of metapsychology and for the theory of psychoanalytic technique. The radical change that took place in the field of sexuality, from Victorian times to the present day, calls analysts to the in-depth study of those concepts that were insufficient in the vast Freudian production: the theory of narcissism and that of identification. Thus, together with the urgency of psychoanalysis to rethink the concepts that support its heteronormative language, there is the clinical challenge of listening to new sexualities. In cases where the self-perception of gender manifests itself early, it is possible to observe how much the radical insubordination of the child to the acceptance of the gender that was assigned to him, can cause an extensive narcissistic fracture in the parents, capable of leaving serious sequelae in the subject's founding primary narcissism.

Keywords: Genre, Transidentities, Childhood, Sexual identity.

Referências

BLEICHMAR, S. *El desmantelamiento de la subjetividad:* estallido del Yo. Buenos Aires: Topía, 2009.

BLEICHMAR, S. El transexualismo infantil, un modo restitutivo de identificación. *Actualidad psicológica*, ano 25, n. 281, p. 3, nov. 2000.

BLEICHMAR, S. *Las teorías sexuales en psicoanálisis:* qué permanece de ellas en la práctica actual. Buenos Aires: Paidós, 2014.

BLEICHMAR, S. *Nas origens do sujeito psíquico:* do mito à história (1984). Tradução: Kenia M. Ballvé Berth. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

BLEICHMAR, S. *Paradojas de la sexualidad masculina*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

BUARQUE, C.; JOBIM, T. Eu te amo. Álbum *Vida*. 1980.

FRANÇA, C. P. *Nem sapo, nem princesa:* terror e fascínio pelo feminino. São Paulo: Blucher, 2017.

FRANÇA, C. P. *Ni sapo, ni princesa:* terror y fascinación por lo femenino. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Topía, 2022.

FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade (1926 [1925]). *In:* _____. *Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos* (1925-1926). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 91-170. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). *In:* _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção geral da tradução: Jayme Salomão Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 81-108. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

GRAÑA. R. *Além do desvio sexual:* teoria, clínica e cultura. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

HORNSTEIN, L. *Narcisismo:* autoestima, identidade, alteridade. São Paulo: Via Lettera, 2009.

PRECIADO, P. B. *Eu sou o monstro que vos fala*. Relatório para uma academia de psicanalistas. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

STOLLER, R. Extrema feminilidade em meninos: a criação da ilusão. *In:* _____. *A experiência transexual*. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

STOLLER, R. Feminilidade acentuada em meninos: uma ênfase nas mães. *In:* _____. *Masculinidade e feminilidade:* apresentações do gênero. Porto alegre: Artes Médicas, 1993.

Recebido em: 18/06/2022
Aprovado em: 28/06/2022

Sobre a autora

Cassandra Pereira França
Psicanalista.
Professora titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
Doutora e pós-doutora em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
Orientadora de pesquisas na Área de Estudos Psicanalíticos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
Coordenadora do Núcleo de Pesquisas CAVAS/UFMG (Estudos psicanalíticos sobre violência sexual contra crianças e adolescentes).
Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi.
Autora dos livros *Ejaculação precoce e disfunção erétil: uma abordagem psicanalítica* (Casa do Psicólogo, 2001); *Disfunções sexuais* (Coleção Clínica Psicanalítica, Casa do Psicólogo, 2005); *Nem sapo nem princesa: terror e fascínio pelo feminino* (Blucher, 2017). Organizadora de várias coletâneas de escritos psicanalíticos.

E-mail: cassandrapfranca@gmail.com

Escarificações na adolescência: o infantil em análise

Scarifications in adolescence: the child in analysis

Raquel Furtado Conte

Resumo

Este artigo objetiva discutir a experiência do caso clínico de uma adolescente com escarificações, a partir da compreensão das suas dificuldades com os modelos identificatórios. A metodologia seguiu os pressupostos do estudo de caso em psicanálise, com entrevistas e observação de comportamento nos atendimentos, além do manejo da transferência. As sessões foram transcritas em uma tabela e, posteriormente, foram realizados os recortes do conteúdo de acordo com o objetivo do estudo. Com base nos relatos e na relação transferencial, foi possível identificar uma relação de simbiose com a figura materna, permeada pela violência doméstica e aspectos conflitivos com uma figura paterna temida. Esses fatores associados estavam implicados na impossibilidade de oferecer à adolescente um ambiente favorável para o desenvolvimento de um reordenamento simbólico satisfatório com o seu Eu infantil. Como considerações finais, este estudo sugere ser possível auxiliar o processo de acompanhamento psicoterápico no processo do adolescer em contexto de violência e com disforia de gênero, mediante a promoção de um vínculo positivo favorável à entrada de um terceiro elemento, que possa provocar suturas no rompimento de mandatos narcisistas.

Palavras-chave: Adolescência, Escarificações, Psicanálise, Relato de experiência.

Introdução

Este estudo de caso é um relato da experiência de atendimento clínico da autora com uma das mulheres, adolescente, em situação de violência doméstica, atendidas numa clínica-escola.

A violência doméstica contra crianças e adolescentes envolve questões afetivas e emocionais importantes, uma vez que o agressor, na maior parte dos casos, é um familiar da vítima, pai ou padrasto, o que dificulta o rompimento da relação afetiva. De acordo com Azevedo e Guerra (2011), há uma transgressão do poder/dever do adulto e uma objetificação do *infans*, ou seja, uma negação do direito de que toda criança e adolescente têm de ser tratados como sujeitos em desenvolvimento.

Ressalta-se, no entanto, que as crianças e os adolescentes que vivenciam junto à família a violência doméstica e familiar experimentam uma angústia excessiva e pagam um preço muito alto por ela, ficando restritas a poucas possibilidades de desenvolvimento. Para a psicanálise, as primeiras relações são primordiais para humanizar e garantir a sobrevivência da criança. De acordo com Zornig (2000), mesmo antes de nascer, a criança se insere no discurso parental mediante suas expectativas e seus desejos. Sua entrada na cultura e na linguagem depende do lugar que lhe é designado.

O olhar e o cuidado da mãe sobre o bebê dão a ele um senso de existência, ou seja, fornecem um sentido de continuidade, conforme nos comunica Winnicott (1984). Pode acontecer que a mãe, envolvida com outra preocupação, não veja o seu bebê. Se for constante esse distanciamento entre a tentativa de captura do olhar do bebê e a não resposta da mãe, poderá haver dificuldades na constituição do EU. O amor da mãe faz falta, e as falhas na relação mãe-bebê podem esvaziar de sentido as trocas afetivas com a mãe e, mais tarde, com qualquer outra pessoa (Zalcberg, 2019).

Além do amor da mãe, é necessário que a criança possa ir adquirindo o senso de existência, o que é possível ocorrer a partir do momento em que a mãe pode oferecer um atendimento sensível ao bebê, permitindo-lhe identificar e diferenciar mundo interno e externo, seu corpo e o do não eu, construindo, assim, o *self* – sentido de si mesmo (Winnicott, 1984). É essa continuidade de existência que permite ao sujeito identificar sua realidade psíquica e seu esquema corporal, respondendo à realidade pela via da criatividade e não da submissão. Para o autor, o estado de unidade é a conquista básica para a saúde no desenvolvimento emocional de todo ser humano.

Para a filha mulher, a consistência do si mesmo depende daquilo que a mãe pronuncia e constitui com o olhar, portanto a imagem de si depende daquilo com o qual ela se liga à linguagem e ao real do corpo.

Segundo Zalcberg (2019, p. 34), "quanto mais vacila a palavra materna de enaltecimento do seu corpo feminino, mais a menina encontra dificuldade de constituir uma imagem feminina". Para a autora, muito do destino de mulher da filha vai depender de como a mãe lida com os dispositivos da maternidade e da feminilidade. Quando a mãe vive plenamente sua feminilidade, ela possibilita que a filha compreenda que o importante é saber fazer em relação a ela e não um saber sobre.

A figura paterna tem como finalidade a introdução da lei simbólica na relação da mãe-criança. Quando essa figura não representa uma figura protetora, que estabelece interditos, ela falha em sua função primordial. A aquisição da linguagem e de uma portabilidade de voz própria, enquanto sujeito de desejo, somente pode ser acessada quando há a internalização dessa instância, representada pela entrada do terceiro na relação mãe-bebê. De acordo com Zalcberg (2019), um pai dentro de si pressupõe contar um símbolo daquilo que a menina precisa para se constituir. Nesse sentido, o pai é muito mais do que a pessoa real, "é um mediador que transcende a visão da mãe" (Zalcberg, 2019, p. 23).

Cabe lembrar aqui que é de fundamental importância a renúncia da criança em permanecer e ocupar esse lugar de perfeição que corresponda aos ideais paternos, os quais fundam seu Ego Ideal. A passagem edípica e, portanto, inclusão do terceiro, traz consigo a incorporação de ideais externos ao sujeito, da ordem de exigências, às quais o sujeito terá de se sujeitar, passando a construir um Ideal de Ego (Carvalho, 2003). Portanto, podemos inferir que o ego ideal está para o plano da fantasia/imaginário assim como o Ideal de Ego está para o plano do simbólico. Dentro desse Ideal, permeiam os hábitos e os costumes sociais, que, nos casos em que se vivenciou a violência doméstica, constituem pano de fundo das expectativas amorosas.

A escarificação pode ser concebida como o ato por meio do qual o sujeito faz um corte intencional na pele comum instrumento cortante, no intuito de deixar uma cicatriz no corpo, sem implicar necessariamente a inscrição de uma imagem ou de outro elemento. Além disso, para Miranda e Protti (2019), os sujeitos que os realiza não têm intenção de cometer suicídio. Para a psicanálise, as escarificações são manifestações de uma perturbação no psiquismo, resultante de uma experiência de angústia intensa, repetitiva e destrutiva, fragilmente ancorada na fantasia psíquica.

Estudo de caso

Este trabalho teve um delineamento qualitativo, com o objetivo exploratório e interpretativo, a fim de adquirir maior familiaridade com o caso em estudo. Os conteúdos transcritos das sessões foram inseridos numa tabela e, posteriormente, emparelhados com o referencial teórico psicanalítico, considerando as premissas teóricas que sustentam a escuta psicanalítica, a saber: a atenção flutuante, a contratransferência e a associação livre (Nogueira, 2004).

Eu sou o Nando[1]

A adolescente participante deste estudo será denominada Violeta[2] como forma de garantir o sigilo dos dados. Na primeira entrevista, Violeta, com 16 anos, se apresentou acompanhada de sua mãe, após duas entrevistas iniciais com os pais para a realização da anamnese e compreensão da queixa manifesta atual. Violeta entrou na sala de atendimento, tímida e cabisbaixa. Foi a mãe quem a apresentou, referindo o nome e afirmando que iria aguardá-la na sala de espera. Violeta se sentou e abriu seu caderno de desenhos, afirmando: "minha mãe pediu para trazer". Afirmou que gostava de desenhar e que é uma atividade que gosta de fazer quando está muito estressada. Os desenhos revelavam figuras sem cor, caricaturadas, com expressões em inglês que remetem a amores não correspondidos. Na época em que os pais buscaram ajuda para ela, o episódio da internação por tentativa de suicídio era recente, há menos de um mês. Ela cursava o ensino fundamental numa cidade do interior do Rio Grande do Sul e estava convivendo com seus pais, num clima familiar de violência doméstica, 'super-visionado' pelo estado, que se apresentou a mim, nos meses seguintes, por intermédio de uma requisição de um parecer sobre a situação atual da adolescente. Narrou que seus pais "já tinham problemas demais", seus amigos, "eram poucos" e aqueles que ela considerava haviam se afastado. Revelou que ela machucava e fazia mal a todas as pessoas de quem ela se aproximava, ainda mais quando se "descobriu" como "Nando".

Para a adolescente, sua descoberta da masculinidade estava sendo difícil, pois nem a escola, nem seus pais respeitavam sua preferência nominal. Aproximadamente por quatro meses iniciais de psicoterapia, suas reivindicações foram em relação a essa temática: solicitava à analista que pudesse "falar" por ela, na escola e com os pais. Foi identificado que, além da violência física e verbal do casal, ela vivenciava episódios de violência física por parte do pai e explicitava violências cotidianas na relação com a mãe. Essas violências não eram assim nomeadas, porém apareciam como condutas controladoras e vigiadas da mãe em relação à sua intimidade, como verificar o celular, suas conversas e postagens, precisando da "senha" do celular da adolescente para olhar quando ela quisesse. Além disso, a mãe controlava se a menina usava sutiã, porque era contrária ao uso do *binder*.[3] Para esse controle, a mãe costumava tocar o corpo da paciente depois que ela se vestia, represando-a quando não estava com o sutiã adequado. Outras condutas consideradas violentas para a expressão da paciente eram demarcadas pela recusa em permitir que pudesse escolher suas roupas quando saíam para fazer compras. Após um ano de psicoterapia, foram percebidas mudanças na relação da adolescente com sua mãe e seu pai, pois eles eram convidados a comparecer em sessões mensais.

Em relação à mãe foi percebida uma responsividade materna frente às demandas do adolescente, com uma aceitação do espaço individual e íntimo dela, interrompendo as

1. Nome fictício atribuído ao conjunto de dados de identificação da paciente, da forma como ela se autodenomina.

2. Nome fictício atribuído à paciente em consonância com seu sexo feminino.

3. *Binder* é o termo utilizado para denominar o acessório utilizado para prender os seios e minimizar a disforia de gênero.

condutas de controle com o celular e o uso de sutiã por parte do paciente e facilitando a compra de roupas e *binder* para que ele pudesse utilizar. Em relação ao pai, foi percebida uma mudança do sentimento de pena para raiva em relação considerando todas as frustrações sentidas pela ausência de uma presença protetora e afetiva [pela ausência de proteção e afeto].

A adolescente relatou que havia dois anos iniciara a prática de cortar seu corpo sempre que precisava obter alívio para suas ansiedades, "eu tenho crises de ansiedade, é tanta dor que eu preciso me cortar para me aliviar". Assim, cortava as pernas, os pulsos e braços. Reconheceu que existem tantas coisas "ruins" ao seu redor, que ela é invadida por um caos, um peso, um desespero. Reforçou que a sua internação ocorreu por ter cortado os pulsos, mas afirmou que não foi tentativa de suicídio, ressaltando que eram cortes mais superficiais. Quanto à internação referiu: "eu nunca fui tão bem tratada na escola e em casa como depois da internação, parece que agora me enxergam". Trouxe o relato de episódios traumáticos da infância, como o falecimento de um avô, que ocorrera em sua presença, quando ele cuidava dela em uma manhã, como sempre fazia.

Ao longo das sessões, a paciente foi se apropriando de suas questões, discorreu sobre sua disforia de gênero, suas oscilações entre sentir-se "menina ou menino": nem mulher, nem homem. Apresentou suas compulsões à comida, seus ataques ao corpo, sua obesidade e suas autocríticas para com isso, bem como a condenação de viver em roupas "maiores" do que as que lhe cabiam, para dissipar seu corpo-objeto de investimento narcísico. Discorreu ainda sobre suas poucas amizades, suas queixas de *bullying* desde a infância e a sua impossibilidade de pensar numa relação íntima com alguém.

Discussão

De acordo com os relatos e os comportamentos expressos, serão discutidos os seguintes aspectos: a repetição, na relação transferencial, do comportamento de dependência e submissão de Violeta à mãe, os conflitos com a figura paterna e a fragilidade simbólica, o luto e a disforia de gênero.

Uma das tarefas do adolescer consiste em lidar com as ansiedades de aniquilamento sentidas durante essa fase e causadas pelo abalo das estruturas narcísicas. Na adolescência ocorre a revivência do processo de separação-individuação, o qual é perpassado pelo processo de desidentificação das identificações do adolescente com o *infans,* o que exige o abandono da imagem idealizada e arcaica parental. Essa é uma tarefa que gera sentimentos de desamparo pelo abandono dos pais da infância, desestabilizando os sistemas narcisistas intra e intersubjetivos e ativa o luto pelos pais que envelhecem e a criança que cresce (Kancyper, 1999).

Nas primeiras entrevistas com Violeta, foi possível identificar sua alienação ao desejo da mãe quando ele não se apresentou para a analista, ele é apresentado pela mãe. Além disso, Violeta trouxe os desenhos "recomendados pela mãe". É possível identificar que a adolescente regride a uma condição infantil, ela é falada pelo outro e utiliza os desenhos, como o faz em casa, para apresentar sua condição emocional. Observa-se, assim, a falência do terceiro simbólico, da linguagem e, consequentemente, se compreende as atuações, posteriormente, anunciadas: os cortes, a compulsão à comida, o choro contido. A conduta regredida, então, se repete na relação transferencial, ao portar um lugar de submissão e dependência de um outro para traduzir suas experiências emocionais.

A relação mãe-filha é complexa e tem algumas especificidades que precisam ser consideradas. De acordo com Zalcberg (2019), uma delas se refere à resolução subjetiva da forma como se deu a aceitação da mãe com relação ao seu próprio corpo e com o sentimento de feminilidade a ele associado. Para a filha lidar com a falta imaginária e constituir-se feminina, é preciso que reste ao menos o

sentimento de ser amada e com um senso de existência desgarrado da dependência do olhar do outro, do contrário, permeiam sentimentos de vazio, tédio ou de insuficiência, manifestados por uma autocrítica que não lhe permite se afirmar. Compreende-se que, para Violeta (aqui referida como a filha/menina) e sua mãe, algumas situações não foram muito bem resolvidas. Uma se confunde com a outra e a autocrítica presente em ambos os discursos confere um teor de esgotamento, de insuficiência narcísica importante para a busca de um ressarcimento do ressentimento na relação com o outro. Provida de sentimento de impotência e dívida para com a mãe, com ideais de preenchimento de significados junto a essa figura materna, Violeta abdica de sua feminilidade, ataca o pensamento, o corpo e qualquer relação possível de investimento sexual em um outro. O outro existe para lhe dar um senso de continuidade de existência (Winnicott, 1984).

Os opostos Violeta/Nando podem ser pensados como a dificuldade de unificação dos aspectos femininos e masculinos em um único sujeito, que está adolescendo... adoecendo. Não se percebe num senso de identidade estável: se sente ora menina, ora menino. Esconde o corpo, as formas, se torna indefinido. A incongruência entre o sexo biológico e a identidade de gênero (experiência emocional psíquica e social de uma pessoa feminina, masculina conforme a cultura de origem) pode ser identificada pelo desconforto e ansiedade gerados em relação à sua indefinição, sua contrariedade e seus ataques ao corpo sexuado, compondo sua disforia de gênero. No entanto, não é possível desvincular essa experiência emocional com a violência doméstica.

Violeta, na relação com a mãe, recebeu uma excitação traumática, invasiva (a mãe lhe toma o corpo, o espaço das sessões, o lugar da fala) e o pai não se apresenta com o terceiro simbólico num lugar de proteção e de representante de uma lei que transcenda a visão da mãe. Falha, então ,o Ideal de Eu para Nando, que não se constitui como valores internos com os quais pode contar, mas com uma cobrança de um Supereu cruel, sádico, com o qual ela está em posição de fracasso, de impossibilidade de adquirir uma posição de valor. Identifica-se com o agressor, ela é o adolescente agressor e violado, que sofre *bullying,* que se ataca constantemente, faltando-lhe objetos internos bons, de cuidados internos positivos, e sem o apoio narcísico parental.

Violeta se sente um peso na vida dos demais, sente que afasta as pessoas, projeta um ideal externo de suporte narcísico com o qual não pode contar. Os cuidados favoráveis não se confirmam no encontro com o outro e ele é o objeto de causa e efeito do desencontro. A culpa pelo descumprimento de um ideal narcísico de completude do outro, originado na base de sua relação com a mãe, se projeta nas demais relações. O luto, a perda de um familiar, concretiza seu potencial danoso, de aniquilação a si e ao outro. Desprovido de amor-próprio, se resigna a pagar um preço alto para sobreviver aos desígnios do incerto, da imensidão que porta o outro com sua condição de acolher e vincular-se.

Considerações finais

Com base no estudo de caso relatado, é possível compreender que as escarificações na adolescência apontam para outras situações desconfortáveis e conflituosas que ainda não puderam ser identificadas e experienciadas como tal. Ao conhecer e escutar a adolescente, se observou dificuldades em seu processo de transição da infância à vida adulta. O corpo, assim como as dúvidas em relação à identidade de gênero e a sua satisfação com as relações sociais, foram percebidas como resultantes de experiências infantis invasivas e abusivas, com as quais ela precisava inicialmente se diferenciar, para depois construir novos modelos de relações de objetos internos e de relações objetais favoráveis.

A psicoterapia foi possível após um período de ambientação da adolescente a um

espaço seu, privado e íntimo, de forma que ela pudesse se sentir segura e tranquila em confiar, sem o sentimento de traição ou cilada à figura materna. Nesse sentido, a analista representou um terceiro simbólico nessa relação, alguém que, de alguma maneira, estabelecia um corte simbólico e não real, como a adolescente insistia em repetir compulsivamente no real, no corpo. A presença da mãe, suas mensagens e telefonemas à analista foram aos poucos se dissipando, a partir da conduta da analista em reforçar à mãe o sigilo que deveria manter com a paciente, bem como aguardar o que ela traria para a sessão. A adolescente, aos poucos, buscou romper com o lugar de Eu Ideal construído nessa relação primordial com a mãe, para constituir um Ideal de Eu que lhe permita dar um sentido de existência coeso e autônomo.

Abstract

This article aims to discuss the experience of a clinical case of an adolescent with scarification, based on the understanding of her difficulties with identification models. The methodology followed the presuppositions of a case study in psychoanalysis, with interviews and observation of behavior during consultations, in addition to transference handling. The sessions were transcribed to a list and, later, content selections were made according to the purpose of the study. Based on the reports and the transference relationship, it was possible to identify a symbiotic relationship with the mother figure, permeated by domestic violence and conflicting aspects with a feared father figure. These associated factors were implicated in the impossibility of offering the adolescent a favorable environment for the development of a satisfactory symbolic reordering with her childhood self. As final considerations, this study suggests that it is possible to help the psychotherapeutic follow-up process in the process of adolescence in a context of violence and with gender dysphoria, by promoting a positive bond favorable to the entry of a third element that can provoke sutures in the rupture of narcissistic mandates.

Keywords: *Adolescence, Scarifications, Psychoanalysis, Experience report.*

Referências

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. *Violência doméstica na infância e adolescência:* uma nova cultura de prevenção. São Paulo: Plêiade, 2011.

CARVALHO, J. A. *O amor que rouba sonhos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

KANCYPER, L. *Confrontação de gerações*: estudo psicanalítico. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

MIRANDA, A. A. W. R.; PROTTI, L. C. A prática das escarificações em moças: uma abordagem psicanalítica das questões com a feminilidade. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 22, p. 41-50, 2019.

NOGUEIRA, L. C. A pesquisa em psicanálise. *Psicologia USP*, n. 15, v. 1-2, São Paulo, 2004, p. 83-106. Disponível em: https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642004000100013. Acesso em: 01 jun. 2021.

WINNICOTT, D. W. Sum: eu sou. *In:* _____. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1984. p. 41-51.

WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação* (1979). Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

ZALCBERG, M. *De menina a mulher*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2019.

ZORNIG, S. A.-J. *A criança e o infantil em psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2000.

Recebido em: 20/06/2022
Aprovado em: 10/07/2022

Sobre a autora

Raquel Furtado Conte
Psicanalista.
Graduada em psicologia pela Universidade de Caxias do Sul (UCS).
Mestre em psicologia do desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
Doutora em diversidade e inclusão social pela Universidade Feevale.
Especialista em psicanálise e psicanálise dos vínculos.
Professora do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Psicologia (PPGPSI) da Universidade de Caxias do Sul (UCS).
Professora titular do Curso de Psicologia da UCS.

E-mail: rfconte@ucs.br

Algumas notas sobre o início da difusão de Freud no Brasil: de médicos e psiquiatras até Mário de Andrade e outros poetas

Some notes on the beginning of Freud's diffusion in Brazil: from doctors and psychiatrists to Mário de Andrade and other poets

Anchyses Jobim Lopes

Resumo
Primeiras informações sobre Freud no Brasil, algumas de suas ideias e clínica, a partir de 1899, trazidas por médicos, em sua maioria neurologistas ou psiquiatras. Visões mais abrangentes do todo da obra freudiana a partir de 1914, onde se destacam um formando em Medicina e um leigo. A *Semana de Arte Moderna de 22*, quando o nome de Freud ganha difusão para um público mais amplo, através de poemas e ditos de Mário de Andrade. Primeira tradução de texto de Freud no Brasil, diretamente do alemão, mas incompleta, das *Cinco lições de psicanálise*. Publicada em 1926 em *A Revista*, publicação modernista mineira, influenciada pela *Semana de 22* e que agregou muitos dos nomes que viriam a se tornar famosos na poesia e na literatura brasileiras. Novo fluxo, durante a segunda metade dos anos 1920, de medicalização e psiquiatrização dos textos freudianos. Muitas vezes por médicos e psiquiatras adeptos de princípios eugenistas e mesmo racistas das Ligas de Higiene e Saúde Mental. Exceção para Durval Marcondes, que se manteve ao largo dessas ideias, e realizou a primeira tradução completa, em 1931 de um texto de Freud diretamente do alemão: *Cinco lições de psicanálise*.

Palavras-chave: História da psicanálise no Brasil, Semana de Arte Moderna, Mário de Andrade, Modernismo mineiro, Primeiras traduções de Freud.

Admiro profundamente Freud. [...]
Ele cientificou o sherlokismo, foi o Sherlock da alma ...
Freud que nem Darwin está sendo vítima dos que
não o leram ou o tresleram, já reparou? [...]
De Freud acho que me utilizarei sempre que se trate de psicologia.
Mário de Andrade. Carta a Alceu Amoroso Lima, 25 mar. 1928.

Introdução – antes de 1927

O nome de Durval Marcondes é sempre lembrado como fundador da primeira sociedade psicanalítica do Brasil, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, também referida na capa do primeiro livro traduzido no Brasil de autor do grupo inicial de Freud – Ernst Jones – como Sociedade Brasileira de Psicanálise Seção de São Paulo (SBPSP), fundada conjuntamente com Francisco Franco da Rocha em 24 nov. 1927. Franco da Rocha foi seu primeiro presidente, e Marcondes, o secretário. Durval Marcondes também se correspondia em alemão com Freud, a quem deu ciência desse evento e pelo qual foi agradecido por carta. Em 17 jun. 1928 é fundada a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, que teve curta duração (Mokrejs, 1993, p. 299). Durval Marcondes participou da fundação dessa primeira sociedade psicanalítica carioca, cujo ato de fundação ocorreu sede do Hospital Nacional de Alienados (antigo Hospício Pedro II), e quando foram eleitos: Juliano Moreira, presidente, e Julio Pires Porto-Carrero, secretário.

Em 1930 Durval Marcondes recebeu uma carta de Max Eitingon informando que o congresso de psicanálise realizado em Amsterdã adotara um sistema internacional de formação para psicanalistas. com base em três pilares – análise didática, formação teórica e supervisão de casos – já seguido pelo Instituto Psicanalítico de Berlim, por ele dirigido. Marcondes compreende que, antes de fundar uma instituição psicanalítica, há a necessidade de formar psicanalistas. E foi por seu intermédio que em 1936 a médica e psicanalista Adelheid Koch emigrou para o Brasil, onde se tornou a primeira analista didata, formadora de novos analistas.

Mas antes da vinda da primeira analista ao Brasil, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo se dissolveu em 1930. Foi recriada como grupo de estudos em 1944 e aceita como instituição plena e com seu nome original pela International Psychoanalytic Association (IPA) em 1951. A Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro parece não ter tido existência atuante e possivelmente sequer ato formal de dissolução.

Contudo, a história da psicanálise no Brasil precede em quase trinta anos o pioneirismo de fundação da sociedade psicanalítica em São Paulo. Primeiro, pela divulgação do nome de Freud e algumas de suas ideias, por neurologistas e psiquiatras, a partir de 1899. Depois, pelo impacto da leitura de Freud, em época indeterminada, mas ao final da primeira e o início da segunda décadas do século XX, por alguns intelectuais que viriam a se destacar a partir da Semana de Arte Moderna de 1922. Entre eles, o primeiro parece ter sido o poeta, escritor, musicólogo, historiador de arte, crítico e fotógrafo brasileiro, Mário de Andrade. Na *Semana* de 22, uma das comemorações do primeiro centenário da independência do Brasil, o nome de Freud seria pronunciado no *Theatro Municipal* de São Paulo por Mário de Andrade.

Em 2000 ocorreu uma exposição no Museu de Arte Moderna de São Paulo Assis Chateaubriand, acompanhado de um breve mas belo catálogo (Masp, 2000). Tratou da maior parte do que abaixo será descrito. Contudo, incorreu no que criticaremos: reduz os protagonistas iniciais da difusão da obra e clínica de Freud no Brasil, período que abarca quase trinta anos (1899-1927) – Franco da Rocha, Juliano Moreira, Antonio Austregésilo e Genserico Pinto – a uma rápida citação de nomes, duas curtas colunas com menos de meia página e três fotos (Pinto não mereceu uma). Também não menciona que, exceto Franco da Rocha, os outros três, apesar de não serem cariocas de nascimento, difundiram a psicanálise a partir do Rio de Janeiro. Contudo, o catálogo dedica duas páginas inteiras, com texto muito mais extenso e quatro ilustrações, duas sendo fotografias pessoais, somente para o paulista Durval Marcondes, tido por fundador da primeira sociedade psicanalítica do Brasil, em São

Paulo, em 1927. Será feita uma revisão crítica dessa historiografia.

Vejamos um breve inventário da difusão das ideias psicanalíticas no Brasil entre 1899 e 1928.

As primeiras informações sobre Freud e a psicanálise: médicos, neurologistas e psiquiatras

Em *Psicanálise no Brasil – as origens do pensamento psicanalítico* (Mokrejs, 1993), consta a informação de que Juliano Moreira (1873-1933), médico negro de origem humilde, nascido em Salvador, Bahia, e considerado o fundador da psiquiatria no Brasil, teria sido o primeiro professor a lecionar temas de Freud (Mokrejs, 1993, p. 294). Fez isso em sua cátedra na Faculdade de Medicina da Bahia em 1899, onde também se formara, em 1891. Mas mudou-se para o Rio de Janeiro em 1903. Em 1914 Moreira realizou outra exposição sobre Freud, na Sociedade Brasileira de Neurologia (Mokrejs, 1993, p. 294).

Mas a primeira menção escrita sobre Freud no Brasil teria sido feita em 1908 pelo médico Antônio Austregésilo Rodrigues Lima (1876-1960). Originário de Recife, veio estudar medicina no Rio de Janeiro e foi o precursor da neurologia no Brasil. Austregésilo também fundou a escola neurológica no Rio de Janeiro em 1912 e foi o primeiro professor da Cátedra de Neurologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Presidiu a Academia Nacional de Medicina e, em 1930, tornou-se presidente da Academia Brasileira de Letras.

Em 1908 Antônio Austregésilo publicou o artigo *Novas concepções sobre a histeria* na revista *Arquivos Brasileiros de Medicina*, da qual foi fundador. Rafael Dias de Castro, professor do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado de Minas Gerais relata que nesse artigo

> [...] Austregésilo expunha algumas concepções sobre a categoria "histeria". Nesse ensaio, o autor afirmava que a teoria sexual da histeria, de Freud (e Breuer), seria "absurda, pois podemos encontrar na histeria mais frieza sexual que erotismo" (Austregésilo, 1908, p. 64). De acordo com ele, a psicanálise se apresentava apenas "como mais uma teoria" (p. 65), mas se assistia a partir dos trabalhos de Freud "o desenvolver de ideias e teorias acerca deste estado nevropático [a histeria]" (Castro, 2017, p. 64).

Mokrejs (1993, p. 294-295), no livro já citado, publicado mais de vinte anos antes do artigo de Castro, relatara que a primeira menção escrita sobre Freud teria sido feita por Antônio Austregésilo, mas em 1912, no artigo *Conselhos médicos*, também na revista *Arquivos Brasileiros de Medicina*. Em 1919, em dois números da mesma revista também Austregésilo publicou outros dois artigos – *Sexualidade e psiconeuroses* e *A psicologia de um neurologista, Freud e suas teorias sexuais*. Mokrejs (1993) cita este último erroneamente como um livro. Mas, até o presente, tudo indica que o primeiro livro sobre psicanálise no Brasil só seria publicado em 1920.

Em *História da psicanálise - São Paulo (1920-1969)* (Oliveira, 2005), consta a informação de que Francisco Franco da Rocha (1864-1933), médico psiquiatra paulista, publicou no jornal *O Estado de São Paulo*, de 20 mar. 1919, o artigo *Do delírio em geral*. Aula magistral para os alunos da Faculdade de Medicina,

> [...] onde faz menção às teses freudianas, aproximando o conteúdo dos sonhos ao dos delírios, e tratando-os como manifestações dos instintos próximos do crime e da arte (Oliveira, 2005, p. 62).

Contudo, os artigos publicados de Austregésilo e Franco da Rocha publicados entre 1908 e 1919 tratam de temas localizados na obra de Freud. Mesmo sem ter tido acesso direto aos textos, é possível deduzir, através dos títulos, que neles há tendência a tentar

compreender ou subordinar algumas ideias de Freud a partir de uma visão médica ou psiquiátrica. Seria bastante compreensível tentar decifrar o novo a partir do já conhecido.

Mas, em 1919, Franco da Rocha também brindara a turma de doutorandos em Medicina, da qual foi paraninfo, com o opúsculo *A doutrina de Freud* (Mokrejs, 1993, p. 295). Pelo título. parece ter sido o salto para uma visão mais abrangente da obra de Freud. Mas se foi o mais conhecido, não foi o primeiro a fazê-lo.

Genserico Pinto – uma visão abrangente do Freud de 1914

Muito menos conhecido que os nomes citados, já em 1914 outro autor originário da medicina teceu um texto bem mais extenso, inteiramente dedicado a vários itens e uma abordagem global da obra de Freud até então existente. Mas esse texto aparentemente nunca foi publicado e vendido em livrarias. O autor sequer ainda era médico. Trata-se da tese de doutoramento do cearense Genserico Aragão de Souza Pinto, intitulada *Da psicanálise: a sexualidade nas nevroses*. Na época, uma tese não constituía um trabalho de pós-graduação. Até 1931 uma tese era o trabalho necessário para a conclusão do curso de medicina. Obrigatório para o que hoje denominamos graduação em medicina e, por isso, os médicos ganhavam o direito ao título de "doutor". A tese *Da psicanálise: a sexualidade nas nevroses* foi defendida e aprovada com distinção em 16 dez. 1914, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

O texto de Genserico Pinto trazia uma foto de Sigmund Freud na página que antecedia aos agradecimentos. Era dividido em dez seções, mencionava que as primeiras páginas seriam dedicadas a apresentar os três médicos que, no Brasil, se utilizavam dos métodos de Freud: os psiquiatras Juliano Moreira e Henrique de Britto Belford Roxo e o neurologista Antônio Austregésilo. E é o próprio Genserico que nos informa que não havia, entretanto,

> [...] por parte desses ilustres cientistas, nenhum estudo impresso sobre o assunto; assim, a nossa tese representa o primeiro trabalho dado à publicidade no Brasil (Pinto, 1914, p. 7 citado por Castro, 2020, p. 358).

Para Dunker (2014, p. 28), psicanalista e professor da USP, a tese de Genserico Pinto "é uma apresentação sumária, mas bastante correta, no seu conjunto, da evolução das ideias de Freud [...]".

De acordo com Rafael Castro, pesquisador em história das ciências, na tese de Pinto é descrita uma síntese e evolução das ideias de Freud, desde a passagem de Freud pelo hipnotismo, pelo método catártico, até abandonar esses procedimentos. O doutorando relata como desse modo Freud passou a se utilizar de outro método muito mais preciso, referindo-se à associação livre,

> [...] conquanto mais trabalhoso e requerendo uma paciência maior: um interrogatório minucioso e paciente, destinado a arrancar do seio do psiquismo inconsciente as reminiscências que aí se fixaram. É este o princípio básico da doutrina (Pinto, 1914, p. 15 citado por Castro, 2020, p. 358).

Em 1905, Freud havia lançado os *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie* [*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*] e Genserico Pinto assegura que a concepção original de Freud advinha do fato de assumir que "a função sexual é a principal função do indivíduo", apresentando a discussão sobre a sexualidade infantil, afirmando ser esse o "ponto capital do freudismo, aquele que mais interessa e mais debates tem despertado" (p. 19). (Pinto, p. 16 citado por Castro, 2020, p. 359). O doutorando de 1914 segue sua tese discorrendo sobre a libido, o caso do *Pequeno Hans* e ilustrando a aplicação clínica da psicanálise, relatando sua

própria prática a partir de cinco casos clínicos.

A tese de Genserico Pinto até hoje possui ecos contemporâneos. Ressaltava a habilidade extrema que era necessária para o aprendizado teórico e o uso prático da psicanálise, acentuado pela questão da ética, apesar de ele mesmo não ter sido analisado, pelo simples fato de que ainda não havia psicanalistas no Brasil.

Segundo Genserico Pinto (1914, p. 93 citado por Castro, 2020, p. 366), o método de Freud só daria bons frutos

> [...] nas mãos de um especialista completo e cujas qualidades morais lhe emprestem a calma, a paciência e a dedicação indispensáveis ao tratamento do doente, que em geral dura longos meses e mesmo anos inteiros.

Tomemos o cuidado em alertar que, por melhor que fossem as intenções de todos os médicos citados, qualquer tentativa de prática psicanalítica não deixava de ser a de uma análise selvagem. Pelo motivo já mencionado, nenhum desses profissionais havia feito uma análise pessoal.

FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO

TESE

Apresentada a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

Em 16 de Dezembro de 1914

PARA SER DEFENDIDA

POR

Genserico Aragão de Souza Pinto

NATURAL DO ESTADO DO CEARÁ

Filho legitimo de Guilhermino Augusto de Souza Pinto e
D. Amalia de Aragão Pinto

DISSERTAÇÃO

(CADEIRA DE DOENÇAS NERVOSAS)

DA PSICOANALISE

(A SEXUALIDADE NAS NEVROSES)

PROPOSIÇÕES

Tres sobre cada uma das cadeiras do curso de Siencias Medico-Cirurgicas.

Medeiros e Albuquerque – Início da análise leiga no Brasil

Em outro artigo, *Entre reflexões e apropriações: a difusão da psicanálise para além do meio médico psiquiátrico carioca (décadas de 1910 e 1920)*, Castro (2016) visa mostrar como a teoria psicanalítica circulou fora do ambiente médico psiquiátrico carioca antes de sua institucionalização no campo científico (como os da educação e da psiquiatria) na década de 1920, através de médicos e intelectuais no Rio de Janeiro e em São Paulo, que se referem à teoria de Freud a partir de diferentes pontos de vista e opiniões, no ambiente leigo, em jornais de grande circulação (Castro, 2016, p. 63).

Mas a difusão por leigos parece ter sido mais precoce. Na lista de Mokrejs (1993), o primeiro livro publicado no Brasil sobre as ideias de Freud teria sido *O hipnotismo e suas aplicações*, autoria de Medeiros e Albuquerque, Rio de Janeiro, Ed. Leite Ribeiro, S. Maurilio, 1919 (Mokrejs, p. 295).[1] Castro o coloca como um texto publicado nos Arquivos Brasileiros de Medicina IX. Mas defendemos a hipótese de que a publicação na referida revista médica foi uma resenha do livro. O primeiro número da revista médica foi publicado em 1911, donde o nono teria sido em 1920 e dificilmente publicaria um livro inteiro, ainda mais de um leigo (Arquivos Brasileiros de Medicina, 2022).

José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque (1867-1934) foi escritor, jornalista, político e professor brasileiro, membro fundador da Academia Brasileira de Letras (ocupante da cadeira 22) e letrista do Hino à Proclamação da República. O próprio Medeiros e Albuquerque citado por Castro (2016) dizia ter tido contato com a psicanálise por causa de seu interesse na técnica do hipnotismo (Medeiros e Albuquerque, 1922, p. 11). Medeiros e Albuquerque lia Freud em inglês e dizia ter chegado à psicanálise através de seu interesse pelo hipnotismo. Segundo ele, a psicanálise trazia três grandes inovações:

> A primeira dizia respeito à distinção entre consciente, subconsciente e inconsciente [...]. Uma segunda inovação estava no modo como Freud classificava as nevroses, as dividindo entre nevroses propriamente ditas ou nevroses atuais e psiconevroses. [...] A outra inovação, que para Medeiros e Albuquerque era a mais original e que talvez atraísse a maior atenção, eram os estudos sobre a interpretação dos sonhos [...] (Castro, 2016, p. 69).

Uma vez que a tese de Genserico Pinto não foi comercialmente publicada, o primeiro livro sobre psicanálise publicado no Brasil teria sido em 1919: *O hipnotismo e suas aplicações*, de autoria do leigo Medeiros e Albuquerque. O segundo, *O pansexualismo na doutrina de Freud*, em 1920, escrito pelo já muito mencionado Francisco Franco da Rocha (1863-1933), médico psiquiatra paulista (Mokrejs, 1993, p. 295). Bem menos explicitado nos textos de história da psicanálise no Brasil, é que Franco da Rocha também fundara em 1896, no estado de São Paulo, o Hospício do Juquery, do qual foi diretor até 1923.

Mário de Andrade, a Semana de 22 e o público leigo

Parece ter sido a *Semana de Arte Moderna*, que ocorreu no *Theatro Municipal de São Paulo* entre os dias 13 e 18 de fevereiro de 1922, o que mais difundiu o nome de Freud para além dos médicos, o que provavelmente já vinha ocorrendo, mas de modo bastante limitado.

Os poemas de *Pauliceia desvairada* foram escritos entre 1920 e 1921. Mário de Andrade os enviou a seu amigo Monteiro Lobato, que possuía uma editora em sociedade com Octalles Ferreira, embora Lobato tivesse

1. Há uma pequena correção a ser feita. A referência correta é: *O hipnotismo e suas aplicações*. Rio de Janeiro: Editora Leite Ribeiro, 1919. Fundada em 1917, mais tarde passou a chamar-se Leite Ribeiro e Maurilio.

uma posição muito contrária às vanguardas. Os meses se passaram e não havia resposta. Até que Mário inquiriu Lobato. Este lhe respondeu não haver compreendido "neres daquilo tudo" e sugeriu que Mário escrevesse um prefácio para expor suas ideias sobre poesia moderna (Tércio, 2019, p. 105). E assim, em meados de 1921, Mário escreveu, o *Prefácio interessantíssimo*, primeiro texto literário brasileiro que menciona a psicanálise e vários de seus termos e fundando o Desvairismo. Pela primeira vez, o nome de Freud é publicamente citado além do meio médico, o que não comoveu Lobato, que mandou Mário de Andrade imprimir alhures seu livro.

Entre várias outras menções aos conceitos e usos da psicanálise no *Prefácio interessantíssimo*, duas parecem ser as mais pertinentes:

> Quando sinto a impulsão lírica escrevo sem pensar tudo
> O que meu inconsciente grita. Penso depois: não só
> para corrigir, como para justificar o que escrevi. Daí a
> razão deste Prefácio Interessantíssimo.
> [...]
> Dom Lirismo, ao Desembarcar do Eldorado do
> Inconsciente no cais da terra do Consciente, é
> Inspecionado pela visita médica, a Inteligência,
> que o alimpa dos macaquinhos e de toda e,
> qualquer doença que possa espalhar confusão,
> obscuridade na terrinha progressista. Dom
> Lirismo sofre mais uma visita alfandegária,
> descoberta por Freud, que a denominou
> censura. Sou contrabandista! E contrário à lei da vacina obrigatória.
> (Andrade, 2005, p. 59 e 73)

A defesa da criação poética a partir da ordem imprevista das emoções e das associações de imagens, a poesia enquanto próxima da loucura, são diretamente citadas nos itens que compõem o prefácio. Muitos leitores podem – e com razão – achar que se trata de um texto surrealista.

Contudo, o *Prefácio Interessantíssimo* foi escrito em 1921. Mário de Andrade não tomara conhecimento do surrealismo, movimento artístico e literário surgido em meados da década de 1920 em Paris e que também se baseava em Freud e na psicanálise. A palavra "surrealismo" fora cunhada pela primeira vez em março de 1917 pelo poeta Guillaume Apollinaire, falecido no ano seguinte. Mas os dois manifestos surrealistas, que codificaram e expandiram o movimento até se tornar um dos maiores século XX, dos quais o mais conhecido foi aquele escrito por André Breton, surgiram apenas em 1924. Portanto, Mário de Andrade, lendo trechos inéditos do que viria a ser *A escrava que não é Isaura* na *Semana de Arte Moderna de 22* e publicando a *Pauliceia desvairada* ainda em 1922, se antecipara aos surrealistas quanto ao uso de Freud na poesia.

Mário possuía em sua biblioteca pessoal, hoje no Instituto de Estudos Brasileiros, as seguintes obras de Freud: *Introduction à la psychanalyse*, traduzido por S. Jankélévitch (1922), *Trois essais sur la théorie de la sexualité*, traduzido por B. Reverchon (1923), *Cinq leçons sur la Psychanalyse* (1924), tradução de Yves de Lay, com introdução de Édouard Claparède, *Totem et tabou* (1925), *Essais de Psychanalyse* (1927) e *Le mot d'esprit et ses rapports avec l'inconscient*, traduzido por Marie Bonaparte e Dr. M. Nathan em 1930 (Riaviz, 2003, p. 6).

Mas todas essas traduções francesas da biblioteca pessoal de Mário de Andrade são posteriores aos poemas e a introdução da *Pauliceia desvairada*. O contato de Mário com a obra de Freud deve ter ocorrido por traduções e/ou edições francesas anteriores.

Há controvérsias sobre a real importância da *Semana de Arte Moderna de 1922*. Para vários autores e pesquisadores sobre o modernismo brasileiro, o vulto do evento teria sido bem menor do que é hoje apregoado. A

fama e a importância da semana seria muito mais um mito construído depois.

> À época em que o evento ocorreu, seu impacto ficou limitado a um público de elite em São Paulo [...]. Durante as décadas de 1929 e 1930, as ações transcorridas no palco do Theatro Municipal tiveram repercussão pequena em âmbito nacional (Cardoso, 2022, p. 18).

Independentemente da querela sobre a real dimensão da *Semana de 22*, a intensa participação de Mário no evento ajudou muito a divulgar o nome do autor da *Paulicéia desvairada* e seu *Prefácio interessantíssimo*. No evento de 22 Mário também leu publicamente trechos do texto que dois anos depois viria a ser conhecido e publicado com o título *A escrava que não é Isaura*, texto no qual o nome de Freud foi novamente divulgado.

> Ninguém passa incólume pelo vácuo de Schopenhauer, pelo escalpelo de Freud, pela ironia genial de Carlito. Ninguém mais ama dois anos seguidos!
> A capacidade de gozar aumentou todavia ... (Andrade, 2009, p. 246).

Nos dez anos seguintes Mário de Andrade tornou-se autor e poeta cada vez mais conhecido. Logo a psicanálise também era cada vez mais difundida e para muito além do circuito de neurologistas e psiquiatras. Através da voz e da escrita de Mário de Andrade, Freud e a psicanálise ampliaram seu círculo para o público leigo.

Ou não tão leigo. O próprio Durval Marcondes, psiquiatra que viria a se corresponder diretamente com Freud e que se tornaria muito conhecido como o principal fundador, em 1927, da primeira sociedade psicanalítica brasileira e, como acontece com muitos médicos, também era poeta. Durval publicou em agosto de 1922, na revista modernista *Klaxon*, o poema *Symphonia em preto e branco* (Sociedade Brasileira de São Paulo, 2022). *Klaxon* foi criada três meses após a Semana de 22, copiando suas letras, cores e estilos. Durou apenas de maio de 1922 a janeiro de 1923, mas teve nove números, dos quais, além de Mário de Andrade e Oswald de Andrade, também participaram, entre outros, Manuel Bandeira e Guilherme de Almeida. À época da publicação de seu poema, Durval tinha apenas 22 anos, vindo a se formar em medicina apenas em 1924. E, em 1926, seu primeiro artigo a ser publicado na seção de obras do jornal *O Estado de São Paulo*, intitulava-se *O symbolismo esthético na literatura - Ensaio de uma orientação para a crítica literária, baseada nos conhecimentos fornecidos pela psychanalyse* (Sagawa, 2002, p. 159).

A participação de Oswald de Andrade para a difusão de Freud e da psicanálise no Brasil será um pouco mais tardia. Data de 1928, quando da publicação do *Manifesto antropofágico*. Uso e leitura muito singulares de *Totem e tabu*, de Sigmund Freud.

Primeira tradução de Freud no Brasil – o Modernismo mineiro e Iago Pimentel

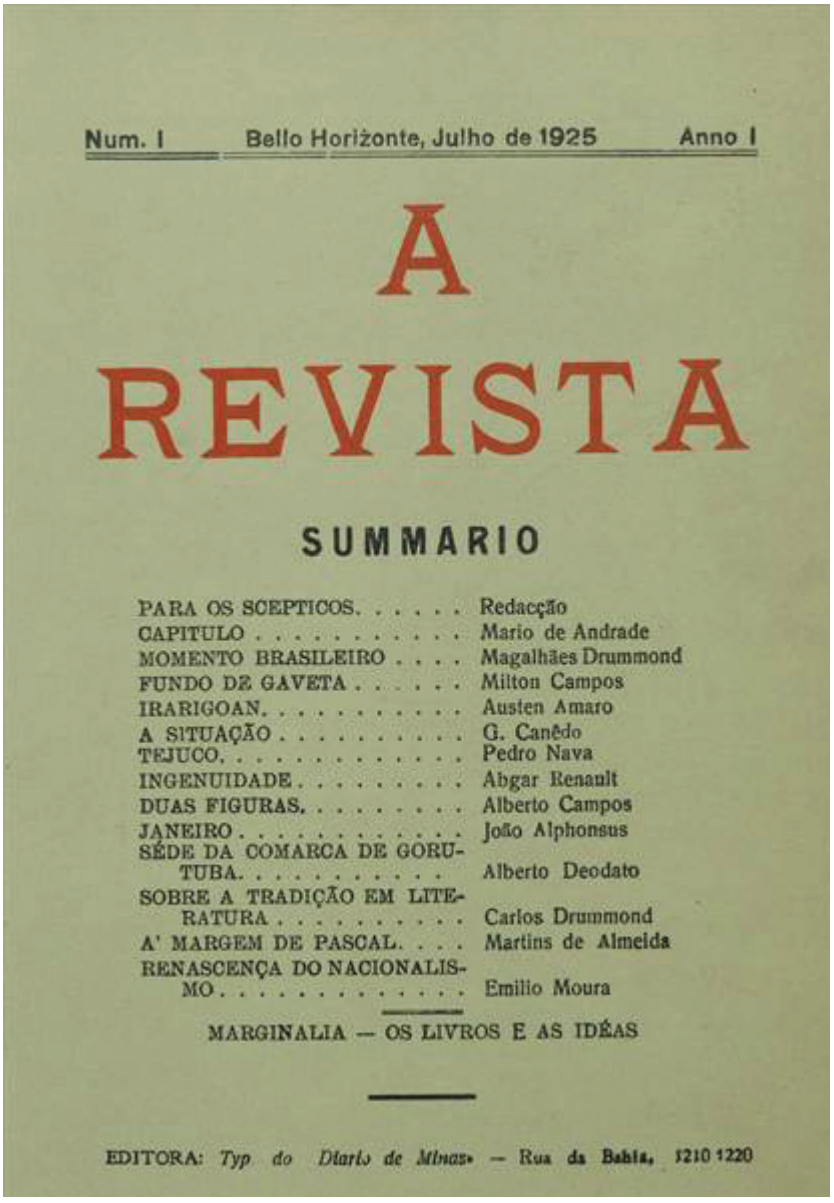
O movimento modernista paulista contara com o apoio de parte de sua elite rica. A *Semana de Arte Moderna* também teve participação de nomes de outros estados. Manuel Bandeira, recifense que residirá a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro, não foi pessoalmente,[2] mas seu poema *Os sapos*, foi lido na *Semana* de 22 do *Theatro Municipal* da capital paulista.

Após o evento paulista, o Modernismo expandiu-se a outros estados. Mas nem sempre com o apoio da elite e do dinheiro. Em 1924 Belo Horizonte foi visitada por uma ca-

2. Há uma foto, erroneamente muito difundida, como da *Semana de Arte Moderna de 1922*, onde Manuel Bandeira aparece com Mário de Andrade, Oswald de Andrade e vários outros poetas e escritores. A foto é de 1924 e de uma homenagem ao escritor Graça Aranha. O catálogo da referida exposição do MASP em 2000 incorre no erro de colocar essa foto, ocupando tanto meia capa do catálogo, quanto dois terços de uma página em seu interior.

ravana de paulistas, entre os quais estavam a pintora Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e o poeta e romancista franco suíço Blaise Cendrars. À época a comunicação entre os dois estados era difícil, e o deslocamento do grupo pelo interior mineiro, quase uma aventura. O grupo paulista buscou contato com os artistas e escritores da capital mineira. E o conseguiu por intermédio de Carlos Drummond de Andrade, então já poeta e prosador publicado.

Depois da expedição dos paulistas a Minas Gerais, incentivado por correspondência de Mário de Andrade, o grupo mineiro tomou força. Uma revista modernista foi fundada em 1925, chamando-se singelamente *A Revista*. Seus fundadores foram Drummond, Emilio Moura, Francisco Martins de Almeida e Pedro Nava. Contou com muitos outros nomes, entre os quais os mais conhecidos vieram a ser, além de Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava, Manuel Bandeira, o próprio Mário de Andrade e Sigmund Freud. Sem esquecer de Ronald de Carvalho, que em 1915 fora um dos dois editores revista portuguesa *Orpheu n.° 1*, que viria a se tornar um marco famoso da literatura e na qual publicaram, entre outros: Fernando Pessoa, Álvaro de Campos e Mário de Sá-Carneiro,



Num. I Bello Horizonte, Julho de 1925 Anno I

A REVISTA

SUMMARIO

PARA OS SCEPTICOS. . . . . Redacção
CAPITULO . . . . . Mario de Andrade
MOMENTO BRASILEIRO . . . . Magalhães Drummond
FUNDO DE GAVETA . . . . . Milton Campos
IRARIGOAN. . . . . Austen Amaro
A SITUAÇÃO . . . . . G. Canêdo
TEJUCO. . . . . Pedro Nava
INGENUIDADE . . . . . Abgar Renault
DUAS FIGURAS. . . . . Alberto Campos
JANEIRO . . . . . João Alphonsus
SÉDE DA COMARCA DE GORUTUBA. . . . . Alberto Deodato
SOBRE A TRADIÇÃO EM LITERATURA . . . . . Carlos Drummond
A' MARGEM DE PASCAL. . . . Martins de Almeida
RENASCENÇA DO NACIONALISMO . . . . . Emilio Moura

MARGINALIA — OS LIVROS E AS IDÉAS

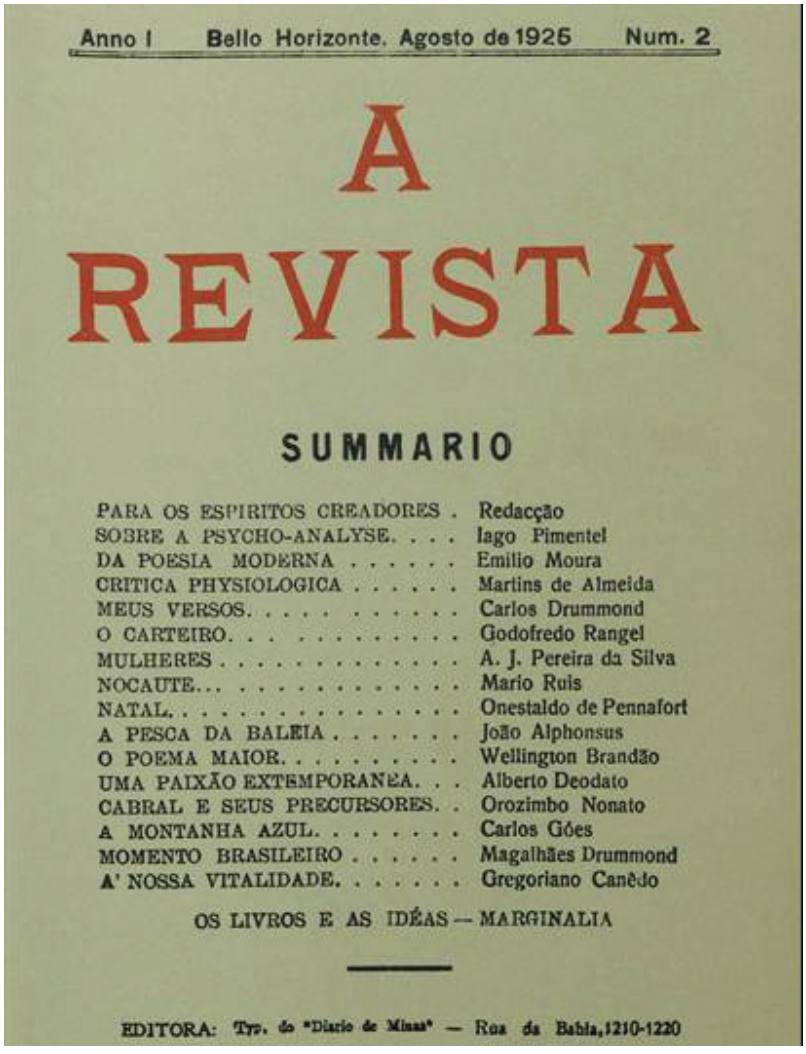
EDITORA: *Typ do Diario de Minas* — Rua da Bahia, 1210 1220

Mas houve muito pouca verba. A *Klaxon* também durou pouco, mas produziu nove números. *A Revista* teve apenas três números. Todos com várias páginas de anúncios de produtos bastante populares.

> Os três números da mineira *A Revista* iniciativa sustada pela escassez de fundos e falta de patrocínio, sinalizam a esqualidez da cena cultural fora da órbita governamental, se comparada à lufada de revistas modernistas em São Paulo, cobrindo amplo espectro de credos estéticos e ideologias (Miceli, 2022, p. 134).

No segundo número de *A Revista*, o médico mineiro Iago Pimentel publicou um breve resumo das principais ideias de Freud: *Sobre a psycho-analyse*. Seu objetivo era introduzir a leitura do próprio texto de Freud. E já ao início, Pimentel fala das conferências, mais conhecidas hoje como *Cinco lições de psicanálise*, pronunciadas em 1909, na Universidade de Clark. Escreve Pimentel:

> Sobre a doutrina de Freud ou psycho-analyse, tão divulgada, tão mal conhecida e tão mal interpretada, procuraremos dar aqui, em ligeiros traços, um rápido apanhado, remettendo o leitor, que tiver interesse em melhor conhecel-a, à leitura de uma serie de conferências, feita pelo próprio Freud, em 1909, na Universidade de Clark, nos Estados Unidos, cuja publicação iniciaremos no próximo numero desta revista e onde se acham succintamente expostos todo o histórico e evolução da doutrina (Fundação Biblioteca Nacional, 2022).



Anno I Bello Horizonte, Agosto de 1925 Num. 2

A REVISTA

SUMMARIO

PARA OS ESPIRITOS CREADORES . Redacção
SOBRE A PSYCHO-ANALYSE. . . . Iago Pimentel
DA POESIA MODERNA . . . . . Emilio Moura
CRITICA PHYSIOLOGICA . . . . . Martins de Almeida
MEUS VERSOS. . . . . Carlos Drummond
O CARTEIRO. . . . . Godofredo Rangel
MULHERES . . . . . A. J. Pereira da Silva
NOCAUTE... . . . . Mario Ruis
NATAL. . . . . Onestaldo de Pennafort
A PESCA DA BALEIA . . . . . João Alphonsus
O POEMA MAIOR. . . . . Wellington Brandão
UMA PAIXÃO EXTEMPORANEA. . . Alberto Deodato
CABRAL E SEUS PRECURSORES. . Orozimbo Nonato
A MONTANHA AZUL. . . . . Carlos Góes
MOMENTO BRASILEIRO . . . . . Magalhães Drummond
A' NOSSA VITALIDADE. . . . . Gregoriano Canêdo

OS LIVROS E AS IDÉAS — MARGINALIA

EDITORA: Typ. do "Diario de Minas" — Rua da Bahia, 1210-1220

No terceiro e último número de *A Revista*, foi publicada parte da primeira conferência, pouco mais da metade. A tradução de Freud foi diretamente do alemão, o que é confirmado pelo próprio tradutor: 'Traducção do original pelo Dr. Iago Pimentel' (A Revista. Acesso em: 20 jun. 2022).

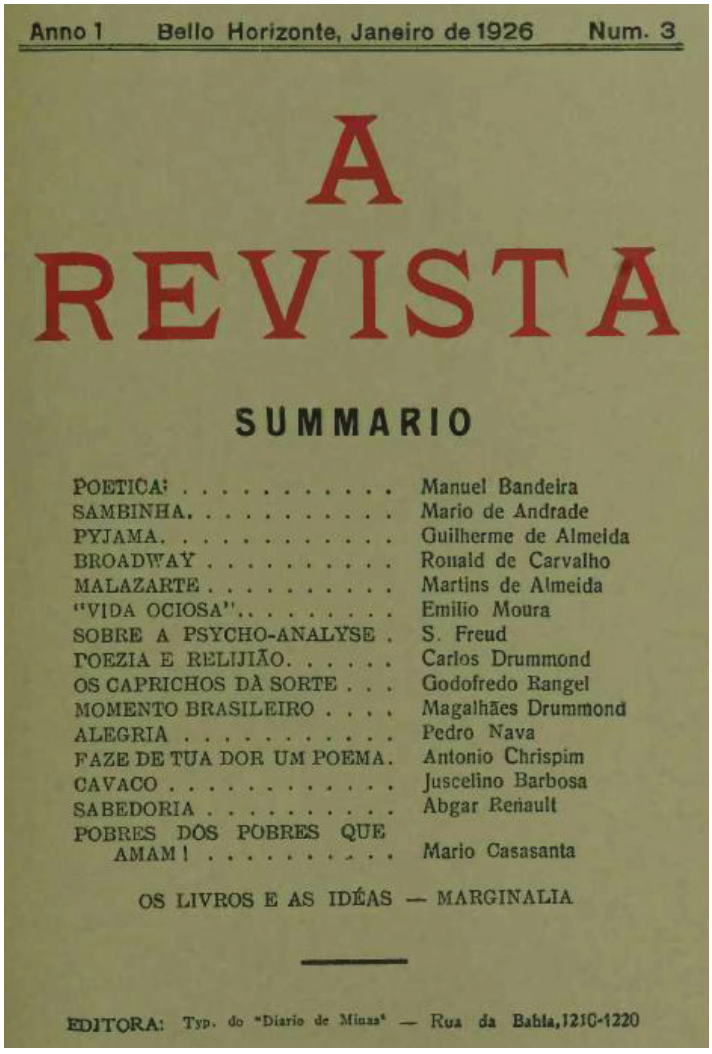
Iago Victoriano Pimentel nascera em São João del-Rei, Minas Gerais, em 1890. Em 1913 doutorou-se em medicina pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1922 foi convidado para ocupar o cargo de psiquiatria no Instituto Neuropsiquiátrico de Belo Horizonte, depois Instituto Raul Soares, onde usava práticas psicológicas para auxiliar no diagnóstico psiquiátrico. Em meados da década de 1920, com a Reforma do Ensino Primário e Normal realizada por Francisco Campos, começou a trabalhar na Escola Normal Modelo de Belo Horizonte, ministrando a cadeira de psicologia educacional. Em 1932, mobilizado pelas preocupações de Helena Antipoff, psicóloga e pedagoga de origem russa, participou do grupo que prestava assistência às crianças excepcionais e prestou serviço no consultório médico-pedagógico instalado pela Sociedade Pestalozzi em 1934. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1938, trabalhando como professor de psicologia e lógica na Universidade do Brasil. Em 1943 retornou a Belo Horizonte e às atividades de professor e de psiquiatra no Instituto Raul Soares. De 1945 a fevereiro de 1946, foi Secretário da Educação e Saúde Pública. Nos anos 1950, atuou como professor de psicologia da educação no curso de Administração Escolar e de Psicologia Social e Individual na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais, atual UFMG. Faleceu em 1962.

A biografia de Iago Pimentel merece ser detalhada. Há um grande ecletismo e uma passagem da medicina e psiquiatria para uma maior inclusão em ciências humanas. Passou a considerar,

> [...] além dos fatores hereditários, a influência do meio físico e social para a constituição do indivíduo [...] apesar de que incluísse a Psicologia como um ramo das ciências naturais (Campos, 2001, p. 297).

Sua posição de que a psicologia era uma ciência natural não foi obstáculo para que seu nome fosse colocado no *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil - Pioneiros* (Campos, 2001, p. 297).

Também ficam outras dúvidas. Pimentel traduzia direto do alemão. Teria tido contato com Freud por carta? O fundador da psicanálise teria autorizado a tradução? De qualquer modo, ao lado de nomes como Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, Freud consta como um dos autores do terceiro e último número de *A Revista*.



Anno 1 Bello Horizonte, Janeiro de 1926 Num. 3

A REVISTA

SUMMARIO

POETICA . . . . . Manuel Bandeira
SAMBINHA. . . . . Mario de Andrade
PYJAMA. . . . . Guilherme de Almeida
BROADWAY . . . . . Ronald de Carvalho
MALAZARTE . . . . . Martins de Almeida
"VIDA OCIOSA" . . . . . Emilio Moura
SOBRE A PSYCHO-ANALYSE . S. Freud
POEZIA E RELIJIÃO. . . . . Carlos Drummond
OS CAPRICHOS DA SORTE . . . Godofredo Rangel
MOMENTO BRASILEIRO . . . . Magalhães Drummond
ALEGRIA . . . . . Pedro Nava
FAZE DE TUA DOR UM POEMA. Antonio Chrispim
CAVACO . . . . . Juscelino Barbosa
SABEDORIA . . . . . Abgar Renault
POBRES DOS POBRES QUE AMAM! . . . . . Mario Casasanta

OS LIVROS E AS IDÉAS — MARGINALIA

EDITORA: Typ. do "Diario de Minas" — Rua da Bahia, 1210-1220

A Revista n. 3: Freud acompanhado de nomes que se tornariam famosos na poesia e na literatura brasileiras: Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava e de outros hoje um pouco esquecidos: Guilherme de Almeida, Ronald de Carvalho, Emilio Moura, Abgar Renault.

Primeiras traduções:
Ernst Jones (1930)
e Sigmund Freud (1930-1931)

O primeiro livro de um psicanalista do grupo inicial de Freud a ser publicado no Brasil foi *Da psico-analise (Breve introdução ao seu estudo)*, de Ernst Jones, publicado em 1930 pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo, tradução do Prof. Raul Briquet. Seguiu-se a tradução completa das *Cinco lições de psicanálise*, de Freud, também pela Companhia Editora Nacional, tradução de Durval Marcondes e J. Barbosa Correia, com a data de 1930, mas segundo Mokrejs (1993, p. 301), colocado à venda em 1931. Em 1932, surge uma tradução de Freud em Portugal e, a partir de 1934, várias traduções de livros mais breves de Freud, difíceis de serem identificadas apenas pelos títulos, que diferem dos originais alemães.

É interessante que os livros de Jones e Freud tenham sido editados pela Companhia Editora Nacional. Até a Primeira Guerra Mundial, os livros brasileiros eram impressos, em sua maioria, na Europa. A Editora Garnier, utilizada por Machado de Assis e quase todos os acadêmicos, era francesa e tinha suas oficinas na França. Coelho Neto era impresso no Porto, em Portugal, e editado por Lelo & Irmão. As editoras e livrarias brasileiras dedicavam-se mais aos livros didáticos, e pouco se imprimia no Brasil (Wikipedia, 2022).

O escritor Monteiro Lobato, igualmente dedicado a várias causas nacionalistas ao longo de sua vida, resolveu mudar essa situação. Com a compra em 1918 da *Revista do Brasil*, Lobato inicia a criação de um projeto editorial completamente brasileiro. A partir da compra, criou a Editora Monteiro Lobato & Cia., rebatizada Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato. Em 1925 a editora entrou em colapso financeiro e teve de ser fechada. Mas em novembro de 1925, Monteiro Lobato cria a Companhia Editora Nacional. Em 1927 é nomeado adido comercial nos Estados Unidos, de onde só retorna em 1931, já tendo vendido no ano anterior sua participação na editora.

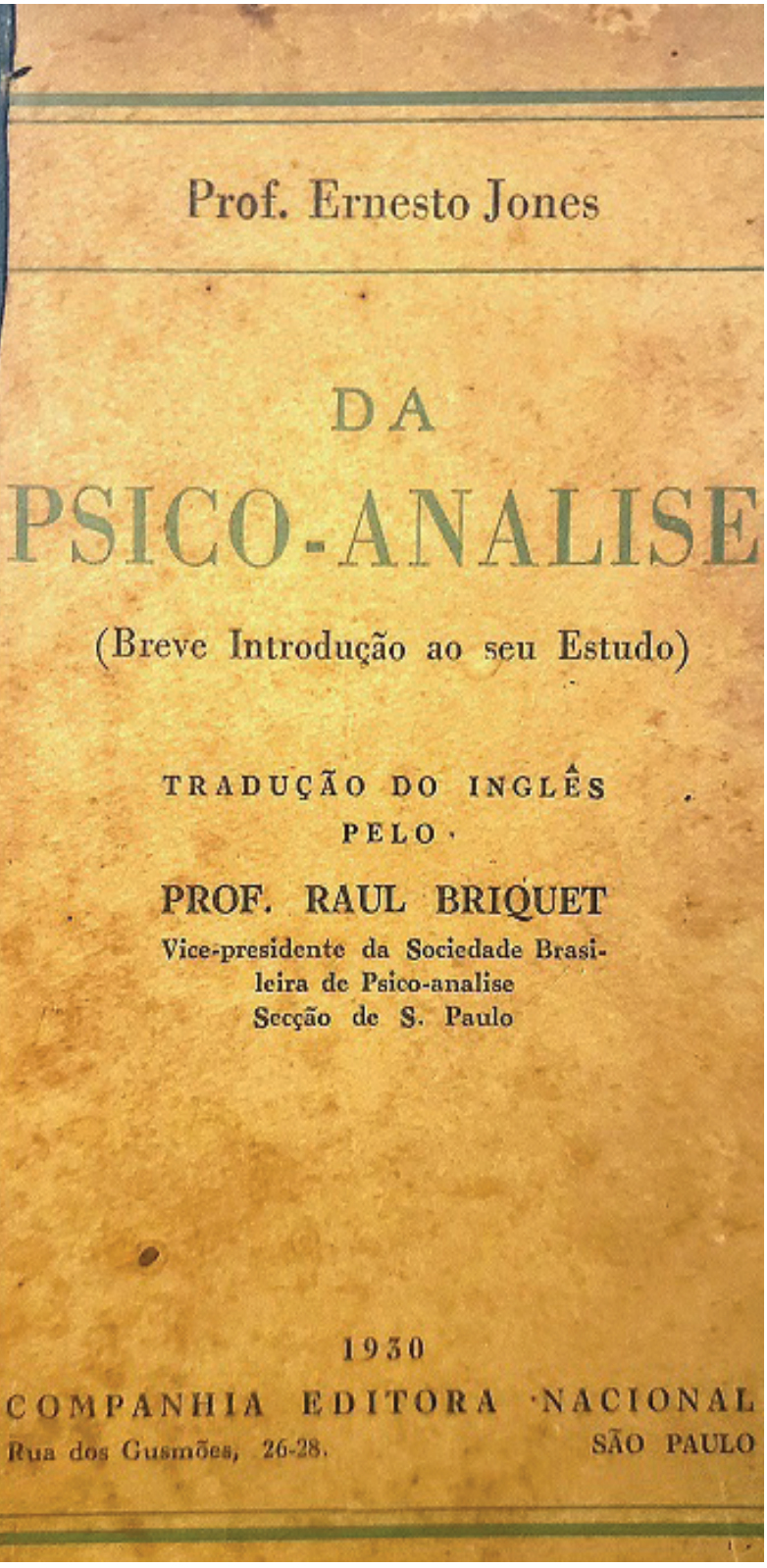
Contudo, há indicações de que, mesmo à distância e sem o controle financeiro da Companhia Editora Nacional, além da publicação de suas próprias obras e traduções, Lobato ainda influía no projeto editorial. Também é possível que o projeto da publicação do livro de Jones tenha sido anterior venda da participação societária de Lobato. De qualquer modo, Lobato era radicalmente contra a ortografia etimológica então vigente no Brasil e usada desde o século XVI. Ortografia que se propunha a imitar as escritas grega e latina, com todos *y*s e *ch*s. Nas primeira e quarta capas do livro de Ernst Jones, ocorre uma curiosa duplicidade. Na capa, o título está com ortografia diferente daquela ainda utilizada á época - *Da Psico-Analise (Breve Introdução ao seu Estudo)*,[3] não mais a antiga ortografia etimológica, então vigente no Brasil, mas a ortografia simplificada defendida por Lobato e que só seria oficializada anos mais tarde. Já a quarta capa anuncia as últimas edições da Editora Nacional: *Psychoanalyse* pelo Dr. Franco da Rocha e *Cinco Licções de Psychoanalyse* por S. Freud, ambos em ortografia etimológi-

3. Exemplar de nosso acervo pessoal.

ca. Teria Lobato trabalhado na revisão da tradução de Ernst Jones e, até mesmo, influenciado diretamente na escolha do livro para publicação?

Psicanálise no Brasil – lavagem, branqueamento e revisionismo

Os nomes de Juliano Moreira e Franco da Rocha são sempre evocados em as-


Prof. Ernesto Jones

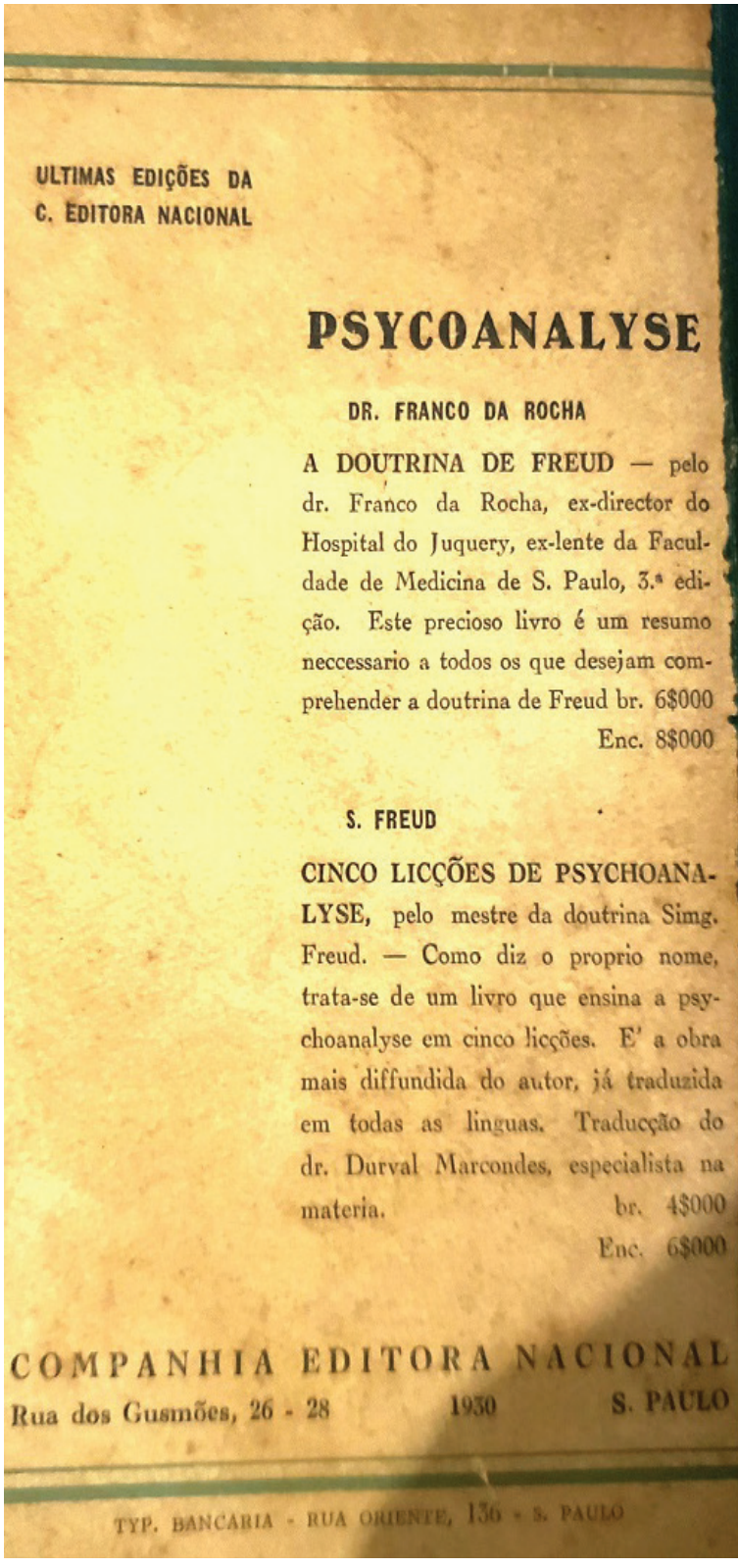
DA

PSICO-ANALISE

(Breve Introdução ao seu Estudo)

TRADUÇÃO DO INGLÊS
PELO
PROF. RAUL BRIQUET
Vice-presidente da Sociedade Brasileira de Psico-analise
Secção de S. Paulo

1930
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
Rua dos Gusmões, 26-28. SÃO PAULO


ULTIMAS EDIÇÕES DA
C. EDITORA NACIONAL

PSYCOANALYSE

DR. FRANCO DA ROCHA

A DOUTRINA DE FREUD — pelo dr. Franco da Rocha, ex-director do Hospital do Juquery, ex-lente da Faculdade de Medicina de S. Paulo, 3.ª edição. Este precioso livro é um resumo neccessario a todos os que desejam comprehender a doutrina de Freud br. 6$000
Enc. 8$000

S. FREUD

CINCO LICÇÕES DE PSYCHOANALYSE, pelo mestre da doutrina Simg. Freud. — Como diz o proprio nome, trata-se de um livro que ensina a psychoanalyse em cinco licções. E' a obra mais diffundida do autor, já traduzida em todas as linguas. Traducção do dr. Durval Marcondes, especialista na materia. br. 4$000
Enc. 6$000

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
Rua dos Gusmões, 26 - 28 1930 S. PAULO

TYP. BANCARIA - RUA ORIENTE, 136 - S. PAULO

sociação com honrarias ao menos duvidosas.

A Colônia Juliano Moreira, instituição criada em Jacarepaguá, na cidade do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX, foi 'destinada a abrigar aqueles classificados como anormais ou indesejáveis, tais quais doentes psiquiátricos, alcoólatras e desviantes das mais diversas espécies' (Wikipedia, 2022). Teve início com a desapropriação das terras do Engenho de Fubá e Cana-de-açúcar de Nossa Senhora dos Remédios em 1912. Seguiram-se a execução do projeto de Juliano Moreira e a inauguração em 1924, com o nome de Colônia de Psicopatas Homens de Jacarepaguá. Com a morte de seu idealizador, em 1935 passa a se chamar Colônia Juliano Moreira (CJM) para homenageá-lo.

Visitamos pessoalmente a Colônia Juliano Moreira nos anos 1970 e 1980. Suas condições e a de seus internos eram lastimáveis. Tudo poderia fornecer material e ímpeto para o movimento antimanicomial, que em 2001 culminou na *Lei da Reforma Psiquiátrica*, mais conhecida como Lei 'Paulo Delgado'.

A instalação do Hospital Psiquiátrico no Juquery, no estado de São Paulo, ocorrera muito antes. Em uma área de 150 hectares, iniciou em 1885 e foi denominada Colônia Agrícola do Juquery. Em 1896, o Doutor Francisco Franco da Rocha, a serviço do Governo do Estado, foi designado para administrar o maior Hospital Psiquiátrico da Brasil e da América Latina. Mais tarde Juquery tornou-se município, e a cidade passou a ser nomeada Franco da Rocha. Ambos os nomes tão negativamente famosos quanto o da Colônia Juliano Moreira.

Juquery/Franco da Rocha e Juliano Moreira, assim como o Hospital Colônia de Barbacena, seguiram a sina do primeiro hospício brasileiro, o Hospício Pedro II, fundado no Rio de Janeiro, em 1841. Instituição tida como pioneira, trouxe o mais moderno da medicina francesa para a capital do Brasil. Foi criada por médicos formados na França, que também criaram no Rio e na Bahia as primeiras faculdades de medicina brasileiras. Para abrigar o Hospício Pedro II, foi construído um suntuoso prédio, inaugurado em 1852, até hoje existente na Av. Pasteur, no bairro da Urca, prédio que mais tarde abrigou a reitoria da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mas já poucas décadas após sua inauguração na Praia Vermelha (hoje parte da Urca), os relatos eram de que o Hospício Pedro II decaíra em condições mais do que lastimáveis. Com a Proclamação da República, o Hospício de Pedro II passou ao controle direto do Governo Federal, adotando o nome de Hospício Nacional de Alienados.

O organicismo da psiquiatria, surgido como especialidade médica no século XIX, já trazia desde o início a ideia de degeneração. Mesmo que pessoalmente muitos médicos, como Juliano Moreira (negro de origem pobre cujo mérito é indiscutível) ou Franco da Rocha, buscassem condutas humanitárias, seus sucessores mal disfarçavam suas práticas segregacionistas, racistas e punitivas.

Iniciar a história da psicanálise no Brasil com Durval Marcondes que, apesar de médico e psiquiatra, passou ao largo de tais práticas, é bastante conveniente. Inquestionáveis são a persistência e a seriedade da devoção de Durval a Freud e a psicanálise. Sabedor da necessidade de análise pessoal para a formação de um psicanalista, tornou-se um dos primeiros pacientes de Adelheid Koch. Mas também deixa à parte que Juliano Moreira era negro e que Mário de Andrade mulato e, por mais que a elite intelectual passasse décadas escondendo e negando, homossexual. E que Genserico Pinto era um simples formando em medicina e Medeiros e Albuquerque sequer era médico, mas leigo.

Ainda mais porque as gerações de médicos posteriores a Juliano Moreira e Franco da Rocha descambaram, em graus variados, para o discurso e a prática que também veio a embasar o nazismo. O movimento de higiene mental surgiu com a criação da Liga Brasileira de Higiene Mental, fundada no Rio de Janeiro, em 1923, pelo psiquiatra Gustavo Riedel.

O discurso higiênico mental e eugênico centrava-se na afirmação de que não apenas os fatores hereditários, mas também os ambientais produziam degeneração. Contudo, uma vez que a população dos manicômios e das colônias apresentava grande frequência de pessoas mais pobres e de negros e pardos, a questão étnica muitas vezes descambou para um racismo nada disfarçado.

Mas uma das grandes preocupações desses médicos também se focava na vida das cidades, que, segundo eles, causava danos irreversíveis à moral e aos bons costumes das famílias brasileiras, preocupação que englobava vários discursos, entre eles, o papel da mulher e a educação infantil. Preocupações que podiam ser exemplificadas em artigo publicado nos *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, periódico publicado pela *Liga Brasileira de Higiene Mental* (LBHM), no qual

> [...] o Dr. Júlio Porto-Carrero alertava para comportamentos que desembocava no que ele chamava de "dissolução dos costumes sociais", como "a emancipação da mulher, a cooperação desta no trabalho fora do lar, o divórcio, a vida cada vez mais externa" (Porto-Carrero, Arquivos, 1933, VI, 2, p. 90). O psiquiatra se posicionava fortemente contra a atuação feminina em trabalhos fora do ambiente doméstico, pois os considerava contrários à natureza feminina. Outro problema derivado da emancipação da mulher era a necessidade de colocar as crianças em "educandários, desde as curvas idades do jardim de infância" (Porto-Carrero, Arquivos, 1933, VI, 2, p. 90), o que ocasionava a "perda do sentido do lar", pois, de acordo com Porto-Carrero, a família se tornava "um conceito cada vez mais abstrato", assim como o "casamento, cada vez mais fácil de contrair e de se desfazer" (Porto-Carrero, Arquivos, 1933, VI, 2, p. 90). (Cupello, 2013, p. 50-51).

Porto-Carrero já fora citado acima como um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, da qual se tornou secretário, e Juliano Moreira, presidente.

O médico pernambucano Júlio Pires Porto-Carrero (1887-1937) iniciou seus estudos de Medicina na Bahia e os completou no Rio de Janeiro. Em 1918 tornou-se livre-docente e, em 1929, passou a catedrático de Medicina Legal na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro (Mokrejs, 1989). A partir de 1925, Porto-Carrero passa a publicar inúmeros artigos sobre psicanálise e sobre psicanálise e educação. Em 1932 surge seu primeiro livro: *A psicologia profunda ou psicanálise* (Porto-Carrero, 1932).[4] Até o final de sua vida continuará publicando artigos e livros sobre psicanálise, educação e medicina legal e, em 1934, uma tradução do livro de Freud *O futuro de uma ilusão* (Mokrejs, 1993, p. 304), mas não cita a editora e local da publicação).

A leitura do primeiro livro de Porto-Carrero causa boa impressão. A exposição das ideias de Freud é correta. Os acréscimos e as opiniões do autor geralmente são pertinentes e sensatas. As aplicações à realidade brasileira quase sempre pertinentes.

Mas assim como na citação acima sobre o papel da mulher, num dos artigos anteriores ao seu primeiro livro, Porto-Carrero surgira com algo bem típico de um devotado adepto da Liga Brasileira de Higiene e Saúde Mental:

> [...] As três raças que constituem a nossa gente contribuíram fartamente com preconceitos tais. E notadamente as duas raças coloridas deixaram-nos herança pesada e fértil de tabus, na mítica lendária e religiosa (Porto-Carrero, citado por Mokrejs, 1993, p. 158).

A herança pesada não se refere aos séculos de degredo e brutal escravatura dos africanos, muito menos ao sistemático roubo das terras e extermínio das culturas e físico

4. Exemplar de nosso acervo pessoal.

dos povos indígenas originários, ambos pela raça 'não colorida', mas deduz-se que pelo primitivismo dos tabus, mítica lendária e religiosa das duas raças coloridas.

Conclusão

Os relatos mais comuns, iniciando com Durval Marcondes a história da psicanálise no Brasil, desconhecem ou apagam relatos e artigos sobre algumas ideias de Freud no Brasil desde finais do século XIX. Bem como a primeira exposição sistemática da obra de Freud, em tese por escrita, que data de 1914. Da importância da difusão da psicanálise no meio leigo e por poetas e escritores, bastante já foi dito acima. Qual a conveniência em se apagar, ou colocar em segundo plano da história o nome desses outros médicos, escritores e leigos? Contudo, voltamos a assinalar a importância da *Semana de Arte Moderna de 22*, evento não oficial, mas que se tornou um marco do aniversário do primeiro século da independência do Brasil, que neste ano comemora seu segundo século de existência, para a difusão da psicanálise em nosso país.

Os nomes de Franco da Rocha como primeiro presidente, em São Paulo, da primeira sociedade psicanalítica do Brasil e de Juliano Moreira, no Rio de Janeiro, da segunda sociedade psicanalítica brasileira, indissoluvelmente, ligam a história oficial da psicanálise no Brasil duas instituições de triste memória: o Asilo de Alienados do Juquery, mais tarde Franco da Rocha e a Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro. Mas da fundação da primeira Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo só é lembrado seu primeiro secretário: Durval Marcondes, que, entre outros méritos, passou ao largo dos grandes hospícios e colônias de alienados e das Ligas de Higiene e Saúde Mental. Marcondes de fato foi o principal fundador quando a sociedade de São Paulo foi reestabelecida em 1951. Já a primeira Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro teve curtíssima duração, poucos ficaram sabendo de sua existência e parece não ter tido atividade. Quando da fundação de sua homônima em 1959, o vínculo aparenta ser inexistente.

Durval Marcondes é figura de integridade, de capacidade de organização e de dedicação à psicanálise. Além de que seu contato pessoal com Freud, e seu empenho para a vinda da primeira analista ao Brasil, sejam muito mais adequados para se iniciar a história oficial da psicanálise em nosso país.

Mas a história real, com suas leituras errôneas ou parciais de Freud, o vínculo de vários dos difusores com as Ligas de Higiene e Saúde Mental, o interesse de poetas e escritores, aos quais faltou dinheiro para completar a primeira publicação de uma obra de Freud, é tudo muito mais humano e com cheiro de Brasil.

Abstract

First information about Freud, some of his ideas and clinic, from 1899, brought by doctors, mostly neurologists or psychiatrists. More comprehensive views of the whole of Freud's work from 1914 onwards, in which a Medical Graduation Student and a layman stand out. The Modern Art Week of 1922, when the name of Freud gained diffusion to a wider public, through poems and sayings by Mário de Andrade. First translation of Freud's text in Brazil, direct from German, but incomplete, of Five Lessons on Psychoanalysis. Published in 1926 in A Revista, a modernist publication from Minas Gerais, influenced by the Modern Art Week of 22 and which brought together many of the names that would become famous in Brazilian poetry and literature. New flow, during the second half of the 20s, of medicalization and psychiatrization of Freudian texts. Often by doctors and psychiatrists who adhere to eugenics and even racist principles from the Hygiene and Mental Health Leagues. The exception was Durval Marcondes, who kept away from these ideas, and carried out the first complete translation, in 1931, of a text by Freud directly from German: Five Lessons on Psychoanalysis.

Keywords: *History of Psychoanalysis in Brazil, Modern Art Week of 22, Mário de Andrade, Modernism from Minas Gerais, First Brazilian translations of Freud.*

Referências

ALMEIDA, C. M. *Iago Victoriano Pimentel*. Belo Horizonte: Academia Mineira de Medicina, s.d. Disponível em: http://www.acadmedmg.org.br/ocupante/cadeira-60-patrono-iago-victoriano-pimentel/. Acesso em: 06 abr. 2022.

ANDRADE, M. A escrava que não era Isaura. *In:* _____. *Obra imatura*. Rio de Janeiro: Agir, 2009. p. 225-235.

ANDRADE, M. *Poesias completas*. Edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Itatiaia, 2005.

ANDRADE, M.; AMARAL, T. *Correspondência Mário de Andrade & Tarsila do Amaral*. Org., intr. e notas: Aracy Amaral. São Paulo: EDUSP/IEB-USP, 2001.

ANDRADE, M.; BANDEIRA, M. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Org., intr. e notas: Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: EDUSP/IEB-USP, 2000.

ANDRADE, M.; LIMA, A. A. *Correspondência Mário de Andrade & Alceu Amoroso Lima*. São Paulo: EDUSP, 2000; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2018. A REVISTA. Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin. Disponível em: https://digital.bbm.usp. br/handle/bbm/7054. Acesso em: 20 jun. 2022.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE MEDICINA. Disponível em: http://portalrev.enfermagem.bvs.br/index.php?issn=0365-0723&lang=pt. Acesso em: 26 abr. 2022.

CAMPOS, R. H. F. (org.). *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago; Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2001.

CARDOSO, R. *Modernidade em preto e branco* - arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1890-1945. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CASTRO, M. W. *Mário de Andrade:* exílio no Rio. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

CASTRO, R. D. A psicanálise no tratamento das doenças nervosas e mentais: dos primeiros leitores à tese de Genserico Souza Pinto (Rio de Janeiro, décadas de1900 e 1910). *Rev. Latinoam. Psicopatol. Fundam.*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 349-371, jun. 2020.

CASTRO, R. D. A recepção da psicanálise no Rio de Janeiro: subsídios para os debates sobre histeria,

nervosismo e sexualidade, 1908-1919. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos,* publicação trimestral da Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, v. 24, supl., p. 171-177, nov. 2017.

CASTRO, R. D. *A sublimação do "id primitivo" em "ego civilizado:* o projeto dos psiquiatras-psicanalistas para civilizar o país (1926-1944). 2014. 231 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2014.

CASTRO, R. D. Entre reflexões e apropriações: a difusão da psicanálise para além do meio médico psiquiátrico carioca (décadas de 1910 e 1920). *Memorandum, memória e história da psicologia*, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), n. 30, p. 63-81, 2016. Disponível em: ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6279/6282.

COSTA, J. F. *História da psiquiatria no Brasil:* um corte ideológico. 4. ed. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.

CUPELLO, P. C. *A mulher (a)normal:* representações do feminino em periódicos científicos e revistas leigas na cidade do Rio de Janeiro (1925-1933). 2013. 109 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: http://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/images/dissertacoes/dissertacao_priscila_cupello.pdf. Acesso em: 10 abr. 2022.

DUNKER, C. I. L. Notas sobre a primeira tese em psicanálise no Brasil "Da Psicoanalise" (1914), de Genserico Aragão. *Analytica: Revista de Psicanálise*, v. 3, n. 4, São João del Rei, p. 25-39, jan./jun. 2014.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *A revista*. Coleção digital de jornais e revistas. http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=396060&Pesq=pedro%20nava&pagfis=1. Acesso em: 06 abr. 2022.

MICELI, S. *Drummond e o grupo modernista mineiro*. São Paulo: Todavia, 2022.

MOKREJS, E. *A psicanálise no Brasil* - as origens do pensamento psicanalítico. Petrópolis: Vozes, 1993.

MOKREJS, E. Psicanálise e educação - Julio Pires Porto Carrero e a pedagogia eugênica na década de trinta no Brasil. *Revista da Faculdade de Educação*. São Paulo, v. 15, n. 1, p. 5-118, jan./jun. 1989.

MUSEU BISPO DO ROSÁRIO – ARTE CONTEMPORANÊA. Disponível em: https://museubispodorosario.com/colonia-juliano-moreira/.

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND. *Brasil: psicanálise e modernismo*.

NUNES, C. *Monteiro Lobato:* o editor do Brasil. Rio de Janeiro: Contraponto; Petrobrás, 2000.

OLIVEIRA, C. L. M. V. *História da psicanálise* - São Paulo (1920-1969). São Paulo: Escuta, 2005.

PORTO-CARRERO, J. P. *A psicologia profunda ou psicanálise*. Rio de Janeiro: Guanabara Waissman Koogan, 1932.

RIAVIZ, N. R. *Rastros freudianos em Mário de Andrade*. 2003. 257 f. Tese (Doutorado em Literatura) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.

SAGAWA, R.Y. *Durval Marcondes*. Rio de Janeiro: Imago; Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2002. (Coleção Pioneiros da Psicologia Brasileira).

SOCIEDADE BRASILEIRA DE SÃO PAULO - SBSP. Facebook, 6 nov. 2017. Disponível em: https://m.facebook.com/sbpsp/photos/voc%C3%AA-sabia-que-durval-marcondes-considerado-o-precursor-da-psican%C3%A1lise-no-brasil/1501910063179370/. Acesso em: 10 jun. 2022.

TÉRCIO, J. *Em busca da alma brasileira:* biografia de Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

Recebido em: 10/06/2022
Aprovado em: 26/07/2022

Sobre o autor

Anchyses Jobim Lopes
Médico e bacharel em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Mestre em medicina (psiquiatria) e em filosofia pela UFRJ.
Doutor em filosofia pela UFRJ.
Psicanalista e membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).
Professor do curso de formação psicanalítica do Centro de Estudos Antonio Franco Ribeiro da Silva do CBP-RJ.
Supervisor clínico do Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP) do CBP-RJ.
Coordenador do Grupo de Trabalho Sobre Neo e Transexualidades (GTNTrans) do CBP-RJ.
Ex-professor assistente do quadro principal do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).
Ex-professor adjunto da Faculdade de Educação e da graduação em psicologia da Universidade Católica de Petrópolis (UCP).
Professor titular III dos cursos de graduação em psicologia e de especialização em teoria e clínica psicanalítica da Universidade Estácio de Sá (UNESA).
Patrono das turmas de formandos em Psicologia da PUC-RJ, 1998 e 1999.
Um dos editores da revista Estudos de Psicanálise, publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP).
Presidente do CBP-RJ 2000-2004, 2008-2012 e 2014-2018.
Presidente do CBP 2004-2006 e 2017-2021.
Delegado do CBP para a International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).
Um dos editores regionais para a América do Sul da revista International Forum of Psychoanalysis.

E-mail: anchyses@terra.com.br

Arte e pesquisa em psicanálise: das aberturas de uma fotografia para encontros com realidade

Art and Research in Psychoanalysis: concerning the possibilities opened by a photograph to different encounters with realities

Andréa Máris Campos Guerra
Jacqueline de Oliveira Moreira
Amanda Lessa Malta
Rodrigo Goes e Lima
Júnio Marques da Silva
João Vitor Couto

Resumo
Trabalhamos o debate sobre a pluralidade de sentidos de uma obra de arte, tomando como enfoque o registro fotográfico. Partimos da descrição dos achados de uma pesquisa de orientação psicanalítica voltada à investigação de fenômenos sociais e conduzida através da metodologia das narrativas memorialísticas. Dividida em três tempos, narrar, criar e partilhar, essa metodologia tem como cerne interventivo a tradução de histórias de vida em obras de arte. O debate sobre os hiatos constitutivos da imagem é feito a partir de autores do campo psicanalítico como Sigmund Freud e Tânia Rivera, e do campo das artes, como Jacques Rancière e Roland Barthes. Trabalhando sobre a ideia da incidência da fotografia no tempo e no sujeito, pensamos as dimensões subjetiva, estética e política dessa pesquisa, e as possibilidades de criação e recepção de uma obra de arte.

Palavras-chave: Arte, Psicanálise, Metodologia de pesquisa, Imagem, Fotografia.

Figura 1

Fotografia: João Vitor Couto

Introdução

A imagem acima compõe um acervo com cerca de 30 obras criadas a partir da escuta das histórias de vida de jovens moradores da periferia da cidade de Belo Horizonte e se apresenta como o foco reflexivo do presente texto. Essas criações integram a metodologia das narrativas memorialísticas (Guerra; Moreira, 2020), inaugurada ao longo da pesquisa *Adolescências e leis*, sediada pelo núcleo de pesquisa Psicanálise e Laço Social no Contemporâneo (PSILACS) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), coordenada pelas professoras Andréa Máris Campos Guerra (UFMG) e Jacqueline de Oliveira Moreira (PUC Minas), e construída por diversas mãos. Tal pesquisa tomou como objeto a investigação dos condicionantes subjetivos favoráveis ao enlace e desenlace do jovem ao crime por meio da escuta dos modos de viver "adolescentes". Participaram dessa investigação 16 jovens (de 16 a 32 anos de idade) moradores de periferia, envolvidos ou não com a criminalidade. O núcleo PSILACS chegou até esses jovens através da indicação feita pelos próprios pesquisadores que possuíam relações próximas com alguns dos jovens, seja por origens comuns, seja por suas experiências de trabalho nesse campo. Contou-se também com indicações feitas pelos diretores e técnicos dos centros socioeducativos e oficineiros do programa *Fica Vivo!*.[1]Estabelecido esse contato, os jovens eram convidados a contar sua história de vida de forma livre, sem restrição de temas ou limite de tempo. O momento de recolhimento das narrativas memorialísticas se configurou como o primeiro tempo interventivo da pesquisa *Adolescências e leis*, nomeado narrar (Guerra et al., no prelo).

A sistematização das narrativas memorialísticas (Guerra et al., 2017), enquanto metodologia psicanalítica de fenômenos sociais, difere de seu emprego enquanto expressão de um gênero literário e possibilita a introdução de um método psicanalítico de escuta capaz de tomar o saber como não todo apreensível, considerando seus furos e não o atribuindo ao pesquisador. Ao sustentar que a palavra seja tomada pelo jovem, tal metodologia permite a emersão e a escuta dos saberes que se revelam na fala dos entrevistados. Ao pesquisador caberá a função de mediação simbólica (Guerra et al., 2017), uma vez que suas intervenções são feitas como convite para que o jovem continue em seu discurso, sem introduzir novos elementos à sua fala. O elemento introduzido pelo pesquisador é apenas a solicitação disparadora que possibilita a abertura da conversa: "Conte-me sua história de vida". As narrativas memorialísticas revelam a ficção através da qual vidas são narradas e permitem ex-

1. O programa *Fica Vivo!* atua na prevenção e na redução de homicídios dolosos de adolescentes e jovens de 12 a 24 anos, em áreas que registram maior concentração desse fenômeno.

trair do discurso dos jovens as "fixões" explicitadoras das repetições pulsionais que os enlaçam a sua história, seu corpo e seu território (Guerra et al., 2017).

Neste ponto, é importante diferenciar os termos "ficção" e "fixão", com base nas construções desenvolvidas por Jacques Lacan ([1972] 2003) em seu texto *O aturdito*. "Ficção" diz respeito às construções imaginárias que compõem a história de vida do sujeito e demarcam a realidade por ele experienciada, sua posição enunciativa, seu processo subjetivo de enfrentamento do real e as dimensões inconscientes, traumáticas e políticas que circunscrevem seu discurso. Afinal, para a psicanálise, a verdade tem estrutura de "ficção", o que relativiza a busca por uma verdade factual ou compartilhada. Já o termo "fixão" ancora o sujeito ao real explicitando seus circuitos de gozo e repetição.

Passemos ao segundo tempo interventivo da pesquisa *Adolescências e leis*: criar. Neste tempo, as narrativas memorialísticas dos jovens, gravadas em forma de áudio, foram entregues a artistas voluntários, convidados do núcleo PSILACS, que realizaram obras plásticas, literárias, visuais e performativas a partir das histórias de vida narradas. Trata-se de um período de suspensão do trabalho interventivo da pesquisa, mas de intenso e vívido trabalho de criação artística e de análise de dados sob a perspectiva teórica.

O terceiro e último tempo – partilhar – se desenvolveu a partir do encontro entre os pesquisadores, os artistas, os jovens e as obras de arte produzidas com base na escuta de suas narrativas memorialísticas. Esse encontro aconteceu no Centro de Referência da Juventude, localizado na região central da cidade de Belo Horizonte (MG), um espaço público de participação, diálogo e trocas voltado à juventude. Como último ponto dessa apresentação metodológica, pontuamos a mudança de nomeação que esse encontro sofreu. Inicialmente ele se intitulava *Oficina interativa* ou *devolutiva*. Porém, após o encontro dos pesquisadores com a obra *A partilha do sensível*, de Jacques Rancière (2005), ele passou a ser chamado de Partilha. Segundo o autor: "Partilha significa duas coisas: a participação em um conjunto comum e, inversamente, a separação, a distribuição em quinhões" (Rancière, 1995 citado por Rancière, 2005, p. 2). Assim, partilhar o sensível implica a divisão das partes atribuídas a cada um na construção de um trabalho comum, o que não é sem consequências políticas.

Tendo atravessado cada uma dessas etapas, este trabalho pretende inaugurar um quarto momento de investigação. Afinal, cada tempo de pesquisa repercute dialeticamente sobre as próprias etapas já percorridas e sobre cada um dos atores envolvidos em cada etapa, ofertando sucessivamente um novo ponto de trabalho e reflexão. A partilha de uma obra criada a partir de uma narrativa, por sua vez, promove um objeto e uma interrogação inéditos, que exigem do psicanalista um exercício para além da escuta. Buscamos assim um "olho clínico" (Rocha, 2008) capaz de contemplar a obra de arte "menos por algum insondável valor estético ou cultural, e mais pela incidência de marcantes *relações subjetivas*" (Bispo, 2009, p. 179, grifo nosso).

Exploramos a seguir, algumas dessas diferentes leituras e efeitos da obra de arte a partir da apresentação das múltiplas interpretações dada à obra de arte com base na narrativa memorialística de Blitz, um dos jovens participantes da pesquisa *Adolescências e leis.* A obra referenciada é a fotografia que inaugura o presente artigo, criada pelo artista João Vitor Couto. A partir desse debate, refletimos sobre o que da arte advém em nosso processo investigativo. Damos sequência a essa exploração em três passos. Para iniciar, apresentamos uma breve discussão acerca das possibilidades múltiplas de recepção e interpretação de uma obra de arte, entre elas, a via psicanalítica.

Obra de arte como pluralidade

Nos estudos do campo das artes, encontramos debates sobre a recepção da obra, que

revelam os enlaces entre os múltiplos efeitos de sentido de uma obra e os lugares de pertencimento de seus receptores. Afinal, o objeto da arte está no "espaço-tempo do observador", conforme nos relembra Mendonça (2009, p. 111), a partir dos apontamentos de Eric Landowski (2004). Para Landowski (2004), os efeitos de sentido são coordenados pela localização e circunstâncias a partir das quais o sujeito entra em contato com o objeto da arte. Esse debate se desenvolve na argumentação de Mendonça (2009, p. 3955) que nos adverte: "a arte não fala por si porque não é uma entidade isolada, mas uma ocorrência que deriva de um conjunto de ações humanas articuladas que contribuem para comunicar o seu modo de existência". A partir da argumentação da autora, podemos pensar que a recepção de uma obra de arte por seu público nunca se dá sem o atravessamento ou a mediação das estruturas e estratificações sociais às quais o sujeito pertence ou se identifica, por exemplo, a raça, a família, a religião, a escolaridade, a classe econômica e o gênero do sujeito.

Desse modo, a infinidade de sentidos que se inaugura a partir do encontro do observador com a obra é impulsionada não somente por seu caráter de furo (Rivera, 2018), mas também pelos lugares de enunciação e pertencimento do observador. Os efeitos de sentido suscitados no encontro do sujeito com a obra revelam as marcas inconscientes inscritas por suas vivências ao longo de sua trajetória de vida. A pluralidade de sentidos da obra diz respeito também à pluralidade das vidas que a recepcionam.

A série de estruturas simbólicas que incidem na recepção da obra por parte do espectador incidem também sobre sua criação. Como nos adverte Frade (2004, p. 19), "é necessário que percebamos a natureza transformadora das instituições sociais que dela [obra de arte] se apropriam, metamorfoseando-a. Elas a digerem ao seu modo, fazendo-a, então, arte". A partir dessas mediações que atravessam e estruturam a produção artística, a obra se abre à polissemia de sentidos, esboçando a pluralidade que envolve seu processo de criação e, assim, a impede de fixar-se a um sentido único. Mendonça (2009, p. 3951) reforça que "os objetos – no nosso caso, obras artísticas – não seriam importantes apenas pelo significado que carregam, mas pelas apropriações que as 'diversas competências culturais' os impregnam de sentidos".

Assim, a imagem é tomada como mediação entre a sociedade e o espectador a partir de seu valor simbólico, conforme proposto por Jacques Aumont (1993). A obra carrega em suas entrelinhas as marcas dos esquemas simbólicos que a estruturam e, então, constituem seu valor simbólico, "definido pragmaticamente pela aceitabilidade social dos símbolos representados" (Aumont, 1993, p. 79). Entendemos que uma imagem ou obra não pode ser tomada enquanto representação, reforçando a articulação entre o dizível e visível que a psicanálise busca desalojar, mas sim enquanto representatividade. A polissemia de sentidos revelados pela imagem-furo e pela pluralidade dos esquemas simbólicos que a constituem comunica diferentes modos de existência e diferentes lugares de enunciação e reconhecimento social a partir dos quais uma obra olha e é olhada por seu receptor.

Muito nos interessa o paradigma dos estudos em artes que enxerga um compartilhamento de responsabilidade e autoridade entre autor e fruidor. Como já sugerimos no tempo de partilha, que compõe o terceiro momento de nossa pesquisa, acreditamos que partilhar, no sentido em que pretendemos desenvolver, é não apenas realizar uma devolutiva dos achados e das conclusões da investigação teórica para aqueles que com ela contribuíram tecendo suas narrativas memorialísticas, mas também um movimento de reinserção autoral do sujeito nos efeitos que sua fala evoca e provoca naqueles que a escutam. Há, portanto, um certo processo de restituição em jogo, que implica o narrador

da obra produzida, pelo outro, a partir de sua história de vida, e abre um espaço para que essa restituição seja lida e interpretada de várias maneiras, como veremos a seguir. Nomeamos esse momento de restituição como TEMPO DE COLHER.

Seguindo o significado fornecido por dicionários de língua portuguesa, "colher" (verbo transitivo direto) significa "separar os frutos", um procedimento de agrupamento ou recolhimento daquilo que se plantou. Nosso esforço neste quarto momento, a partir do qual o presente trabalho se desenvolve como testemunho, acompanha o significado ofertado a essa palavra. Afinal, trata-se de um tempo de reunião daquilo que foi plantado ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Essa colheita, longe de deixar o sólido árido pelo recolhimento de seus frutos, revigora-o constantemente, a cada instante em que um novo olhar é lançado sobre as obras.

Notas sobre a fotografia:
o jovem, o artista e o pesquisador

Entramos agora mais detidamente na multiplicidade de interpretações que giram em torno da fotografia que inaugura este trabalho. Roland Barthes (1984), em sua obra *A câmara clara: notas sobre a fotografia*, argumenta que um dos aspectos mais característicos da fotografia é que ela possui uma "força constatativa, e que o constatativo da fotografia incide, não sobre o objeto, mas sobre o tempo" (BARTHES, 1984, p. 132). Um registro fotográfico diz, decididamente, que "isso foi" (BARTHES, 1984, p. 168). Há, portanto, um "certificado de presença" (BARTHES, 1984, p. 129) que diferencia a foto de outros tipos de registros, como o discurso, o texto ou a pintura uma vez que podem ser mera imitação e não apresentar o caráter da dupla conjunção entre realidade e passado que encontra expressão no processo químico que a revela. Ao permitir esse ato histórico recente de ter acesso à imagem de si mesmo sem o recurso ao espelho, mas pela imobilização na forma de objeto (um retrato), a fotografia se apresenta como "o advento de mim mesmo como outro: uma dissociação astuciosa da consciência de identidade" (BARTHES, 1984, p. 25). Tal dissociação, em que me encontro como objeto capturado na imagem, exige, por sua vez, um movimento do sujeito enquanto tal:

> Uma excelente fotógrafa, certo dia, fotografou-me; julguei ler nessa imagem o pesar de um luto recente: por uma vez a fotografia me devolvia a mim mesmo; um pouco mais tarde, porém, eu encontrava essa mesma foto na capa de um panfleto; em virtude do artifício de uma tiragem, eu tinha apenas uma horrível face desinteriorizada, sinistra e rebarbativa, como a imagem de minha linguagem que os autores do livro queriam transmitir. (A 'vida privada' não é nada mais que essa zona de espaço, de tempo, em que não sou uma imagem, um objeto. O que preciso defender é meu direito *político* de ser um sujeito.) (BARTHES, 1984, p. 29).

Para além da importante observação acerca do advento de mim mesmo, e da defesa do *status* de sujeito que o registro fotográfico provoca ao tender a mortificar uma imagem, Barthes (1984) oferece também algumas ferramentas teóricas para pensarmos a fotografia. Em primeiro lugar, o autor nomeia sua atração por fotos de forma original, ao afirmar que "a palavra mais adequada para designar (provisoriamente) a atração que sobre mim exercem certas fotos era 'aventura'. Tal foto me 'advém', tal outra não" (BARTHES, 1984, p. 36). Incitado pela animação que a aventura da fotografia produz, o autor propõe a descrição de dois elementos que fundam seu interesse pelo estudo fotográfico. O primeiro Barthes (1984, 45) chama de *studium*, "uma espécie de investimento geral, ardoroso, é verdade, mas sem acuidade particular". O segundo elemento, o autor afirma, é o que promove uma espécie de quebra, escansão ao *studium*. É o que atravessa, marca, pontua a experiência da foto e que recebe o nome de

punctum. Esse algo que punge consiste em "uma espécie de extracampo sutil, como se a imagem lançasse o desejo para além daquilo que ela dá a ver" (Barthes, 1984, p. 89). Embora Barthes (1984) trate especificamente de fotos-retratos, fotografias de pessoas, suas observações não deixam de ser de interesse para a análise de nossa fotografia em questão, e do que 'advém' e se oferece como *punctum* aos olhos de cada um dos atores da pesquisa. Antes de passarmos finalmente às respectivas visões sobre a fotografia, apresentamos brevemente a narrativa de Blitz, que serve de base à produção da obra.[2]

O jovem

Blitz inicia sua narrativa a partir da mudança para um bairro de Belo Horizonte, época em que se diz envolvido com a pixação. A chegada ao novo local o apresenta a um contexto, a amizades e a atividades que eventualmente o levam ao tráfico de drogas. Segundo ele, não havia desejo de "mandar na favela", ou, ao que parece, nenhum deslumbre quanto ao mundo do crime. Sua meta era ganhar dinheiro e escapar das condições de trabalho que havia encontrado até então.

> Eu era um jovem que não tinha nenhuma perspectiva política, social". "Eu me envolvi com o tráfico de drogas, comecei a me envolver junto com a galera". "A gente tava fazendo um trabalho, o serviço tava duro, o sol rachando na moleira. Em certo momento em falei com os caras: 'minha mão tá cheia de calo, bolha, sangue, tudo mais, tá difícil ganhar essa mixaria aí (Blitz, 2017).

Ao perceber, no entanto, que a atividade no tráfico logo o afastou do lazer da capoeira e de uma menina que lá havia conhecido e começado a namorar, o jovem reconsidera seu lugar no crime, se afasta do bairro onde morava, e passa a se reaproximar gradualmente desses dois vetores de desejo dos quais não abria mão. Nesse processo de reaproximação, ele encontra o *rap* e uma nova forma de inserção na comunidade a partir da arte.

No desfecho de sua narrativa, o jovem sublinha sua nova posição enquanto arte-educador e seu protagonismo comunitário a partir da fundação de um espaço cultural. Nele visava potencializar e dar visibilidade a uma outra forma de inserção social para ele e para os outros e, assim, segundo seus dizeres, oferecer uma oportunidade de

> [...] interromper o ciclo da vida de geração em geração que leva sempre a sociedade a entender que jovem não sabe de nada, não tem suas próprias escolhas, não sabe direito o que quer, é indeciso e tudo mais. Que não tem protagonismo, que não tem formação política, que não tem opinião, que não consegue desenvolver algo (Blitz, 2017).

A partir da apresentação dessa narrativa, vejamos quais foram as leituras que Blitz atribui à fotografia de autoria de João Vitor Couto, realizada a partir da escuta de sua narrativa memorialística.

A leitura do jovem sobre
a obra de arte recebida

As impressões do jovem entrevistado a respeito da obra que lhe foi presenteada são recolhidas em dois momentos. O primeiro ocorreu por ocasião da entrega da fotografia, ocorrida durante a partilha, encontro que reuniu artistas, pesquisadores e entrevistados. Ao abrir o embrulho com a foto, Blitz afirma:

> A vida é um jogo né, gente? E a gente tem que saber jogar. E quando a gente joga, a gente en-

2. As citações diretas à narrativa memorialística de Blitz serão introduzidas a partir de um trabalho de recorte e cola sobre as frases enunciadas. O uso das aspas indica o início e o fim das enunciações. Estas foram conectadas por vírgulas e pontos finais e foram apresentadas respeitando a ordem de enunciação que se seguiu na narrativa.

> volve outras pessoas no jogo, a gente encaçapa a bola, já fazendo um trocadilho com meu presente (Blitz, 2018).

O segundo momento faz parte de uma entrevista realizada com o intuito de depreender os efeitos da pesquisa a partir da reflexão dos entrevistados. Na oportunidade, aparecem novas reflexões acerca da obra de arte recebida:

> Eu achei bastante criativa a forma como o fotógrafo interpretou a história. A minha história, como eu contei, ela foi muito… ela teve vários caminhos e ao mesmo tempo ela teve entradas e saída que representam a caçapa e eu achei que eu seria a bola. Eu achei muito doido, porque até então nunca tinha acontecido comigo, deu ter recebido algo nesse sentido a partir de um trabalho, de uma colaboração minha. Foi muito legal para mim essa resposta. Para mim soou como uma homenagem, uma homenagem mesmo (Blitz, 2019).

Ao ser questionado sobre o que representava essa bola e os destinos que ela ganha, seja triunfar, seja entrar no buraco, ele responde:

> Ah! no buraco eu não entrei não. Eu tô permanecendo aí até hoje. Eu achei outros caminhos que me levaram a situações diferentes que gerou outras repercussões que no geral, o trabalho que a Casa desenvolve, as coisas que eu venho fazendo no dia a dia na comunidade, eventos, as revelações aqui da comunidade (Blitz, 2019).

Se nos recordarmos de nossa referência a Barthes (1984), dois pontos chamam a atenção, os quais nos remontam à questão do "advento de mim mesmo como outro" (Barthes, 1984, p. 25) provocado pela foto. Em primeiro lugar, a identificação à bola branca não se dá sem um posicionamento importante. O entrevistado aponta que:

> [...] se ela entope, entala no buraco, o jogo acaba. Como eu ainda não cai no buraco, o jogo não terminou. [...] Para eu cair no buraco tem que ser um buracão (Blitz, 2019).

É valioso aqui apontar, com Barthes (1984), que:

> No fundo, uma foto parece com qualquer um, salvo com aquele que ela representa. Pois a semelhança remete à identidade do sujeito, coisa derrisória, puramente civil, até mesmo penal; ela o dá 'enquanto ele mesmo', ao passo que eu quero um sujeito 'tal que em si mesmo' (Barthes, 1984, p. 152).

A identificação com a bola branca não é exclusividade do jovem. Se ela o retrata "enquanto ele mesmo" (Barthes, 1984, p. 152), é de fato apenas sua própria leitura acerca da sua posição no jogo que o apresenta como "um sujeito 'tal que em si mesmo'" (Barthes, 1984, p. 152). O autor continua:

> Mais eis algo insidioso, mais penetrante que a semelhança: a Fotografia, às vezes, faz aparecer o que jamais percebemos de um rosto real (ou refletido em um espelho): um traço genético, o pedaço de si mesmo ou de um parente que vem de um ascendente. [...] A Fotografia dá um pouco de verdade, com a condição de retalhar o corpo. Mas essa verdade não é a do indivíduo, que permanece irredutível; é a da linguagem (Barthes, 1984, p. 153).

A partir do recurso fotográfico, aponta-se, para a possibilidade de ver e registrar algo novo em nós mesmos. Tal citação é convidativa para associarmos ao seguinte relato do jovem ao dizer do que sentiu ao receber a obra:

> Alegria! Eu fiquei muito feliz em receber a obra. Como foi inédito, nunca tinha recebido uma obra de arte construída de acordo com a minha história de vida e com o olhar de uma outra pessoa que nem me conhecia, nunca

> tinha me visto, que nunca conviveu comigo para saber no dia a dia como é meu trabalho. Seria muito fácil um artista ficar comigo aqui um mês, dois meses, vendo o meu corre aqui e tal e fazer um trabalho neste sentido. Mas uma pessoa que nunca teve esse contato, nem com o meu trabalho, nem com isso pessoalmente, conseguir me representar daquela forma, eu achei muito criativo, com uma imaginação muito aguçada e com um olhar muito diferenciado também (Blitz, 2019).

Ao final, destaca-se o caráter material da obra, que perpetua um momento e abre espaço para uma forma de transmissão:

> É sólido ne? É sólido. Dinheiro você gasta ele, se você não adquire algo que vai te trazer essa recordação: 'isso aqui eu conquistei devido ao trabalho que eu fiz ali', ele desaparece e daqui uns anos você nem lembra que você fez aquele trabalho e que recebeu por ele. Mas o quadro não. 'Eu lembro que foi um trabalho que eu fiz e que eu fui recompensado por ele, com aquele objeto que está ali' (Blitz, 2019).

Poderíamos aqui provocar, tensionar e extrapolar o relato ao retomarmos, por uma última vez, Barthes (1984, p. 123). O autor argumenta:

> A fotografia não rememora o passado (não há nada de proustiano em uma foto). O efeito que ela produz em mim não é o de restituir o que é abolido (pelo tempo, pela distância), mas o de atestar que o que vejo de fato existiu. Ora, esse é um efeito verdadeiramente escandaloso. A Fotografia sempre me espanta, com um espanto que dura e se renova, inesgotavelmente.

Para além da reconstituição memorialística, muito importante e garantida pelo momento de narrar, o que a fotografia confere é o dado inegável da existência (houve vida, houve narrativa, houve encontro, houve devolução) acompanhado da inesgotável possibilidade de ser reafetado pelo registro. Pensando essa afetação, na próxima seção apresentaremos como se desenvolveu o processo criativo da fotografia criada por meio da escuta da história de vida de Blitz. Faremos a exposição desse processo seguindo três breves divisões: uma exposição sobre o contexto de criação da obra, a função do elemento escolhido para compor a cena, e a intenção do artista.

A leitura do artista

Segundo João Vitor Couto, autor da fotografia em debate, inspirada na narrativa memorialística de Blitz, a oportunidade de registro da foto lhe ocorreu em um momento fortuito:

> Eu estava jogando sinuca num sítio, e não lembro se eu caí numa sinuca de bico, ou alguma coisa assim, mas isso me veio na cabeça. [...] E aí eu fiquei pensando nessa questão da sinuca de bico, porque você não vê, você não sabe se ele está em uma sinuca de bico, essa é a questão. Pode ser que sim, pode ser que não. Você não vê o jogo, você não vê o resto, sacou? E aí eu gostei da ideia de colocar ela ali na beira da caçapa (Couto, 2020).

Coloca-se, assim, o contexto de criação da obra. A intenção do artista esboça-se no plano fechado da foto, que não permite a leitura do jogo como um todo pelo espectador e o convoca a elocubração do sentido. Montado o arranjo do registro, João Vitor nos fala sobre o elemento que agencia o interior do cenário retratado:

> A minha dúvida era se eu colocava uma bola preta ou uma bola branca. Mas o jogo é jogado com a bola branca, né. O jogo acaba quando a bola branca cai, não é? Então eu botei ela na boca ali, entre a vida e a morte, sacou, e qualquer tentativa de saída é muito arriscado a vida. É muito difícil você sair dali com vida. É isso que eu estou falando. Ela vive nessa berlinda, nessa fronteira entre vida e morte o

> tempo todo, nessa corda bamba, e tal (Couto, 2020).

Tendo, assim, definido o contexto e suas engrenagens, produz-se o efeito pretendido:

> A ideia é essa. Não tem horizonte. Não tem o que você ver. Vai ficar ali. A maioria deles vai ficar ali mesmo. É muito arriscado. Acho que a ideia é essa. Ficar entre a vida e a morte e não ter horizonte. O horizonte é muito, muito, uma passagem muito estreita, cheia de obstáculos, cheia de... Enfim. Foda (Couto, 2020).

A descrição da constituição da fotografia dada por João Vitor, como vimos acima, não é posta de início nem ao jovem, nem ao pesquisador, que a princípio recebem a obra sem explicação alguma. Vejamos agora como os pesquisadores apreenderam a obra à primeira vista.

A leitura das pesquisadoras e pesquisadores

Logo de saída, vale ressaltar que a experiência de trabalho com a arte a partir das narrativas memorialísticas foi inédito para os pesquisadores envolvidos. O convite para que artistas trabalhassem sobre o registro de áudio das entrevistas foi feito com total liberdade para que fossem produzidas obras em qualquer formato, e a partir de qualquer ponto que lhes interessasse. Não havia, portanto, indício do que surgiria nem preparação possível para lidar com as obras entregues. A obra fotográfica produzida a partir da escuta da narrativa não pretende capturar um gesto ou uma cena de vida. No interior do frutífero encontro entre vidas, pesquisa, psicanálise e arte, a foto pretende fixar e ficcionar uma vida narrada a partir da escuta do intangível. Dentro desse contexto, a foto em questão suscita diferentes reações entre os pesquisadores e sabemos que Freud ([1900-1901] 2016) utilizou em *A interpretação dos sonhos* a metáfora do aparelho fotográfico para explicar o funcionamento do aparelho psíquico, ao se permitir

> […] imaginar o instrumento que serve às produções psíquicas mais ou menos como um microscópio composto, uma máquina fotográfica etc. O lugar psíquico corresponde então a um lugar no interior de um aparelho em que se forma um dos estágios prévios da imagem (Freud, [1900-1901] 2016, p. 564).

A fotografia ganha, então, um lugar interessante para se pensar os processos psíquicos com base num dos textos fundamentais da psicanálise, influenciando nossa forma de apreensão do aparato subjetivo. Seguindo Souza (2015, p. 112), acreditamos que "fotografar é interpretar, em seu sentido amplo, escrever sobre fotografia é fazer uma interpretação, pessoal e limitada, sobre esse amplo campo de conhecimento". A fotografia opera um corte no tempo e fixa um momento, e, de outro lado, a imagem fotográfica convida para uma espécie de aventura, para rupturas no tempo e para construção de ficções.

Na primeira aventura interpretativa, pensamos a foto a partir da ideia da representação de uma "sinuca de bico". Apesar do plano fechado, intencional, segundo o artista, para que não desse condições de revelar a situação do jogo, essa é uma das impressões que marcam a tentativa de interpretação da foto e do enquadramento escolhido pelo fotógrafo. A sinuca de bico é uma situação em que a bola branca se encontra numa posição que deixa o jogador sem ângulo para realizar a jogada subsequente pretendida, uma impossibilidade de movimentos, que possivelmente anuncia a derrota para o jogador. Enquanto metáfora para a vida, ela indica circunstâncias em que o sujeito se encontra também sem condições de movimentação, uma situação difícil, mas a partir da qual o sujeito precisa escolher e se movimentar, continuar o jogo. Jogar é apostar, dimensão sempre presente na vida dos jovens entrevistados. Afinal, não

seria também a partir de "apostas psíquicas inconscientes" (Guerra; Moreira, 2020) que os jovens se orientariam no jogo que se estabelece entre perdas e ganhos, riscos e benefícios que a vida lhes coloca?

Considerações finais

Perpassadas as impressões do jovem, do artista e dos pesquisadores a respeito do que a fotografia lhes provocou, registramos acima a multiplicidade de interpretações evocadas e as respectivas modalidades de 'coautoria' que a obra de arte inaugurou para que cada ator da pesquisa colocasse nela algo de seu. A leitura que cada um ofereceu direciona, por fim, os próprios rumos de nossas investigações, uma vez que cada constatação colhida dá testemunho de um novo efeito produzido pelo processo de pesquisa, o que é sempre um indicador importante à medida que nos propomos a estudar trajetórias de vida e as apostas inconscientes nelas envolvidas.

Assim, se num primeiro momento a intenção do artista nos aponta a interpretação da obra como uma 'sinuca de bico', as brechas do enquadramento da fotografia nos permitem a abertura a uma infinidade de sentidos. Em consonância com a intenção do artista, o primeiro contato dos pesquisadores com a obra levou parte deles a interpretá-la como uma 'sinuca de bico', expressão da divisão subjetiva do sujeito, do limiar entre vida e morte a partir do qual o jovem joga seu jogo e faz suas apostas ao longo de sua trajetória de vida.

Pois bem, o jogo continuou e no momento da partilha, o encontro de Blitz com a fotografia subverteu o sentido atribuído a esta. A 'sinuca de boca' transformou-se num acerto, uma bola encaçapada pela força de um trabalho incansável de articulação comunitária pelas vias da arte, do *hip hop*, segundo o jovem. Na entrevista realizada com ele um ano depois da partilha, a bola encaçapada transformou-se naquela que "não caí no buraco" (Blitz, 2019) e desta vez o jovem é a bola, é aquele que sabe jogar o jogo e, ao confiar em seu próprio taco, não cai. Na interpretação dos amigos de Blitz, a bola transforma-se lua ou num buraco negro. Juntos eles "desembolam" (Blitz, 2019) as diversas interpretações possíveis atribuídas à obra.

A cada novo encontro evidencia-se o efeito de abertura *ad infinitum* que o encontro do sujeito com a obra de arte suscita. A metodologia das narrativas memorialísticas sustenta sua potência criativa sobre o logro constitutivo do registro do Real – fugaz a qualquer elaboração simbólica ou imaginária – e a partir do convite a um posicionamento diante de uma produção artística.

No campo de estudos da estética, autores como Mendonça (2009) e Landowski (2004), entre outros, nos apontaram que o encontro do observador com a obra é impulsionado não somente por seu caráter de furo mas também pelos lugares de enunciação e pertencimento do receptor. A produção da obra, por sua vez, também carrega as marcas políticas e históricas de seu tempo, revelando em suas entrelinhas os esquemas simbólicos que a estruturam e, assim, constituem seu valor simbólico.

Conforme ressaltado, no frutífero encontro entre vidas, pesquisa, psicanálise e arte, a fotografia fixa e ficciona uma vida narrada a partir da escuta do intangível. A arte evidencia as relações de alteridade e autoridade, ao colocar a autoria em uma trama compartilhada de responsabilidade diante dos efeitos do que é produzido. As movimentações desta pesquisa, para além de impulsionar um constante intercâmbio de debates e produções científicas entre os campos da arte e da psicanálise, nos convidam constantemente a interrogar os significados sustentados no discurso de cada um dos autores que a compõem: jovens, artistas e pesquisadores. Há um trabalho contínuo de reelaboração ao redor daquilo que toca a todos os envolvidos a partir de suas participações em todos ou em algum dos tempos interventivos da metodologia das narrativas memorialísticas, a partir dos quais uma nova colheita se torna sempre possível.

Abstract

We debate the plurality of meanings of a work of art, focusing on the particularities of photography. We depart from the description of the findings derived from psychoanalytic research of social phenomena guided by the methodology of the Narrative Memoir. This methodology is divided into three moments: to narrate; to create; and to share, and involves the translation of life stories into works of art. The debate concerning the constitutive gaps of an image is conducted through psychoanalytic authors such as Sigmund Freud and Tania Rivera, assisted by authors in the field of aesthetics, such as Jacques Rancière and Roland Barthes. As we investigate the effects of photography on time an on the subject, we reflect on the subjective, aesthetic and political dimensions of this research, as well as on the processes of creation and reception of a work of art.

Keywords: *Art, Psychoanalysis, Research method, Image, Photography.*

Referências

AUMONT, J. *A imagem*. São Paulo: Papirus, 1993.

BARTHES, R. *A câmara clara:* nota sobre a fotografia. Tradução: Júlio Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BISPO, F. S. Resenha de Rocha, G. M. (2008) Olho clínico: ensaios e estudos sobre arte e psicanálise. *Revista Estudos Lacanianos*, n. 3, p. 177-195, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rel/v2n3/v2n3a13.pdf. Acesso em: 30 nov. 2021.

BLITZ. Entrevista concedida a Amanda Malta, no contexto da pesquisa de mestrado *Os efeitos das narrativas memorialísticas entre a clínica, a estética e a política*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

BLITZ. Entrevista concedida durante a fase de coleta de dados da pesquisa *Adolescências e leis*: um estudo psicanalítico sobre a desistência do crime na adolescência. (Apoio: FAPEMIG). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

BLITZ. Entrevista concedida durante reunião devolutiva dos resultados da pesquisa *Adolescências e leis*: um estudo psicanalítico sobre a desistência do crime na adolescência. (Apoio: FAPEMIG). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.

COUTO, J. V. Entrevista concedida a Rodrigo Lima, como parte da pesquisa *Adolescências e leis:* um estudo psicanalítico sobre a desistência do crime na adolescência. (Apoio: FAPEMIG). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2020.

FRADE, I. O lugar da arte, o paradigma multicultural frente ao primitivismo. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, v. 1, n. 1, 2004, p. 17-24. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/12637/9813. Acesso em: 30 nov. 2021.

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos* (1900-1901). Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2016.

GUERRA, A. M. C.; MOREIRA, J. O. (orgs.). *Adolescências e narrativas memorialísticas:* escutando apostas inconscientes. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2020.

GUERRA, A. M. C.; MOREIRA, J. O.; SILVA, A. C. D. Narrativas memorialísticas e arte na cena da pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais. *Revista Psicologia em Estudo*. No prelo.

GUERRA, A. M. C.; MOREIRA, J. O.; OLIVEIRA, L. V.; LIMA, R. G. The Narrative Memoir as a Psychoanalytical Strategy for the Research of Social Phenomena. *Psychology*, v. 8, n. 8, pp. 1238-1253, 2017.

LACAN, J. O aturdito (1972). *In:* _____. *Outros escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 448-497. (Campo Freudiano no Brasil).

LANDOWSKI, E. Modos de presença visível. *In:* OLIVEIRA, A. C. (Org.). *Semiótica plástica*. São Paulo: Hacker, 2004. p. 97-112.

MENDONÇA, V. R. *O contexto e a mediação da recepção na Arte Contemporânea. Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 18 - Transversalidades nas Artes Visuais - 21 a 26 set. 2009*. Salvador, 2009. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/vera_rodrigues_de_mendonca.pdf. Acesso em: 30 nov. 2021.

RANCIÈRE, J. *O inconsciente estético*. Tradução**:** Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2009.

RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível:* estética e política. Tradução**:** Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2005.

RIVERA, T. *O avesso do imaginário:* arte contemporânea e psicanálise. São Paulo: Cosac Naify, 2018.

ROCHA, G. M. *Olho clínico:* ensaios e estudos sobre arte e psicanálise. Belo Horizonte: Scriptum, 2008.

SOUZA, R. N. C. Fotografia: o instante e o permanente. *Ide*, v. 37, n. 59, p. 111-114, 2015.

Recebido em: 25/05/2022
Aprovado em: 20/06/2022

Sobre os autores

Andréa Máris Campos Guerra
Psicanalista.
Graduada em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF).
Mestre em psicologia social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
Doutora em teoria psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Tem estudos aprofundados em Rennes II (França), pós-doutorado na Universidade Paris 8 Vincennes e Saint Denis, Universidade Paris 8, França.
Professora Adjunta da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
Pesquisadora com bolsa de produtividade do CNPq e com pesquisa "*Adolescências e leis* " financiada pela FAPEMIG.
Coordenadora do Núcleo de Pesquisa Psicanálise e Laço Social no Contemporâneo (PSILACS) da UFMG.

E-mail: andreamcguerra@gmail.com

Jacqueline de Oliveira Moreira
Psicanalista.
Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
Doutora em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pós-doutorado, na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE).
Professora da pós-graduação em psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).
Integrante do corpo docente do mestrado e doutorado em psicologia (Conceito 5 CAPES).
Coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Crítica Social (LAPCRIS - PUC Minas).
Bolsista Produtividade CNPq PQ2.

E-mail: jackdrawin@yahoo.com.br

Amanda Lessa Malta
Graduada em psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com ênfase em processos clínicos.
Mestre em psicologia, área de concentração: estudos psicanalíticos, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
Integrante do Núcleo de pesquisa Psicanálise e Laço Social no contemporâneo (PSILACS) da UFMG.

E-mail: amandalmalta@gmail.com

Rodrigo Goes e Lima
Graduação em psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com ênfase em processos clínicos.
Formação complementar aberta em ciência política.
Pós-graduado em psicanálise: clínica da criança e do adolescente (PUC Minas).
Mestre em filosofia, área de concentração em psicanálise, pela The New School for Social Research (Nova York/EUA).
Integrante do Núcleo de pesquisa em Psicanálise e Laço Social no Contemporâneo (PSILACS).

E-mail: rodrigo.goeselima@gmail.com

Junio Marques da Silva
Músico.
Educador social.
Líder comunitário na área da cultura.
Coordenador e idealizador da Casa do *hip hop* Taquaril.
Arte educador conhecido no meio do *hip hop* como Rapper Blitz.

E-mail: blitzch2tmg@gmail.com

João Vitor Couto
Fotógrafo desde 2017.
Atualmente é fotógrafo oficial do cantor mineiro Milton Nascimento.
Tem entre seus principais trabalhos o registro fotográfico da comunidade ribeirinha de Itaquera (2018), do Acampamento Lula Livre (2018) e uma série expressiva de fotografias feitas na Palestina (2019).

E-mail: joaovitor.couto@gmail.com

Análise de crianças em tempos de pandemia: ecos no analista

Analysis of children in times of pandemic: echoes in the analyst

Anna Lúcia Leão López

Resumo

O trabalho propõe pensar o lugar do analista na clínica *on-line* com crianças durante a pandemia da covid-19. Como o analista, nessa clínica, lida com suas vivências tão arcaicas, infantis, ou seja, os ecos no analista da clínica psicanalítica com crianças em tempos de pandemia. Para contribuir com a reflexão, são apresentados fragmentos clínicos articulados com contribuições de Dolto, Gutfreind, Lacan e Quinet.

Palavras-chave: Psicanálise com crianças, Pandemia, Extimidade, Atendimento *on-line*.

Enfim, poder se refugiar com lucidez num canto do sonho, nos momentos difíceis da vida, é um recurso fundamental na saúde de cada criança e de todos nós
Celso Gutfreind

Em 2021, durante o processo de construção do trabalho apresentado na XII Jornada de Psicanálise do Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção RJ, cujo tema foi "Para além da pandemia: ecos na psicanálise", a autora e sua família foram atravessadas pela Covid-19.

Não foi preciso passar pelo momento da internação, porém os sintomas (febre, perda do olfato e paladar, cansaço, dores no corpo) foram intensos. Dores horríveis no corpo, vivência na pele das dores sentidas na pandemia. Parafraseando Margareth Dalcomo, estamos saindo dessa pandemia "com mais cicatriz do que pele" (SPCRJ, 2020). Foram dias de luta, nos quais o corpo era o campo de batalha, com muitos medos e fantasmas perambulando pela casa. Momentos de muita conversa com a criança que permanece em nós que, além de falar de morte, falava sobre Eros, renascimento, mudanças e sobre os acontecimentos dos anos 20 (1920 e 2020). É essa vivência que atravessa, neste artigo, a reflexão sobre o analista de crianças na clínica *on-line* durante a pandemia.

Segundo Bick (*apud* Vidal, 2017, p. 27), a clínica psicanalítica com crianças "impõe sobre o analista de crianças uma grande dependência de seu inconsciente, no entendimento dos significados de jogos infantis e do comportamento pré-verbal".

Aqui ressaltamos a importância da análise pessoal na formação permanente do analista, uma vez que ela é um dos pés do tripé que sustenta o analista na sua poltrona. Análise que precisa ser revisitada ao longo do ofício da psicanálise, para o analista se manter nessa poltrona que, de acordo com Lopez (2019, p. 40), "não tem nada de confortável. Essa poltrona é desconfortável, é espinhosa". É na análise pessoal que o analista pode encontrar a possibilidade de ocupar sua função suportando o desconforto.

A partir dessas reflexões e para pensar os ecos no analista da clínica psicanalítica *on-line* com crianças em tempos de pandemia da covid-19, serão apresentados fragmentos clínicos articulados com contribuições de Dolto, Gutfreind, Lacan e Quinet.

Clara, uma menina de 5 anos, chega à análise por um pedido dela. Ela queria falar sobre o seu "medo de cachorro" que "apareceu" na pandemia. No primeiro encontro, Clara fala claramente: "Anna, quero falar sobre os meus medos!" Foram várias sessões nas quais ela desenhava seus medos, criava histórias sobre eles e encenava. Mostrava fotos, livros e brinquedos de que gostava e através deles podia contar suas histórias. Aqui é importante afirmar: somos tecidos de histórias. Somos feitos essencialmente de mãe, pai e histórias. Como nos diz Gutfreind (2010, p. 20), "[u]ma palavra leva à outra, e o sentido se faz; quando se desfaz, já longe da mãe e do pai, é o (re)encontro de uma história que o refaz. E precisamos refazer sempre".

Durante as sessões, participava a "boneca que tira medo de criança", como Clara nomeava. Ela ficava presente, no encosto da poltrona da analista. Na tela, a boneca aparecia como se estivesse no ombro da analista. Era uma boneca de pano, em cujo avental estava escrito o nome da analista. Clara também tinha a sua boneca de pano com o seu nome no avental e permanecia com ela durante as sessões. Podemos pensar que as bonecas representavam a relação transferencial construída ao longo das sessões. As bonecas, analista-analisanda, ficavam presentes todo o tempo.

Clara cantava músicas e improvisava bastante. Destacamos aqui uma improvisação que foi muito importante para o seu percurso analítico, que dizia: "lá-lá-lá um caminho vou achar". E foi através desse trabalho, os caminhos que ela foi podendo achar ao longo das sessões, que Clara pôde se deparar com o medo da perda do pai ao ser acometido pela covid-19. Pai e filha sobreviveram e caminhos foram encontrando. O cachorro não ameaçava mais.

Com a virada dos atendimentos presenciais para *on-line*, a clínica psicanalítica com crianças apresentou muitas dificuldades e exigiu muito trabalho pessoal do analista. Entretanto, Clara mostra que é possível o estabelecimento da relação transferencial na clínica *on-line* com crianças, que pode existir demanda de análise por parte da criança, com possibilidade de elaborações.

Quinet (2021) em *Análise on-line na pandemia e depois*, diz que o analista na análise *on-line* entra na intimidade do sujeito, na sua casa, onde tem suas coisas mais íntimas. No *on -line*, o sujeito abre a câmera e o analista está ali, e entra na sua intimidade. O autor traz à tona o conceito lacaniano que designa o lugar do objeto causa de desejo: a extimidade. É uma exterioridade íntima e uma intimidade externa. Esse lugar topológico do analista, dentro da casa do sujeito, mas com o exterior, que revela o lugar da extimidade, essa intimidade da própria causa de desejo, lugar onde deve estar o analista – uma exterioridade íntima.

Vale lembrar que não existe um modelo ou forma de atendimento no ofício do analista. Não existe receita! O analista utiliza esse dispositivo analítico da melhor forma possível, considerando a liberdade do ato e a interpretação, e atentando para o fato que o analista está subordinado à psicanálise. Essa liberdade é essencial, vai de acordo com o estilo de cada analista, e supõe um trabalho árduo na análise pessoal do analista. Por isso, Lacan ([1958] 1998) nos adverte no texto *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, quando nos fala que o analista é livre em relação à tática da interpretação, menos livre em relação ao manejo da transferência e muito pouco livre em relação à política da falta-a-ser que orienta o tratamento. Nesse texto, Lacan ([1958] 1998, p. 624) diz: "observa-se que o analista, no entanto, dá a sua presença, mas creio que a princípio ela é implicação de sua escuta, e que esta é apenas a condição de fala".

Aqui apresentamos outro fragmento clínico para a reflexão do lugar do analista na

clínica *on-line* em tempos de pandemia, de mortes, de lutos, de perdas. Rosa, uma analisanda, cronologicamente adulta como todos nós, retorna à análise enlutada pelo falecimento do pai por covid-19. É importante ressaltar que ela havia realizado um período de análise presencial antes da pandemia. Interrompeu no início da pandemia e retorna à análise *on-line* com "medo de tudo ser a última vez".

Rosa, no seu trabalho de luto do pai, traz à tona sua criança, seu desamparo. Rosa passa pelo luto de um casamento que teve que ser adiado por causa da pandemia. E, em decorrência da morte do pai por covid-19, não o teria mais ao seu lado para entrar com ela na igreja.

Quinet (2021) diz que o sujeito do inconsciente não tem idade. O infantil em Freud se refere à própria estrutura do inconsciente, que é atemporal. E o desejo permanece estruturalmente com a marca infantil. Em nossa estrutura subjetiva, todos somos crianças. Na investigação analítica, descobrimos que a infância está o tempo todo presente em Outra cena.

Como diz o autor, o

> [...] sujeito do Inconsciente está ali, a criança associa e, mesmo quando é analfabeta, como a criança pequena que não sabe ler e nem escrever, ela desenha, fala, comete atos falhos, tem sintomas, transferência e tudo mais, como numa análise de adultos (Quinet, 2021, p. 45).

Assim como Rosa, não sabemos quando vai ser a última vez. Dolto (2008) diz que morremos porque vivemos. A morte faz parte do próprio destino do ser vivo, e as crianças sabem muito bem disso. Morremos quando tivermos terminado de viver. Vivemos nossa morte, mas não assistimos a ela: nós a realizamos. Os corpos morrem. Mas enquanto houver pessoas que se lembrem deles com amor, eles não morrem.

Gilberto Gil, com sua arte, expressa em letra e música a reflexão de Dolto:

Não tenho medo da morte[1]

Não tenho medo da morte
Mas sim medo de morrer
Qual seria a diferença
Você há de perguntar
É que a morte já é depois
Que eu deixar de respirar
Morrer ainda é aqui
Na vida, no Sol, no ar
Ainda pode haver dor
Ou vontade de mijar

A morte já é depois
Já não haverá ninguém
Como eu aqui agora
Pensando sobre o além
Já não haverá o além
O além já será então
Não terei pé nem cabeça
Nem fígado, nem pulmão
Como poderei ter medo, hein
Se não terei coração?

Não tenho medo da morte
Mas medo de morrer, sim
A morte é depois de mim
Mas quem vai morrer sou eu
Derradeiro ato meu
E eu terei de estar presente
Assim como um presidente
Dando posse ao sucessor
Terei de morrer vivendo
Sabendo que já me vou

Aí nesse instante, então
Sentirei quem sabe um choque
Um piripaque, um baque
Um calafrio ou um toque
Coisas naturais da vida
Como comer, caminhar
Morrer de morte matada
Morrer de morte morrida
Quem sabe eu sinta saudade, hein
Como em qualquer despedida

1. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HO1manZ2wek.

Como último fragmento clínico, apresentamos Golias. Um menino de 10 anos. Ele pede aos pais para retornar a análise por causa do "separamento" (como ele mesmo chama a separação dos pais): "quero voltar a conversar com a Anna". Vale destacar que, no ano 2018, ele esteve em análise com a autora trabalhando questões sobre a sua mudança de cidade e de colégio.

Nesse segundo tempo de análise, mergulhos analíticos são feitos por Golias. Destacamos:

> A vida é uma série! Me sinto uma peça, usado no 'separamento'. Juntos eles sabiam me fazer feliz, separados eles não conseguem! O que responder quando eles perguntam se estou triste ou alegre? Eu decido o que me faz feliz. Me vejo pequeno e minha mãe me vê grande.

Segundo Dolto (2005, p. 265), as "crianças estão na fonte do saber. São metafísicas. Seres que apresentam as verdadeiras questões. Como os pesquisadores, elas procuram respostas".

Golias, ao longo das sessões, expressa o desejo de ser escutado, por isso solicita novamente o seu espaço de análise. Dolto (2005, p. 323) ressalta que "os adultos querem compreender as crianças e dominá-las. Eles deveriam escutá-las". Podemos escutar Dolto. As crianças nos apresentam questões profundas sobre nós mesmos. Por isso, é necessário estudar cada criança, descobrir qual a natureza dela e ajudá-la a superar da melhor maneira possível sua dificuldade.

Sem a pretensão de concluir, mas principalmente de instigar reflexões, trazemos novamente Gutfreind (2010, p. 14), que nos diz: "Para escutar crianças, é preciso parar de correr e, principalmente, de ter medo da própria infância".

Abstract

The work proposes to think about the analyst's place in the online clinic with children during the covid-19 Pandemic. How the analyst, in this clinic, deals with his experiences so archaic, childish, that is, the echoes in the analyst of the psychoanalytic clinic with children in times of pandemic. To contribute to the reflection, clinical fragments articulated with contributions from Dolto, Gutfreind, Lacan and Quinet will be presented.

Keywords: *Psychoanalysis with children, Pandemic, Extimacy, On-line child care.*

Referências

DOLTO, F. *A causa das crianças*. Tradução: Ivo Storniolo e Yvone M. C. T. da Silva. São Paulo: Ideias e Letras, 2005.

DOLTO, F. *Quando os filhos precisam dos pais*. Tradução: Claudia Berliner e Marcia Valeria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GUTFREIND, C. *Narrar, ser mãe, ser pai e outros ensaios sobre a parentalidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958). *In:* ____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 591-652. (Campo Freudiano no Brasil).

LOPEZ, A. L. L. As diversidades da clínica psicanalítica. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 52. p. 37-43, dez. 2019.

QUINET, A. *Análise online:* na pandemia e depois. Rio de Janeiro: Atos e Divãs, 2021.

SPCRJ. XXIII JORNADA DE PSICANÁLISE DA SPCRJ - 2ª Mesa: Psicanálise e Medicina. YouTube, 09 nov. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wbwxYD9LCZ4. Acesso em: 29 out. 2022.

VIDAL, M. *Método de observação de bebês modelo Esther Bick:* o ensino da contratransferência para psicanalistas e psicólogos. Curitiba: Juruá, 2017.

Recebido em: 10/06/2022
Aprovado em: 26/07/2022

Sobre a autora

Anna Lucia Leão Lopez
Psicanalista, membro efetivo, supervisora clínica e professora do curso de formação psicanalítica do Centro de Estudos Antônio Franco Ribeiro da Silva - Círculo Brasileiro de Psicanálise - seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).
Coordenadora do Núcleo de Estudos Psicanalíticos da Infância e Adolescência (NEPsI).
Curso de Observação de Bebês (Modelo Esther Bick) – Ministrado e Supervisionado por Maria da Conceição Davidovich (2018-2019).
Presidente CBP-RJ (2004-2006; 2006-2008; 2018-2020; 2020-2022).
Musicista pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Musicoterapeuta pelo Conservatório Brasileiro de Música - Centro Universitário.
Especialista em psicanálise pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).
Especialista em educação psicomotora pelo Centro Universitário do Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação (IBMR).
Mestre em pesquisa e clínica em psicanálise pelo Instituto de Psicologia da UERJ.

E-mail: annalucia2004@gmail.com

O umbigo do samba: a interpretação analítica na obra de João Gilberto

The navel of samba: psychoanalytic interpretation in the art of João Gilberto

Bernardo Costa Couto de Albuquerque Maranhão
Guilherme Massara Rocha

Resumo
Neste artigo, tratamos de evidenciar o que a psicanálise pode aprender com a canção – ou, mais especificamente, o que o psicanalista pode aprender com João Gilberto sobre interpretação. Essa discussão tem como pano de fundo uma aproximação entre o gaio saber dos trovadores medievais, tal como Lacan o toma ao tratar da interpretação analítica em um trecho de *Televisão*, por um lado, e a "gaia ciência brasileira" a que se refere José Miguel Wisnik em um de seus estudos sobre música popular e literatura no Brasil, por outro. O argumento avança no sentido de reconhecer, em diversos aspectos da obra e da *performance* de João Gilberto, pontos de referência para uma apreensão do que está em jogo na interpretação analítica, em três frentes principais: o trato com o real da linguagem; a experiência do final de análise; e a constituição de um estilo na práxis do psicanalista.

Palavras-chave: Gaia ciência, Jacques Lacan, Lalangue, Interpretação, Sintoma, Estilo.

Sobre a interpretação, o que pode o psicanalista aprender de João Gilberto? Essa é a pergunta que guia a escrita deste artigo. Antes de ensaiar possíveis respostas a essa pergunta, convém explicitar o caminho pelo qual ela veio a ser formulada. Esse caminho se forma pela confluência de dois outros: de um lado, a consideração da interpretação analítica sob o prisma do gaio saber, sugerida por Lacan ([1974] 2003) em uma passagem de *Televisão*; do outro, a caracterização da canção popular urbana brasileira como uma gaia ciência, proposta por José Miguel Wisnik (2004) em seu artigo *A gaia ciência: literatura e música popular no Brasil*.

O gaio saber dos trovadores medievais é uma referência importante, para os analistas de orientação lacaniana, nos debates contemporâneos sobre a interpretação em psicanálise. Isso se verifica, por exemplo, na discussão da noção de interpretação-acontecimento (Laurent, 2018), uma modalidade assemântica de interpretação que trata de evidenciar, para o analisando, a opacidade de seu gozo e o vazio da linguagem. Em vez de apelar à intelecção e ao deciframento do sentido, essa forma de interpretação procura incidir sobre o corpo do analisando de modo a produzir um acontecimento capaz, em última instância, de "extinguir o sintoma" (Laurent, 2018, p. 72-73).

Entre as referências que evoca para tratar da interpretação-acontecimento, Éric Laurent (2018) destaca um aspecto identificado por Lacan nos poemas clássicos chineses, a saber, a sobreposição que há entre o legível e o cantável nesses poemas, graças ao uso engenhoso das modulações tonais próprias da língua chinesa. O analista pode se inspirar nessa modalidade cantável de leitura, por

um lado, para tomar o significante em sua "moterialidade" (Lacan, 1975) de modo a "fazer soar outra coisa, outra coisa que não o sentido" (Lacan, 1976-1977, s.p.)[1] e, por outro lado, para explorar o campo polifônico e polissêmico das homofonias por meio de uma escuta que lê "o escrito na fala" (Miller, 2012).

A pertinência da interpretação analítica ao território do poema e mesmo da canção também é indicada por Lacan em *Televisão*, quando ele se refere ao gaio saber dos trovadores e caracteriza esse saber como a virtude de "não compreender, fisgar no sentido, mas roçá-lo tão de perto quanto se possa" (Lacan, [1974] 2003, p. 525). O analista pode se valer desse saber alegre e virtuoso ao trabalhar com o equívoco, a homofonia, a escansão e o corte, de modo a afetar o ser falante em sua "substância gozosa" (Lacan, [1972-1973] 1985, p. 35; Bassols, 2015, p. 14) e, assim, propiciar um despertar, derivado da "produção de um efeito de sentido real como produção de um acontecimento de corpo" (Laurent, 2018, p. 71).

Ao interpretar a partir das referências que se condensam nessas menções de Lacan à poesia chinesa e ao gaio saber, o analista age menos como um hermeneuta, às voltas com camadas de deciframento do sentido, do que como um *performer*, em ressonância com as modulações da matéria fônica do significante. Essas duas figuras, sugeridas aqui de modo meramente ilustrativo, representam duas maneiras de interpretar postas em ação pelo analista: sob a figura do hermeneuta, a interpretação pela via do sentido, privilegiada por Lacan na primeira década e meia de seu ensino e ligada ao inconsciente estruturado como uma linguagem; sob a figura do *performer*, a interpretação-acontecimento, assemântica, discutida nos anos finais do ensino lacaniano e ligada ao inconsciente que é um "saber-fazer com lalíngua" (Lacan, [1972-1973] 1985, p. 179).

Ao longo deste estudo, ficará evidente que essas duas maneiras de interpretar têm seu lugar no trabalho analítico. Em todo caso, maior atenção será dada à interpretação tal como a concebe o último Lacan, aqui associada à noção de *performance*, mesmo porque o percurso delineado neste artigo é guiado por uma pergunta sobre o que pode o intérprete analista aprender com um intérprete cancionista.

A gaia ciência brasileira

Essa questão tem um apelo especial no contexto brasileiro. Afinal, a canção popular urbana aqui se desenvolveu com tamanha densidade crítica e estética e com tanta influência sobre as formas locais de subjetividade e de sociabilidade, que engendrou uma verdadeira "gaia ciência brasileira" (Wisnik, 2004, p. 213-239). A teia de recados que vai se tecendo por meio das canções constitui um espaço de reflexão e debate sobre os problemas sócio-históricos do país, um modo de sentir-pensar o Brasil, ao mesmo tempo que engaja uma refinada educação sentimental na esfera da intimidade. Além disso, na gaia ciência brasileira é possível reencontrar os dois principais aspectos que Lacan destaca no gaio saber dos trovadores medievais: a oposição à tristeza e o trato com o real da linguagem.

"Oposto à tristeza, há o gaio saber", diz Lacan ([1974] 2003, p. 525) em *Televisão*. É interessante observar que o que ele considera oposto à tristeza não é a alegria, simplesmente, mas o gaio saber. A tradição dos cancionistas da gaia ciência brasileira também põe em xeque a noção de que a tristeza é um afeto ao qual se opõe a alegria, pura e simplesmente. Além disso, essa tradição não endossa o mito de que o brasileiro é um povo alegre. O samba, a bossa nova, a MPB e suas derivações, o *rap* nacional – para nomear as correntes da nossa música popular urbana que mais se afinam com a ideia de

1. LACAN, J. *Seminário 24: L'insu qui sait de l'une-bévue s'aille à mourre*. Aula de 19 abr. 1977. Inédito. Disponível em: www.staferla.free.fr.

uma gaia ciência brasileira – podem de fato ser tomados como antídoto contra a melancolia que subjaz ao laço social brasileiro no que ele tem de escravagista, repressivo, autoritário e mortífero. No entanto, mais do que uma alegria infundada, quase frívola, o que parece estar no cerne dessas expressões poético-musicais é uma alegria temperada pelo desencanto em vista dos aspectos mais ferozes e obscenos da vida social brasileira. É exemplar, quanto a isso, o elogio à preguiça presente em uma infinidade de sambas – sob as figuras da orgia, da boemia, da vadiação, da malandragem – como expressão da resistência de um povo à escravidão e às formas de vulnerabilidade social pós-abolição, observa Maria Rita Kehl (2018).

O equilíbrio delicado que na canção se dá entre a fala e o canto resulta do trato que o cancionista entretém com o real da linguagem, um trato que pode ser definido em termos lacanianos como um "saber-fazer com *lalíngua*", de modo a sugerir uma aproximação entre o gaio saber do cancionista e o saber inconsciente:

> A linguagem, sem dúvida, é feita de *lalíngua*. É uma elucubração de saber sobre *lalíngua*. Mas o inconsciente é um saber, um saber-fazer com *lalíngua*. E o que se sabe fazer com *lalíngua* ultrapassa de muito o de que podemos dar conta a título de linguagem. *Lalíngua* nos afeta primeiro por tudo que ela comporta como efeitos que são afetos. Se se pode dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, é no que os efeitos de *lalíngua*, que já estão lá como saber, vão bem além de tudo o que o ser que fala é suscetível de enunciar (Lacan, [1972-1973] 1985, p. 190).

Em outras palavras, o saber-fazer com *lalíngua*, esse modo de se virar com o real do gozo de *lalíngua* no corpo, com esses efeitos que são afetos, é algo que caracteriza o inconsciente como um saber. Em grande medida, é desse mesmo saber que se serve o cancionista para entrelaçar melodia e letra de uma maneira que possa convencer e comover o ouvinte. E é de notar que o saber-fazer com *lalíngua* requerido na feitura de uma canção não necessariamente se confunde com a habilidade específica do poeta ou do músico. Afinal, observa Luiz Tatit (2007, p. 230), "ser um bom músico ou um bom poeta não é requisito para ser um bom cancionista. Há um 'artesanato' específico para se criar boas relações entre melodia e letra".

Nesse artesanato, a habilidade mais importante é equilibrar, na canção, a voz que canta e a voz que fala. Coisa que João Gilberto faz como ninguém. A canção que João escolhe para interpretar, ele a decompõe e recompõe, no "trabalho microcósmico incessante [...] [de] manter o frágil equilíbrio entre a celeridade ruidística e aperiódica da voz falante e os perfis sonoros estabilizados pela música" (Wisnik, 2004, p. 223). Em João, "as fronteiras entre voz que fala e voz que canta vão se diluindo e dando lugar ao grão que, a essa altura, podemos entender como o encontro feliz da interinidade com a perpetuação" (Tatit, 1995 citado por Wisnik, 2004, p. 223). E é nesse ponto minúsculo do grão da voz gilbertiano que se miram os maiores cancionistas brasileiros, em suas variadas maneiras de compor e de cantar (Tatit, 1995 citado por Wisnik, 2004, p. 222). Donde a pergunta: sobre a interpretação, o que pode o psicanalista aprender de João Gilberto?

"Melhor do que o silêncio, só João"[2]

João Gilberto é a principal referência da canção brasileira. Ao mesmo tempo que ilumina tudo o que vem depois, João dá novo significado à história que o antecede. Em seus discos, além das composições de seus contemporâneos mais próximos (Jobim, Menescal, Lyra), de uma ou outra canção estrangeira antiga e de raras composições próprias, João canta as canções de uns poucos antecessores

2. Último verso da canção *Pra ninguém*, de Caetano Veloso (no disco *Livro*, de 1997).

seus, em especial Ary Barroso, expoente do auge da era do rádio, Dorival Caymmi, inventor de canções que, embora radicalmente modernas, parecem ancestrais, e Geraldo Pereira, herdeiro da veia cronista e humorística de Noel Rosa. A respeito dessas escolhas, observa Lorenzo Mammì (2017):

> É como se João Gilberto, em plena febre desenvolvimentista, fosse procurar uma modernidade um pouco mais recuada, que já estava lá, e que por sua vez era baseada na releitura de uma tradição ainda mais antiga (MAMMÌ, 2017, p. 33).

> O paradigma de *Chega de saudade* insere, na projeção do país do futuro, uma modernidade que vem de trás. No fundo, é nesse momento, a partir do corte e da recuperação que a bossa nova opera, que se define o conceito de samba clássico e a música popular brasileira começa a ter uma história (Mammì, 2017, p. 34).

Junto com Tom Jobim, João Gilberto estabelece um "projeto de depuração de nossa música, de triagem estética, que se torna modelo de concisão, eliminação de excessos, economia de recursos e rendimento artístico" (Tatit, 2004, p. 179). O processo de decantação implicado nesse projeto conduz a uma "*protocanção*, uma espécie de grau zero que serve para neutralizar possíveis excessos passionais, temáticos ou enunciativos" (Tatit, 2004, p. 81, grifo do autor). Parafraseando a célebre expressão da interpretação dos sonhos freudiana, pode-se dizer que, com sua maneira de decompor e recompor a canção brasileira em suas linhas de força fundamentais, João Gilberto chega ao umbigo do samba.

Além de propiciar agilidade e maleabilidade de ritmo, o cantar próximo da fala também expressa o entendimento, onipresente na obra de João, de que a essência da canção está em um modo de dizer. A esse respeito, seus próprios depoimentos são bastante expressivos. Em entrevista concedida a Tárik de Souza, João declara, a respeito de Orlando Silva: "Ele foi o maior cantor do mundo em sua época. Sabia falar as frases com naturalidade e não exagerava em nenhum ponto da música".[3] Ao empregar o verbo "falar" em vez de "cantar", comenta Zuza Homem de Mello (2001, p. 43), "João Gilberto dá uma dica do que mais valoriza num cantor: saber falar". Em outro trecho da entrevista, João se detém mais longamente sobre sua própria maneira de cantar:

> Eu acho que as palavras devem ser pronunciadas da forma mais natural possível, como se estivesse conversando. Qualquer mudança acaba alterando o que o letrista quis dizer com seus versos [...]
>
> É preciso que o som da voz encaixe bem no do violão, com a precisão de um golpe de caratê, e a letra não perca sua coerência poética [...] Ele [Dr. Pedro Bloch, foniatra] me ensinou a usar a respiração de uma forma que não interferisse na pronúncia das palavras. Cada letra, inclusive, conforme pronunciada, usando mais a garganta ou o nariz, pode dar um efeito diferente dentro da música.[4]

No modo como João interpreta as canções, destaca Lorenzo Mammì (2007, p. 21), a essência está "numa determinada inflexão da voz, no jeito de pronunciar uma sílaba que é comum à fala e ao canto. Não por acaso, os únicos dois textos musicados de sua autoria se baseiam em assonâncias sem sentido: 'Bim Bom' e 'Hô-ba-lá-lá'".[5] A intuição fundamental de João Gilberto é que se pode empregar o *rubato*, retardando ou aceleran-

3. O mito sem mistério. *Veja*, 12 maio 1971 citado por Homem de Mello, 2001, p. 43.
4. O mito sem mistério. *Veja*, 12 maio 1971 citado por Homem de Mello, 2001, p. 43.
5. Além de *Bim Bom* e *Hô-ba-lá-lá*, outra música de João Gilberto com essas características mencionadas por Lorenzo Mammì é *Undiú,* composta por João Gilberto e gravada no "álbum branco", de 1973.

do o andamento do canto, não com fins dramáticos como faziam os cantores da era do rádio, mas de forma estrutural:

> Distribuindo os dois caracteres básicos e complementares da prosódia brasileira, acentuação marcada e articulação frouxa, em dois planos distintos, o da batida sincopada do violão e o da emissão vocal ininterrupta, João Gilberto cria uma dialética suficiente para transformar a melodia num organismo que se autossustenta, que não precisa de apoios externos para se desenvolver. Não podemos dizer, de fato, que o canto de João Gilberto se apoie sobre os acordes do acompanhamento. Muitas vezes, o que se ouve é o contrário, acordes pendurados no canto como roupas no fio de um varal (Mammì, 2007, p. 23).

Em todo caso, a integração entre o canto e o acompanhamento, no seu jogo de polirritmia em "contradição sem conflitos" (Garcia, 1999), dá-se em João Gilberto tão perfeitamente que a impressão que se tem é que "o conjunto de voz e violão é um todo, um som completo, uma forma musical única [e] só assim pode ser ouvido e entendido" (Homem de Mello, 2001, p. 10).

O hermeneuta e o *performer*

A escolha de João Gilberto como referência para este ensaio de pontes possíveis entre a gaia ciência brasileira e a interpretação analítica se deve certamente à posição solar de João no sistema planetário da música brasileira. Contudo, também contribui para essa escolha o fato de que, em sua obra, João tenha sido mais frequentemente intérprete do que compositor. Embora tenha composto algumas canções, e embora sua interpretação implique sempre decompor a canção e recompô-la à sua maneira, João é sobretudo um intérprete. Nesse sentido, sua figura é ideal para um possível paralelo entre o analista e o cancionista, num enquadre que pretende reconhecer que o psicanalista é hoje menos hermeneuta do que *performer*.

Esse enquadre, aliás, requer algumas considerações. A menção ao hermeneuta é aqui feita sem maior compromisso, na falta de uma alegoria mais apropriada, apenas para evocar uma interpretação que visa o sentido. A rigor, ainda que um filósofo eminente como Paul Ricœur (1965) tenha se debruçado sobre a obra de Freud a fim de caracterizar a interpretação analítica como uma hermenêutica, a analogia entre o psicanalista e o hermeneuta tem um alcance bem restrito. Isso porque, mesmo quando tem em mira o sentido, o analista não visa o sentido convencionado de um texto compartilhado por uma comunidade de leitores, como faria o hermeneuta. Em vez disso, se há um sentido que o psicanalista procura explicitar, é o sentido sexual, insuspeitado, perturbador, desses "textos" heteróclitos que são as formações do inconsciente.

Numa perspectiva mais afeita ao último Lacan, observa Éric Laurent (2018, p. 67), "o psicanalista só consegue acertar o alvo se se mantiver à altura da interpretação operada pelo inconsciente, já estruturado como uma linguagem". E a linguagem em questão não se reduz à concepção mecânica que dela se possa ter na linguística. "É preciso acrescentar-lhe a topologia da poética. A função poética revela que a linguagem não é informação, mas ressonância, e põe em relevo a matéria que liga o som e o sentido" (Laurent, 2018, p. 67).

A partir desses apontamentos de Laurent em torno de uma interpretação analítica que está além – ou aquém – do sentido, parece pertinente evocar a figura do analista como *performer*. Essa evocação ganha um apelo adicional em face das considerações de Paul Zumthor ([1977] 2010, p. 166) sobre o que está em jogo quando se trata da *performance* vocal.

> *Performance* implica *competência*. Além de um saber-fazer e de um saber-dizer, a *performance* manifesta um saber-ser no tempo e no espaço. O que quer que, por meios linguísti-

> cos, o texto dito ou cantado evoque, a *performance* lhe impõe um referente global que é da ordem do corpo... [A] *performance* é também instância de simbolização: de integração de nossa relatividade corporal na harmonia cósmica significada pela voz; de integração da multiplicidade das trocas semânticas na unicidade de uma presença (grifo do autor).

Embora o referencial das considerações tecidas por Zumthor ([1977] 2010) em torno da *performance* seja distinto daquele em que se dão as discussões no campo da psicanálise, alguns marcos são, ao que parece, transportáveis de um campo a outro – em especial, a presença do real do corpo, manifestada pela voz, em sobreposição ao simbólico do texto que essa voz entoa.

A caracterização do analista como *performer* também encontra respaldo nas expressões com que Lacan, nos anos finais de seu ensino, refere-se à interpretação analítica. Nos escritos e seminários desse tempo, a interpretação corresponde a "essas forçagens por meio das quais um psicanalista pode fazer soar outra coisa, outra coisa que não o sentido" (Lacan, 1976-1977 citado por Laurent, 2018, p. 72);[6] o dizer do analista deve "passar pelas entranhas" (Lacan citado por Miller, 2015, p. 34) do analisando, isto é, afetar o ser falante em seu corpo; incumbe ao analista "fazer acordo com a pulsação do corpo falante" (Miller, 2015, p. 34). Sob essa perspectiva, a interpretação analítica tem muito em comum com aquilo que se dá, no campo da canção ou da poesia oral, com a *performance* vocal, a respeito da qual observa Michel Poizat (2001, p. 130): "a experiência da voz, como toda experiência de gozo, é, com efeito, algo eminentemente corporal: a voz parte de um corpo para *tocar* um outro corpo" (grifo do autor).

6. Lacan, J. *Seminário 24: L'insu qui sait de l'une-bévue s'aille à mourre.* Aula de 19 abr. 1977. Inédito. Disponível em: www.staferla.free.fr.

João e a química silábica

João Gilberto é sensível como ninguém à gama de "efeitos que são afetos" com que um corpo pode ser tocado pela voz de outro corpo. Entre os vários aspectos que singularizam e tornam extraordinária a interpretação em João, destaca-se a precisão infinitesimal com que ele trabalha sobre o timbre, a duração, a intensidade e o ataque de cada sílaba. Como observa Lorenzo Mammì (2007, p. 24), "para João Gilberto, devemos citar as sílabas, como na música erudita se citam os compassos".

Esse "trabalho microcósmico" (Wisnik, 2004, p. 223) com a materialidade fônica do significante, a tratar cada sílaba como um elemento, faz recordar a ideia da "química silábica" a que se refere Freud ([1900] 1977) no capítulo 6 de *A interpretação dos sonhos*. Ao usar essa expressão, Freud tem em vista um mecanismo típico do chiste, que também aparece com certa frequência nos sonhos, e que consiste na separação e recombinação de sílabas.

Em suas palavras:

> Na vida de vigília essa mesma espécie de análise e síntese das sílabas [encontrada nos sonhos] – uma química silábica, de fato – desempenha seu papel num grande número de chistes (Freud, [1900] 1977, p. 317).

A obra freudiana é generosa em exemplos dessa química silábica. O caso mais célebre é provavelmente o trocadilho "familionário", que Freud comenta em *Os chistes e sua relação com o inconsciente* ([1905] 1977). Outro bem conhecido é o esquecimento do nome Signorelli, em *Psicopatologia da vida cotidiana* ([1901] 1977). No entanto, para um exame das relações entre a palavra falada e a palavra cantada, o exemplo mais interessante da química silábica freudiana é possivelmente o que se acha em *A interpretação dos sonhos*, em um sonho de Freud com a palavra "*hearsing*".

Segue o relato de Freud ([1900] 1977, p. 318):

> Num sonho confuso que eu próprio tive, de certa extensão, cujo pronto central parecia ser uma viagem marítima, afigurava-se que o próximo ponto de parada se chamava 'Hearsing' e o seguinte 'Fliess'. Esta última palavra era o nome de meu amigo de Berlim, que muitas vezes tinha sido o objetivo de minhas viagens. 'Hearsing' era um composto. Uma parte dele se originava dos nomes de lugares na estrada de ferro perto de Viena, que com tanta frequência terminam em '-ing': Hietzing, Liesing, Modling (Medelitz, '*meae deliciae*' era seu antigo nome – isto é, '*meine Freud*' ['meu deleite']). A outra parte derivou-se da palavra inglesa '*hearsay*' (boato).

Em comentário a esse relato, Mladen Dolar (2006, p. 142) se concentra no jogo estabelecido por Freud entre "*hearsay*" e "*hearsing*" e se admira: "'*Hearsing*' como oposto a '*hearsay*', '*hearsing*' lado a lado com '*hearsay*', inserido em '*hearsay*' – que descrição econômica da maneira como o significante opera no inconsciente". A irrupção fugaz e fulgurante do inconsciente nesse sonho é propiciada, diz Dolar, por um aspecto do significante que não contribui para a significação,[7] um aspecto que o autor, jogando com os termos "*hearsing*" e "*hearsay*", caracteriza como "o elemento do cantar no dizer". A análise é sempre baseada em *hearsay*, isto é, em boatos, mas é preciso, em meio ao *hearsay,* dar ouvidos ao *hearsing*, ou seja, "*give hearsing a hearing*" (Dolar, 2006, p. 142). O emergir do "*hearsing*" em "*hearsay*" marca o ponto em que *lalíngua* reaparece em meio à linguagem que sobre ela se estruturou. No dizer do autor, trata-se do ponto em que a voz toma a frente em relação ao significante. No mesmo passo, contudo, a interpretação pode pôr a perder essa irrupção da voz, tão logo procure enquadrá-la de volta no molde do significante, ao atribuir a "*hearsing*" um significado, afirma Dolar (2006). O autor observa ainda: "'*Hearsing*' é a alavanca da interpretação analítica, a maneira especial como a interpretação trata o '*hearsay*', mas é também a sua contraparte, uma vez que a interpretação incorre na ressignificação, enquanto '*hearsing*' a elude" (Dolar, 2006, p. 142). No arremate de seu comentário a esse caso exemplar da química silábica freudiana, Dolar recorda que o recurso para se pensar a palavra simultaneamente como significante e como objeto sonoro é o conceito lacaniano de *lalíngua*.

A perspectiva delineada por Dolar leva a crer, e com boas razões, que a concepção lacaniana da voz e o próprio conceito de *lalíngua* já se encontram em forma larvar no texto freudiano. A metamorfose que culmina na formulação dessas ideias na obra lacaniana é catalisada, ao que parece, pelo viés que Lacan decide privilegiar em sua leitura de Freud. A propósito, essa é a impressão que Haroldo de Campos ([1989] 2010, p. 177) manifesta em suas considerações sobre *O afreudisíaco Lacan na galáxia de lalíngua*:

> Para mim, até onde posso conjeturar, é esse Freud atento ao *design* sintático da linguagem, capaz de debruçar-se com ouvido sutilíssimo (não inferior em acuidade à escuta fonológica de um Jakobson) sobre a trama do som e do sentido, que está sobretudo subentendido na reivindicação mais funda de Lacan; é esse Freud 'micrológico', de preferência mesmo àquele outro, dos sempre citados ensaios que tematizam obras literárias e artísticas ou seus criadores.

A mecânica freudiana do chiste não é sem paralelo com a química silábica de João Gilberto. Para João, interpretar implica decompor a canção e recompô-la à sua maneira, e isso talvez possa ser levado à conta dos processos de análise e síntese a que se refere Freud em sua nota sobre a química silábi-

7. E, para evidenciar a presença da voz como objeto pulsional nessa irrupção, convém recordar que uma das definições lacanianas da voz é precisamente "aquilo que, do significante, não concorre para o efeito de significação" (Miller, [1994] 2013, p. 6).

ca. Mas o trabalho que João Gilberto faz em torno da sílaba se desenvolve sobretudo no campo sonoro de alturas, ataques, durações, intensidades, colorações timbrísticas. Quando João Gilberto canta – e diz – uma canção, o "encontro da pura vibração e da forma" (Calasso, 2004, p. 111) dá-se em cada sílaba de um modo que é ao mesmo tempo ímpar e integrado ao todo da canção, de uma maneira que tem o condão de fazer de cada canção um microcosmo. Sua química silábica vai de par com a aproximação, quase fusão, que ele promove entre a fala e o canto. No dizer de Lorenzo Mammì (2007, p. 25), "[o] horizonte ideal do processo é um ponto em que seja suficiente falar com perfeição para que a linha melódica brote espontaneamente da palavra, uma vez encontradas a inflexão e a cor exata de cada sílaba".

Com referência a esse horizonte ideal de uma melodia que emerge assim da fala, é de notar que muito do charme de uma canção deriva da impressão de naturalidade que ela transmite. Em um de seus ensaios, James Joyce ([1944] 1982 citado por Bernard, 2011, p. 45) – que, assim como Freud, rejubila-se por trazer no próprio nome a alegria – observa:

> Uma canção de Shakespeare ou de Verlaine, aparentemente tão livre e tão viva, e também tão distante de qualquer propósito consciente quanto a chuva caindo num jardim ou as luzes do entardecer, não é senão a expressão rítmica de uma emoção que nenhum outro procedimento teria podido comunicar com tamanha perfeição.

Essa aura de "uma espontaneidade conseguida" [8] que tem a canção – e que em João Gilberto alcança uma leveza sem igual – é fruto menos das forças naturais que do saber-fazer do cancionista às voltas com o real do gozo de *lalíngua*. Aliás, a presença de *lalíngua* se infiltra nas figuras da naturalidade evocadas por Joyce – a chuva e o entardecer –, seja na chuva de palavras característica da epifania joyceana,[9] seja, com um pouco mais de imaginação, na zona de indistinção, em certa medida crepuscular,[10] que há entre a fala e o canto. Faça chuva ou faça sol, fato é que a aura de espontaneidade em uma canção resulta de um trabalho. No caso de João Gilberto, especialmente, esse trabalho abarca não só o trato minucioso com a materialidade fônica da palavra entoada, mas também uma lida cuidadosa com o sentido de cada letra de música. Pois João, enquanto canta, está a falar e a fazer falar as palavras das canções. Vale lembrar o que ele mesmo diz:

> Eu acho que as palavras devem ser pronunciadas da forma mais natural possível, como se estivesse conversando. Qualquer mudança acaba alterando o que o letrista quis dizer com seus versos... É preciso que o som da voz encaixe bem no do violão, com a precisão de

8. José Miguel Wisnik, em depoimento no filme *Palavra encantada* (2009), dirigido por Helena Solberg.

9. Conforme indica David Bernard, referindo-se à epifania em Joyce: "A epifania consiste nesse efeito de chuva do significante, separado do sentido, ouvido em seu grau de equívoco e vindo desde então a afetar o sujeito em seu corpo. Mas ela também é o que impulsionará o jovem Stephen a se voltar para a letra. Pois é pela letra do poema, esvaziada de seu sentido mas entregue à sua voz, que Stephen tentará, a partir de então, se não reencontrar, pelo menos comemorar esse primeiro efeito de chuva cuja linguagem o afetou" (Bernard, 2011, p. 46). Esse efeito de chuva é também mencionado por Lacan numa intervenção feita em Milão em 4 fev. 1973, como recorda David Bernard (2011, p. 47): "A linguagem, propõe Lacan [no *Excursus*], é um '*cumulus* de gozo', com seus 'efeitos de chuva', seus 'efeitos de ravina', que fixarão no inconsciente do falante sua condição de letrado [...]".

10. Quanto a esse aspecto, ainda mais significativo que o fim da tarde é o nascer do sol, uma vez que no nome *aurora* se entrevê – ou se entreouve – uma conjugação entre *auris* e *ore*, isto é, o ouvido e a boca, o auditivo e o oral, conforme sugere Pascal Quignard (1987/2015) em suas considerações, precisamente, sobre a aurora do sujeito, ou seja, sobre o processo de sua impregnação pela linguagem.

> um golpe de caratê, e a letra não perca sua coerência poética.[11]

Em João, vão juntas a figura do hermeneuta, atento à coerência poética da letra, e a do *performer*, hábil para encaixar a voz no violão com a precisão de um carateca. De modo análogo, o analista intérprete, ainda que siga uma orientação rumo ao real, não pode se descolar completamente do simbólico. A interpretação do sentido das formações do inconsciente tem seu lugar ao longo do processo analítico e cumpre uma função importante sobretudo no estabelecimento da transferência, nos tempos iniciais da análise. No entanto, permanecer apenas no nível das interpretações de sentido corresponde a assumir o horizonte de uma análise infinita que mantém intocado o núcleo real do sintoma. Esse núcleo real é sem porquê, a dialética não o alcança. Acerca desse gozo singular, opaco e irredutível, que constitui o núcleo real do sintoma, observa Antônio Teixeira (2021):

> Sua opacidade revela-se no nível de um circuito pulsional encerrado sobre si mesmo, fechado a toda dialética, o qual diz respeito à incidência contingente, sobre o seu corpo, de uma declaração significante traumática, igualmente desprovida de razão de ser. O real se manifesta nessa palavra sem resolução semântica, que ressoa sobre o corpo do ser falante e da qual ele procura se defender (s.p.).

Tocar no núcleo real do sintoma é tarefa que requer do intérprete uma ação semelhante à do *performer*, uma interpretação concebida como acontecimento, que leve em conta o vazio central da linguagem, em sua ausência de significação, e que aponte para o sujeito a opacidade de seu gozo. Para entender melhor o que está em jogo nessa concepção de interpretação, convém voltar com mais vagar ao texto de Jacques-Alain Miller (2015, p. 34), citado antes brevemente, em que o autor diz que é preciso *s'accorder à la pulsation* – entrar em acordo, fazer um acorde, com a pulsação do corpo falante:

> A interpretação não é um fragmento de construção sobre um elemento isolado do recalque, como queria Freud. Ela não é a elucubração de um saber. Ela tampouco é um efeito de verdade prontamente absorvido pela sucessão das mentiras. A interpretação é um dizer que visa o corpo falante e, para produzir sobre ele um efeito, para *passar pelas entranhas*, dizia Lacan, isso não se antecipa, mas se verifica a posteriori, porque o efeito de gozo é incalculável. Tudo o que a análise pode fazer é entrar em acordo com a pulsação do corpo falante para se insinuar no sintoma. Quando se analisa o inconsciente, o sentido da interpretação é a verdade. Quando se analisa o *parlêtre*, o corpo falante, o sentido da interpretação é o gozo. Esse deslocamento da verdade para o gozo dá a medida daquilo que se torna a prática analítica na era do *parlêtre* (grifo do autor).

Como calcular esse incalculável, portanto, é uma questão que está mais para a rítmica do que para a aritmética, mais para o som do que para o sentido, e que se ilustra exemplarmente no célebre episódio em que, numa sessão de análise, Lacan inverte o acorde ao tomar *Gestapo* por *geste-à-peau*,[12] e faz acompanhar esse passo por um toque suave no rosto da paciente, num autêntico golpe do caratê de João Gilberto.

Estética da elisão

De volta ao comentário de Joyce, ele indica que, numa canção, pode chegar a ser tão perfeita essa disposição dos afetos sobre o

11. O mito sem mistério. *Veja*, 12 maio 1971 citado por Homem de Mello (2001, p. 43).

12. Ver depoimento de Suzanne Hommel no documentário *Rendez-vous chez Lacan,* de Gérard Miller (2011). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pn8x8u-QbRRQ.

eixo do tempo, essa "expressão rítmica de uma emoção", que desaparece o sujeito que por ela pudesse responder: chove, anoitece, há uma canção. É como se o acontecimento desse objeto comandasse a elisão do sujeito que o propicia.

Esse movimento de elisão – "a arte de mostrar escondendo", como indica Lorenzo Mammì (2017, p. 30) – é fundante da bossa nova e da obra de João Gilberto. O significado essencial da bossa nova, comenta Mammì, está nessa "suspensão voluntária pela qual o sujeito se mostra ao se esvanecer, se oferece à vista (ou ao ouvido) enquanto se retira do mundo" (Mammì, 2017, p. 31). Esse efeito suspensivo é reiterado pelo lugar preferido pela bossa nova, "à beira mar, dando as costas à cidade, mas sem entrar na água" (p. 31), e pelo tempo, "à tardinha, tarde demais para fazer alguma coisa, cedo demais para sair" (p. 31). E a maneira que tem a bossa nova de se afirmar por meio da negação, observa o autor, encontra eco também no perfil de seus protagonistas: o progressivo despojamento de Vinícius, desde sua posição prestigiada como poeta e diplomata até seu mergulho na canção cada vez mais popular, com parceiros cada vez menos conhecidos; a timidez e a nota melancólica de Jobim, "sua vontade de se embrenhar no mato" (p. 31). E quanto a João Gilberto, pontifica Mammì (2017, p. 31: "bem, este conseguiu a façanha de não existir".

Os principais aspectos da *performance* de João Gilberto são atravessados por essa estética da elisão. No ritmo, ela se dá pelo arredondamento e pelo esfriamento da batida do samba e, sobretudo, pelo uso contínuo e variado das síncopes, de uma maneira em que o pulso fundamental sempre encontra uma pausa em vez de um acento; na harmonia, pela multiplicação de acordes intermediários, de modo a esconder as transições harmônicas; na melodia, pela insinuação de curvas que não chegam a se completar. A elisão, essa arte de mostrar escondendo, dá-se também na emissão da voz, "que parece buscar, mais do que o som, o silêncio" (Mammì, 2017, p. 30). Também em sua relação com o público, João desaparece, deixando em seu lugar a canção: "Quando João Gilberto canta, em nenhum momento sentimos que está buscando um contato conosco. O sujeito já desapareceu, só ficou a canção – aí está a elisão suprema, aquela que justifica todas as outras" (Mammì, 2017, p. 31-32).

É possível pensar numa aproximação entre a estética da elisão tal como realizada em João Gilberto, por um lado, e o gesto inaugural de Freud ao criar o dispositivo do divã, por outro. É pela presença evanescente de João que enfim se dá, tem lugar, a canção, promessa de felicidade; e é quando Freud se retira do campo de visão que a fala da paciente assoma ao centro da cena de uma *talking cure*. Em ambos os casos, essa subtração da presença visível do intérprete serve ao intuito de modificar a relação entre os participantes do jogo, a fim de que venha ao primeiro plano aquilo que motiva o encontro entre eles. Nesse sentido, a forma e o conteúdo daquilo que se pretende realçar – a canção, num caso; a fala do analisante, no outro – parecem convidar ao movimento de elisão da presença do intérprete. No entanto, esse movimento também expressa uma escolha estilística feita em função da própria materialidade da palavra entoada, ou seja, do próprio *material* com que trabalha o intérprete. Seja ele freudiano, seja gilbertiano, esse intérprete tem por material de trabalho, em última análise, *lalíngua*, com os "efeitos que são afetos" a ela associados. E esse material condiciona o estilo.

Por outro lado, pensando em termos mais marcadamente lacanianos, pode-se supor que essa escolha estilística é também ditada pelo propósito de trazer à cena o objeto – ou, mais propriamente, a falta desse objeto, sua queda. Desse modo, no caso de João Gilberto, mais do que simplesmente a forma e o conteúdo da canção ou a materialidade da palavra cantada, o que está no centro vazio da fruição musical é a voz como objeto fugi-

dio, perdido mesmo, a voz reduzida a seu estatuto de objeto pulsional. A voz que se ouve em João Gilberto é a voz que "parece buscar, mais do que o som, o silêncio" (Mammì, 2017, p. 30). A canção cantada por João paira em meio ao vazio de uma voz áfona que é pura invocação.

Algo semelhante se dá com o intérprete em psicanálise, por ele ocupar no discurso do analista, ainda que como semblante, o lugar do objeto *a*, causa de desejo. A presença do analista põe em função essa voz silenciosa que faz ressoar a fala do analisando. É nessa voz que se sustenta o fluir dos significantes, como miçangas no fio de um colar – ou, retomando a imagem de Mammì para o encontro entre acordes e sílabas na música de João, como roupas num varal.

Estilo e final de análise

Além de causa de desejo, o lugar ocupado pelo analista como semblante de objeto *a* pareceria destinado a ensejar também um mais de gozar, como é próprio desse objeto. No entanto, o trabalho analítico se orienta, em grande medida, para a produção de um menos gozar, sobretudo no final de análise. Essa perda de gozo é inerente aos principais processos em jogo no final de uma análise – a travessia da fantasia e a constituição do *sinthome* – e implica, em ambos os casos, uma queda do objeto. Atravessar a fantasia, diz Gilson Iannini, (2016, p. 306), é "esvaziar o objeto da consistência imaginária que garantia a ele esse lugar determinante nas formas de gozar próprias a um sujeito. É, portanto, dar lugar ao objeto como causa de desejo, não mais de gozo mórbido. Queda do objeto quer dizer, pois, perda de gozo". O *sinthome*, por sua vez, é feito do resíduo de gozo que "não se emenda na significação" (Iannini, 2016, p. 307), não se harmoniza com a noção de cura. É com isso que resta ao final de uma análise, com esse apanhado de peças soltas, desencaixadas, que incumbe ao ser falante fazer, ao seu estilo, um arranjo singular. Esse arranjo, lembra Antônio Teixeira (2007, p. 103), é uma "bricolagem decerto precária, posto que por nenhuma lei determinada, mas em cuja invenção se revela o estilo absolutamente singular através do qual cada um pode se haver com sua peça desconexa". Em termos jobinianos, "é um resto de toco" a partir do qual o ser falante se rearranja como *un-tout-seul,* "um toco sozinho". E o nome disso dificilmente caberá no diagrama da significação. Pode se condensar num bim bom, num hô-ba-lá-lá, tão micro quanto cósmico e suficiente para que enfim se chegue a entoar o dito: "é só isso o meu baião".

Abstract

In this article, we highlight what psychoanalysis can learn from song – or, to be more specific, what the psychoanalyst can learn from João Gilberto about interpretation. The background of this discussion is an approximation between the gai savoir of medieval troubadours, as addressed by Lacan (1974/2003) in a sketch of Television on the issue of psychoanalytic interpretation, on one side, and the Brazilian joyous science referred to by José Miguel Wisnik (2004) in one of his studies on popular music and literature in Brazil, on the other. The discussion proceeds towards recognizing, in many aspects of João Gilberto's oeuvre and performance, reference points to an apprehension of what is at stake in psychoanalytic interpretation, in three main fronts: the work with the real of language; the experience of the end of analysis; the constitution of a style in the praxis of the psychoanalyst.

Keywords: *Gai savoir, Jacques Lacan, Lalangue, Interpretation, Symptom, Style.*

Referências

BASSOLS, M. Scilicet, le corps parlant de l'AMP. *Scilicet: Le corps parlant: Sur l'inconscient au XXI^e siècle.* Paris, France: École de la Cause Freudienne, p. 9-14, 2015.

BERNARD, D. La lettre et la voix. *L'en-je lacanien,* n. 16, p. 45-54, 2011. Toulouse: Érès. Disponível em: https://www.cairn.info/revue-l-en-je-lacanien-2011-1-page-45.htm.

CALASSO, R. *A literatura e os deuses.* Tradução: J. Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CAMPOS, H. O afreudisíaco Lacan na galáxia de lalíngua (1989). *In:* CESAROTTO, O. (org.), *Ideias de Lacan*. São Paulo: Iluminuras, 2010.

DOLAR, M. *A voice and nothing more.* Cambridge, MA: MIT Press, 2006.

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos* (1900). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 4).

FREUD, S. *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 8).

FREUD, S. *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 6).

GARCIA, W. *Bim bom:* a contradição sem conflitos de João Gilberto. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HOMEM DE MELLO, Z. *João Gilberto.* São Paulo: Publifolha, 2001.

IANNINI, G. *Estilo e verdade em Jacques Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KEHL, M. R. *Bovarismo brasileiro.* São Paulo, SP: Boitempo, 2018.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). *In:* _____. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 496-533. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. Conferência em Genebra sobre o sintoma. Inédito. Trechos reproduzidos Fingermann, D., & Ramos, C. (Orgs.). (2009). Lalíngua nos seminários, conferências e escritos de Jacques Lacan. *Stylus: Revista de Psicanálise*, Rio de Janeiro, RJ, n. 19, p. 121-158, 1975. Disponível em: https://doi.org/10.31683/stylus.vi19.863.

LACAN, J. *O seminário, livro 1:* os escritos técnicos de Freud (1953-1954). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Betty Milan. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1986.

LACAN, J. *O seminário, livro 20:* Mais, ainda (1972-1973). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: M. D. Magno. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. Posição do inconsciente (1964). *In:* _____. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 843-864. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *Seminário 24, L'insu qui sait de l'une bévue s'aille à mourre* (1976-1977). Inédito. Disponível em: www.staferla.free.fr.

LACAN, J. Televisão (1974). *In:* _____. *Outros escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 508-543. (Campo Freudiano no Brasil).

LAURENT, É. L'interprétation événement. *La cause du désir*, v. 100, n. 3, p. 65-73, 2018. Disponível em: https://www.cairn.info/revue-la-cause-du-desir-2018-3-page-65.htm.

LIMA, M. Freud, Lacan e a arte: uma síntese. *In:* LIMA, M. M.; JORGE, M. A. C. (orgs.). *Saber fazer com o real:* diálogos entre psicanálise e arte. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007. p. 15-29.

MAMMÌ, L. *A fugitiva: ensaios sobre música.* São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MILLER, J.-A. Jacques Lacan e a voz (1994). Traduçã: L. A. M. R. Ceccheti). *Opção Lacaniana online, Nova série*, ano 4, n. 11, jul. 2013.

MILLER, J.-A. Le corps parlant: Sur l'inconscient au XXI^e siècle. *Scilicet: Le corps parlant: Sur l'inconscient au XXI^e siècle,* Paris, France: École de la Cause Freudienne, 2015. p. 21-34.

MILLER, J.-A. O escrito na fala. Tradução: Angelina Harari. *Opção Lacaniana online, nova série,* São Paulo, ano 3, n. 8, jul. 2012.

POIZAT, M. *Vox populi, vox Dei:* voix et pouvoir. Paris, France: Métailié, 2001.

QUIGNARD, P. *La leçon de musique* (1987). Paris, France: Gallimard, 2015.

RICOEUR, P. *De l'interprétation:* essai sur Freud. Paris, France: Seuil, 2015.

SOLBERG, H. *Palavra encantada.* 2009. DVD. 86 min. Rio de Janeiro: Biscoito Fino.

TATIT, L. *O século da canção.* Cotia, SP: Ateliê, 2004.

TATIT, L. *Todos entoam:* ensaios, conversas e canções. São Paulo: Publifolha, 2007.

TEIXEIRA, A. *A soberania do inútil e outros ensaios de psicanálise e cultura.* São Paulo: Annablume, 2007.

TEIXEIRA, A. A interpretação nos tempos do falasser. *Boletim Ecos*, n. 4, 2021. Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Minas Gerais. Disponível em: https://www.jornadaebpmg.com.br/2021/a-interpretacao-nos-tempos-do-falasser/.

WISNIK, J. M. A gaia ciência: literatura e música popular no Brasil. *In:* _____. *Sem receita: ensaios e canções.* São Paulo, SP: Publifolha, 2004. p. 213-240

ZUMTHOR, P. *Introdução à poesia oral* (1977). Tradução: J. P. Ferreira, M. L. D. Pochat e M. I. Almeida. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

Recebido em: 10/04/2022
Aprovado em: 26/04/2022

Sobre os autores

Bernardo Costa Couto de Albuquerque Maranhão
Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Bacharel em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).
Mestre em Direito pela PUC Minas.
Doutor em Estudos Psicanalíticos no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
Professor na Escola do Legislativo de Minas Gerais.

E-mail: maranhao.bernardo@gmail.com

Guilherme Masara Rocha
Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP).
Psicanalista.
Professor-Associado do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
Áreas de Investigação: Psicanálise (teoria e clínica) e Filosofia (Ética, Estética e Política).
Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (Fafich-UFMG).
Membro do GT Psicanálise, Política e Cultura/ Anpepp.
Membro do Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia da UFMG.
Filiado à International Society of Philosophy and Psychoanalysis (SIPP) e à Fédération Européenne de Psychanalyse (Fedepsy).

E-mail: massaragr@gmail.com

NAEP-UERJ: Um novo espaço da psicanálise na Saúde Pública do Estado do Rio de Janeiro Núcleo de Apoio e Estudo em Psicanálise (NAEP) do Núcleo Odontológico de Radiologia e Atendimento a Pacientes com Necessidades Especiais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – Policlínica Piquet Carneiro – PPC

NAEP-UERJ: A new space for Psychoanalysis in Public Health in the State of Rio de Janeiro Nucleus of Support and Study in Psychoanalysis (NAEP) of the Dental Nucleus of Radiology and Care of Patients with Special Needs at the State University of Rio de Janeiro (UERJ) Piquet Carneiro Polyclinic - PPC

Bruna Michalski dos Santos
Cristiane Marques Seixas
Livia Barbosa Corrêa
Luciana Freitas Bastos
Marcelo Daniel Brito Faria
Rodrigo Zanon de Melo

Resumo
Este trabalho aborda a implantação do Núcleo de Apoio e Estudo em Psicanálise (NAEP) tendo como fundamento o atendimento psicanalítico em ambiente ambulatorial. Apresenta a parceria institucional entre a pós-graduação em clínica psicanalítica do Instituto de Psicologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) com o Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ). Explora a escuta psicanalítica nas universidades públicas e sua importância nos atendimentos clínicos.

Palavras-chave: Psicanálise, Saúde pública, Ambulatório, NAEP, Odontologia, UERJ.

Psicanálise e odontologia são campos de saber distintos. A primeira é campo de uma *práxis* inaugurada por Sigmund Freud, que se dedica a abordar os fenômenos psíquicos a partir da premissa de que há um inconsciente que opera sobre cada um em sua vida cotidiana. A segunda dedica-se ao cuidado da saúde bucal em suas diversas formas, contemplando aspectos que ultrapassam as patologias tradicionais. O presente artigo visa apresentar e relatar a implantação do Núcleo de Apoio e Estudo em Psicanálise (NAEP) com a Gestão do Núcleo Odontológico de Radiologia e Atendimento a Pacientes com Necessidades Especiais da Policlínica Piquet Carneiro da Universidade Estadual do Rio de Janeiro em parceria institucional com a Pós-Graduação em Psicanálise do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e o Círculo Brasileiro de Psicanálise CBP - Seção Rio de Janeiro. Para tanto, fazemos um breve histórico da construção institucional desses espaços.

A trajetória da Policlínica Piquet Carneiro começou a ser traçada em 22 de maio de 1967, com a inauguração do Posto de Assistência Médica São Francisco Xavier, pertencente ao Instituto Nacional de Previdência Social. Em 1995, o Ministério da Saúde realizou uma parceria com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro e a Unidade – que era considerada o maior ambulatório da América Latina – ganhou um novo nome: Policlínica Piquet Carneiro, em homenagem ao médico Américo Piquet Carneiro, criador e fundador do primeiro Centro Biomédico e da Universidade Aberta da Terceira Idade, ambos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O objetivo desse convênio era tornar essa unidade um espaço/laboratório de formulação, implementação e avaliação de modelos em saúde, para o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS), além de favorecer a integração docente-assistencial com a perspectiva de desospitalização, enfatizando práticas de saúde preventivas e resolutivas. Depois de cinco anos de uma bem-sucedida parceria, o Ministério da Saúde concedeu à UERJ o Termo de Cessão de Uso da PPC, transformando-a em nova unidade do Centro Biomédico.

Seguindo a lógica do processo de implantação do Sistema Único de Saúde no país, ocorreram transformações nos serviços de saúde que têm nos desafiado para a formação de recursos humanos, o que exige, além da reformulação dos currículos nas escolas de saúde, a adequação aos princípios do SUS. Nesse sentido, a PPC se torna um cenário de prática importante na produção de ações no âmbito da atenção básica e de média complexidade por meio de diversas disciplinas de graduação, pós-graduação, projetos de extensão vinculados à Faculdade de Odontologia da UERJ, do Instituto de Psicologia, além de projetos direcionados a instituições de fomento como FAPERJ e FINEP.

Como havia um espaço da radiologia odontológica inativo na Policlínica Piquet Carneiro, a equipe de profissionais, inclusi-

ve professores da Radiologia e Saúde Bucal Coletiva, conseguiu a reativação do Núcleo de Radiologia Odontológica e a implantação do Serviço de Atendimento a Pacientes com Necessidades Especiais, por meio de projetos FAPERJ (FAPERJ, edital 31/2012, processo E -26/112.147/2012, e FAPERJ edital 31/ FAPERJ - processo E-26/111.806-2013) e FINEP (n. 0109.0477.00). Na radiologia odontológica, foram implantados serviços com equipamentos digitais de última geração, como tomografia computadorizada do tipo *cone beam* tipo ICAT Next Generation, que permite a aquisição em tempo real do crânio dos pacientes e posterior reconstrução em 3D para planejamento virtual e cirurgia guiada para maior previsibilidade cirúrgica para os casos de anomalias de face, tumores, pacientes fissurados, pacientes com necessidades especiais e pacientes com perda de massa óssea por meio de PAF (projétil de arma de fogo). Também são ofertados exames, como radiografia panorâmica, radiografias da ATM convencionais, radiografias extraorais da face e radiografias intraorais periapicais isoladas e completas.

Nosso núcleo também atua em linhas de pesquisa na área de diagnóstico precoce por imagem, de câncer bucal, em parceria com a faculdade de engenharia e o Laboratório Nacional de Ciência da Computação (LNCC) e na área de dosimetria juntamente com o LCR-UERJ e IRD do MCTI. O sistema de tomografia computadorizada de feixe cônico *cone beam* permite a realização de cirurgia virtual guiada em 3D com posterior confecção de prototipagem biomédica para realização prévia de cirurgias laboratoriais de pacientes com tumores, alterações morfológicas de face, por exemplo, fissura labiopalatina, síndromes e pacientes com necessidades especiais.

Na sequência, após uma breve investigação, observamos que são poucos os serviços públicos e privados que oferecem atendimento odontológico a pacientes com necessidades especiais. No município do Rio de Janeiro, cuja população é de 6 milhões de habitantes, 828 mil cariocas, ou seja, 14,8% da população, declararam possuir algum tipo de deficiência; portanto, um em cada sete cariocas ou brasileiros era portador de deficiência, fato que justificou nossa iniciativa de pensar um serviço que se dedicasse ao atendimento dessas pessoas. No município do Rio de Janeiro, no estado do Rio de Janeiro e no Brasil existe uma demanda reprimida de indivíduos com necessidades especiais, que precisam de tratamento odontológico nos três níveis de complexidade (atenção primária, atenção secundária e atenção terciária).

Um projeto que tem o propósito de assistir essa camada da população que historicamente esteve à margem das políticas sociais e de saúde, se traduz em oportunidade vanguardista e inovadora tanto em favor dessas pessoas, quanto na busca pela integralidade e universalidade das ações nesse setor e na formação de profissionais de saúde aptos a enfrentar o imenso desafio que tais problemáticas colocam**.**

O escopo para essa escolha deriva da Constituição Federal de 1988, quando prevê definitivamente a assistência para pessoas com deficiência na agenda de políticas públicas e no marco legal, de forma abrangente e transversal. De acordo com os critérios de Cotta (1998), não podemos avaliar um projeto sem considerar sua articulação com uma iniciativa mais abrangente. Nesse sentido, seguimos o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Viver sem Limite e a Política Nacional de Saúde Bucal (PNSB) - Programa Brasil Sorridente, implantada pelo Ministério da Saúde em 2004 (Brasil, 2008).

A especialidade da odontologia para pacientes com necessidades especiais tem por objetivo o diagnóstico, a preservação, o tratamento e o controle dos problemas de saúde bucal dos pacientes que apresentam uma complexidade no seu sistema biológico e/ou psíquico e/ou social, bem como percepção e

atuação dentro de uma estrutura transdisciplinar com outros profissionais de saúde e áreas correlatas com o paciente.

No Núcleo em questão, temos disponíveis cinco consultórios odontológicos equipados, um dos quais é especial para atendimento aos pacientes indicados ao tratamento com anestesia geral. Realizamos atendimento para pacientes com deficiência mental, deficiência física e anomalias congênitas (deformações, síndromes), distúrbios comportamentais (transtorno do espectro autista), transtornos psiquiátricos, distúrbios sensoriais e de comunicação, doenças sistêmicas crônicas (diabetes, cardiopatias, doenças hematológicas, insuficiência renal crônica, doenças autoimunes, doenças vesículo-bolhosas, etc.), doenças infectocontagiosas (hepatites, HIV, tuberculose), condições sistêmicas (irradiados, transplantados, oncológicos, gestantes, imunocomprometidos), em ambiente ambulatorial e hospitalar.

O Núcleo foi inaugurado no final de 2016 e iniciou suas atividades em janeiro de 2017. Para sua operacionalização, foi realizada uma parceria com a Secretaria Estadual de Saúde por meio de uma resolução conjunta, que permitiu a contratação de mão de obra especializada não disponível no corpo de profissionais da Secretaria nem da UERJ, além da aquisição de insumos e manutenção de equipamentos para o devido funcionamento e manutenção.

Nossa porta de entrada para pacientes com necessidades especiais se dá através do Sistema Estadual de Regulação (SER), o que resultou no tratamento iniciado e concluído para 232 novos pacientes regulados e mais de 3.000 consultas odontológicas durante o ano 2021 e início de 2022. Em relação à radiologia odontológica, à porta de entrada além do SER, temos o Sistema Nacional de Regulação (SISREG) do município do Rio de Janeiro, em que realizamos em torno de 1.100 tomografias computadorizadas de face, cerca de 700 exames extraorais, além de 600 exames de RX periapicais.

NAEP – Núcleo de Apoio e Estudo em Psicanálise – UERJ e CBP-RJ

A ideia de estudar a psicanálise e a odontologia nasceu junto com a coordenação da disciplina de psicologia aplicada à odontologia. Com a abordagem do novo currículo da Faculdade de Odontologia da UERJ, a disciplina Psicologia, que era ministrada no currículo básico, passou a integrar a formação do futuro profissional de Odontologia, e professores das disciplinas de Saúde Bucal Coletiva e Radiologia assumiram esse desafio. Como se tratava de um conteúdo novo, os professores envolvidos buscaram a capacitação da equipe junto ao Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção RJ para encontrar a melhor forma possível de ensinar a interlocução da psicanálise com a odontologia.

Associado a esse fato e nesse mesmo período, observamos que o Núcleo Odontológico de Radiologia e Atendimento a Pacientes com Necessidades Especiais precisava de um espaço para atendimento psicanalítico, haja vista as diversas intercorrências vivenciadas na oferta do tratamento odontológico. Nós, coordenadores e equipe, experenciamos inicialmente uma demanda interna e espontânea de atendimento aos familiares dos pacientes especiais que, devido a uma grande ferida narcísica causada pela chegada de uma criança com deficiência (Freud, [1914] 1974) acabavam retardando ou dificultando o tratamento de seus filhos, diante de um excesso ou falta de interferência junto à equipe. Além disso, com a pandemia, começamos a observar uma piora na saúde mental dos estudantes da UERJ que, de modo geral, passaram a apresentar quadros de angústia, síndrome do pânico e ideações suicidas. Na Faculdade de Odontologia, em especial, a direção identificou a necessidade de acolhimento desses estudantes e, assim, solicitou a criação desse espaço para uma escuta psicanalítica em apoio a essas duas demandas importantes.

Finalmente, após reunião junto à Secretaria de Saúde do Estado do Rio de Janeiro essa instituição demandou a ampliação de nossas ações junto a nossos pacientes autistas e, de imediato, oferecemos também a possibilidade de abordagem psicanalítica aos nossos pacientes. Vimos que o transtorno do espectro autista (TEA) traz uma ampla gama de possibilidades sintomatológicas, e cada indivíduo terá suas particularidades relacionadas às necessidades e potencialidades, o que deve nortear os planos individuais de tratamento. Os dados mais atuais que temos vêm de um estudo divulgado em março de 2020 pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), órgão ligado ao governo dos Estados Unidos, em que se observou uma prevalência de 1:54, segundo análise dos dados de 2016. Esses dados são superiores à estimativa anterior, de 2014 (publicado pelo CDC em 2018), que encontrou uma prevalência de 1:59 entre as crianças de 8 anos, revelando um aumento de aproximadamente 10%.

Na Policlínica Piquet Carneiro-UERJ há também dois grandes programas de assistência que têm muita sinergia com nosso novo NAEP. Um deles é o Centro de Anomalias Crânio Facial (CETAC), que atende uma grande demanda de pacientes fissurados (fendas lábios leporinas) e seria de muita valia a observação desses bebês e a escuta psicanalítica desses pacientes antes, durante e após sua reabilitação. O outro centro de sinergia é o Centro de Atenção Psícossocial (CAPS) da UERJ, que atende uma demanda de pacientes psicóticos graves, já tem trabalhos em parceria com nosso núcleo, e o NAEP poderá singularizar esse atendimento aos pacientes psicóticos.

Para que tudo isso pudesse ser viabilizado, foi preciso buscar parcerias interdisciplinares dentro da Universidade, o que nos levou a entrar em contato com a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ e solicitar uma parceria de trabalho. O colegiado do programa respondeu de forma exemplar, aprovando por unanimidade a implementação do NAEP, entendendo a importância da proposta de trabalho, bem como o desafio por ela colocada.

Foi aprovada também a implementação do NAEP nos Conselhos Departamentais do Instituto de Psicologia e da Faculdade de Odontologia e pela Direção da Policlínica Piquet Carneiro, pertencentes à Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

No dia 23 de setembro de 2022, inauguramos o referido NAEP com a presença do excelentíssimo Reitor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro Prof. Mário Sérgio Alves Carneiro, que falou da importância dessas ações amplas e irrestritas para a sociedade. Estavam à mesa de cerimônia a Vice-Diretora da PPC-UERJ Elisabeth Bittencourt, a Profa. Titular da FO-UERJ Maria Isabel de Castro e Souza representando a Direção da Faculdade de Odontologia, a Profa. Associada do Instituto de Nutrição Cristiane Seixas como Coordenadora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ e psicanalista da Escola Letra Freudiana e o Prof. Titular da FO -UERJ Marcelo Faria como Coordenador do Núcleo de Radiologia Oral e Atendimento a Pacientes Especiais e psicanalista e membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção RJ. Na plateia estavam presentes a Profa. Titular da FO-UERJ Luciana Freitas Bastos que coordena a Odontologia da PPC -UERJ e a Disciplina de Psicologia aplicada a Odontologia, nossa equipe que trabalhará no NAEP, o psicólogo Rafael de Abreu e nossos psicanalistas Rodrigo Zanon e Livia Barbosa Corrêa, a equipe de *staffs* dentistas do Núcleo de Radiologia e pacientes com necessidades especiais, a Dra. Larissa Oliveira e a Dra. Bruna Michalski. Estavam presentes também representantes da Psicologia do CETAC, da Psicologia da PPC-UERJ, Psicologia e Psiquiatria do CAP - PPCUERJ e amigos psicanalistas e alunos da Liga de Pacientes Especiais da FO de nossa Universidade e representantes acadêmicos da Psicologia da PUC-RJ.

Nossas ações serão realizadas em conjunto com a equipe de psicanalistas do NAEP, coordenada por pelo menos um docente da pós-graduação em psicanálise e um docente da Faculdade de Odontologia, e formada pelos alunos de pós-graduação em psicanálise da UERJ, membros efetivos e candidatos do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção RJ que se candidatem ao projeto. Os integrantes da equipe de atendimento terão que estar preferencialmente em análise pessoal, participar das supervisões em grupo que acontecerão semanalmente no NAEP e estar em formação contínua com a teoria psicanalítica basicamente fundamentada em Freud e autores pós-freudianos como Jacques Lacan, Ferenczi, Melaine Klein, Winnicott e demais autores que possam contribuir na construção de formas de abordagem para pacientes com necessidades especiais.

Entre as metas gerais e especificas do NAEP, se destacam:

1. Apresentar os resultados do trabalho em revistas nacionais e internacionais de psicanálise e demais áreas da saúde, assim como participação em congressos, jornadas e fórum de psicanálise de relevância.
2. Consolidar parceria com o Centro de Anomalia Crânio Facial do Governo do Estado do Rio de Janeiro (CETAC) realizando observação de bebês fissurados e oferecendo atendimento psicanalítico aos pacientes nos moldes acima com autorização prévia do coordenador geral do CETAC/SES-RJ.
3. Consolidar parceria com o Centro de Apoio Psicanalítico CAP do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção RJ com a prévia autorização em assembleia dos membros efetivos do CBP-RJ.
4. Consolidar parceria com o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) da PPC oferecendo atendimento psicanalítico aos pacientes nos moldes acima com autorização prévia do coordenador geral do CAPS da PPC-UERJ;.
5. Oferecer atendimento psicanalítico aos alunos do complexo de saúde da Universidade do Estado do Rio de Janeiro que demandem atendimento em sessões semanais com custo social.
6. Oferecer atendimento psicanalítico aos familiares e cuidadores dos pacientes com necessidades especiais em sessões semanais com custo social.
7. Oferecer atendimento psicanalítico aos pacientes com autismo do Núcleo de Pacientes especiais da PPC-UERJ.
8. Oferecer um espaço de iniciação na clínica psicanalítica para atendimento voluntário pelos candidatos do Círculo Brasileiro de Psicanálise - CBP-RJ.
9. Oferecer um espaço para atendimento psicanalítico pelos alunos de pós-graduação em psicanálise da UERJ com a coordenação de pelo menos um membro do colegiado do curso de pós-graduação em psicanálise da UERJ na coordenação do NAEP.
10. Oferecer uma escuta psicanalítica à equipe do Núcleo de Pacientes Especiais, servidores e funcionários lotados na PPC-UERJ em sessões semanais com custo social.
11. Promover um espaço de ampla interlocução da psicanálise com as demais áreas da saúde da universidade.

Conclusão

Sabemos que, enquanto instituição de ensino, a UERJ tem um papel fundamental no fomento de ações que promovam a garantia de acesso a saúde e do adequado tratamento no seu interior, seguindo normas técnicas e padrões apropriados. Nesse sentido, o Núcleo Odontológico de Radiologia e Atendimento a Pacientes com Necessidades Especiais ampliou a rede de atendimento multidisciplinar aos pacientes com deficiência, além de exames de imagem em odontologia, o que diminuiu os focos de infecção por meio do tratamento odontológico realizado ambulatorialmente, minimizou os custos e otimizou

o atendimento. Em relação ao ensino, buscamos oportunizar o aprendizado para mais alunos interessados nesse tipo de prática por meio dos projetos de extensão e de cursos de pós-graduação.

Além disso, criamos o Núcleo de Apoio e Estudo em Psicanálise, pois é fundamental valorizarmos a compreensão das relações dos profissionais e alunos para com seus pacientes, acompanhantes e familiares. Observamos a importância de promover uma formação que permita ao profissional de saúde olhar para seu paciente como um sujeito singular, uma vez que, durante muitos anos, a odontologia e a medicina perpetuaram uma forma de trabalhar tecnicista e biologicista, consolidando, a despeito dos avanços no campo da clínica psicanalítica, uma abordagem do corpo que o fragmenta em órgãos e sistemas, sem considerar a dimensão psíquica do corpo próprio que ultrapassa a reunião desses fragmentos.

Para compreender a importância da criação do NAEP dentro de uma universidade pública brasileira como a UERJ, devemos ter em mente as considerações de Freud ([1919] 2010) no texto *Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?*, publicado em uma revista Húngara. Nesse texto, ele relata que, ao investigar os processos psíquicos e as funções intelectuais, a psicanálise segue um método próprio, cuja aplicação não se limita ao âmbito dos distúrbios psíquicos, mas se estende igualmente à resolução de problemas na arte, na filosofia e na religião. Para Freud, a psicanálise forneceu novos pontos de vista e trouxe importantes esclarecimentos em questões de história da literatura, mitologia, história das civilizações e filosofia da religião, não se restringindo, portanto, a uma aplicação prática de um saber teórico. Freud ressalta ainda que, por sua natureza, a psicanálise também é aberta aos estudantes de outras áreas da ciência, cuja fecundação pela psicanálise certamente contribuiria para formar um vínculo mais sólido entre a medicina e outras áreas do saber.

Nesse sentido, podemos dizer que Freud (1919) aponta que uma universidade só teria a ganhar com a inclusão do ensino da psicanálise em seu *curriculum*, salvo se a forma de transmissão e formação não acompanhar os modelos acadêmicos. A formação do psicanalista é leiga, não se configura pela aquisição de um diploma universitário, ainda que não prescinda dele nem do estudo rigoroso da teoria psicanalítica, associada à análise pessoal e supervisão (Freud, [1926] 1974). A psicanálise fica na condição de uma formação contínua que se apoia necessariamente na prática clínica da qual advém seu saber teórico.

Ainda que nesse texto Freud ([1919] 2010) afirme que, para atender à finalidade de formação do psicanalista na universidade, seria necessário fazê-lo de forma dogmática em aulas teóricas, vimos assistindo a uma importante construção dessa formação teórica dentro da universidade que não se distancia da clínica. Mesmo que essa construção dentro da universidade não seja suficiente para formar um psicanalista, ela passa, contrariando as expectativas freudianas, necessariamente pela oportunidade da experimentação prática em espaços que têm por finalidade a assistência e a promoção à saúde como se configuram hoje os centros de saúde de muitas universidades públicas brasileiras.

É nessa direção que o NAEP oferece gentilmente a possibilidade de sustentar um lugar para a psicanálise na universidade, bem como um espaço de interlocução entre saberes diversos que podem (e devem) ter como principal interessado o paciente que nos procura com todos os tons de seu sofrimento e de sua dor. Em resposta ao fundador da psicanálise, o NAEP oportuniza uma experiência única na universidade pública que deverá, ao longo do tempo, fomentar a consolidação de um conhecimento sobre essa experiência que considera que a escuta psicanalítica é o que temos de melhor para lidar com esse mal-estar de sermos humanos que se apresenta nas angústia de nossos pacientes, familiares, alunos e servidores.

Abstract
The present work aims to approach the implementation of the Nucleus of Support and Study in Psychoanalysis (NAEP) based on psychoanalytic care in an outpatient setting. Also presenting the institutional partnership between the Postgraduate Program in Clinical Psychoanalysis of the Institute of Psychology of the State University of Rio de Janeiro with the Círculo Brasileiro de Psicanálise - Rio de Janeiro section (CBP-RJ). Aiming to explore psychoanalytic listening in public universities and its importance in clinical care.

Keywords: *Psychoanalysis, Public Health, Outpatient Clinic, Teaching, NAEP, Dentistry, UERJ.*

Referências

BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. Tradução: Artur Morão. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1995. (Arte e Comunicação, 54).

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução: Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade:* a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BIRMAN, J. *O sujeito na contemporaneidade:* espaço, dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Política Nacional de Saúde da Pessoa Portadora de Deficiência*. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

BRASIL. *Política Nacional de Saúde da Pessoa Portadora de Deficiência*. Portaria n.º 1.060, de 5 jun. 2002.

COTTA, T. C. Metodologias de avaliação de programas e projetos sociais: análise de resultados e de impacto. *Revista de Serviço Público*, v. 49, n. 2, p. 103-124, 2014. Disponível em: https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/368. Acesso em: 10 mar. 2022.

DARRIBA, V.; RASE, L. A prática do psicanalista em um centro de tratamento de anomalias craniofaciais: o ideal educativo, os impasses e a questão do belo. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 50, n. 1, p. 290-308, 2018.

FARIA, M. D. B. As histéricas de Freud, a dor orofacial e a histeria na clínica psicanalítica atual. *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 55, p. 97-112, jun. 2021.

FARIA, M. D. B. et al. Harmonização orofacial e covid-19: a experiência estética e o desamparo psíquico na interlocução entre a odontologia e a psicanálise. *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 56, p. 113-127, dez. 2021.

FIGUEIREDO, M. F.; FIGUEIREDO, A. M. C. Avaliação política e avaliação de políticas: um quadro de referência teórica. *Análise & Conjuntura*, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p. 107-127, set./dez. 1986.

FREIRE, A. L. A. S. S. *Saúde bucal para pacientes com necessidades especiais: análise da implementação de uma experiência local.* 2011. 254 f. Tese (Doutorado em Ciências na área de Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

FREUD, S. A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial (1926). *In:* _____. *Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos* (1925-1926). Tradução de Christiano M. Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 175-250. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).

FREUD, S. Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? (1919). *In:* _____. *História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos* (1917-1920). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 377-381. (Obras completas, 14).

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). *In:* _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção geral da tradução: Jayme Salomão Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 85-119. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

HOMEM, M. I. Entre próteses e prozacs: o sujeito contemporâneo imerso na descartabilidade da sociedade de consumo. Estados Gerais da Psicanálise: Segundo encontro Mundial, Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.egp.dreamhosters.com/encontros/mundial _rj/download/4_Homem_135161003_port.pdf.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

RESES, M. L. N. Avaliação da implantação dos centros de especialidades odontológicas em Santa Catarina. 2011. 151 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

ROUSILLON, R. *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia.* São Paulo: Blucher, 2019.

SCHLIEHE F.; EWERT T. The International Classification of Functioning, Disability and Health (ICF) - update of the problem based inventory. *Rehabilitation* (Stuttg), 52(1), pp. 40-50, 2013 Feb.

POLICLÍNICA PIQUET CARNEIRO. http://www.ppc.uerj.br.

Yue J.; Lu H.; Lan S.; Liu J.; Stein M. N.; Haffty B. G. et al. Identification of the DNA repair defects in a case of Dubowitz syndrome. PLoS One. 2013;8(1):e54389.

Recebido em: 20/05/2022
Aprovado em: 18/06/2022

Sobre os autores

Bruna Michalski dos Santos
Mestre e doutora em Patologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF).
Especialista em estomatologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Especialista em Odontologia para Pacientes com Necessidades Especiais pela Faculdade São Leopoldo Mandic (SLM).
Staff no Serviço de Pacientes com Necessidades Especiais do Núcleo Radiologia Odontológica e Pacientes Especiais da Policlínica Piquet Carneiro da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Secretária de Saúde do Governo do Estado do Rio de Janeiro (SES-RJ).
Habilitação em sedação inalatória pela Faculdade São Leopoldo Mandic (SLM).
Professora convidada da disciplina de radiologia da Faculdade de Odontologia da UERJ.
Pós-doutoranda pelo LNCC-MCTI na área de radiologia odontológica e análise computacional.

E-mail: brunamichlalski@yahoo.com.br

Cristiane Marques Seixas
Psicanalista, membro da Escola Letra Freudiana.
Mestre em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Doutora em teoria psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Professora associada do Instituto de Nutrição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Docente permanente e coordenadora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PGPSA/UERJ).
Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde (PPGANS/UERJ), bolsista do programa Prociência da UERJ.
Coordenadora do Núcleo de Apoio e Estudo em Psicanálise (NAEP) vinculado ao Núcleo de Atendimento a Pessoas com Necessidades Especiais da Policlínica Piquet Carneiro da UERJ.
Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Transtornos Alimentares (NAPTA) da Policlínica Piquet Carneiro da UERJ.

E-mail: cris.marques.seixas@gmail.com

Livia Barbosa Corrêa
Psicanalista.
Participante da Escola Letra Freudiana - Rio de Janeiro.
Mestranda em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Pós-graduada em psicologia hospitalar pela Universidade Veiga de Almeida (UVA).
Graduada em psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF).
Escritora, autora do livro *Chão de dentro* (Caravana, 2022).
Psicóloga do Núcleo de Apoio e Estudo em Psicanálise (NEAP) vinculado ao Núcleo de Atendimento a Pessoas com Necessidades Especiais da Policlínica Piquet Carneiro - UERJ.
Psicóloga Bolsista do Núcleo de Assistência e Pesquisa em Transtornos Alimentares (NAPTA) na Policlínica Piquet Carneiro (UERJ).

E-mail: livia.psi@gmail.com

Luciana Freitas Bastos
Mestre em odontologia social pela Universidade Federal Fluminense (UFF).
Doutora em odontologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Pós-doutorado pelo Laboratório Nacional Computação Científica (LNCC).
Professora titular do Departamento Preventivo e Comunitário (PRECOM) da Faculdade de Odontologia da Universidade do Estado do Rio se Janeiro (FO-UERJ).
Coordenadora da Disciplina de Psicologia Aplicada a Odontologia da FO-UERJ.
Professora das disciplinas Saúde Bucal Coletiva V e VI FO-UERJ.
Coordenadora do setor de odontologia da Policlínica Piquet Carneiro (PPC-UERJ).
Coordenadora do projeto de Pacientes com Deficiência realizado no Núcleo Odontológico de Radiologia e atendimento a Pacientes com Necessidades Especiais (PPC-UERJ).

E-mail: lucianafreitasbastos@yahoo.

Marcelo Daniel Brito Faria
Psicanalista.
Membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro.
Mestre e doutor em Ciências da Saúde - Radiologia Odontológica pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP-SP).
Pós-doutor em física médica pelo Conselho Nacional de Energia Nuclear.
Coordenador do Núcleo de Pacientes Especiais da Policlínica Piquet Carneiro da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPC-UERJ) e da Secretaria de Saúde do Governo do Estado do Rio de Janeiro (SES-RJ).
Professor titular das disciplinas Psicologia Aplicada à Odontologia e Radiologia Odontológica da Faculdade de Odontologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FO-UERJ).
Professor adjunto da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Pesquisador colaborador da FAPERJ e do Laboratório Nacional de Computação Científica do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI- Brasil).

E-mail: mdanb@yahoo.com

Rodrigo Zanon de Melo
Formado em odontologia.
Psicólogo e psicanalista.
Membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).
Psicólogo do Núcleo de Pacientes Especiais da Policlínica Piquet Carneiro da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPC-UERJ).
Professor convidado da disciplina Psicologia Aplicada à Odontologia da Faculdade de Odontologia da Universidade do Estado do Rio se Janeiro (FO-UERJ).
Subcoordenador do Núcleo de Apoio e Estudo em Psicanalise NAEP da PPC-UERJ.

E-mail: rzmelo@hotmail.com

Interpretação psicanalítica[1]

Psychoanalytic Interpretation

Fábio Rodrigo Oliveira Carvalho

Resumo
Este estudo trata do conceito de interpretação em psicanálise, tema motivado pelo atendimento na clínica psicanalítica. Busca-se, primeiramente, compreender sua finalidade a partir de Freud, dada a condição de existência do Inconsciente, para posteriormente buscar seu significado em autores como Greenson, Green e Lacan. Reflete-se nessa pesquisa que a interpretação psicanalítica é um recurso que possibilita fazer emergir o Inconsciente. A literatura revela diferentes formas de uso da interpretação e da comprovação de sua eficácia na elaboração durante ou após uma sessão e, sobretudo, na produção de *insights* pelo analisando.

Palavras-chave: Clínica psicanalítica, Interpretação, Inconsciente, *Insight*, Psicanálise.

No final de uma sessão, faço a seguinte intervenção a um paciente de 62 anos: "Sua filha teve a coragem que você não teve com o seu pai". Após dizer isso, fiquei incomodado. Foi rápido demais, sem elaboração nenhuma, direta e, sobretudo, precoce, porque se tratava de um paciente de apenas dois meses de análise e com a frequência semanal. No final de semana, por vezes, me deparei pensando sobre o que aconteceu e me senti o difamado analista de Bagé. Somado ao receio de que o analisando pudesse abandonar o tratamento recém-iniciado, me deparei com interrogações, como: De que terá sido uma interpretação? O que é uma interpretação.

A interpretação é uma das principais formas de intervenção na clínica e há particularidades quanto a seu uso: quando, onde e como deve ser utilizada. Para aqueles que vêm de outras áreas do conhecimento, a interpretação deve ser compreendida que não é somente, mas também sobre a linguagem. Nas limitações de espaço deste texto, o objetivo é entender certas nuances dessa ferramenta de fundamental importância na clínica.

Sobre a estrutura lógica que possibilita que a linguagem comunique algo, por si só, já é bastante complexa. Em *Da interpretação,* Aristóteles (2013) elabora as teorias do uso da linguagem enquanto possibilidade de manifestação das coisas, não do pensamento. O filósofo compreende a linguagem como um instrumento convencional que, por meio dos símbolos, de signos, procura a natureza das coisas. Porém, dada a variedade de símbolos necessária para essa qualificação, torna-se, ao mesmo tempo, a solução e o entrave devido a sua diversidade e polifonia:

> Há os sons pronunciados que são símbolos das afecções da alma, e as coisas que se escrevem que são os símbolos dos sons pronunciados [...] nem a escrita é a mesma para todos, nem os sons pronunciados são os mesmos (Aristóteles, 2013, p. 3).

1. Trabalho apresentado na Jornada de Estudos Psicanalíticos do CPRS, em 27 jun. 2020.

Nessa obra, o filósofo pontua que palavras sozinhas não revelam muita coisa e que, portanto, precisamos de outras para que haja algum significado, como os verbos que permitem ligar dois nomes e definir uma ação pela linguagem. Ambos os nomes isolados não são nem falsos, nem verdadeiros, certos ou errados, são apenas nomes. Outras definições, além do nome e do verbo, fazem parte dessa obra de Aristóteles, como a negação, a afirmação, a declaração e, por fim, o discurso.

Contudo, o nosso psiquismo não é somente organizado em uma linguagem que, estruturada por uma lógica de comunicação, procura manifestar a essência da natureza das coisas, como introduziu Aristóteles. A interpretação em psicanálise é, por outra via, embora a linguagem faça parte desse quadro, "[...] a função da interpretação é exatamente a de produzir a inteligibilidade desse sentido oculto" (Roza, 2009, p. 63). O que estaria oculto?

A arte pode nos indicar outros caminhos de interpretação dessa linguagem logicamente estruturada que oculta algo. *Finicius Revém*, de Joyce (2004), enquadra nomes desarticulados de verbos, falsos e verdadeiros, certos ou errados, discurso e declarações próximas daquilo que, manifesto pela linguagem escrita, tenha significações que carecem de outras formas de interpretação, que não a lógica argumentativa. Se não for assim, com essa possibilidade de outras interpretações, como compreender esse texto, mesmo dentro dos limites da lógica interpretativa aristotélica:

> [...] depois desse copcioso, pelegrino, marco-polado, vespuciado levanta o mento, as orelhas, os olhos da escuridão desde o tomo de Tito Uvido e, (mira!), quão prazível, irenicamente todas as dunas creposculares gladíolo glamorosas sestendem afora nas planícies de nossa freudlândia! (Joyce, 2004, p. 53).

É possível uma interpretação desse texto? Logicamente, parece que sim, que essa frase não tem sentido, não somente por sua construção como também por inúmeras palavras que não existem. Porém, algo está sendo dito, supondo que a linguagem tentaria, por convenção, dizer algo daquele que diz, algo de sua essência, mesmo que pareça que não exista sentido.

Essa obra, que está construída inteiramente dessa forma e não exclusivamente nessa frase, é possível aproximá-la de um sonho no qual elementos, imagens, sensações e percepções coabitam e criam uma narrativa com um mínimo de significação, mesmo que absurdas. Por esse motivo, a interpretação psicanalítica se inicia em Freud, a partir de suas elaborações sobre o sonho visando o que está oculto, buscando as formas de manifestação do inconsciente. Dessa forma, as interpretações psicanalíticas possíveis do texto de Joyce partem da hipótese de que nem mesmo o autor sabe qual a motivação, o sentido e o significado do que foi dito.

Nos estudos iniciais de Freud sobre a histeria, o termo "interpretação" não estava bem delineado (Laplanche, 2001, p. 246). Sua função na dinâmica do tratamento enquanto técnica psicanalítica amadurece, portanto, a partir das investigações acerca de *A interpretação dos sonhos* (1900). O termo "interpretação" [*Deutung*] tem o sentido de explicação da significação de algo. É possível perceber por que a interpretação dos sonhos tem uma importância fundamental no entendimento do significado do termo "interpretação". Em resumo, o que resta do conteúdo latente de um sonho, aquilo que foi sonhado, por passar pela consciência do indivíduo, torna-se o conteúdo manifesto, passando a ter um sentido, mas não há uma significação. A interpretação, portanto, tem a função de desvendar essa significação [*Bedeutung*] do que o sonho tenta trazer à tona.

A condensação, o deslocamento, a elaboração secundária e a simbolização são leis inconscientes que regem as produções oníricas nos sonhos (Sharpe, 1971, p. 22). Atos falhos, lapsos, certas resistências, chistes e

associação de ideias seriam as formas de manifestação do inconsciente, além dos sonhos. Dessa forma, a interpretação que buscava, primeiramente, a significação dos desejos proibidos e do conteúdo recalcado nos sonhos, originários do inconsciente, alcança o *status* de uma ferramenta técnica para a regra fundamental e diabólica de Freud, segundo Green, que é a associação livre "[...] a regra da associação livre é uma regra diabólica [...] a pobre criatura não sabe a que está se metendo" (Green, 1990, p. 19). Logo, são duas as condições, até agora, para que a interpretação seja realizada: a existência do inconsciente e a condição de fazer valer a regra que propicie sua manifestação, a associação livre. O inconsciente pulsional permeia o trabalho do pensamento, do representável e do irrepresentável.

O termo "analisar", segundo Greenson (1981, p. 40), significa uma expressão que compreende técnicas que têm como finalidade melhorar a compreensão interna do paciente. Para isso, o analista faz uso da teoria, da intuição e, sobretudo, do seu próprio inconsciente. O analisar se dá por meio de quatro passos não necessariamente na ordem a seguir: confrontação, esclarecimento, interpretação e elaboração. Para Greenson, (1981), a interpretação é o instrumento único e decisivo, e tem como objetivo a máxima de Freud: tornar consciente um fenômeno inconsciente, "[...] tornar consciente o significado, fonte, história, modo ou causa inconsciente de um determinado fato psíquico" (Greenson, 1981, p. 40). São procedimentos que contribuem para que a interpretação seja pronunciada, para que ela seja eficiente, mas há o momento adequado, que produz efeito. Como se faz e como saber se a interpretação causou algum efeito?

Enquanto método interpretativo, Quinet (2012, p. 54) cita a interpretação como equívoco. Ressalta que o termo "enunciação" é expresso pelo conjunto corpo e fala, portanto, ao tom de voz, ao olhar, ao afeto do que se diz, enquanto o enunciado é aquilo que foi dito, mas muitas vezes não é assimilado. A teoria de Lacan (Quinet, 2012) sobre a interpretação vai contra o sentido de um discurso todo articulado de um sujeito da neurose, a partir de seu enunciado. O analista tem como objetivo quebrar a cadeia de significantes, que é o nome que dá sentido às coisas. Esse procedimento técnico é possível por meio da pontuação. Um ponto final, uma vírgula, reticências, um corte, uma interrogação, uma interjeição, uma citação e a suspensão são formas de pontuar. Para exemplificar, um corte pode ser de uma palavra, uma frase, um raciocínio, bem como o tempo da sessão. As reticências, por sua vez, são enunciadas por via de frases inacabadas. As citações ocorrem quando o analista usa palavras que o próprio analisando mencionou. Sendo assim, o gesto, um silêncio, o tom de voz e a verbalização são elementos de enunciação que constituem a interpretação pelo analista, indicando que é possível quebrar o sentido (significantes e significados) ao qual o analisando está vinculado inconscientemente por via dessa pontuação. E esse é o objetivo da interpretação. A interpretação enquanto equívoco serve, portanto, para provocar que as ambiguidades de manifestação do inconsciente apareçam, para que os paradoxos da linguagem se manifestem, por exemplo "eu gosto de você, por isso vou me afastar enquanto é tempo". Os equívocos, desse modo, produziriam essa possibilidade de adentrar o campo do inconsciente acionado por fantasias provocadas no analisando no espaço transferencial que o analista adentra por via da interpretação. Ressalta-se, logo, outro elemento fundamental da clínica: a transferência.

A interpretação parte do analisando e atravessa ambos (Nasio, 1999, p. 150; Quinet, 2012, p. 55). O analista tem o papel de embaixador daquilo que diz, sem saber que diz. O inconsciente do analista é o agente dessa interpretação; "[...] ele não tem o alcance do lugar, do destino dessa palavra" (Nasio, 1999, p. 151). Embora não saiba o

que diz, sabe a posição em que se encontra. São quatro as possíveis: a de mestre, a universitária, a histérica e a de analista. "[...] o analista sabe o que faz, isto é, reconhece os movimentos, as variantes, os deslocamentos que se produzem na sua posição" (Nasio, 1999, p. 151).

Dessa forma, as interpretações podem ser compreendidas quanto a sua finalidade como classifica Zimerman (2010, p. 385): (a) compreensivas, que fortaleçam o vínculo, principalmente, no início de um tratamento; (b) integradoras, que promovam o resgate de valores capacidades e identificações atrofiadas; (c) instigadoras, que propiciem novos vértices de percepção; (d) disruptoras, que vão ao encontro das fantasias narcisistas; (e) nomeadoras, que auxiliem na simbolização daquilo que não tem nome; e (f) reconstrutoras, que consigam costurar o presente com o passado.

Todavia, é o efeito dessa intervenção na forma de uma interpretação que irá determinar se ela foi efetiva ou não,

> [...] se mede por seus efeitos, pela modificação que introduz na posição do sujeito, do seu discurso ou de seu sintoma. Ela deve ser supressiva, concisa e cair no tempo exato (Dunker, 1966, p. 18).

Pode-se perceber, na própria sessão, com o silêncio do analisando, com expressões como "nossa, não tinha pensado nisso"; ou, numa outra sessão, a partir de uma elaboração do analisando sobre a última "sabe, eu estava pensando naquilo que você falou".

Nos primórdios da clínica psicanalítica, a interpretação visava a primeira tópica (Ics, PsC e Cs) e, até os dias atuais, esse objetivo de desvelamento não se dissipou. Todavia, a interpretação sofreu modificações, embora preserve a sua intenção inicial, por exemplo, para com resistências ao analisando, que se denomina a interpretação das resistências (Fenichel, 1981, p. 21; Greenson, 1981, p. 121). Atualmente, a interpretação visa a produção de *insights* (Zimerman, 2010 p. 379) que produzam mudanças e transformações nos problemas psíquicos e afetivos do sujeito.

Retomando a indagação inicial, a partir da autocrítica acerca de minha precoce intervenção, um mês depois, o paciente me disse:

> Sabe, aquilo que você falou para mim aquela vez, que minha filha teve a coragem que eu não tive com o meu pai? Você tem razão. Sabe, eu fiquei pensando, fiquei com muito orgulho dela, ela me enfrentou! Eu realmente não tive a coragem que ela teve.

Abstract

This study deals with the concept of interpretation in Psychoanalysis, a theme motivated by the attendance at the psychoanalytic clinic. Firstly, it seeks to understand its purpose from Freud, given the condition of existence of the Unconscious, to later search its meaning in authors such as Greenson, Green and Lacan. This research reflects that psychoanalytic interpretation is a resource that makes it possible to bring out the Unconscious. Literature reveals different ways of using interpretation and proving its effectiveness in elaboration during or after a session, and above all, in the production of insights by the analysand.

Keywords: *Psychoanalytic Clinic, Interpretation, Unconscious, Insight, Psychoanalysis.*

Referências

ARISTÓTELES. *Da interpretação.* Tradução: José Veríssimo da Mata. São Paulo: Unesp, 2013.

DUNKER, C. *Lacan e a clínica da interpretação.* São Paulo: Hacker, 1996.

GARCIA-ROZA, L. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

GREEN, A. *Conferências brasileiras de André Green:* metapsicologia dos limites. Tradução: Helena Besserman Vianna. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

GREEN, A. *Orientações para uma psicanálise contemporânea.* Tradução: Ana Maria Rivarola. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

GREENSON, R. R. *A técnica e a prática da psicanálise*. Tradução: Marina Camargo Celidonio. Rio de Janeiro: Imago, 1981. (Psicologia Psicanalítica).

JOYCE, J. *Finnegans Wake / Finnicius Revém:* Livro II, capítulos 9, 10, 11 e 12. Tradução: Donaldo Schuler. São Paulo: Ateliê, 2004.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. Direção: Daniel Lagache. Tradução: Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

NASIO, J.-D. *Como trabalha um psicanalista?* Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

QUINET, A. A interpretação: uma arte com ética. *Stylus, Revista de psicanálise,* Rio de Janeiro, n. 25, p. 53-58, nov. 2012.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise.* Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SHARPE, E. F. *Análise dos sonhos*. Tradução: Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1971.

ZIMERMAN, D. *Fundamentos psicanalíticos:* teoria, técnica e clínica, uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Recebido em: 10/06/2022
Aprovado em: 27/07/2022

Sobre o autor

Fábio Rodrigo Oliveira Carvalho
Candidato em formação psicanalítica no Instituto de Psicanálise do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS).
Bacharel em filosofia e mestre em filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

E-mail: fabioroc@gmail.com

O silêncio dos torturadores: a neutralidade e a violência psíquica

The silence of torturers: neutrality and psychic violence

Jhéssyca Dias de Carvalho
Luan Sampaio Silva

Resumo
O presente artigo surge com a intenção de relembrar um momento doloroso da história do País, em que o uso da violência, nas suas diversas formas, funcionava como um dos principais meios de lidar com a diferença ou os diferentes. Rememorar essa história é uma forma de resistir àquilo que insistentemente retorna em outros períodos, caso não se tenha a oportunidade de elaborar seu conteúdo. Através da pesquisa em psicanálise, que abrange a exploração histórica, pretende-se problematizar o conceito psicanalítico de neutralidade e as repercussões no uso que alguns psicanalistas e instituições psicanalíticas fizeram dessa nomenclatura para perpetuar e legitimar o sofrimento psíquico no período do regime ditatorial no Brasil e nos anos que se seguiram. A posição por eles assumida esteve vinculada à tentativa de mascarar a verdadeira face da violência psíquica ocorrida nos porões da ditadura e se amparava em uma visão deturpada do conceito de neutralidade.

Palavras-chave: Neutralidade, Psicanálise, Ditadura, Violência.

Introdução

Somos filhos da época
e a época é política.

Todas as tuas, nossas, vossas coisas
diurnas e noturnas,
são coisas políticas.

Querendo ou não querendo,
teus genes têm um passado político,
tua pele, um matiz político,
teus olhos, um aspecto político.

O que você diz tem ressonância,
o que silencia tem um eco
de um jeito ou de outro político.
SZYMBORSKA, W. Filhos da época.

Com este trabalho, pretende-se apresentar uma forma de resistência por meio da palavra, na medida em que pode suscitar reflexões sobre questões de ordem institucionais, sob as quais interesses escusos faziam com que permanecessem encobertas. Discutir a chamada neutralidade científica a que a psicanálise tanto se reportou, seja para se valer dela, seja para criticá-la ao longo dos anos, é uma forma de resistir àquilo que censura, silencia e tortura.

A história do Brasil é atravessada por inúmeras violências que silenciaram, exploraram e oprimiram povos marginalizados sob a premissa da colonização, da escravidão, além de mais de duas décadas de repressão ditatorial. Não se pode deixar no esquecimento uma história tão dolorosa. Afinal, quando não é possível tratar de determinadas questões, seu conteúdo retorna e se manifesta por outras vias, restando a sua repetição ao longo do tempo.

Partindo desse pressuposto, esta pesquisa não se configura como um trabalho neutro e deve possibilitar ao leitor que assuma uma posição crítica diante de assuntos que perpassam pela violência, psicanálise, ditadura e tantos outros que se relacionam com estes, considerando que a teoria e a clínica psicanalítica não se sustentam em ambientes antidemocráticos e que tal posição nada tem a ver com o lugar de neutralidade que o psicanalista deve ocupar primordialmente na relação transferencial.

Ora, se o conceito de neutralidade está direcionado à questão da transferência, que não haja, então, justificativa para se adotar uma posição de isenção em uma clínica que desconsidera as questões políticas que permeiam os sujeitos e a própria clínica, e que não se atenta para o fato de que o psicanalista também é sujeito que circula na pólis e por ela é atravessado. Isentar-se de assumir um posicionamento que considere a dimensão política seria muito mais valer-se de um silenciamento, o qual pode ter como uma de suas consequências o furto de algo crucial para a realização do trabalho do psicanalista: a palavra.

Nesse sentido, como é possível que a escuta do psicanalista opere efetivamente em um cenário atravessado pelo autoritarismo e pela intolerância às diferenças? Seria esse cenário uma ameaça ao lugar que o psicanalista ocupa na relação transferencial, que é justamente um lugar que suporta e sustenta o discurso do paciente para que sua palavra circule livremente por meio dessas mínimas condições?

Partindo dessas discussões introdutórias, objetiva-se problematizar o conceito psicanalítico de neutralidade, bem como suas repercussões no que tange ao uso dessa categoria por alguns psicanalistas e entidades de psicanálise no período em que esteve vigente o regime civil-militar no Brasil.

A psicanálise no Brasil dos anos 1960

No Brasil, a psicanálise surgiu no século XX, por meio de médicos, como Juliano Moreira e Franco da Rocha, que se interessaram pela teoria psicanalítica e passaram a proferir conferências e outros trabalhos, que permaneceram até então somente no campo teórico ou especulativo, sem adentrar a prática clínica. Por esse motivo, ambos os médicos foram considerados os precursores da teoria freudiana no país (Salim, 2010).

Já os pioneiros da psicanálise em território brasileiro foram aqueles que, desde o início, se interessaram pela prática clínica, tendo como referência principal o psiquiatra paulista Durval Bellegarde Marcondes, que introduziu as ideias psicanalíticas em sua clínica, já no ano seguinte ao de sua formação (Salim, 2010).

De acordo com Salim (2010), a primeira Sociedade Brasileira de Psicanálise objetivou tanto a divulgação da psicanálise no Brasil quanto a criação de um espaço de debates científicos entre os membros participantes, tendo permanecido ativa por aproximadamente três anos e se extinguiu após esse período, em decorrência da discordância por

parte dos seus membros em relação ao sistema de formação psicanalítico que Durval passou a considerar.

Já no estado do Rio de Janeiro, o interesse médico pela psicanálise surgiu a partir de 1940, por meio de um movimento de psiquiatras liderados por Danilo Perestrello, que desejavam qualificar-se como psicanalistas. Após diversas tentativas de trazer um analista didata para o Brasil, em 1949, o psicanalista alemão Werner Kemper aceitou o convite, iniciando a análise de alguns candidatos (Salim, 2010).

No ano 1953, o grupo foi finalmente reconhecido pela International Psychoanalytical Association (IPA) no Congresso Internacional de Londres. Dois anos mais tarde, no Congresso Internacional de Genebra, esse grupo foi declarado como Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SBP-RJ). Por conseguinte, o grupo recebeu cada vez mais adeptos e se uniu à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBP-SP), que em 1957 formou o Study Group, assim chamado pela IPA (Salim, 2010).

Vale ressaltar que a entrada do discurso psicanalítico no Brasil está entrelaçada às demandas da inteligência nacional, que perpassam pela tentativa de construção de um projeto de nação que objetivava a modernização do país, elevando-o à condição de país civilizado. Diante das consequências deixadas pelas transformações, como a abolição da escravidão e a implantação da República, ocorridas na virada do século XIX para o XX foi sendo construído um movimento de reformulação do que se pensava a respeito do Brasil e do brasileiro (Torquato, 2014).

Esse autor explica ainda que, para atender a tais demandas, a ciência médica passa a ir além do corpo doente do sujeito, tratando também do corpo social ao tomar para si a missão de regular e organizar o funcionamento social por meio de uma perspectiva sanitária que garantisse a segurança e a prosperidade da nação.

Na verdade, médicos e psiquiatras higienistas viam a população brasileira como sendo tomada por um excesso de paixões, algo que era da ordem do instintivo, e que, obviamente, se opusera ao modelo de estado nacional que se pretendia implantar no País. Esses profissionais acreditavam que a nação somente alcançaria a prosperidade caso sua população indisciplinada fosse devidamente tratada (Torquato, 2014).

O cenário descrito tornou-se cada vez mais forte à medida que os anos transcorreram, até que, finalmente, se mostrasse mais evidente a partir do golpe civil-militar, ocorrido em 1964, momento em que o país mergulhou em um período de intensa repressão, censura, controle do Estado e violência de ordens diversas, instaurando-se na sociedade brasileira acirrados conflitos entre os detentores do poder e aqueles que se opunham a ele.

Golpe Civil-Militar de 1964

Reis (2000) aponta que em 1964 ocorreu uma vitória fulminante do conservadorismo no Brasil. Tal fato foi desencadeado por meio da unificação de praticamente todas as forças armadas e das instituições republicanas, que contaram com o apoio de grande parte da população, que possibilitou driblar os movimentos de resistência da época e culminar num golpe civil-militar, encerrando o governo do então presidente da república João Goulart e instaurando uma ditadura que durou cerca de 21 anos.

Durante esse período, tentou-se silenciar a população brasileira por meio da força e do discurso da repressão ditatorial, e o país foi subjugado e reprimido por um regime considerado "uma chapa de metal pesado, caída sobre vontades e pensamentos que aspiravam à liberdade" (Reis, 2000, p. 2). Muitas perdas de direitos concretizaram-se por meio dos atos institucionais e dos órgãos de repressão do Estado, para o qual toda e qualquer pessoa considerada suspeita de agir contra o governo era presa e interrogada, sem ao menos ter o direito à defesa própria.

Toledo (2004), em seus estudos, considera que a ditadura foi um movimento de caráter político-militar que significou um golpe tanto contra as reformas sociais, defendidas por uma parcela da sociedade brasileira, quanto contra a democracia política burguesa de 1945. Somado a isso, era a representação de um movimento contrário à incipiente democracia, às reformas sociais e políticas, além de reprimir a politização das organizações de classes trabalhadoras e agir na suspensão do debate ideológico e cultural que vinha sendo feito no país.

A partir daí, configurou-se o impedimento de um potente e amplo debate político, ideológico e cultural que se efetuou em diversos grupos sociais, o qual era considerado uma prática bastante comum nos anos 1960, na medida em que grupos de conservadores, liberais, nacionalistas, socialistas e comunistas se organizavam politicamente na defesa de seus ideais e projetos de sociedade e costumavam expor as suas propostas (Toledo, 2004).

Durante esse período, o Brasil vivenciou uma série de violações dos direitos humanos, da repressão do Estado e da censura nos mais diversos meios de comunicação e de expressão popular (Rezende, 2013). Para se ter uma ideia, segundo os dados coletados pela Arquidiocese de São Paulo (1985), foram praticadas de pelo menos 285 modalidades de torturas físicas e psicológicas que iam desde o famoso "pau-de-arara" até choques elétricos, afogamentos, "cadeira do dragão", etc., os quais eram direcionados aos presos políticos.

Ainda com base nos dados coletados por meio do Projeto Brasil: Nunca Mais (1985), embora a tortura seja utilizada há tempos no mundo, ela adquiriu no Brasil dos anos 1960 a conotação de instrumento recorrente nos porões da ditadura e foi empregada para a obtenção de informações sobre as ações de oposição ao regime militar mediante as confissões dos prisioneiros. Isso geralmente acontecia nos órgãos de repressão do Estado, onde os suspeitos de ser contrários ao regime eram presos e interrogados sob diversas formas de violência, pois era desse modo que se tinha acesso a informações sigilosas que tais prisioneiros supostamente detinham.

Nas sessões de tortura, algo minimamente curioso acontecia: eram acompanhadas por médicos que avaliavam os limites máximos de dor e sofrimento daqueles corpos vulneráveis. Como nem sempre o acompanhamento era realizado com precisão, caso os prisioneiros viessem a óbito, legistas e peritos forjavam laudos que atestavam falsas versões das mortes, alegando-se, muitas vezes, acidentes fatais ou suicídios (Rezende, 2013).

Conforme apontado anteriormente, a psicanálise chegou ao Brasil e foi progressivamente incorporada aos interesses médicos, e no período da ditadura houve registros do caso de um médico, em formação para se tornar psicanalista, que fazia das sessões de tortura o seu laboratório para a prática clínica, por exemplo. Seu supervisor e algumas das instituições psicanalíticas, ao tomar conhecimento do caso, mostraram-se neutros ao se ancorar em uma (in)conveniente leitura do conceito de neutralidade, que operou como tentativa de abafar o caso em questão.

O caso Amílcar Lobo

Durante a década de 1970, o médico do exército e candidato do Instituto da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro Amílcar Lobo passou a ser acusado de participação nas sessões de tortura. Por vários anos foi treinado pelo psicanalista Leão Cabernite, que, além de negar conhecimento dos fatos, o defendeu das acusações, sob a justificativa de que queriam apenas subtrair a psicanálise (Kyrillos Neto; Pádua, 2015).

Para Kyrillos Neto e Pádua (2015), houve uma longa e dolorosa crise nos aspectos éticos e institucionais proveniente de tais denúncias, principalmente no que diz respeito ao período posterior à queda da ditadura civil-militar, que seguiu como um processo

desgastante durante os anos 1990 e se restringia não somente às instituições psicanalíticas brasileiras, mas também à própria IPA.

Lobo exerceu a função de médico do I Batalhão de Polícia do Exército, entre os anos 1970 e 1974, e trabalhou no Departamento de Operações e Informações - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), concomitantemente à sua formação como psicanalista na SBP-RJ. Em 1968, inscrevera-se como candidato à formação psicanalítica na SBP-RJ, tendo como didata o Dr. Antônio Dutra Júnior (Coimbra, 1995).

Para Coimbra (1995), ao utilizar o codinome de Dr. Carneiro, sua função no DOI-CODI/RJ era atender os presos políticos durante o período de custódia, oferecendo-lhes um tipo de acompanhamento nas sessões de tortura, conforme pode ser observado no relato da única presa política, Inês Etienne, sobrevivente da chamada Casa da Morte, o aparelho clandestino e repressivo que o Estado utilizava para torturar e assassinar:

> Antes, durante e depois! Antes das torturas, executa um 'trabalho preventivo', no sentido de torná-las mais eficazes, procurando saber se há alguma doença, se o preso é cardíaco, etc. (a primeira 'entrevista' antes das torturas de muitos que são conduzidos para o DOI-CODI/RJ é feita com o Dr. Carneiro, que vai às celas dos recém-chegados). Durante, executa também um 'trabalho de prevenção', no sentido de testar a resistência do torturado, e avaliar até que ponto ele pode aguentar. Depois das torturas, faz 'curativos' quando 'cuida' dos farrapos humanos em que o terror converte as pessoas para que, se necessário, voltem a ser torturadas (Coimbra, 1995, p. 99-100).

Quando o psicanalista didata de Lobo se tornou Leão Cabernite, ainda na década de 1970, surgiu uma série de denúncias dirigidas a Lobo, desde as que eram publicadas na Revista *Questionamos* n. 2 até aquelas que eram feitas nas instâncias locais e internacionais da IPA e em outras instituições psicanalíticas na Europa, que exigiam explicações a respeito do fato (Oliveira, 2017).

Mesmo diante de tantas denúncias, Lobo era defendido com veemência pelo seu psicanalista didata e por representantes das instituições envolvidas no caso (Oliveira, 2017), tornando cada vez mais evidente em seus posicionamentos que, muitas vezes, utilizavam-se da justificativa do lugar de neutralidade que um psicanalista deveria assumir ou negavam tais acusações alegando se tratar de calúnias à psicanálise, como já foi mencionado anteriormente.

Dessa forma, Lobo continuou exercendo suas atividades como médico e como aspirante a psicanalista da SPRJ, tendo dado prosseguimento à sua formação enquanto psicanalista, sendo apenas desligado da instituição dez anos após o surgimento das acusações que o associaram às sessões de tortura. Ainda assim, em circular emitida pela própria instituição, de 12 de fevereiro de 1981, sua saída da SPRJ é justificada por meio das normas e regulamentos previstas pela instituição, alegando que a formação de Lobo estava suspensa há mais de seis anos (Sério, 1998).

É interessante notar que, enquanto o caso de Lobo continuava sendo abafado pelo seu analista e por representantes das instituições ou quando era defendido por eles, o mesmo não acontecia com a sua principal denunciante, a psicanalista Helena Besserman Vianna (1994), que passou a ser perseguida tanto internamente no meio psicanalítico, quanto pela repressão infligida pelo regime militar (Oliveira, 2017).

Uma prova dessa perseguição foi a tentativa frustrada de Helena de se inscrever no ano 1975 como membro titular da SBP-RJ, sociedade da qual era integrante desde 1970, bem como da impossibilidade da marcação de data para a apresentação de seu trabalho. Tal solicitação foi-lhe negada por unanimidade pela direção da Sociedade, que se apoiou no conteúdo do artigo 13 do Estatuto

da SBP-RJ, o qual versa sobre os requisitos exigidos para que um psicanalista se torne membro da sociedade, entre os quais estão o caráter e os padrões éticos e técnicos (Coimbra, 1995).

Uma das repercussões que as denúncias tiveram a partir daí, segundo Coimbra (1995), foi a solicitação do Conselho Diretor da SBP-RJ de que o assunto permanecesse em total sigilo. Outrossim, as insistentes tentativas de Helena Besserman em ser ouvida custaram-lhe caro, pois a colocaram em um lugar desfavorável por ter tido a coragem de denunciar um torturador, passando então a ser acusada de cometer plágios em trabalhos voltados à psicanálise, além de ter sido criticada em uma conferência pública sob reiteradas acusações de desviar os padrões éticos seguidos pela SBP-RJ.

A ética e a política da psicanálise: é realmente possível haver neutralidade?

Além de ter utilizado o termo "neutralidade" em alguns momentos de sua obra, Freud conferiu a essa nomenclatura a acepção que acabou sendo traduzida como *difference* ou mesmo frieza emocional. Em um de seus escritos, Freud ([1912]2017) compara a posição do analista com a de um médico cirurgião, no sentido de explanar como esse profissional deixa de lado todos os seus sentimentos direcionados ao paciente em prol da concentração de sua energia na realização da cirurgia para que a execução do procedimento ocorra da maneira mais competente possível.

A existência de uma frieza emocional por parte do analista faz com que se tenha condições de análises mais vantajosas para ambas as partes: psicanalista e paciente. Relativamente ao psicanalista, este acaba tendo para si uma proteção que perpassa por sua vida emocional, ao passo que, para o paciente, há mais auxílio que um analista poderia oferecer (Freud, [1912] 2017).

Ao tratar sobre a transferência, Freud ([1912] 2017) retoma a questão da neutralidade quando defende a necessidade de haver certa opacidade por parte do médico com relação aos seus pacientes, exemplificando a sua tese por meio do espelho, objeto pelo qual o médico não deve mostrar nada do que já não esteja sendo exposto ao seu paciente, caso contrário, esse modo de tratar não se configuraria como a "verdadeira psicanálise", justamente por implicar uma possível influência sugestiva.

Para não correr o risco de deixar o seu trabalho como psicanalista ser invadido por essas influências sugestivas, é importante que o analista faça sua análise pessoal, pois isso garantiria que os seus aspectos negativos não iriam interferir de nenhuma forma no processo terapêutico. Todavia, autores contemporâneos, como Pechansky (2015), compreendem essa questão sob outro prisma. Para eles, fatores conscientes e inconscientes inevitavelmente acabam por atravessar a relação terapêutica em um verdadeiro processo de empatia.

Isso quer dizer que, embora o analista tenha a responsabilidade e o cuidado de fazer a sua análise pessoal, não poderá ser impedido de sentir as implicações do que lhe afeta, haja vista que, para além de ser um psicanalista, é sujeito, apresentando emoções, desejos e afetos, tal como o paciente que está diante de si. É necessário, então, reconhecer essas implicações para manejá-las de modo que não prejudiquem o processo terapêutico. Para tanto, faz-se imprescindível que o psicanalista assuma um lugar onde não se negue como sujeito nem permita que seus aspectos influenciem negativamente a relação com o paciente.

Ora, a palavra "neutralidade", de origem latina, significa "nem um, nem outro";contudo, não quer dizer, necessariamente, uma conduta indiferente, isto é, de frieza ou de falta de sentimentos por parte do psicanalista, mas sim que, partindo dela, tanto o médico quanto o paciente têm condições mais favoráveis na relação transferencial (Pechansky, 2015).

Portanto, o sentido de neutralidade perpassa pela postura do psicanalista, de modo que este deve dispor de um comportamento amistoso em sua conduta. Ética, tolerância, benevolência e capacidade de conseguir suportar frustrações são questões fundamentais em sua prática (Pechansky, 2015). O psicanalista precisa manter a neutralidade no que diz respeito às questões relativas a ele próprio no lugar que ocupa, até mesmo para que não abandone o controle da contratransferência.

Ainda seguindo na direção do pensamento do autor brasileiro, a neutralidade é definida como uma posição comportamental e emocional assumida pelo psicanalista em sua relação com o paciente, sem que se perca a empatia, mas que, ao mesmo tempo, permita manter certa distância concernente a determinadas questões questões importantes relativas aos conteúdos trazidos pelo paciente e a sua transferência, à contratransferência e a sua própria personalidade, aos seus próprios valores, às expectativas e pressões do meio externo e, por fim, à(s) teoria(s) psicanalítica(s) (Pechansky, 2015).

Laplanche e Pontalis (2001) definem neutralidade como uma das qualidades que, além de indicar a atitude do psicanalista no tratamento, delimita sobre os aspectos em que este precisa se manter neutro, entre os quais estão os valores religiosos, morais e sociais. Em linhas gerais, tais aspectos não dirigem o tratamento em função de um ideal qualquer, o que inclui abster-se também de oferecer conselhos; não se envolver no jogo do paciente e não privilegiar, a princípio, um determinado fragmento do conteúdo trazido pelo paciente, em decorrência de preconceitos de ordem teórica.

A neutralidade também vem sendo discutida em obras de importantes estudiosos pós-freudianos e autores contemporâneos, conforme aponta Bouwman (2011) em seus estudos sobre a técnica psicanalítica. Com o intuito de elucidar acerca da ética psicanalítica, sobre a qual discorre os conceitos de hospitalidade, empatia e a saúde ou o cuidado de si do analista, enquanto elementos centrais na clínica contemporânea, Bouwman (2011) recorre a Ferenczi – uma das figuras mais importantes no pensamento a respeito da contratransferência e seu manejo na clínica contemporânea, junto com Winnicott, Bion, etc. Embora os referidos conceitos se entrecruzem na clínica, optou-se neste artigo por destacar sobre a saúde do analista, em que Bouwman (2011) propõe que o cuidado de si não se limita apenas à análise pessoal do psicanalista. É preciso ir além e compreender como algo que está articulado com aquilo que se considera um bom exercício da função como psicanalista, no que tange ao modo como o psicanalista se posiciona eticamente diante da cultura e da política atual.

Considerações finais

A posição assumida pelas sociedades psicanalíticas ipeístas durante a ditadura civil-militar no Brasil, e até mesmo nos anos que se seguiram, funcionou como uma neurose que operou por meio de um mecanismo de defesa, no qual o conteúdo recalcado segue incomodando e, ao se encontrar sem outra via possível para se manifestar, mostra-se através do sintomático.

As tentativas de inocentar Lobo das acusações direcionadas à sua atuação em um dos chamados porões da ditatura estariam, então, vinculadas a uma espécie de uso indevido do conceito de neutralidade. E naquele momento era conveniente amparar-se nele como forma de justificar a posição que o médico assumiu diante do horror, tamponando, assim, qualquer modo de responsabilização por sua conduta.

Tendo em vista que não há cisão possível entre o político e o psíquico, não se pode forçar uma pretensa separação da dimensão política na dinâmica da clínica, tampouco desprezar os efeitos que recaem sobre o psíquico quanto às medidas tomadas por cada governo e/ou regime em uma determinada época. Isso incorreria em deixar à parte da

clínica a cultura que nos constitui, com todas as suas facetas (conhecimentos, saberes, normas, princípios, costumes, manifestações, histórias, etc.), como se fosse possível fazê-lo.

Além de considerar a política dentro dos consultórios e em outros espaços de trabalho, faz-se necessário não pactuar com instituições antidemocráticas que flertam com o autoritarismo, que, munidas de inúmeras forças e aparatos, tentam barrar, a qualquer custo, que a palavra circule livremente, impedindo, dessa forma, que se possa oferecer aos sujeitos a regra máxima da psicanálise, isto é, a de "falar tudo aquilo que lhe vier ao pensamento".

Portanto, é fundamental tomar o posicionamento de não sucumbir a uma dinâmica que desconsidera as influências da cultura na clínica ao considerar que elas não existem ou que estão à parte do sujeito, valendo-se, muitas vezes, de justificativas equivocadas e fundamentos questionáveis. Com base nessa leitura do sofrimento do sujeito, que se leve em conta suas diferenças e os efeitos que as interferências da cultura lhe causam, é possível se posicionar e, consequentemente, construir caminhos alternativos capazes de proporcionar a livre circulação da palavra para que, sobreviva e se mantenha viva a psicanálise em nossa sociedade.

Abstract

This article appears with the intention of remembering a painful moment in the country's history in which the use of violence, in its various forms, functioned as one of the main means of dealing with difference and/or those who are different. Remembering this history is a way of resisting what insistently returns in other periods, if one does not have the opportunity to elaborate its content. Through research in psychoanalysis, which encompasses historical exploration, it is intended to problematize the psychoanalytic concept of neutrality and the repercussions on the use that some psychoanalysts and psychoanalytic institutions made of this nomenclature to perpetuate and legitimize psychic suffering in the period of the dictatorial regime in Brazil and in the years that followed. The positions taken by them were linked to attempts to mask the true face of the psychic violence that took place in the basements of the dictatorship and that was supported by a distorted vision of the concept of neutrality.

Keywords: *Neutrality, Psychoanalysis, Dictatorship, Violence.*

Referências

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Projeto Brasil:* nunca mais. Disponível em: bnmdigital.mpf.mp.br. Acesso em: 30 de jun. 2019.

BOUWMAN, M. W. A ética do cuidado na clínica psicanalítica. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 36, p. 109-116, dez. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372011000300010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 de mar. 2020.

COIMBRA, C. M. B. As práticas psicanalíticas nos anos 70 no Brasil. *In:* _____. *Guardiães da ordem:* uma viagem pelas práticas psi no Brasil do Milagre. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995. p. 60-204.

FREUD. S. Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico (1912). *In:* _____. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Tradução: Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 65-73. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

KYRILLOSNETO, F.; PADUA, M. L. G. Ditadura militar e as sociedades psicanalíticas: relações e ressonâncias na práxis. *Rev. SPAGESP*. Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, p. 32-45, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 de jun. 2019.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. *Vocabulário da psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

OLIVEIRA, C. L. M. V. Sob o discurso da neutralidade: as posições dos psicanalistas durante a ditadura militar. *História, Ciências e Saúde - Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 24, supl. 1, p. 79-90, nov. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702017000900079&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 de out. 2019.

PECHANSKY, I. Setting psicoterápico: neutralidade, abstinência e anonimato. *In:* EIZIRIK. C. L.; AGUIAR. R. W.; SCHETATSKY. S. S. (orgs.). *Psicoterapia de orientação analítica:* fundamentos teóricos e clínicos. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015. p. 224-237.

REIS, D. A. *Ditadura e democracia no Brasil:* do Golpe de 1964 à Constituição de 1988. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

REZENDE. M. J. *A ditadura militar no Brasil*: repressão e pretensão de legitimidade 1964-1984. Londrina: Eduel, 2013.

SALIM, S. A. A história da psicanálise no Brasil e em Minas Gerais. *Mental,* Barbacena, ano 8, n. 14, jan./jun. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679442720100001000 09&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 de jun. 2019.

SÉRIO, N. M. F. *Reconstruindo farrapos:* a trajetória histórica da SPRJ: instituição e poder. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói. 1998. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/5085. Acesso em: 02 de abril. 2022.

SZYMBORSKA, W. *Gente na ponte*. Poemas. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

TOLEDO, C. N. 1964: O golpe contra as reformas e a democracia. *Rev. Bras. Hist.* São Paulo, v. 24, n. 47, p. 13-28, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 de jun. 2019.

TORQUATO, L. C. *A recepção da psicanálise no Brasil:* o discurso freudiano e a questão da nacionalidade. Dissertação (Mestrado em psicologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2014.

Recebido em: 25/06/2022
Aprovado em: 12/07/2022

Sobre os autores

Jhéssyca Dias de Carvalho
Psicóloga.
Pós-graduada em atenção à saúde mental pela Universidade Estadual do Pará (UEPA) e Fundação Pública Hospital de Clínicas Gaspar Vianna (FPHCGV).
Pós-graduada em fundamentos da psicanálise pela Faculdade Inspirar.
Servidora pública estadual lotada na Secretaria de Estado de Administração Penitenciária (SEAP).
Servidora Pública Municipal lotada na Secretaria Municipal de Saúde e Meio Ambiente (SESMA).

E-mail: jhessycadias@hotmail.com

Luan Sampaio Silva
Psicanalista.
Psicólogo.
Professor de psicanálise em cursos de graduação e pós-graduação.
Doutorando em psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA).
Mestre em psicologia na linha de psicanálise, teoria e clínica pela Universidade Federal do Pará (UFPA).
Formação em psicanálise pelo Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA/CBP).
Especialista em psicanálise com crianças e adolescentes: teoria e clínica.
Supervisor clínico de psicanálise.

E-mail: psi_luansampaio@hotmail.com

Notas sobre a violência atuada nas ditas patologias do agir

Notes on the violence involved in the so-called pathologies of act

João Eduardo Torrecillas Sartori
Leandro Rafael Ferreira dos Santos

Resumo
Este artigo faz uma reflexão sobre a violência atuada no contexto das denominadas patologias do agir. Como ferramentas metapsicológicas fundamentais, utilizamos em nossas ideias as noções de trauma, compulsão e domínio. Além disso, damos importância ao estatuto não genérico do objeto nos fenômenos clínicos em que a violência mostra a sua face mais radical.

Palavras-chave: Psicanálise, Trauma, Violência.

Considerações iniciais

Nas últimas décadas, a importância assumida no debate público pela noção de violência aumentou expressivamente. Pesquisas nacionais de opinião pública têm situado de modo abrangente a violência como um dos motivos mais recorrentes de preocupação entre os brasileiros (Pino, 2007).[1] Em alguma medida, o sistemático noticiamento midiático de casos representativos de certas modalidades de violência reflete essa importância, embora também a retroalimente. Porém, a violência não constitui novidade recente na história nacional. Lima *et al.* (2020), retomando um estudo de Lima (2018), ressaltaram que a violência constituiu historicamente, e ainda constitui, as relações sociais no Brasil, tendo sido amplamente aceita como modo legítimo de resolução de conflitos em vários âmbitos – a exemplo dos conflitos ocorridos em âmbito doméstico, intensamente condicionados pela estrutura social patriarcal, ou em âmbito social, no qual o Estado acaba exercendo a violência de maneira direta ou indireta.

Por outro lado, a denominada violência veio a constituir objeto de investigação em muitos campos de conhecimento[2] (Birman, 2009), sendo assim evidenciada a sua complexidade, correspondente, entre outros aspectos, à multiplicidade de suas modalidades – a violência atuada sendo somente uma delas. Cada sociedade condiciona, mediante mecanismos simbólicos variados, seus integrantes ao direcionamento do ódio a certas categorias identitárias. No entanto, o direcionamento do ódio a essas categorias não

1. Por exemplo, os resultados do levantamento conduzido em nível nacional pelo *DataFolha* em dezembro de 2020, em meio à pandemia da covid-19, indicaram que, embora assuntos tais como *saúde* – e, em seguida, ordenadamente –, *desemprego*, *crise econômica* e *corrupção* tenham sido concebidos mais comumente como os principais problemas do Brasil, a *violência* veio a ser concebida desse modo por cerca de 4% dos respondentes, valor nada irrisório. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/12/em-meio-a-pandemia-brasileiros-consideram-saude-o-principal-problema-do-pais-aponta-datafolha.shtml.

2. Tais como a psicanálise, as ciências sociais e a filosofia.

implica necessariamente atos violentos contra seus representantes. Existem diferentes modos de concretização da agressividade, e em muitos casos, restritos ao registro discursivo. Por exemplo, algumas modalidades do denominado discurso de ódio têm sido cada vez mais comuns no cenário político brasileiro da última década.

Em outros casos, contudo, a motricidade viria a ser convocada na concretização da agressividade – a qual seria então externalizada em atos. Nesse contexto, Vale (2014) recordou alguns dos modos como um ato veio a ser referido na teoria psicanalítica; e, nesse sentido, evidenciou que Freud comumente se referiu a um ato de modo composto – isto é, utilizando uma expressão constituída por dois termos. Freud se referiu, entre outros, à "ação específica" ([1950/1895] 1996), ao "ato falho" ([1901] 1996), ao "ato compulsivo" ([1911] 2010) e ao "*acting out*" ([1914] 2010). De outro lado, muitos autores do campo psicanalítico, entre os quais Vale (2014), estudaram a denominada passagem ao ato.

Segundo esse autor, as passagens ao ato se relacionariam estritamente com o mecanismo de compulsão à repetição caracterizado por Freud em *Além do princípio do prazer* ([1920] 2010). A essa altura, seria relevante a ressalva de que as patologias do agir, relacionadas com a passagem ao ato (e com a compulsão à repetição), já tinham sido abordadas teoricamente por Freud antes de suas revolucionárias contribuições de 1920. O caso clínico *O homem dos ratos,* por exemplo, impôs a Freud certas interrogações sobre a dimensão do ato. Além disso, o criador da psicanálise discutiu sobre essa questão em *Lembrar, repetir, perlaborar* ([1914] 2017). A importância do agir como fator de resistência à análise é o ponto que circunscreve a temática da compulsão à repetição na reflexão de Freud, abrindo vias que vieram a ser aprofundadas em 1920.

Vale ressaltar que Sándor Ferenczi também apresentou contribuições valiosas sobre a questão do problema do ato na clínica e na metapsicologia psicanalítica. Em seu *Diário clínico*, Ferecnzi ([1932] 1990) nos apresenta um valioso testemunho de seus esforços e torna possível a análise dos casos em que a dimensão da convocação do ato é protagonista. Os chamados casos difíceis eram compostos por analisandos que apresentavam um tipo de sofrimento regido prioritariamente pelos mecanismos da compulsão à repetição – e à passagem ao ato. As engenhosas invenções sobre a técnica ativa, sobre a empatia e, especialmente, sobre a importância da regressão em análise, são contribuições que mesmo atualmente inspiram analistas contemporâneos.

O problema levantado por Freud e aprofundado por Ferenczi coloca em cena modos de atuação recorrentes nas denominadas patologias do agir[3] – nas quais a atuação seria um meio não apenas reiterado, mas também compulsivo, de descarga de excitações não ligadas. Tais patologias, desde as décadas de 1950 e 1960, teriam vindo a ser cada vez mais comuns (Vale, 2014) e, entre os seus casos representantes mais conhecidos, estariam aqueles nos quais a violência atuada e exercida contra um terceiro ocorreria recorrente e compulsivamente. Muitos autores consideraram que a etiologia dessas patologias seria traumática e, nesse contexto, ao menos aparentemente, a noção de trauma serviria à elaboração da problemática concernente às patologias do agir. No entanto, a mobilização exclusiva dessa noção não resolveria tal problemática.

Certamente, um ato violento de um indivíduo não necessariamente implicaria que uma dessas patologias teria se desenvolvido nele. Em certas condições extremas, mesmo um indivíduo no qual não se tenha estabelecido tal patologia recorreria à passagem ao ato de modo a concretizar a sua agressividade em ato – enquanto exerce sua violência sobre

3. Essas patologias consistiriam em casos de estados limite.

um outro ao qual se direciona seu ódio. Entretanto, merecem a investigação acerca de uma etiologia traumática os casos nos quais o exercício da violência sobre terceiros ocorre mediante atos compulsivos e reiterados. Quais seriam os elementos relacionados com a recorrência da violência atuada? Quais seriam as condições necessárias à convocação compulsiva da motricidade nos casos em que vem a ser um meio recorrente de concretização da agressividade sobre terceiros? Quem seriam esses terceiros aos quais o ódio seria direcionado, os quais se intencionaria dominar?

Neste artigo, se investigaram os elementos implicados na violência compulsivamente atuada e exercida recorrentemente sobre um outro não genérico – isto é, sobre uma categoria específica de objetos. Nesse caso, se aventou e se analisou a suposição de que, em certas modalidades de patologias do agir, a compulsividade da convocação da motricidade se relacionaria, simultaneamente, com a tentativa de: (i) descarga de montantes de excitação angustiantes, remetidos de algum modo à etiologia traumática; e (ii) dominação de um objeto externo concebido como ameaçador – analiticamente, um objeto externo na relação com o qual o indivíduo experienciaria uma passividade radical, extremamente angustiante, que ele amenizaria mediante a passagem ao ato.

Para tanto, na seção seguinte – *As patologias do agir: trauma, compulsão e domínio* – se evidenciaram mais amplamente aspectos da constituição das patologias do agir, analisando a sua etiologia traumática, assim como seu caráter compulsivo e sua relação com modalidades de domínio (interno e externo).

Já na terceira seção, se discutiu sobre o estatuto não genérico do objeto nas patologias do agir, sendo aventadas suposições sobre a eventual recusa da diferença nestas patologias e, após, se intencionou uma compreensão da dimensão violenta de certas patologias do agir. Mais restritamente, se analisou a violência atuada compulsivamente e exercida contra um outro em algumas modalidades dessas patologias.

As patologias do agir: trauma, compulsão e domínio

Nos últimos anos, o diagnóstico dos chamados estados-limite veio a ser ainda mais comum na clínica psicanalítica (Cardoso, [2005] 2011); e o incremento – sobretudo, desde a década de 1970 – do número dos ditos estados veio a se relacionar com o aumento da relevância dos estudos sobre eles (Birman, 2014). Assim, embora autores como Ferenczi já centrassem na primeira metade do século XX algumas de suas análises sobre esses casos, cresceu também o número de estudos nos quais se discutiram alguns de seus aspectos mais recorrentes – ou até mesmo constitutivos – e nos quais vieram a ser categorizados. Nesse contexto, autores como Vale (2014) consideraram que, entre seus casos mais comuns, constam as convencionalmente chamadas patologias do agir.

Certamente, mesmo não tendo sido os únicos operadores teóricos articulados em estudos sobre essas patologias, a noção de trauma, de compulsão e de domínio tem contribuído significativamente para a análise de seus casos representativos. De acordo com a perspectiva adotada neste artigo e referenciada em alguma medida na obra freudiana, em cada patologia do agir, se suporia uma etiologia traumática, um caráter compulsivo e um caráter dominatório – aspectos que são discutidos nesta seção. Embora Freud não tenha centrado sua investigação sobre as ditas patologias do agir e não as tenha denominado desse modo, sua obra contém vários elementos teóricos utilizáveis no seu entendimento.

Em *Além do princípio do prazer* ([1920] 2010), naquilo que se convencionou denominar virada de 1920, Freud elaborou o seu segundo modelo pulsional. Em meio à apresentação desse modelo, o autor retomou de modo expressivo a teorização acerca do

trauma – que tinha sido objeto de reflexões teórico-clínicas no início do seu percurso. O modelo anterior, correspondente à teoria da sedução traumática, considerava tal sedução como etiologia da histeria. Embora nessa teoria se considerasse um evento real – de sedução – como elemento etiológico dessa modalidade de neurose, em meio à elaboração da teoria do trauma original, Freud aventou no contexto de seu entendimento elementos importantes que vieram a ser ressignificados em 1920. Por exemplo, nesse caso, seria consistente o apontamento da noção freudiana de que o trauma se relacionaria com um excesso vindo do outro, com a passividade do ego diante do excesso e com a presença de um corpo estranho no interior do aparelho psíquico, o que implicaria a constituição do trauma em dois tempos.

Ainda que certas inconsistências e insuficiências teóricas tenham sido identificadas nesse modelo (Caropreso, 2020), algumas das quais ele próprio indicou, Freud desenvolveu seu conceito de trauma articulando-o a outros importantes conceitos metapsicológicos. Além disso, o modelo freudiano originalmente apresentado em 1920 continha uma concepção que colocaria a dimensão econômica do trauma para o centro de suas teorizações. Com isso, o trauma veio a ser concebido como resultante da

> [...] correlação entre o excesso de excitações que o evento traumático comporta, e a fragilidade egoica do sujeito" [...] o ego do sujeito traumatizado passa a ser invadido, a partir de dentro, por um pulsional mortífero, que não pode ser efetivamente interiorizado ou recalcado, encontrando-se sob o domínio da pulsão de morte (Vale, 2014, p. 23).

Adicionalmente, se suporia que o trauma, mesmo tendo ocorrido de algum modo em cada indivíduo – o seu modelo originário sendo o do trauma do nascimento –, assumiria importância aumentada nas denominadas patologias do agir. Em cada um dos casos representativos dessas patologias, independentemente de suas especificidades, um evento traumático experienciado pelo indivíduo resultaria em certa inibição (ou redução) da sua capacidade de representação (Cardoso, [2007] 2011).

Desse modo, seria estabelecida a tendência ao acúmulo de excitações ocasionador de angústia, correspondente à relativa incapacidade de ligação dos montantes de afeto, isto é, de sua vinculação a representações. O montante excessivo de excitações requereria a sua ligação, ocasionando a compulsão à repetição – princípio originador do psiquismo (Caropreso, 2020).

Porém, a mesma capacidade relativamente reduzida de representação condicionaria o indivíduo a uma descarga desse montante excessivo de excitações sobre o corpo mediante a passagem ao ato (Birman, 2009). Assim, implicaria uma compulsão à convocação da motricidade no sentido da descarga desses montantes. Por meio dessa descarga motora, em uma patologia do agir, o indivíduo solucionaria momentaneamente a sua angústia e amenizaria a sua ameaça de dissolução identitária (Vale, 2014). Justamente nesse contexto, a problemática identitária veio a ser abordada teoricamente por René Roussillon ([1991] 1995). Esse autor, que tende a compreender os estados limite como sofrimentos identitários narcísicos, nos oferece importantes contribuições na articulação do que estamos aqui desenvolvendo, justamente por colocar em evidência a relação complexa entre narcisismo, trauma e passagem ao ato.

A experiência traumática do indivíduo – correspondente a uma situação de desamparo e, assim, de passividade radical – se relacionaria, em última análise, com a sua reiterada convocação da motricidade. De outro lado, segundo Jeammet (2005), a violência atuada exercida contra o objeto externo estabeleceria uma separação e uma diferenciação em relação ao outro, correlativamente à concepção de uma identidade – e contraria-

mente ao sentimento de expropriação de si mesmo. No mesmo sentido, segundo Barros e Rocha (2013), os afetos de ódio de um indivíduo contribuem à manutenção da sua "integridade narcísica". Em outros termos, estariam implicadas duas modalidades de domínio nas patologias do agir, ambas contributivas à manutenção da integridade narcísica e à evitação da submissão de si a uma passividade radical: (i) a modalidade interna, sobre o excesso de excitações; e (ii) a modalidade externa, sobre um objeto externo.

Freud elaborou em sua metapsicologia um modelo de entendimento do desenvolvimento individual dito "normal" ao qual diversos autores do campo psicanalítico recorreram na análise de patologias do agir. Cardoso ([2002] 2011) recordou, nesse contexto, que em *Além do princípio do prazer* (1920), o modelo do *Fort-Da* representa esse movimento de passagem a ativo:

> A criança, passiva até ali, não podendo senão sofrer o acontecimento, torna-se ativa, repetindo-o. Trata-se, aqui, de uma modalidade de funcionamento psíquico na qual estão em jogo, ao mesmo tempo, o objeto externo e o objeto interno (Cardoso, ([2002] 2002, p. 165).

É importante destacar que a passagem de passivo a ativo também foi trabalhada por Freud ([1915] 2010) em outros momentos de sua obra. Pensamos que o artigo *Os instintos e seus destinos* é uma referência importante nesta questão. Temos a ideia de que, em 1920, Freud parece retomar as questões que ele deixou em aberto em 1915, aprofundando o seu entendimento da inversão do passivo em ativo como um modo de domínio do pulsional excessivo e desligado.

Contudo, em alguns desses casos, mais restritamente, a experiência traumática do indivíduo implicaria a compulsão sádica de passivação de um outro que tenha evocado nele a situação de desamparo, de passivação radical, a qual seria insuportável. Nesses casos, a passivação do outro mediante a convocação da motricidade serviria como meio de descarga das excitações desligadas. Acreditamos que tais excitações podem ser motor de angústias de caráter muito precoce, situadas em um registro outro da angústia de castração. O objeto externo ao qual o ódio seria direcionado, sobre o qual a agressividade seria concretizada, seria dominado enquanto se dominaria em alguma medida esse montante de excitações. Coordenadamente, então, seriam descarregadas em um registro sensório-motor excitações não investidas em objeto (isto é, não mediatizadas), e investido um montante libidinal no objeto externo dominado mediante o ato.

Ainda que se tenha evidenciado anteriormente a menor capacidade de representação inerente às patologias do agir, seria ostensivamente inconsistente a suposição de que a capacidade relativamente reduzida de representação nestas patologias implicaria a inexistência – ou a aleatoriedade – de investimentos objetais. As excitações angustiantes descarregadas motoramente nessas patologias seriam não somente direcionadas a objetos, mas a objetos muito específicos, variando conforme ao caso. Na seção seguinte, se discutiu sobre o estatuto não genérico do objeto nessas patologias.

O estatuto não genérico do objeto e a recusa da diferença nas patologias do agir: o outro como para-raio do ódio

Factualmente, a tendência de um indivíduo à passagem ao ato estabelecida na patologia do agir, em alguma medida, independe da configuração específica de sua fantasia. A capacidade de descarga de excitações via resposta motora – modalidade de resposta que Cardoso ([2002] 2011) considerou como extrema e arcaica tende a ser muito expressiva. Nesse sentido, em uma situação de invasão reiterada pelos excessos de excitações, relacionados com uma capacidade de simbolização relativamente insuficiente, a resposta motora mais comumente vem a ser compulsiva.

Autores tais como Jeammet (2005) sustentaram que a passagem ao ato pelo indivíduo comumente consiste em uma resposta à sua sensação de invasão relacionada com as emoções sentidas na relação com um objeto externo. Já nesse caso, entretanto, considerando-se o reconhecimento de um objeto externo, se entenderia implicitamente a passagem ao ato como direcionada a um objeto não genérico – embora não se evidencie imediatamente a sua especificidade, nem os motivantes do investimento objetal. Em qualquer caso representante dessas patologias, será consistente a suposição de que um objeto não aleatório terá sido investido libidinalmente. Nesse contexto, Cardoso ([2002] 2011) ressaltou que, na análise da relação de domínio – e do exercício da violência – do indivíduo sobre um objeto externo, vem a ser importante a consideração dos aspectos fantasísticos nela implicados.

A análise minuciosa de casos considerados como representativos de patologias do agir evidencia certa especificidade do objeto externo sobre o qual o indivíduo exerce domínio, seja esse objeto (i) uma região do próprio corpo, (ii) seja um objeto inanimado, a exemplo de um alimento ou de uma substância psicoativa; (iii) seja um objeto animado tal como outro indivíduo ou animal.

Assim, se considerará que, nessas patologias, o ato compulsivo mediante o qual se exerce violência contra um terceiro vem a ser determinado, simultaneamente, pelas descargas mediatas e, imediatas, de excitações. A atuação, então, se relacionará não somente com a expressiva capacidade do ato em si de descarga de excitações (aspecto imediato da atuação), mas também à capacidade de satisfação pulsional, de realização de desejo, de encenação da fantasia.

Anteriormente, se indicou que a experiência traumática de alguns indivíduos se implicaria na sua compulsão sádica de passivação de outros que tenham evocado neles a situação de desamparo, de passivação radical. Mas, seguramente, nem todo objeto externo assumiria a função de outro ameaçador, evocador dessa situação. Na configuração de uma patologia do agir, os atributos específicos assumidos por esse outro variariam de acordo com a história – traumática – individual, mas não necessariamente se restringiriam ao eixo ativo-passivo.

Muito comumente, o narcisismo das pequenas diferenças assumiria certa centralidade. Assim, algum elemento socialmente repudiado sustentaria uma idealização negativa do outro. Por exemplo, os supostos indícios da homossexualidade – isto é, as marcas da orientação homossexual do desejo – seriam repudiados coletivamente, se reiterando a concepção – ilusória – da essencialidade da identidade de indivíduos não identificados como homossexuais. O ato de violência se relacionaria com a tendência individual de autoafirmação narcísica.

Adicionalmente, em alguns casos, se suporia que o caráter ameaçador do outro remeteria adicionalmente à sua não renúncia a um desejo ao qual o sujeito se viu compelido a renunciar. Nesse sentido, seriam entendidos alguns casos extremos de indivíduos que assassinaram sistematicamente terceiros identificados como homossexuais, transexuais, entre outros gêneros.

Há diferentes modalidades de violência – a violência atuada sendo somente uma delas – e um ato de violência extrema não necessariamente se relacionaria com uma dita "patologia do agir". Em certas condições, mesmo um indivíduo no qual não se tenha estabelecido a mencionada patologia recorreria à passagem ao ato e, inclusive, ao direcionamento de sua agressividade a um outro.

Por outro lado, se suporia que o indivíduo que exerce de modo compulsivo e reiterado a violência atuada contra certas categorias objetais, mais comumente se situa na categoria chamada patologia do agir. Daí, a relevância da discussão mais detida acerca dos elementos implicados na violência atuada e exercida – compulsiva e reiteradamente – sobre terceiros.

Em alguns desses casos, a experiência traumática do indivíduo – correspondente a uma situação de passividade radical – implica a compulsão sádica de passivação de terceiros os quais tenham evocado naquele a sua própria situação de passividade radical, a qual seria insuportável. Nesses casos, a passivação de um outro mediante a convocação da motricidade serviria como meio de descarga das excitações angustiantes. Então, o objeto externo ao qual o ódio seria direcionado e sobre o qual a agressividade seria concretizada, seria dominado enquanto se dominaria em alguma medida esse montante de excitações. Coordenadamente, então, seriam descarregadas em um registro sensório-motor excitações não investidas em objeto (isto é, não mediatizadas), e seria investido um montante libidinal no objeto dominado mediante o ato.

Mas, seguramente, nem todo objeto externo assumiria a função de outro ameaçador, evocador dessa situação. Ao menos, seria consistente a suposição de que os objetos não a evocariam todos com a mesma frequência. Mesmo nos casos mais extremos, compulsivos e reiterados de atuação violenta contra terceiros, não se estabeleceria a aleatoriedade dos investimentos objetais.

Os afetos de ódio de um indivíduo contra aqueles outros reconhecidos como diferentes estão a serviço da manutenção da sua "integridade narcísica" (Barros; Rocha, 2013). Desse modo, certos outros, não genéricos, viriam a ser para-raios do ódio. O narcisismo das pequenas diferenças se relacionaria com certa tendência individual ao direcionamento do ódio a esses outros, e à concretização da agressividade contra estes últimos, embora a maioria dos indivíduos tenda a concretizar a agressividade em discursos – e somente em condições ditas "extremas" a concretize diretamente em ato.

Assim, a violência atuada e exercida de modo compulsivo e reiterado sobre terceiros resulta de aspectos mais ou menos mediatizados simbolicamente. Os níveis de determinação dessa modalidade de violência são muitos. Primeiramente, a insuficiente capacidade de simbolização condicionaria a certa tendência à convocação da motricidade. Então, o aspecto traumático correspondente ao eixo "passivo-ativo" condicionaria ao domínio de um objeto externo. Em um terceiro nível, adicional, a recusa da diferença se implicaria na especificidade do outro ameaçador o qual seria compulsivamente dominado.

Considerações finais

Neste artigo, em meio à revisitação de questões relativas às ditas patologias do agir, indicamos a sua etiologia traumática, o seu caráter compulsivo e o seu caráter dominatório, para além de sua dimensão violenta. Certamente, mesmo não tendo sido os únicos operadores teóricos articulados em estudos sobre essas patologias, as noções de trauma, de compulsão e de domínio têm contribuído significativamente à análise de seus casos representativos. Além disso, a articulação de tais operadores não ocorreria exclusivamente na análise dessas patologias, mas tal articulação orientaria um entendimento consistente de algumas de suas nuances não diretamente observáveis.

Nesse contexto, argumentamos contra a suposição de que a capacidade relativamente reduzida de representação nessas patologias implicaria a inexistência – ou a aleatoriedade – de investimentos objetais. As excitações angustiantes descarregadas motoramente nessas patologias seriam não somente direcionadas a objetos, mas a objetos muito específicos, variando conforme ao caso. A violência atuada e exercida de modo compulsivo e reiterado sobre terceiros, assim, resulta de aspectos mais ou menos mediatizados simbolicamente. Nessas patologias, a atuação se relaciona não somente com a expressiva capacidade do ato em si de descarga de excitações (aspecto imediato da atuação), mas à capacidade de satisfação pulsional, de realização de desejo, de encenação da fantasia.

Abstract

This article makes a reflection on the violence acted in the context of the so-called pathologies of acting. As fundamental metapsychological tools, we use the notions of trauma, compulsion and mastery in our ideas. Furthermore, we give importance to the non-generic status of the object in clinical phenomena in which violence shows its most radical face.

***Keywords**: Psychoanalysis, Trauma, Violence.*

Referências

BARROS, M. N. C.; ROCHA, Z. J. B. Ódio, cúmplice do Eu. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund. online*, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 518-528, 2013. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1415-47142013000400002. Acesso em: 26 jul.2021. Epub 03 fev. 2014. ISSN 1984-0381. https://doi.org/10.1590/S1415-47142013000400002.

BIRMAN, J. *Cadernos sobre o mal*: agressividade, violência e crueldade. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BIRMAN, J. Os paradigmas em psicanálise. *In:* BIRMAN, J.; KUPERMANN, D.; FULGÊNCIO, L. (orgs.). *A fabricação do humano*: psicanálise, subjetivação e cultura. São Paulo: Zagodoni, 2014.

CARDOSO, M. R. A impossível "perda" do outro nos estados limites: explorando as noções de limite e alteridade. *Psicologia em Revista*, v. 13, n. 2, p. 325-338, 2007.

CARDOSO, M. R. A servidão ao "outro" nos estados limites. *Psychê*, São Paulo, v. 9, n. 16, p. 65-75, dez. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141511382005000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 jul. 2021.

CARDOSO, M. R. Violência, domínio e transgressão. *Psychê*, São Paulo, v. 6, n. 10, p. 161-171, 2002.

CARDOSO, M. R.; GARCIA, C. A. *Entre o eu e o outro*: espaços fronteiriços. Curitiba: Juruá, 2011.

CAROPRESO, F. Estrutura conceitual e impasses teóricos em "Além do princípio do prazer". *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, 11(2), p. 41-61, 2020. doi:https://doi.org/10.5902/2179378644480.

FERENCZI, S. *Diário clínico* (1932). Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FREUD, S. Além do princípio do prazer (1920). *In:* _____. *História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 161-239. (Obras completas, 14).

FREUD, S. Os instintos e seus destinos (1915). *In:* _____. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 51-81. (Obras completas, 12).

JEAMMET, P. Le passage à l'acte. *Imaginaire & Inconscient*, n. 16, p. 57-63, 2005.

LIMA, R. S. *et al.* Medo da violência e adesão ao autoritarismo no Brasil: proposta metodológica e resultados em 2017. *Opin. Publica,* Campinas, v. 26, n. 1, p. 34-65, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010462762020000100034&lng=en&nrm=iso.

LIMA, R. S. Violence and public safety as a democratic simulacrum in Brazil. *In: International Journal of Criminology and Sociology*, v. 7, pp. 159-172, 2018.

PINO, A. Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo. *Educação & Sociedade* [online]. 2007, v. 28, n. 100, p. 763-785, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300007. Acesso em: 10 jul. 2021.

ROUSSILLON, R. *Paradojas y situaciones fronterizas del psicoanálisis* (1991). Buenos Aires: Amorrortu, 1995.

VALE, A. L. A. *Trauma, passividade e domínio nos atos de violência sexual*. 2014. 88 f. Dissertação (Mestrado em teoria psicanalítica) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Recebido em: 10/04/2022
Aprovado em: 26/06/2022

Sobre os autores

João Eduardo Torrecillas Sartori
Psicanalista.
Médico.
Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (PPGFil/UFSCar).
Doutorando em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos (PPGPol/UFSCar). Desde 2020, integra o Núcleo de Estudos dos Partidos Políticos Latino-Americanos (NEPPLA), vinculado ao CNPq e ao Departamento de Ciências Sociais da UFSCar. Pesquisador (membro associado) na Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (AUPPF).
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6718-8042

E-mail: joao.sartori@hotmail.com.br

Leandro Rafael Ferreira dos Santos
Psicanalista.
Psicólogo.
Mestre em teoria psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Doutorando em teoria psicanalítica pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ.
Membro titular da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID).
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7138-3147

E-mail: leandrorfs@uol.com.br

Supervisão on-line: *uma correlação entre necessidade e contingência*[1]

Online supervision: a correlation between the need the and the contingency

Magda Maria Colao

Resumo

A supervisão *on-line* não é apenas processo, funções de enquadre, transferência e tripé da formação psicanalítica. É também um encontro humano na dialogicidade que abre espaço à potência do ser, à troca de experiências. A supervisão *on-line* é, ao mesmo tempo, necessária, contingente e está organicamente ligada à busca de conhecimento. Assim, promove uma ligação interativa e estável. Este artigo reflexivo contém uma mirada a partir de Freud, Lacan, Winnicott e Ferenczi, envolvendo a construção de modos para que a psicanálise, através do compreender, possa permanecer no processo em curso que solicita o criar e o experimentar. Freud, em *Uma dificuldade no caminho da psicanálise* (1917), já havia indicado que as dificuldades abrem possibilidades para nascer outra realidade. Essas transformações ocorrem para equacionar estados do mundo real.

Palavras-chave: Psicanálise, Supervisão *on-line*, Necessário/contingente, Experiência.

Introdução

A supervisão *on-line,* assim como a história, é um processo e baseia-se em um fundamento – o que conta é o ser humano vivo, real, ancorado em seu presente. O fluxo da história, com os agravantes sindêmicos da covid-19, foi um admitir e envolver-se com os processos de atendimento virtual. Muitos psicanalistas já prestavam esse serviço há quase uma década. De minha parte, sempre havia sido contrária ao atendimento digital, por primar pela dimensão essencialmente presencial com o corpo, o afeto, a linguagem. Diante da reclusão social, dei-me conta de que era urgente preservar a saúde, respeitar o isolamento social e não abandonar a psicanálise, a qual brota das rupturas, do inesperado. Imediatamente providenciei o meu Cadastro e-Psi na plataforma do Conselho Federal de Psicologia para iniciar o novo cenário de *home office*.

Uma nova construção de atendimento clínico e prestação de supervisão *on-line* rapidamente se erguia.

> Foi preciso um começo mutilado e unilateral, um começo abstrato e imperfeito, para encontrar o caminho do concreto. Foi preciso começar por um conhecimento sem conteúdo, por má compreensão, para encontrar o

1. Trabalho apresentado no XXIV Congresso de Psicanálise do Círculo Brasileiro de Psicanálise - *Para além da pandemia: ecos na psicanálise*, realizado pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, de 4 a 6 nov. 2021, por meio da plataforma Zoom.

> caminho da compreensão do conteúdo (Bensaïd, 1999, p. 339).

As significativas inovações tecnológicas, como a internet, pertinentes à quarta ferida narcísica da humanidade – o ciberespaço – que estão favorecendo sobretudo a comunicação, a busca e a troca de conhecimentos, tornaram-se uma potente ferramenta de contato social, com interação *on-line*.

É essencial refletir sobre nossas atividades *on-line*: "entender a dimensão da virtualidade intrínseca ao dispositivo psicanalítico, isto é, intrínseca à mente do analista" (Figueiredo, 2021, p. 73). Antes de mais nada, há que convir com Freud ([1937] 1975, p. 294), no seu texto *Construções em análise*, que o analista interpreta e faz construções assim como um arqueólogo, porém "a construção constitui apenas um trabalho preliminar no sentido de que a totalidade dela deve ser completada antes que o trabalho seguinte possa começar". O psicanalista constrói a partir de uma memória, de uma formação inconsciente. Psicanálise não se constitui só na subjetividade, na interioridade, mas está no aqui e agora, em contínua relação com o mundo, com o meio, com os movimentos da natureza e da caminhada histórica. "O caminho do concreto ao concreto nunca é o mais curto. Vai dar, não raro, num beco sem saída", como afirma Bensaïd (1999, p. 163). Psicanálise é dialética e está em constante movimento.

Freud ([1926] 1976, p. 258), em *A questão da análise leiga*, trata da necessidade de os candidatos à psicanálise passarem pelo tripé de formação: submeter-se à análise pessoal; receber informação teórica mediante conferências e seminários "sobre todos os assuntos que são importantes para eles; e desfrutarem da supervisão de analistas mais velhos e mais experimentados quando lhes é permitido fazer suas primeiras experiências". Ser psicanalista envolve uma caminhada árdua, e o trabalho, que é de intensa responsabilidade, requer troca de ideias, pesquisa nas sociedades psicanalíticas, e "o preparo para atividade analítica de modo algum é fácil e simples", escreve Freud ([1926] 1976, p. 259). O valor da vida é supremo e não pode ser reificado. Freud tinha amor pelo conhecimento, pela literatura, pela arte e interesse pelos fatos mais simples da vida cotidiana. Assim, alastrou "os campos de conhecimento do mundo e revolucionou a ciência revelando novas verdades", como relata Landmann (1993, p. 93).

> [...] na psicanálise tem existido desde o início um laço inseparável entre a cura e a pesquisa. O conhecimento trouxe êxito terapêutico. Era impossível tratar um paciente sem aprender algo de novo; foi impossível conseguir nova percepção sem perceber seus resultados benéficos. Nosso método analítico é o único em que essa preciosa conjunção é assegurada (Freud, [1926] 1976, p. 291).

Freud estava convencido da necessidade da supervisão, tanto é que ele

> [...] fundamentou a autorização na análise didática. Sem ela não há analista. O que autoriza, em Freud, é a relação com o inconsciente e a disposição a deixá-lo falar. Dirá depois que é condição necessária, mas não suficiente (Zuberman, 2008, p. 20).

Para Safouan, Julien e Hoffman (1996), o papel do supervisor é o de refrator do relato que chega até ele por meio do supervisionando, envolvendo o decifrar da mesma linguagem cifrada pelo inconsciente e sua reverberação, criando o laço analítico. A arte da psicanálise, em sua gênese, lembra Ogden (2010, p. 17), é "um processo de inventar a si mesma durante o caminho [...]. A psicanálise é uma experiência emocional vivida. Como tal, ela não pode ser traduzida em palavras. Ela é o que é". Cava o desejo do saber – política do desejo.

Embarcamos nos tempos da supervisão *on-line*, a qual também suscita encontro humano. O encontro humano acontece criando

laços, desatando os nós de seu real. Isso toda vez que, entre a dupla terapêutica, em seu campo clínico, houver a chave que possibilita acesso a um espaço permissivo e seguro, justamente para que a expressão emocional, a troca de experiências e a aprendizagem significativa levem ao desenvolvimento de sua potência de ser, ao encontro de suas ações. "Para cada época, o presente histórico representa o coroamento de uma história consumada e a força inaugural de uma aventura que (re)começa" afirma Bensaïd (1999, p. 109). Do passado vale a tradição dinâmica. O futuro não nos pertence. O presente é o aqui e agora. "O tempo só existe pelas metamorfoses desse presente pontual, cuja cambiante persistência desafia a lógica do mesmo e do outro" (Bensaïd, 1999, p. 111). Há, metaforicamente, que surfar essa onda, enfrentar a realidade. Cada um de nós se movimenta conforme suas necessidades e contingências.

> Considero que o psicanalista tem eticamente o dever de estar do lado do sujeito e do seu mal-estar, assim como do mal-estar na civilização. O psicanalista tem um dever ético não apenas junto aos seus analisantes, como também à civilização, à *polis* e ao mal-estar na civilização. Cada um, dessa forma, vai agir como achar importante e necessário (Quinet, 2020, p. 15).

Todas as relações de vínculos guardam em si um teor simbólico tanto sobre o aparato psíquico, o sujeito psíquico, quanto sobre o ambiente e a transferência. Isso é válido tanto na clínica quanto nas sessões de supervisão *on-line*, sustentadas nas correlações fundamentais para que o enquadre, o manejo, a transferência, o inconsciente, a técnica e a escuta psicanalítica sejam identificados e validados pelo próprio supervisionando. Há um caráter necessário da supervisão *on-line* que se situa no processo de seu desenvolvimento, o contingente e o necessário intercambiados intimamente. O que transcorre?

Necessidade e contingência em relação à supervisão *on-line*

> É importante pensar sobre a necessidade e a contingência da supervisão *on-line*, uma vez que implica a presença do analista supervisor e do analista supervisionando: – não uma presença física, mas de outra ordem. Nesse sentido, proponho não utilizarmos a dualidade entre sessões virtuais e presenciais, pois há uma presença do analista na sessão *on-line*. Não há antinomia. E sim virtual e física (Quinet, 2021, p. 24).

A priori, o virtual contém uma potência. O termo "virtual", segundo Lévy (2010, p. 49), "é toda entidade 'desterritorializada' capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular". Por outro lado, Freud ([1912] 2010, p. 154) recomenda aos psicanalistas que

> [...] no tratamento psicanalítico tomem por modelo o cirurgião, que deixa de lado todos os seus afetos e até mesmo sua compaixão de ser humano, e concentra suas energias mentais num único objetivo: levar a termo a operação do modo mais competente possível.

Neste momento, faz-se necessário "nomadizar" o fenômeno da supervisão *on-line*. Nomadizar, sinalizam Lemos, Cardoso e Nascimento (2012, p. 160), está relacionado ao fato de que

> [...] todo conceito é um movimento no plano do pensamento que encontra movimentos no contexto sócio-histórico. [...] O que objetiva [a pesquisa nômade] é a abertura de um campo de perguntas pela efetuação do pensar como experimentação.

Então, o desenvolvimento da supervisão *on-line* indica que há necessidade e contingência para existir essa materialização. Logo,

> [...] todos os fenômenos observados no mundo não representam nada mais do que as diferentes manifestações de uma natureza única, as diferentes formas de sua existência, seus diferentes estados e propriedades (Cheptulin, 1982, p. 76).

Há uma substancialidade na matéria supervisão psicanalítica que independe de ser ela física/presencial ou remota, porque "consiste no fato de que ela jamais perde seus atributos e suas propriedades e de que cada uma de suas formações (fenômeno) encerra nela mesma potencialmente essas mesmas propriedades", como conclui Cheptulin (1982, p. 77).

Metaforicamente, assim como a *Wikipédia* funciona como um oráculo, uma grande enciclopédia, no espaço de supervisão *on-line,* o analista não é o mestre ("psicanalistapédia"), muito menos um *gadget*, um aplicativo qualquer.

> Ninguém pode conhecer seu próprio inconsciente sem a ajuda de alguma pessoa. A repressão mantém a resistência ao que foi afastado do conhecimento consciente; e, no entanto, emergem ainda indícios de conflitos inconscientes (Casement, 1987, p. 19).

O processo de supervisão é uma alavanca de aprendizagens com trocas significativas. Casement (1987) evidencia que qualquer psicanalista, supervisor ou supervisionando, independentemente da situação, comunica ao outro muito mais sobre si do que costuma perceber em geral. Há que escutar os pontos surdos e desvelar os pontos cegos, porque são inevitáveis o saber e o uso do não saber. Nesse ínterim, gera-se uma tensão criativa entre o saber e o não saber. Em decorrência disso, o laço da condição da existência do espaço envolve os processos analíticos, os quais, por meio da transferência e da experiência, reconhecem que, psicanaliticamente, para perdurar, necessitam do enquadramento. No enquadre analítico, Casement (1992, p. 220) destaca que a "eficácia do analista é melhor demonstrada quando ele aprende a seguir o processo analítico, e não tentando controlá-lo". Esses aportes teóricos, em supervisão *on-line* ou não, são considerados possibilidade.

> A possibilidade designa não o que pode surgir ou não, mas o que acontecerá em certas condições. O elo intermediário entre a possibilidade e a realidade não é a contingência [...], mas as condições concretas. Se elas são reunidas, a possibilidade não pode deixar de se transformar em realidade. Isso se produzirá em qualquer lugar e sempre, desde que haja possibilidade e as condições correspondentes (Cheptulin, 1982, p. 244).

O contingente é o não determinado. E "pode-se repetir. Além disso, um traço específico do contingente é o de ser condicionado pelas circunstâncias exteriores" (Cheptulin, 1982, p. 245). O psicanalista, antes de oferecer uma supervisão *on-line*, deve medir todas as chances capazes de assegurar seu êxito, uma vez que seu ofício "é muito solitário, e a supervisão se oferece também como forma de atenuar a solidão" (Gueller, 2020, p. 19). O que pensar a partir do aqui e agora quando a transformação das possibilidades, em realidade, está ligada à corrida para a supervisão *on-line*? Sugere Cheptulin (1982, p. 251):

> [...] a contingência, sendo uma forma da necessidade, é, ao mesmo tempo, seu complemento, porque ela encerra não somente a natureza específica da formação material estudada, mas igualmente as particularidades de outras formações materiais com as quais ela entra em interação.

A supervisão *on-line*, dadas as contingências sindêmicas da covid-19, pode ser concebida como devir, porque, nesse processo de ter experimentado, desenvolvido a supervisão digital, para Cheptulin (1982, p. 252), "o contingente transforma-se em necessário

e o necessário em contingente" e podemos recriar, transformar, conforme interesses operacionais. O devir sugerido por Fuganti (2012) é compreendido como potência de acontecer, mudar e implica, ao mesmo tempo e necessariamente, experimentá-lo de modo diverso. Nada persiste fora do devir, e este, por sua vez, desponta como horizonte movente de cada potência.

> Devir é visitar e ser visitado por intensidades que brotam e se fabricam nos limiares ou nas zonas de passagem, por variações que se insinuam nos interstícios das formas, por insistência e pressão de um real apenas virtual, mas que por isso mesmo faz a própria natureza da diferença (Fuganti, 2012, p. 76-77).

Ao compreender as correlações do psiquismo, a psicanálise engendra força do devir, por ser "uma atividade de acumulação de conhecimento próprio da modernidade" (Kirschbaum, 2017, p. 493). Winnicott (2011), em *Tudo começa em casa,* especifica que a psicanálise é uma ciência aplicada, está vinculada ao desenvolvimento emocional do ser humano. O autor ratifica que Freud realmente iniciou uma ciência e sempre esteve atento à personalidade, ao caráter, à emoção e ao esforço. Desse modo, "a psicanálise se mantém ampliando território científico para incluir os fenômenos da personalidade, do sentimento e do conflito humano. [...] É possível examinar a natureza humana" (Winnicott, 2011, p. xiv). O questionamento não cessa.

> Mas o que significa ciência? [...] quando surge um vazio no conhecimento, o cientista [...] assume sua ignorância, e se delineia um programa de pesquisa. [...] O cientista pode se permitir uma espera e se permitir ser ignorante. Isso significa que ele tem algum tipo de fé [...] uma capacidade.
> [...]
> Para o cientista, formular questões é quase tudo. As respostas, quando aprecem, apenas conduzem a outras questões (Winnicott, 2011, p. xiv).

Sob a perspectiva de Winnicott, refletir a respeito da supervisão *on-line* é ter uma postura ética, científica, em direção ao ambiente facilitador e a seus ajustes adaptativos progressivos, de acordo com as necessidades da dupla analista/supervisionando. Cheptulin (1982) destaca que a necessidade e a contingência não existem de forma separada, encontram-se uma ao lado da outra, interpenetrando-se, porque estão em ligação orgânica e em interdependência e pertencem aos mesmos fenômenos. O fenômeno supervisão *on-line* é, ao mesmo tempo, necessário e contingente. Em cada testemunho vivido de supervisão, remota *ou não*, há propriedades, e as ligações contingentes são, conforme denomina Cheptulin (1982, p. 251),

> [...] uma forma de manifestação das propriedades e das ligações necessárias. A necessidade cria seu caminho [...] e uma grande quantidade de novos elementos que não decorrem da necessidade, mas que são condicionados por circunstâncias exteriores.

Nesse sentido, é possível o encontro humano em supervisão *on-lin*e,

> [...] vivendo de modo criativo. Seja qual for a definição a que chegamos, ela deve incluir a ideia de que a vida vale a pena – ou não – ser vivida, a ponto de a criatividade ser – ou não – uma parte da experiência de vida de cada um (Winnicott, 2011, p. 23).

A imersão na modalidade digital levou-nos a absorver a força do integrar para nossa práxis *on-line,* alastrando-se para novos espaços, eliminando fronteiras.

Compreendendo a práxis *on-line*

A compreensão da práxis não é mera atividade da consciência – humana –, mas sim material do homem social a partir de seu ponto

de vista histórico-filosófico. A práxis humana compreende dois aspectos:

> [...] um intencional, na medida em que, através da mesma, o indivíduo persegue um fim determinado; e outro não intencional, quando sua atividade se integra com outras práxis no nível social, produzindo resultados globais que escapam a sua consciência e vontade. [...] A história é racional no sentido de que todos os desenvolvimentos das culturas humanas podem ser explicados por meio de legalidades (Vázquez, 2011, p. 19).

Historicamente, a práxis psicanalítica carrega em si uma herança oriunda do compartilhamento das experiências singulares de cada psicanalista. A prática analítica objetiva o "reconhecimento e o desenvolvimento das potencialidades criativas do inconsciente cujas modalidades de expressão são virtualmente inesgotáveis" (Bokanowski, 2002, p. 30). Nessa concepção, a prática da supervisão *on-line*, como a práxis psicanalítica, é irredutivelmente múltipla, porque resulta de uma metodologia, ao mesmo tempo clínica, técnica e teórica. A supervisão virtual não se basta por si mesma, está interligada, uma vez que evoca ligações consubstanciais com a "Feiticeira Metapsicologia", através de sua aplicação clínica reportada pelo supervisionando. E a práxis do tratamento psicanalítico, desde o seu princípio, não parou de se modificar, lembra Bokanowski (2002). A supervisão *on-line*, como a própria *psique* e a análise, é transformação.

Como interpretar, denominar, no plano metapsicológico, a supervisão *on-line?* Por meio da nossa experiência, a supervisão *digital*, em sua natureza, suas ligações, apresenta uma flexibilidade maior ou menor em sua capacidade de exercer suas potencialidades. Hodiernamente, a práxis psicanalítica, reflete Figueiredo (2021), é muito mais complexa, rica e profunda do que nos tempos de Freud, sem mencionar que conhecemos, ou, pelo menos, buscamos conhecer, aprender e interagir com fenômenos que nem ele mesmo imaginava existirem. A possibilidade de supervisão *on-line* desperta e abre vastas perspectivas e guarda em si não apenas a correlação entre necessidade e contingência vivida a partir de 2020, com a invasão do mundo pandêmico, mas também o que Lacan ([1964], 2008 p. 225), no *Seminário 11,* trata sobre o lugar do analista a partir da compreensão da categoria de sujeito suposto saber, pivô da transferência: "A transferência é um fenômeno em que estão incluídos o sujeito e o psicanalista". O analista sustenta esse lugar, cujo qual é objeto da transferência, mantendo-se na condição de "autoridade" apenas como uma estratégia inicial para que o paciente realize o trabalho analítico. O sujeito lacaniano coincide com o inconsciente estruturado como linguagem e, assim, ficamos cara a cara com a falta que nos move. Somos sempre analistas em formação.

Afirma Lacan (2020 [1964], p. 64):

> O despertar nos mostra o acordar da consciência do sujeito na representação do que passou – o deplorável acidente da realidade, ao qual não se pode fazer mais nada do que acorrer!

Precisamos, como alega Ferenczi (2011a, p. 260), "harmonizar o saber recém-adquirido".

O "recém-adquirido" em nossa vivência com a supervisão *on-line* nos fez lidar com novas percepções e representações. No princípio, ao usar a telinha, ver apenas o sujeito com os ombros e a cabeça enquadrados no monitor diante de nossos olhos, percebemos que, ali, olhar o outro, o ato de ver-se "olho no olho", olho nu, as sinapses e as conexões estabelecidas ficam como:

> [...] um olhar estrangeiro, desse modo, é condição para o pesquisador que, ao pesquisar/intervir, analisa sua própria implicação no processo e os efeitos que daí advêm. É con-

> dição para as escolhas metodológicas [...] produzir conhecimentos éticos, estéticos e políticos, socialmente comprometidos com a diversidade da vida (Zanella, 2012, p. 172).

A vida libidinal precisa mais do estranho, e isso mexe com a fantasia, promovendo reverberações, movimentos que ganham relevo. Sem movimento, não ocorre vida. Eros precisa saltitar. Propor e assumir atendimento e/ou supervisão *on-line* foi desvendar uma nova visão para com a psicanálise. Estamos em processo de construção. Aprendemos, por exemplo, que o não uso do divã, que – simbolicamente – passou a ter representação de morada. O sujeito em análise, pela concepção winnicottiana, é um ser humano que, como tal, deseja continuar ser e quer ser de diversas formas no mundo. Apesar de utilizarmos os recursos tecnológicos, estamos vivendo a era digital: nanotecnologia, computação quântica. Para sustentar a supervisão/atendimento virtual, reconhecemos que o homem não é máquina de eletrodos. Mesmo que diante da banalização do trabalho, em alguns momentos, o ser humano para sobrevir, funcione como máquina de carne e osso, ele precisa de espaços que promovam a democracia.

Por exemplo, praticar a psicanálise requer conservar os objetivos do tratamento, e, conforme orienta Winnicott (1983, p. 152). Sendo psicanalista,

> [...] tenho o propósito de: me manter viva; me manter bem; me manter desperta. O objetivo de ser eu mesma e me portar bem. Uma vez iniciada uma análise espero continuar com ela, sobreviver a ela e terminá-la. [...] Seria desumano não fazê-lo.

Há que nos adaptarmos às contingências, à realidade e construir possibilidades, já que "todos os analistas são iguais tanto quanto são analistas. Mas não são iguais" (Winnicott, 1983, p. 155). O que percebemos?

O que constatamos no período de um ano e oito meses oferecendo atendimento e supervisão *on-line* é a presença de um estranho cansaço ao atender de forma *on-line*, que pode ser identificado como uma superexigência de via dupla, que afeta o psicanalista para poder dar conta da sustentação do ambiente facilitador, nutrindo a aliança terapêutica (supervisor/supervisionando ou psicanalista/analisando). A primeira via sugere relação tanto com o tratamento quanto com a supervisão psicanalítica, as quais operam com trabalho de transformação a dois. Aí também há um encontro de dois inconscientes. Assim, os protagonistas, de acordo com a teoria do espelhamento, o pareamento identificatório e contraidentificatório, se cruzam a partir dos quatro pontos cardeais que organizam o trabalho analítico, como alerta Bokanowski (2002, p. 43): "a neurose (psiconeurose) de transferência, as resistências, a contratransferência e a interpretação".

A segunda via dessa relação está no manejo do supervisor psicanalista ao proporcionar ambiente facilitador para que o supervisionando mantenha-se em contato com a narrativa de seu estudo de caso, ao mesmo tempo em que esteja em sintonia com seu íntimo, reverberando um ambiente conectado para obter seus *insights*. Ou seja, nesse engajamento virtual, seu verdadeiro *self* exige cuidados redobrados para não deixar vingar o espaço do olhar vazio no monitor, que, querendo ou não, nessa virtualidade do olhar, pode habitar o real. O preenchimento desse vazio requer experiência, tato, aprender a tópica, a dinâmica e a economia do funcionamento psíquico. Em *Elasticidade da técnica psicanalítica*, Ferenczi (2011b, p. 30) ensina que os esforços para tornar

> [...] acessível a outros a técnica [...], a compreensão dos processos que se desenrolam na vida psíquica de outrem depende de aptidão particular [...] de colocá-los em situação de aprender, de seu semelhante [...] essa

> transformação da arte do conhecimento dos homens.

A referência ao vazio do olhar está relacionada ao fato de dois seres se olharem em seu *display* e entre eles haver toda uma engenharia, ondas, uma máquina que captura a imagem, o som e a internet, os quais surgem não como "olho no olho". A subjetividade, assim, passa a se compor de outra maneira. A essa hiância sem nome hoje denomino de "vazio", o qual dá a sensação de cansaço. Esse vazio é semelhante à morte, que não está inscrita no aparelho psíquico. Precisamos aprender a lidar com esse vazio, a simbolizá-lo e a minimizá-lo, porque tem exigido libidinalmente do psicanalista que atende remotamente. Convém conceber a supervisão *on-line*

> [...] como um processo evolutivo que se desenrola sob nossos olhos, e não como um trabalho de um arquiteto que procura realizar um plano preconcebido. Que não nos deixemos levar, em circunstância nenhuma (Ferenczi, 2011b, p. 32).

Para tanto, há que se ter o que Ferenczi (2011b, p. 31) define como *tato*, "a faculdade de *sentir com*". Outrossim, o corpo, muitas vezes, fala mais do que as palavras. Para manter o clima favorável no *setting* analítico, Ferenczi (2011b, p. 38) recomenda alimentar a confiança, a franqueza e a vigilância às diversas formas de reações afetivas, sendo "parcimonioso nas interpretações, em geral, nada dizer de supérfluo".

Tecendo considerações finais

O cenário mundial pandêmico e, no Brasil, o declarado estado sindêmico por covid-19 alteraram drasticamente nosso *modus operandi*, e tais alterações ainda estão em curso. Assim que a população foi tomando consciência de que eram necessárias medidas urgentes, como a reclusão social, quem conseguiu se proteger em suas residências imediatamente transformou seu domicílio em outro espaço. A humanidade está imersa na realidade virtual: *home office*, encontros familiares, acadêmicos, compras no mercado, consultas médicas, atendimento psicanalítico e supervisão *on-line* analítica. Num *click* tudo muda.

Bastos e Silva (2002, p. 84) afirmam:

> Tudo agora está por um *click*. A distopia agora é uma realidade, palpável. E invadiu a clínica psicanalítica. Os consultórios e as sessões em pouco tempo foram transferidos para o ambiente da internet, o *online*, com pacientes e analistas confinados em suas casas, junto com suas famílias. Muitas adaptações. [...] Muitos desafios, ao *setting*, ao enquadre, aos humanos...

O espaço virtual, os encontros remotos e a distância produziram outra realidade: viver intensamente a vida e o trabalho virtual.

> Se, por um lado, então, convertemos nossos consultórios psicanalíticos em espaços virtuais, também temos trabalhado – exaustivamente – diante da angústia e do desamparo coletivo provenientes do momento histórico" (Gebrin, 2020, p. 48).

Freud sempre demonstrou desgosto por todo ato de desrespeito à vida e nunca teve uma palavra em desfavor de qualquer sofrimento humano; e sempre se reinventou, apesar dos infortúnios dos tempos, acolhendo a psicanálise como

> [...] um sintoma do mal-estar na civilização. Enquanto houver mal-estar na civilização, deve existir a psicanálise como forma de tratamento do mal-estar do sujeito e da civilização (Quinet, 2020, p. 15).

Nossa relação com o sujeito na era digital não aboliu a arte de escutar. A supervisão *on-line* veio para mostrar que a psicanálise traz consigo uma subversão própria, uma vez que provoca, forja o analista a desenferrujar

as engrenagens do seu sentir/pensar/agir diante do movimento de busca ao sim à vida, acreditando na verdade do sujeito psíquico. Ser ativo, criativo.

Os tempos de investimento psicanalítico, tanto de investigação e estudo quanto de transição para a clínica e a supervisão *on-line,* são tempos de aprendizagem, de transformações que necessitam do acompanhamento do psicanalista. E, para o espaço de supervisão clínica *on-line,* o compreender se faz necessário, porque, sem compreensão, as associações entre escuta do sujeito psíquico, teoria e técnica não são processadas, ficam desajustadas ou surge o que Kirschbaum (2017) denomina de "in-digestão mental" e, assim: para onde vamos?

Triviños (2001) expressa que a compreensão é um caminho *sine qua non* para uma investigação, porque:

1. Implica um confronto entre o sujeito e o objeto (o texto, a linguagem), o sentir e perceber a natureza das coisas.
2. Rejeita o distanciamento alienante entre o sujeito e o objeto, há um conjunto de multiplicidades infinitas que se tocam.
3. É uma tentativa, de forma ampla, de superar a simples explicação de natureza causal.

> A consciência é uma forma particular, superior, do reflexo do mundo exterior e é unicamente por isso que ela pode orientar o homem na realidade ambiente e transformá-la, modificá-la de forma criativa (Cheptulin, 1982, p. 123).

4. Faz do diálogo sua ferramenta básica. A palavra, lembra Lacan (2009, p. 69),

> [...] é mediação sem dúvida, mediação entre o sujeito e o outro, e ela implica a realização do outro na mediação mesma. Um elemento essencial da realização do outro é que a palavra possa nos unir a ele [...] Mas há outra face da palavra que é revelação".

5. A compreensão se realiza através da linguagem, a psicanálise trabalha com o inconsciente que é tramado pela linguagem.
6. A compreensão se apoia na interpretação – o trabalho interpretativo é um precioso instrumento para a psicanálise e cria um espaço potencial – o brincar, espaço de jogo em que, segundo Winnicott (1975 p. 59), a psicoterapia "trata de duas pessoas que brincam".
7. A compreensão permite falar ao sujeito e ao objeto – por exemplo, o bebê deve ver-se em sua mãe. Isso é saudável. E essa mãe permite que a outra pessoa seja ela. Ainda, "com a compreensão, a experiência humana surge como fala. A compreensão aparece quando a linguagem do texto já não é nem do autor, nem do leitor" (Triviños, 2001, p. 106). A compreensão interliga, integra e faz *links*.

> Tudo o que é observável na vida mental pode ser ocasionalmente descrito como fenômeno mental. A questão, nesse caso, é saber se o fenômeno mental específico teve origem imediata em influências somáticas, orgânicas e materiais (Freud, [1915] 1976, p. 80).

Para tudo há que haver maturação. Experimentar é preciso. Para experimentar, alega Lazzarotto (2012, p. 101), "não basta entregar-se à experiência, é preciso construir um modo de permanecer no processo em curso que solicita invenção". Como construir esse percurso? O que estamos vivendo neste evento é uma das formas de construir e pensar a psicanálise contemporânea. O conteúdo da construção brota com a pesquisa, com as rodas de conversa, com os grupos de estudos e com a práxis clínica, realidade sendo vivida no mundo virtual.

Cheptulin (1982, p. 268) aponta que

> [...] toda forma está organicamente ligada ao conteúdo, é uma forma dos processos que o

> constituem. A forma e o conteúdo estando em correlação orgânica dependem um do outro, e essa dependência não é equivalente".

Por exemplo, antes da pandemia, para mim e muitos psicanalistas, o atendimento digital e a supervisão *on-line* eram impensáveis. Atualmente, o atendimento analítico virtual e a supervisão digital passaram pela negação da negação. "A negação é um momento necessário do desenvolvimento" (Cheptulin, 1982, p. 313). Seria a passagem do inferior para o superior, do menos perfeito para o mais perfeito, dada a realidade.

O enquadre da supervisão clínica *on-line* distingue-se do que é usado de forma física, face a face, presencial, e contém ligação com a práxis psicanalítica. É fundamental preservar as funções do enquadre de forma dinâmica e tópica, porque integram e delimitam o que pertence a um "dentro" e a um "fora" no *setting on-line*. Tanto o atendimento analítico quanto a supervisão digital não são impossíveis de acontecer, estão transcorrendo, e suas necessidades e contingências precisam ser consideradas, escutadas. A supervisão *on -line* tem suas vicissitudes, seus limites, leva à transferência, pulveriza funções,

> [...] tem formações do inconsciente. E tem, também, nosso desejo, de todos aqui, de manter viva a psicanálise, manter nossos laços e nos mantermos vivos. É a nossa contingência do momento real (Brunetto, 2020, p. 100).

Em *Novas conferências introdutórias sobre a Psicanálise e outros trabalhos*, Freud (1969 [1932-1936]), deixa claro que a psicanálise está relacionada com o todo, não apenas com a subjetividade, a interioridade, mas com o cosmos, a natureza, a vida e o meio. Desde os primórdios, psicanálise é teoria da cultura. O projeto freudiano de fazer da psicanálise uma ciência natural continua em curso, até porque, como psicanalistas, figurativamente, somos, além de arqueólogos, parteiros; a psicanálise está em constante nascimento.

Abstract

Online supervision is not only a process, the psychoanalytical setting, the transference and the tripod of the psychoanalytic education, but also an instance of human interaction in the dialogicity which allows for the power of being and experience exchange. Online supervision is necessary, contingent and organically tied to the content in the pursuit of knowledge. It promotes, therefore, an interactive and stable connection. This reflective work showcases a gaze on the topic from the perspective of Freud, Lacan, Winnicott and Ferenczi, covering the construction of ways for the psychoanalysis through the understanding, to continue in its ongoing process that requires the creation and the experimentation. Freud, in One of the Difficulties of Psycho-Analysis (1917), states that the difficulties open up possibilities for new realities. These transformations happen to equate the states of the real world.

Keywords: *Psychoanalysis, Online supervision, Necessary/contingent, Experience.*

Referências

BASTOS, A. L. G.; SILVA, J. P. "So what?" A empatia e outros caminhos como saídas da destrutividade. *In:* BASTOS, A. L. G. *et al*. (orgs.). *Além do vírus.* São Paulo: Zagodoni, 2020. p. 83-94.

BENSAÏD, D. *Marx, o intempestivo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BOKANOWSKI, T. *A prática analítica*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

BRUNETTO, A. Psicanálise on-line: possibilidades e limites. *Fórum do Campo Lacaniano-MS. Psicanálise e pandemia*. São Paulo: Aller, 2020. p. 95-100.

CASEMENT, P. *Aprendendo ainda mais com o paciente:* espaço e processo analíticos. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

CASEMENT, P. *Aprendendo com o paciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

CHEPTULIN, A. *A dialética materialista:* categorias e leis da dialética. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

FERENCZI, S. *Obras completas. Psicanálise III*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011a.

FERENCZI, S. *Obras completas. Psicanálise IV*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011b.

FIGUEIREDO, L. C. *A mente do analista*. São Paulo: Escuta, 2021.

FREUD, S. A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial (1926). *In:* _____. *Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos* (1925-1926). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 203-293. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).

FREUD, S. Construções em análise (1937). *In:* _____. *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos* (1937-1939). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 289-304. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23)

FREUD, S. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos* (1932-1936). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

FREUD, S. Parapraxias (1916 [1915]). *In:* _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (Partes I e II) (1915-1916). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 25-37. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 15).

FREUD, S. Recomendações ao médico que pratica a psicanálise (1912). *In:* _____. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("o caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos [1911-1913].* Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.147-162. (Obras completas, 10).

FREUD, S. Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917). *In:* _____. *Uma neurose infantil e outros* trabalhos (1917-1918). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 167-179. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

FUGANTI, L. Devir. *In:* FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L.; MASASCHIN, C. (orgs.). *Pesquisar na diferença.* Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 75-79.

GEBRIN, A. Psicanálise no agravamento das condições oceânico-meteorológicas: que fazer? *In:* BASTOS, A. L. G. et al. *Além do vírus.* São Paulo: Zagodoni, 2020. p. 47–54.

GUELLER, A. J. S. O psicanalista e o sujeito em formação: supervisão e análise com crianças. *In:* DUVIDOVICH, E.; GOLDENBERG, R.; BROIDE, E. E. (Orgs.). *A supervisão psicanalítica:* ofício e transmissão. São Paulo: Zagodoni, 2020. p. 16-33.

KIRSCHBAUM, I. *Breve introdução a algumas ideias de Bion*. São Paulo: Blucher, 2017.

LACAN, J. *O seminário, livro 1:* Os escritos técnicos de Freud (1953-1954). Texto estabelecido por Jacques -Alain Miller. Tradução: Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *O seminário, livro 11:* Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. (Campo Freudiano no Brasil).

LANDMANN, J. *Judaísmo e medicina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

LAZZAROTTO, G. R. Experimentar. *In:* FONSECA, T. M. G. et al. (orgs.). *Pesquisar na diferença:* um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2021. p. 101-103.

LEMOS, F. C. S.; CARDOSO, H. R. J.; NASCIMENTO, R. D. S. Nomadizar. *In:* FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L.; MASASCHIN, C. (orgs). *Pesquisar na diferença.* Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 159-162.

LÉVY, P. *Cibercultura*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

OGDEN, T. *Esta arte da psicanálise:* sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos. Porto Alegre: Artmed, 2010.

QUINET, A. *Análise on-line em tempos de quarentena*. São Paulo: Aller, 2020. p. 13-30.

QUINET, A. *Análise online na pandemia*. Rio de Janeiro: Atos e Divãs, 2021.

SAFOUAN, M.; JULIEN, P.; HOFFMAN, C. *O mal -estar na psicanálise*. Campinas: Papirus, 1996.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Bases teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa em ciências sociais:* ideias gerais para elaboração de um projeto de pesquisa. Porto Alegre: Faculdade Integrada Ritter dos Reis, 2001.

VÁZQUEZ, A. S. *Filosofia da práxis.* São Paulo: Expressão Popular, 2011.

WINNICOTT, D. W. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação:* estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZANELLA, A. V. Olhar. *In:* FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L.; MASASCHIN, C. (orgs.). *Pesquisar na diferença.* Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 171-173.

ZUBERMAN, J. A. Reflexões sobre a prática da análise de controle. *In:* ZUBERMAN, J. A. et al. *Análise de controle*. Porto Alegre: CMC, 2008. p. 17-28.

Recebido em: 10/12/2021
Aprovado em: 18/04/2022

Sobre a autora

Magda Maria Colao
Psicanalista.
Psicóloga.
Pedagoga.
Orientadora educacional.
Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS).
Doutora em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
Mestre em Aconselhamento Psicopedagógico pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).
Professora adjunta da Universidade de Caxias do Sul (UCS).
Integrante do Grupo de Pesquisa Internacional de Formação de Professores para a América Latina.
Linha de pesquisa: Trabalho, Movimentos Sociais e Educação (FACED/ UFRGS).
Parecerista da Revista Direito Ambiental e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Direito da UCS.
Editora da revista Estudos de Psicanálise - Seção RS - 2021/2023.
Orientadora da Liga Acadêmica de Psicanálise (LAPSI) da UCS.

E-mail: magdacolao@gmail.com

Brincar.com compartilhando tela, rabiscos e afetos na clínica psicanalítica com crianças e adolescentes

Playing.com sharing screen, squiggles and affection in the psychoanalytical clinic with children and adolescents

Manuela Dumans e M. Costeira

Resumo

A proposta deste trabalho é apresentar algumas vicissitudes do brincar no atendimento remoto e *on-line* com crianças e pré-adolescentes durante a pandemia de covid-19. Partindo da brincadeira do título com o conceito "sentir com", de Ferenczi, e o domínio de topo da internet (.com), o intuito desta apresentação é compartilhar algumas práticas clínicas que vêm permitindo alargar a noção do *setting* em termos de escuta, graças à experiência do brincar na rede.

Palavras-chave: Clínica infantil, Brincar, Clínica, Internet, *On-line*.

Introdução

O título deste trabalho é uma brincadeira com a expressão "sentir com", de Sándor Ferenczi, que vira *brincar.com*, para se referir ao atendimento *on-line* de crianças. Aliás, podemos até pensar que "brincar com", sem o ponto alusivo aos domínios da internet, seria um pleonasmo já que uma das hipóteses da origem da palavra brincar é que vem do latim "brinco" que significa vínculo, cujo significado é fazer laços, ligar-se.

Desse modo, brincar é sempre "brincar com" – mesmo sozinho – visto que nessa atividade a criança desenvolve laços consigo mesma, criando autonomia e aquilo que Donald Winnicott chamou de capacidade de estar só sem se sentir desamparada. Numa conferência memorial desse autor, André Green (2013, p. 53) inclusive acrescenta que, "mesmo quando a criança brinca sozinha, alguém na sua mente está observando sua brincadeira, alguém que talvez entenda o brincar que ela própria não entende".

Pensar numa clínica infantil entre telas remete-nos tanto ao "sentir com" ferencziano quanto à premissa winnicottiana segundo a qual "a psicoterapia ocorre na intersecção entre duas áreas do brincar: a do paciente e a do terapeuta". O psicanalista húngaro insiste numa capacidade empática do analista, que

1. Trabalho apresentado no XXIV Congresso de Psicanálise do Círculo Brasileiro de Psicanálise - *Para além da pandemia: ecos na psicanálise*, realizado pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, de 4 a 6 nov. 2021, por meio da plataforma Zoom.

precisa alargar as possibilidades de escuta para fazer reverberar em si as predisposições do analisando – não necessariamente sentindo a mesma coisa, mas construindo, através de seu próprio sentir, a possibilidade de criação de algo novo.

Já Winnicott ressalta o espaço "entre" que, no atendimento *on-line*, fica bastante caracterizado por aquilo que acontece entre a tela do analista e aquela do analisando. Brincar à distância é fazer uso das particularidades desse espaço potencial construído pela dupla – presente, apesar da distância física –, e pelos aparatos tecnológicos que redimensionam a experiência compartilhada.

O que pretendo destacar aqui é que o atendimento remoto requer a tal capacidade do analista de adaptar-se não só às necessidades do analisando como também às da situação vigente que, no caso da pandemia do coronavírus, impossibilitou o encontro físico no consultório e levou as sessões para o universo da internet. Brincar *on-line* é deixar-se capturar pela rede, abrindo-se às possibilidades de escuta do sofrimento da criança e se predispondo a adentrar seu mundo, nem que seja pela via de uma partida de videogame, quando ela diz "Me segue!".

Se o ecrã passou a fazer parte do *setting* analítico, arrisco-me a dizer que o atendimento de crianças, mesmo no consultório, constantemente passa por uma "tela" – a dos brinquedos, dos papéis, da massinha. Indo mais além, em tom de brincadeira, não seria possível também dizer que o primeiro atendimento de uma criança na psicanálise foi intermediado por uma tela, o pai de Hans? De fato, Freud encontrou-se presencialmente com o pequeno Hans uma única vez e o tratamento foi realizado por seu pai, o musicólogo Max Graf, que escrevia e compartilhava com Freud anotações sobre o comportamento do garoto. Esse primeiro atendimento psicanalítico "remoto" com uma criança marcou a psicanálise no início no século XX, não apenas por corroborar as teorias freudianas sobre a sexualidade infantil, mas também por reconhecer a "aplicabilidade" da escuta psicanalítica frente ao sofrimento da criança.

De lá pra cá, passados mais de 100 anos, a psicanálise continua contribuindo para dar nome às mazelas da alma que acometem os mais jovens, sobretudo, para construir um ambiente propício ao amadurecimento psíquico deles. A proposta deste trabalho é apresentar algumas vicissitudes do brincar em atendimentos remotos e *on-line* com crianças e adolescentes. Partindo da noção de brincar, sobretudo em Freud e em Winnicott, o intuito desta apresentação é compartilhar algumas práticas clínicas que vêm permitindo alargar a noção do *setting* em termos de escuta, graças à experiência do brincar na rede.

Brincar, verbo intransitivo

Desde Freud, o brincar da criança é relacionado à criatividade, ao fazer "sendo", à atividade poética, à criação de um mundo próprio. Em seu artigo *O poeta e o fantasiar* (1908), o inventor da psicanálise tenta entender a origem da inspiração dos poetas e logo a remete ao brincar das crianças. Winnicott corrobora essa ideia falando da poesia do brincar, comparando-a à poesia do sonho. Tanto para Winnicott quanto para Freud, o brincar é o protótipo da criação (Gutfreind, 2019). Para esses autores, brincar e sonhar estão além da fantasia – trata-se de manifestações amplas e polissêmicas, em que passado, presente, futuro, mundo interno e realidade externa se entrelaçam, numa área descrita por Winnicott (1971, p. 31) como "neutra da experiência e que não será posta à prova".

Quando Freud designou o sonho como via régia para o inconsciente, ele falava desse *pot-pourri* de imagens condensadas e sem nexo aparente, que eram criadas durante o sono. Imagens disfarçadas ou distorcidas que chegavam ao mundo externo carregadas de desejos, repressões e pistas sobre a matriz, ou seja, sobre a fonte das marcas, a origem da impressão. O sonho carrega a liberdade

do caos e se manifesta de forma codificada – a forma possível de dizer sem ter que falar. Uma forma possível de apaziguar o conflito daquilo que insiste em sair e se satisfazer com aquilo que barra e impede a descarga. Sonho é tela: um encontro viável entre as realidades interna e externa. Trata-se de um encontro-brincadeira, em que uma nova ordem é criada fora do tempo.

Da mesma forma, o brincar situa-se nessa área de intercessão entre o mundo interno e a realidade externa. Winnicott (1971) diz que o brincar da criança contém tudo: daí a brincadeira do subtítulo deste trabalho *Brincar, verbo intransitivo* – uma referência a Mário de Andrade, que, em 1927, publicou o romance *Amar, verbo intransitivo*. Assim como "amar" não precisa de complemento para a literatura, brincar tampouco necessita para a psicanálise. Brinca-se. Aqui o pronome "se" ressalta que a ação acontece sobre aquele que a pratica. Um sujeito oculto que se revela na espontaneidade do brincar.

André Green (2013), na conferência memorial a Winnicott já citada, reapresenta o brincar como

> [...] um movimento de interioridade tão profundo quanto um sonho, aparentemente incoerente e feito de retalhos, um produto do rearranjo de ambos os elementos de realidade interna e externa (Green, 2013, p. 48).

O brincar é tão inerente à psicanálise que Winnicott se arrisca a dizer que a própria prática terapêutica se refere a duas pessoas brincando juntas. O autor inglês vai mesmo além: segundo ele, quando o paciente não brinca, cabe ao analista favorecer um espaço propício para que isso aconteça.

Winnicott (1971, p. 92-93) sustenta:

> É no brincar, e apenas no brincar, que a criança ou o adulto conseguem ser criativos e utilizar toda a sua personalidade. E somente sendo criativo o indivíduo pode descobrir o *self*.

A relação entre o brincar e a descoberta do *self* passa pela mobilização da criatividade. Aqui não se trata de talento para as artes, mas de uma inventividade própria para lidar com a realidade externa. Brincar é "poder ser" e não necessariamente reagir. É sair de um estado de alerta, defensivo e relaxar no tempo, naquilo que brota de dentro sem nenhum esforço, uma vez que é singular. Manifesta-se algo a partir da espontaneidade da brincadeira. Insisto que brincar, aqui, é diferente de jogar. Trata-se da mesma essência de um gesto espontâneo. Trata-se de uma criatividade essencial e universal, inerente ao ser humano. Assim como Freud diz que o oposto à brincadeira não é a seriedade, mas a realidade (externa), Winnicott (1971, p. 108) atribui uma importância vital ao processo intrínseco do brincar: "Mais do que qualquer outra coisa, é a apreciação criativa que faz o indivíduo sentir que vale a pena viver".

Durante a pandemia do coronavírus, quando os encontros presenciais foram interrompidos, e a tela do computador passou a enquadrar o setting, a brincadeira "presencial" continuou. Mais do que nunca era preciso estar "vivo" nas sessões e fazer uso da tecnologia para a sustentação do encontro. A seguir apresentarei alguns momentos dessa prática.

Vinhetas clínicas: brincar na rede

Neste momento, gostaria de compartilhar vinhetas clínicas que ilustram algumas das experiências do brincar *on-line* que vivenciei durante o período de quarentena imposto pela pandemia. Não se trata aqui da apresentação de histórias clínicas, mas de passagens ocorridas durante sessões *on-line* com crianças e pré-adolescentes.

Nos últimos tempos aprendi certas nuances sobre a presença maciça dos videogames na vida das crianças e dos pré-adolescentes. Aprendi que existem jogos de criação que, como o próprio nome diz, permitem ao jogador cocriar seu mundo de jogo através dos recursos fornecidos pelo sistema ou adqui-

ridos pelo participante graças a sua atuação. Há também os jogos de sobrevivência, nos quais o jogador almeja escapar da morte em meio a outros participantes, conhecidos ou não.

Iniciarei pelo atendimento de um rapaz de 13 anos, que aqui chamo de Pedro e que é um usuário assíduo dos jogos *on-line*. Pedro comenta sobretudo dos jogos de criação. No início do atendimento, ele descrevia uma situação dizendo, por exemplo, que "dessa vez eu não estava no meu mundo, mas no mundo do meu amigo". Falava sobre a dor de ser "bloqueado" pelo "dono do mundo" e de não ter mais acesso ao jogo. Em outro momento falava dos recursos que precisava encontrar para construir uma casa ou "não poder ser atacado". Até que um dia perguntei se gostaria de me mostrar o mundo dele. Pedro desde então passou a compartilhar a tela do seu computador comigo e visitamos juntos suas criações, sobretudo casas hiperelaboradas e decoradas ("A beleza traz conforto", escreveu ele certa vez como legenda de uma de suas casas). Certo dia, no subterrâneo da casa, havia "o inferno", segundo ele. Fomos lá juntos e cruzamos com lavas e zumbis. Saindo dali, Pedro disse: "Existem recursos que só encontramos no inferno". Nesse dia, fizemos um *print* da parte externa da casa que ele havia criado e olhamos juntos para ela, destacada do jogo. Pedi a Pedro que escrevesse um título para aquela foto. Acompanhei as letras digitadas por ele até formarem isto aqui: "Casa meio assombrada e esquecida, ainda bonita". Palavras que descreviam o seu mundo, dentro e fora do jogo.

Durante o tratamento me inscrevi numa plataforma de jogos, o Roblox, e pedi a Pedro que escolhesse um jogo para jogarmos juntos. O escolhido foi *Desastres naturais* e logo em minha primeira aventura nessa plataforma, participei de tempestades de areia, de neve, além de um tsunami. Pedro, percebendo minha inexperiência, dizia as teclas que eu precisava apertar para pular, correr, pegar coisas... além do imperativo: "Me segue"! Apesar do guia, o tsunami me pegou e fui destruída em pedacinhos, literalmente, no jogo. Pedro gargalhou. Logo em seguida, veio a tempestade de areia e conseguimos atravessá-la. Pedro encontrou uma sala, onde disse para eu entrar e sentar no sofá, enquanto a tempestade passava. Ao final, o grito dele de vitória: "Sobrevivemos"!

Numa outra sessão jogamos um jogo diferente. Dessa vez o cenário se passava numa escola, onde tínhamos que escapar dos zumbis. Gostaria aqui de falar de uma cena que me lembrou muito uma das etapas da teoria do amadurecimento, de Winnicott, aquela que fala da capacidade de cuidar, de se preocupar com o outro. Enquanto no jogo, Pedro ia de um lado para outro com a maior destreza, apontando onde deveríamos entrar ou quando deveríamos sentar, eu ainda me confundia nas teclas do computador, o que me fazia perder "vidas". Num dado momento da partida, vejo que o boneco de Pedro para na frente de um armário, abre a porta e pega algo. Estávamos em fuga e eu não havia entendido o porquê da parada. Perguntei o que havia dentro daquele armário. Pedro responde: "É uma maleta de primeiros socorros". Logo entendi que a maleta não seria necessariamente para ele, já que na etapa seguinte nos deparamos com uma espécie de dragão, que logo me atacou, pois não fui ágil o suficiente para escapar. Vendo (e ouvindo) minha situação precária, Pedro aparece com a maleta de primeiros socorros. Recebo os cuidados, recupero alguns recursos e podemos continuar um pouco mais, até eu ser capturada e destruída por um zumbi: "Perdemos!", disse Pedro. "Ganhamos!", pensei eu: uma partida que forneceu elementos para pensar, entre outras coisas, a própria relação transferencial.

Outra experiência que gostaria de compartilhar aqui foi a que tive com um garoto de 11 anos que atendi durante a quarentena. Chamarei o rapaz de Nuno. No início do atendimento, ele se servia do celular da mãe para entrar no *Skype*, já que o computador da

casa estava sem câmera. Certo dia faltou luz no bairro onde morava e a internet *wi-fi* caiu logo no início da sessão. Mandei mensagem para o telefone da mãe dizendo que poderíamos continuar pelo *Whatsapp*, pelos dados do celular. Nuno topou e apareceu no vídeo, no quarto escuro. Eu só via praticamente seus olhos graças à luz do celular. Perguntei o que ele gostaria de fazer naquele dia e ele sugeriu a criação de uma história na floresta. A cena foi muito bonita: parecíamos mesmo estar dentro de uma floresta escura, iluminados pela luz de uma lanterna. Tive a sensação de que, a partir dessa experiência compartilhada, Nuno ganhou confiança no ambiente para poder brincar. Lembro da história que criou nessa sessão, em que um menino que morava sozinho na floresta encontrou a onça e ficaram amigos.

Durante uma das sessões com Nuno, via *Skype*, quando, mais uma vez, falávamos de uma história que se passava na floresta (na verdade, se passava numa casa com uma área externa), vejo na tela do meu computador nossa própria imagem numa floresta! Tomei um susto! Perguntei o que era aquilo. Nuno, sério, disse não ter sido ele. Daí descobri uma função do *Skype* que permite fundo de tela compartilhado. Nuno riu. Brincamos de aparecer e desaparecer das pedras da tal floresta compartilhada. Tiramos fotos (ou melhor, fizemos *prints*) de nossa imagem na floresta. Para esse menino, em quarentena praticamente fechada durante mais de um ano, tudo o que ele queria era brincar na tal área externa da casa – e conseguiu criá-la e nos proporcionar essa experiência. O *playground* sonhado pôde ser criado por ele e compartilhado comigo. Podemos pensar, entre outras coisas, no recurso à ilusão – algo entre o mundo interno e o ambiente; algo que não é contestado e que, por isso, é arena de sonhar e de "poder ser": lugar para estar vivo.

Maria é uma menina de 5 anos que atendi durante seis meses. A maioria das sessões foram presenciais, mas trabalhamos juntas *on-line* durante algumas semanas, devido à necessidade de quarentena. Gostaria de compartilhar aqui alguns momentos desses encontros. Maria sempre participava muito ativamente das sessões, sobretudo com seus desenhos e histórias criadas a partir deles ou de brinquedos do seu quarto. Certo dia, Maria me mostrou alguns legumes e frutas de brinquedo, uma panela, além de bonecas. Volta e meia ela saía da tela e aparecia quando eu a chamava, para dizer que estava ali, ao lado do computador, mesmo se fora do campo de visão da câmera. Até que Maria coloca dois cachorrinhos de brinquedo na frente da câmera e volta para sua brincadeira. De tempos em tempos ela colocava o braço na direção da câmera e dizia: "Estou aqui, ó", sem aparecer por completo. Parei de chamá-la e fiquei ali, de frente para os cachorrinhos, vivenciando a situação. Maria brincava, sozinha. Ela sabia que eu estava ao lado e lembrava de me mostrar mão e braço, como um aceno de sua presença. Participei desse momento intensamente, sem me deixar capturar por distrações que tinha por perto, como o celular, por exemplo. Ao final da sessão, chamei Maria e disse que nosso encontro estava terminando. Ela prontamente apareceu diante da câmera, arrumou alguns brinquedos sobre a cama e fez a pergunta de praxe: "Quem desliga primeiro hoje?" (combinamos de alternar: a cada sessão uma de nós saía primeiro da reunião criada através do Zoom. Aquele, era meu dia). Respondi: "Hoje sou eu". Como de hábito, ela disse: "Tá bom: vou ficar aqui escondidinha, então". E desliga a câmera dela, aguardando que eu finalize a sessão". Esse encontro com Maria me proporcionou um sentimento de grande relaxamento. Havíamos criado um ambiente relaxante e de confiança, onde a criança pôde brincar sozinha em presença de um adulto presente e "vivo". Achei singela a atitude de Maria em ter colocado dois cachorrinhos de brinquedo na frente da tela (para me fazer companhia?) enquanto ela brincava em seu mundo vizinho.

Uma outra vivência clínica peculiar aconteceu no atendimento de Maria enquanto ela estava de férias na casa da avó e realizou a sessão através de uma chamada de vídeo do celular da mãe. Além de ter "andado comigo", que estava dentro do celular, pelo espaço todo (o que, confesso, me deixou ligeiramente tonta), no meio da sessão, enquanto criava algo no papel, Maria foi tomada por uma espécie de fúria que se endereçou à analista. Maria colocou a tela do celular bem perto de seu rosto – a ponto de encostar a ponta do nariz no vidro do aparelho – e disse com raiva: "Eu quero saber por que só eu que desenho! Eu nunca vi os seus desenhos!! Em seguida vira bruscamente a frente do celular sobre uma superfície, o que deixa a minha tela de visão toda preta. Minutos depois vejo a tela preta ser invadida por uma luz ambiente que, aos poucos, incidia. Era Maria, retirando lentamente a analista da penumbra e verificando se ela permanecia ali. Sim, a analista havia sobrevivido aos ataques de agressividade, o que possibilitou, após essa constatação, que Maria retomasse seu desenho até o final da sessão – concluída por ela, já que se tratava de seu dia de apertar o botão vermelho de "fim".

Considerações finais

Levei tempo para entender que o atendimento com crianças era o puro brincar e que esse ato, como citado anteriormente, "contém tudo" e não necessita interpretações. O brincar é a criação de vínculo – o que permite a experiência da confiança, da não contestação, da intimidade, do gesto espontâneo, da criatividade genuína. Na brincadeira, assim como no sonho, é possível manifestar conteúdos impossibilitados de aparecer de outra forma. Brinca-se como se sonha: sem regras ou manual. Trata-se de uma zona intermediária entre mundo interno e realidade externa onde não há ordem, tampouco desordem: nessa nesga, a lógica operante é a do devir – ou seja, pura potência criadora.

Numa das vezes em que Freud citou o brincar em sua teoria, utilizou como exemplo a observação de seu neto de um ano e meio de idade. Freud ([1920] 2020) nos apresentou a brincadeira incansável do menino de lançar um carretel com uma linha para a borda da cama, fazendo-o desaparecer e depois puxá-lo de volta, fazendo-o reaparecer. Freud atribuiu tal entretenimento a uma tentativa de elaboração, por parte do garoto, das ausências e dos retornos da mãe. Ao lançar o carretel para fora da cama, fora de sua vista, e depois trazê-lo de volta, a criança estaria se apropriando da situação, simbolizando uma ausência desprazerosa e controlando a cena, já que na brincadeira é ele quem decide quando o carretel volta ao seu campo de visão.

Como observou André Green (2013, p. 50),

> [...] experiências criativas são a única maneira do indivíduo ser ele mesmo. A criatividade não é uma atividade especializada, mas um aspecto da vida e do pleno viver.

Quando o neto de Freud brinca com o carretel, ele está promovendo uma ligação, uma solução própria e singular para lidar com o vazio criado pela ausência da mãe. Green (2013) insiste na diferença entre perda da realidade e substituição da realidade. Ele diz que no brincar não se trata de negar a realidade, mas de encontrar novas saídas para o sofrimento. Em outras palavras, a ligação aqui é Eros: pulsão de vida e saúde, que favorecem o processo maturacional do sujeito.

O brincar *on-line* demandou adaptações. Se, por um lado, o ângulo de visão diminuiu, cercado pela moldura da tela, por outro, uma nova dimensão se abriu graças à possibilidade de compartilhar essa mesma tela. Ousaria dizer que, graficamente, o espaço "entre" analista e analisando ganhou recursos, além de uma nova perspectiva. Seja nos jogos *on-line*, seja nos cenários e até mesmo no jogo

de rabiscos – possibilitado pela folha branca acessível e modificável pela dupla – o atendimento remoto de crianças e adolescentes via videochamada aconteceu. Muitas vezes no quarto delas, com os brinquedos delas: brincadeiras possíveis entre câmeras, que permitiram a manutenção do vínculo e a expressão do sofrimento. Independentemente do espaço físico, o espaço ambiente pôde ser cocriado *on-line*, levando a dupla a encontrar novas vicissitudes para o brincar e para permanecer em linha.

Para finalizar, gostaria de citar um fragmento de caso apresentado pelo psicanalista porto-alegrense Celso Gutfreind (2019) em seu livro *A arte de tratar*. Trata-se de um menino de 10 anos, Raul, que se recusa a entrar no consultório sem a mãe. Uma vez na sala, o garoto brinca sozinho com o Lego e monta um barco, enquanto a mãe falava com o psicanalista. Gutfreind (2019, p. 87) aponta a tentativa de Raul de elaborar a separação da mãe através desse barco que parte "criando um mundo próprio com a mãe por dentro, até conseguir separar-se dela por fora". Gutfreind fala de "brincar para vincular-se e partir".

Se, etimologicamente, tudo indica que o verbo brincar tem origem na ideia de vínculo, poder partir e se separar é a constatação de que o laço ganhou o mundo de dentro. Como poetizou Pablo Neruda, citado por Gutfreind (2019, p. 87): "Eu crio porque fui amado e preciso criar novamente para ir embora com o primeiro amor guardado em mim na direção dos próximos".

Nesse sentido, na hipótese de que "brincar com" seja uma redundância, visto que brincar, em si, é criação de vínculo, *brincar. com* em tempos de pandemia permitiu repetir entre telas a essência daquilo que se fazia fisicamente: ser.

Abstract

The purpose of this paper is to present some vicissitudes of the playfulness in remote and online seances with children and pre-adolescents during the covid-19 pandemic. From the starting point of the pun in the title pitting Ferenczi's "feel together" in relation to the top-level internet domain (.com), the aim of this paper is to share some clinical practices that have allowed for an enlargement of the notion of setting with regards to listening, thanks to the experience of playfulness online.

Keywords: *Child psychoanalysis, Play, Psychoanalytical clinic, Internet, On-line.*

Referências

FREUD, S. *Além do princípio de prazer* (1920). Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

FREUD, S. Análise da fobia de um garoto de cinco anos, "O pequeno Hans" (1909). *In:*_____. *O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos* (1906-1909). Tradução: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras: 1915. p. 123-284 (Obras completas, 8).

FREUD, S. O poeta e o fantasiar (1908). *In:*_____ *Arte, literatura e os artistas*. Tradução: Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 53-64. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

GREEN, A. *Brincar e reflexão na obra de Winnicott:* conferência memorial de Donald Winnicott. Tradução: João J. Freitas do Amaral. São Paulo: Zagodoni, 2013.

GUTFREIND, C. *A arte de tratar.* Por uma psicanálise estética. Porto Alegre: Artmed, 2019.

WINNICOTT, D. *O brincar e a realidade* (1971). Tradução: Breno Longhi. São Paulo: Ubu, 1919.

Recebido em: 10/04/2022
Aprovado em: 26/04/2022

Sobre a autora

Manuela Dumans e Mello Costeira
Bacharel em comunicação social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).
Pós-graduada em antropologia social e cultural pela Universidade de Estrasburgo (França).
Psicanalista e membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).
Integrante do Núcleo de Estudos psicanalíticos da Infância e Adolescência (NEPsI) do CBP-RJ.

E-mail: manuela.dumans@gmail.com

Psicanálise: o processo de subjetivação em tempos de pandemia e conexões virtuais[1]

Psychoanalysis: the process of subjectivation in times of pandemic and virtual connections

Maria Melania Wagner Franckowiak Pokorski

Resumo

Nosso ensaio objetiva examinar as possíveis mudanças no processo de identificação da criança e do adolescente a partir das múltiplas relações familiares, do uso constante das conexões virtuais e da pandemia mundial nos dois últimos anos. Para tanto, vamos comentar algumas situações da clínica e alguns fragmentos da pesquisa do pós-doutorado em andamento, em relação ao processo de subjetivação no século XXI. Serão discutidos dados de pesquisa realizada com profissionais das áreas da saúde e da educação que participaram dos ciclos de estudos de psicanálise, promovidos pelo Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS), de 2019 a 2021. Freud, Lacan, Alvarez, Dolto, Sigal e Rassial são alguns dos autores revisitados neste trabalho, dando-nos maior suporte e sustentação às ideias analisadas.

Palavras-chave: Processo de Subjetivação, Identificação, Pandemia, Conexões virtuais.

Os três últimos congressos do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) – Porto Alegre (RS), Salvador (BA) e Belém (PA) – trouxeram temas e inquietações de cada época, buscando refletir, examinar e analisar como a psicanálise está implicada em cada tema e quais as possíveis modificações necessárias na clínica. Um dos assuntos do congresso de Belém, em 2019, foi o relato de psicanalistas sobre atendimento *on-line,* via Skype ou WhatsApp, havendo a intenção dos conferencistas em justificar que isso também era psicanálise, que a distância não deveria impedir alguém de usufruir do processo psicanalítico. O Congresso de Porto Alegre, em 2015, já sinalizava que as conexões virtuais estavam cada vez mais presentes na nossa vida.

No retorno do congresso de Belém, uma candidata em formação do CPRS me contatou, perguntando se poderia concluir sua segunda supervisão na modalidade *on-line,* uma vez que sete anos atrás havia se mudado para outro estado brasileiro e que tinha desejo de concluir sua formação. Na época, isso pareceu um tanto estranho, porque seria o primeiro caso de supervisão à distância no CPRS. Para poder dar-lhe um retorno, levei sua solicitação a uma reunião da diretoria da instituição, a fim de examinar a situação junto dos colegas. O grupo consentiu que a supervisão acontecesse de forma *on-line*, mas determinou que algumas combinações fossem estabelecidas de forma presencial.

Na segunda semana do mês de março de 2020, todos fomos pegos de surpresa pela

1. Trabalho apresentado no XXIV Congresso de Psicanálise do Círculo Brasileiro de Psicanálise - *Para além da pandemia: ecos na psicanálise*, realizado pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, de 4 a 6 nov. 2021, por meio da plataforma Zoom.

pandemia da covid-19, com a necessidade de distanciamento social, sem uma data de quando isso iria acabar. O que fazer com os atendimentos na clínica, com os seminários de formação, com os ciclos de estudos previstos, com as reuniões? Foi preciso redirecionar os sonhos, os projetos, as metas de todos os povos. Uma situação que provocou ansiedade e temor em relação ao amanhã.

A vida precisou ser reinventada longe das ruas e do local rotineiro de trabalho. Apesar do mal-estar, esse momento sem precedentes possibilitou maior reflexão sobre quem somos, o que fazemos, o que podemos e o que devemos fazer. Acreditamos que toda situação difícil, por pior que seja, sempre abre alternativas, oferecendo caminhos para crescermos como humanidade.

Enquanto algumas mães e alguns pais passaram a trabalhar em *home office*, outros, especialmente os profissionais da saúde, tiveram que se afastar mais do ambiente familiar, com um maior distanciamento social, evitando levar o vírus SARS-CoV-2 ao seu grupo familiar. Muitas vezes, escutamos o relato de médicos ou enfermeiros dizendo que passaram a ficar o tempo de descanso em hotéis, longe de seus filhos e filhas. Rupturas necessárias que, com certeza, vêm deixando muitas marcas e muitos registros naqueles que estão fazendo as suas primeiras incursões na constituição de sujeito, assim como as tantas rupturas por morte de familiares, amigos e conhecidos. Incomensuráveis perdas, como a da Dra. Isabela Santoro Campanário, do CPMG, que vinha realizando um excelente trabalho sobre as intervenções precoces com bebês, com impasse de desenvolvimento psíquico, com risco de autismos (Campanário, 2018), em Belo Horizonte (MG).

Na parte inicial do livro *Tudo é linguagem*, Dolto (1999) refere-se à Guerra de 1914, à experiência vivida por ela e às modificações causadas na vida das famílias, da mesma forma que a Segunda Guerra, trazendo comoção, desconfiança, rupturas dos laços familiares. As guerras, assim como a pandemia, repercutem nos vínculos familiares, especialmente no crescente aumento da orfandade de crianças e adolescentes. Até dezembro de 2021, o nosso país registrava mais de 280 mil brasileiros até 17 anos órfãos na pandemia, conforme estudo divulgado pela revista britânica *The Lancet* (Jesus, 2021).

Em função do distanciamento social, aproveitamos o tempo para dar continuidade aos estudos acadêmicos de pós-doutorado em psicologia social, com um viés psicanalítico, em que nos debruçamos a investigar as possíveis mudanças na constituição do sujeito e no processo de subjetivação nas primeiras décadas do século XXI. A partir desse questionamento, remetemos uma entrevista semiestruturada a 90 profissionais da saúde e da educação de diferentes estados brasileiros que haviam participado, de 2019 a maio de 2021, dos ciclos de estudos de psicanálise promovidos pelo CPRS, perfazendo sete grupos. Dezesseis profissionais se dispuseram a colaborar, mas obtivemos o retorno efetivo de nove questionários da entrevista semiestruturada, respondendo a cinco perguntas: uma da área da psiquiatria, uma da psicopedagogia, uma da psicologia, duas da educação e quatro da psicanálise.

Aqui, em função do tempo, vamos dar atenção a duas perguntas específicas de nossa pesquisa. A primeira diz respeito ao mundo virtual: "Como você avalia o uso de tecnologias pelos pais de crianças ou adolescentes com quem trabalha?". As respostas foram as seguintes: uso muito frequente (4), uso frequente (4), pouco uso (1). Com esses resultados, fica evidente que as tecnologias digitais estão cada vez mais presentes nas famílias. Pimentel (2019), em seu artigo *O sujeito contemporâneo e a realidade virtual*, apresentado no Congresso do CBP de Belém, trouxe reflexões importantes no sentido de a psicanálise estar atenta aos relacionamentos nas redes sociais, de certa confusão entre o público e o privado, de uma necessidade das pessoas de diferentes faixas etárias exibir um perfil de felicidade e alerta de que "estamos

construindo novas teorias e formando também novas subjetividades e, enquanto isso, alguns mais vulneráveis no processo de subjetivação se perdem no caminho" (Pimentel, 2019, p. 55).

A segunda pergunta buscava saber: "Quais são as personagens de referência no processo de identificação da criança ou adolescente com quem você trabalha?". Obtivemos as seguintes respostas: mãe (5), pai (0), mãe e pai (4), avós (4), personagens de histórias (2). Cada participante justificou as alternativas assinaladas. Chama bastante a atenção que o pai não foi apontado. Na justificativa, mencionaram que os cuidados primários são realizados pelas mães e pelas avós; pais (homens) estão ausentes. Outros argumentaram que o processo de identificação se dá diretamente com a mãe. Alguns referiram que as crianças são criadas e cuidadas pela mãe, as mães são donas, as mães e algumas avós. As respostas em que consta a figura paterna envolvem moradia, por exemplo, "eles moram com os pais", mas relatam personagens favoritas de séries, jogos ou animes, ou outras personagens que têm desempenhado a função de identificação, além de um dos pais e a avó. Por fim, as crianças reproduzem crenças e comportamentos familiares.

A menor presença do pai na vida da criança ou do adolescente já era anunciada no início do século XX, como analisa Rassial (2000, p. 151) no capítulo *A pane do sujeito*:

> [...] insisto mais nas condições coletivas, no declínio da função paterna, indicado por Freud e traduzido por Lacan como declínio dos Nomes-do-Pai. É isso que faz do sujeito em estado limite o protótipo do sujeito moderno, na medida em que ele só deixou ao pai – sustentação da tradição, isto é, da transmissão – um valor nostálgico, nostalgia de um pai imaginário. O sujeito, agora, defrontado com o pai real desvalorizado no laço social, só o manterá, este pai menosprezado, pelo sacrifício (ao pai imaginário), ao invés de pela dívida (com o pai simbólico).

Em nossos seminários de formação no CPRS, no final do século XX e início do XXI, Natal Fachini, um dos psicanalistas que conduzia esses seminários mencionava, com frequência, estar percebendo de forma reincidente "um declínio da função paterna", observação referendada por Lebrun (2008), quando aborda as novas psicopatologias infantis, reconhecendo que muitos pais têm medo de dizer não ao filho e que, muitas vezes, as crianças estão em falta de pai, embora convivam com ele.

Para pensar a constituição do sujeito, é necessário aprofundar o conceito de sujeito. Garcia-Roza (1991) descreve que, para Freud, a subjetividade está cindida, ou seja, há uma divisão interna no campo da representação; de um lado, a parte inconsciente e, de outro, a parte consciente e pré-consciente.

> O sujeito do consciente não é o mesmo que o sujeito do inconsciente. Enquanto o primeiro é o sujeito do enunciado, sujeito gramatical (eu acho, eu sou, eu quero), o segundo é o sujeito de enunciação, sujeito do desejo, sujeito do inconsciente (Garcia-Roza, 1991, p. 197).

Diante das respostas da pesquisa, indagamo-nos sobre as possíveis mudanças no processo de subjetivação, especialmente no que diz respeito ao processo de identificação na constituição do sujeito. Qual foi a atenção dada por Freud à identificação?

Consultando vários dicionários ou vocabulários de psicanálise, constata-se que o processo de identificação, na teoria de Freud, foi descrito em diferentes momentos. De 1895 a 1933 (mais ao final de seus estudos, portanto), Freud expressou não se considerar satisfeito com a definição do processo de identificação como algo concluído. Assim, tal abordagem é uma convocação aos psicanalistas para seguir investigando esse conceito.

Garimpando o percurso histórico, vimos que Freud cita o conceito de identificação

pela primeira vez em 1895, em *Estudos sobre a histeria*, no caso Elizabeth; em 1905, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*; em 1908, seu texto em relação à imagem do corpo *Sobre as teorias sexuais das crianças*; em 1921, em *Psicologia das massas e análise do ego*, conforme evidenciado em Kaufmann (1996). Freud citado por Kaufmann (1996, p. 258) afirma: "A identificação é conhecida da psicanálise como a mais precoce manifestação de uma ligação de sentimentos com outra pessoa". Em 1924, Freud completou sua teoria da identificação ao descrever *A dissolução do complexo de Édipo*. Para isso, a criança teria duas alternativas de satisfação, uma ativa e outra passiva.

Roudinesco e Plon (1998, p. 365), ao examinarem o conceito de identificação, destacam que, em 1933, Freud escreveu sobre a "decomposição da personalidade psíquica, aqui chama a atenção para a instância do superego, que faz parte do processo de identificação na instância com a relação parental". Mencionam também que, além de Freud, Lacan deu atenção ao processo de identificação: "No início, ele situa a identificação no registro imaginário, durante o estádio do espelho" (Roudinesco; Plon, 1998, p. 365).

Lacan ([1954] 2016, p.199), retomando o artigo de Freud *O Eu e o Id*, mais especificamente sobre o Ego, menciona que, para Freud,

> [...] o eu é feito da sucessão das suas identificações com os objetos amados que lhe permitiram tomar a sua forma. O eu é um objeto feito como uma cebola, poder-se-ia descascá-lo, e se encontrariam as identificações sucessivas que o constituíram.

Além de Freud e Lacan, Anna Freud descreveu o mecanismo de defesa da identificação. Melanie Klein examinou o interjogo das identificações projetivas e introjetivas, especificando que as projetivas ocorrem mais na posição esquizoparanoide e as introjetivas, na posição depressiva. O processo de identificação ainda recebeu atenção nos estudos de Bion, Esther Bick Meltzer, Rosenfled, Racker, entre outros, conforme registros de Zimerman (2001) e Laplanche e Pontalis (1998).

Vimos o quão extenso é o conceito de identificação em diferentes autores da psicanálise, o que nos faz considerar, segundo Sigal (2017), o estudo histórico dos novos paradigmas da ciência, uma vez que o mundo já não se organiza por dualidades dicotômicas de causa e efeito, como no início do século XX. Assim,

> [...] uma aparente desorganização está dando origem a uma nova organização, que pode ser entendida, na psicanálise, como a possibilidade de criação permanente de inscrições em um inconsciente que será considerado como um sistema aberto (Sigal, 2017, p. 37).

A partir dessa retomada da identificação no processo de subjetivação, entendemos que os vínculos e as relações precoces mãe -bebê são fundamentais. As relações humanas têm se modificado nas últimas décadas. Como diz Bauman (2004), elas são mais líquidas ou fluidas. Lebrun (2008) menciona o neossujeito, que sabe contar pouco de sua história. Gutfreind (2010) chama a atenção para a necessidade de os pais ocuparem o lugar da narrativa junto aos filhos. O filósofo Byung-Chul Han (2017), em seu livro *Agonia do Eros*, examina o amor dos dias atuais e percebe um crescimento do narcisismo e a consequente diminuição do amor, da fantasia e do outro, o que está associado a uma sociedade do desempenho e de valorização da imagem de um corpo perfeito.

Na clínica no atendimento *on-line*, percebemos algo parecido, de um pai que se faz menos presente. De quatro crianças, apenas um pai se mostrou disponível para a entrevista inicial. Aí nos surgem questionamentos sobre como se identificar com um pai que está ausente. Como se identificar se o pai da mãe também não está presente no psiquismo dela? Como essa mãe vai nomear o pai

ao bebê? Considerando que o alicerce do psiquismo se constitui nos primeiros anos de vida, pensamos ser necessário examinar as implicações da transgeracionalidade, assim como menciona Alvarez (2021, p. 320): "em psicanálise, ainda precisamos aprender muito sobre a natureza de introjeção, internalização e identificação".

Assim, este artigo, como faz parte de uma pesquisa em andamento, vai dar continuidade à análise dos dados colhidos com alguns profissionais da saúde e da educação. Parte dos objetivos busca investigar como ocorrem as identificações e as narrativas, em tempos de maior uso das tecnologias pelos genitores, bem como pesquisar o cultivo dos laços sociais para um processo de subjetivação de crianças e de adolescentes.

Abstract

Our essay aims to examine the possible changes in the process of identification in children and adolescents considering multiple family relationships, the greater use of virtual connections, and the global pandemic in the last two years. To this end, we will comment on some clinical situations and some fragments of the postdoctoral research in progress, regarding the process of subjectivation in the 21st century. Data from research carried out with professionals in the areas of health and education who participated in the Psychoanalysis Study Cycles, promoted by the Psychoanalytic Studies of Rio Grande do Sul Meetings (freely translated from Ciclo de Estudos Psicanalíticos do Rio Grande do Sul - CPRS), from 2019 to 2021, will be discussed. Freud, Lacan, Alvarez, Dolto, Sigal, and Rassial are some of the authors revisited in this work, giving us greater support and basis for the ideas analyzed.

Keywords: *Subjectivation Process, Identification, Pandemic, Virtual Connections.*

Referências

ALVAREZ, A. *O coração pensante:* três níveis de terapia psicanalítica com crianças e adolescentes. São Paulo: Blucher, 2021.

BAUMAN, Z. *Amor líquido*: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CAMPANÁRIO, I. S. et al. Intervenção de orientação psicanalítica a tempo em bebês e crianças com impasses no desenvolvimento psíquico. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 50, p. 73-83, jul.-dez. 2018.

DOLTO, F. *Tudo é linguagem*. Tradução: Luciano Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana.* Rio de Janeiro: Zahar, 1991, v. 2.

GUTFREIND, C. *Narrar, ser mãe, ser pai e outros ensaios sobre a parentalidade*. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

HAN, B-C. *Agonia do Eros.* Petrópolis: Vozes, 2017.

JESUS, W. Órfãos pela covid-19 demandam políticas de assistência a crianças e adolescentes. *Jornal da USP*, São Paulo, 02 dez. 2021. Disponível em: https://jornal.usp.br/atualidades/orfaos-pela-covid-19-demandam-politicas-de-assistencia-a-criancas-e-adolescentes/. Acesso em: 12 dez. 2021.

KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise:* o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

LACAN, J. *O seminário, livro 1:* Os escritos técnicos de Freud (1953-1954). Texto estabelecido por Jacques-Aiain Miller. Versão brasileira de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar; Brasília, DF, 2016. Digitalizado para PDF por Zekitcha.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise.* Tradução: Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEBRUN, J.-P. *A perversão comum*: viver juntos sem outro. Tradução: Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2008.

PIMENTEL, D. O sujeito contemporâneo e a realidade virtual. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 52, p. 51-58, dez. 2019.

RASSIAL, J.-J. *O sujeito em estado limite.* Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise.* Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SIGAL, A. M. Psicanálise: gênero e transexualidades: ainda a psicanálise no campo da sexuação. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 47, p. 35-46, jul. 2017.

ZIMERMAN, D. *Vocabulário contemporâneo de psicanálise.* Porto Alegre: Artmed, 2001.

Recebido em: 10/12/2021
Aprovado em: 25/3/2022

Sobre a autora

Maria Melania Wagner Franckowiak Pokorski
Psicanalista, membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS).
Psicopedagoga titular.
Mestre em educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).
Doutora e pós-doutoranda em psicologia social pela Universidad Argentina J. Kennedy.
Professora em cursos de graduação e pós-graduação na Faculdade Porto-Alegrense (FAPA) de 1996 a 2017.
Autora de artigos sobre psicopedagogia e psicanálise e do livro *O mutismo seletivo no espaço escola* (Editora Diálogo Freiriano, 2019).

E-mail: mwagnerpokorski@gmail.com

A mulher dos bolos: reflexões clínicas sobre psicopatologia e migração[1]

The Cake's Woman: clinical reflections on psychopathology and migration

Michell Alves Ferreira de Mello

Resumo

Vitória é uma jovem senhora de 46 anos e casada há mais de 20 anos. Ela nasceu numa região muito pobre do Nordeste brasileiro. Procurou terapia através do atendimento social do CBP -RJ. Seus medos: era-lhe insuportável viajar de carro com seu marido e lhe parecia impossível viajar de avião. Seu maior problema no início da análise: sua família havia comprado uma passagem aérea para ela ir até sua região de origem. Família de origem era muito pobre, pai alcoólico e violento, mãe muito severa com os filhos. Sua casa foi construída com barro e madeira. Quando tinha 8 anos de idade, foi enviada a outra família para trabalho doméstico em troca de comida e vestimentas. Vitória conheceu o marido no Nordeste e depois de um mês de namoro, ele migrou para o Rio de Janeiro visando uma vida melhor. Três meses depois, ele enviou a Vitória uma passagem de ônibus para que viesse morar com ele no Rio de Janeiro – uma viagem de três dias. Junto às questões edípicas, havia um medo dominante e paralisante de retorno ao estado de pobreza e abandono que vivera durante a infância. Isso se manifestava numa obsessão com a segurança das filhas. Retornar ao lugar de origem lhe trouxe memórias de sofrimento, resultando em seguida uma histeria conversiva e somatizações. Hoje seus traumas retornam na forma de uma ansiedade extrema, fobias e conversões. Não se trata de um caso fóbico simplesmente, mas de como a pobreza extrema e o processo migratório podem resultar num tipo de "psicopatologia da imigração". Nossa clínica teve o auxílio das ideias de Ferenczi e reflexões sobre o acompanhamento psicanalítico de imigrantes.

Palavras-chave: Psicopatologia, Imigração, Fobia, Clínica social, Trauma, Ferenczi.

1. Trabalho apresentado no XX Fórum Internacional de Psicanálise, realizado em Florença, Itália, em out. 2018. O trabalho ganhou o prêmio *Benedetti-Conci Award* nesse evento.

Introdução

Naquilo que é ambivalente,
deve-se seguir a máxima mais humana[2]
Justiniano

Este trabalho tem por objetivo uma parcial tentativa de entender uma abordagem clínica em psicanálise que fugiu do paradigma da chamada clínica clássica, ou pelo menos do imaginário psicanalítico do que seja uma clínica clássica. Esse "fugir" do paradigma se deu por diversos motivos, mas sobretudo pela estagnação do tratamento analítico de uma paciente em questão. Encontramos após um determinado momento da terapia psicanalítica certas dificuldades: de interpretação, pagamento dos honorários referentes ao valor de cada sessão, faltas às sessões, entre outras.

Num primeiro momento, a escuta interpretativa e silenciosa do analista funcionou. Após a paciente solucionar sua demanda inicial – conseguir fazer uma viagem de avião –, a resistência recíproca e as dificuldades do tratamento se apresentaram *a fortiori*. Assim, tentamos usar uma técnica mais ativa na condução do acompanhamento psicanalítico.

Outra característica marcante desse caso foi a forma através da qual os pagamentos eram efetuados. De início, a paciente se dispôs a pagar o preço da clínica social do CBP -RJ. Dois meses transcorreram nesse modelo, embora fossem os honorários de uma clínica social uma parcela significativa do orçamento familiar de nossa paciente.

Após o segundo mês, a paciente ficou desempregada e refizemos o contrato para um quarto do valor anterior: agora o marido da paciente pagava suas sessões. No terceiro mês, ele também ficou desempregado. Não havia condições de pagar ao analista e, por um lado, pareceu-nos que, se suspendêssemos as sessões, o trauma do abandono vivido pela paciente seria novamente reavivado pelo analista pelas mesmas questões externas anteriores: falta de dinheiro.

A paciente começou a fazer bolos a cada quinze dias como pagamento de modo que a análise continuasse, não sem dificuldades devido à culpa inconsciente em se sentir usando o analista. Muitas vezes tínhamos dúvidas se a paciente tinha o que comer em sua casa ao fazer os bolos. Quando isso foi indagado à paciente, ela disse que estava conseguindo algum dinheiro através de pequenos serviços. Por fim, enfatiza ainda que, se não pudesse fazer o bolo como pagamento, não iria continuar.

Sobre a metodologia utilizada na escrita, poderíamos quase afirmar que foi seguido o modelo de Feyerabend (2007, p. 269): um certo anarquismo epistemológico.

> [...] ficou claro que a ciência está cheia de lacunas e contradições, que a ignorância, a teimosia, o basear-se em preconceitos, a mentira, longe de impedirem o avanço do conhecimento, podem ser-lhe de auxílio, assim como as virtudes tradicionais de exatidão, consistência, 'honestidade', respeito pelos fatos, conhecimento máximo sob dadas circunstâncias, se praticadas com determinação, podem levá-lo a uma paralisação.

Usamos aqui o termo "anárquico" no sentido de poder se valer de vários instrumentos metodológicos. Mas nesse trabalho, houve um principal: uma reflexão a partir do que acontecia no consultório. Sem tentar fazer qualquer indução universalista, pois, ao se passar de uma premissa particular a uma universal, nada é garantido enquanto critério de verdade objetiva ou lógica. Nossa intenção é realmente permanecer no singular ou particular – o paciente diante de nós – e apenas usamos reflexões além da clínica para poder conduzir de maneira mais efetiva o acompanhamento psicanalítico, visando uma melhora na saúde psíquica dos pacientes.

2. No original: "*In ambiguis rebus humaniorem sententiam sequi oportet*".

O texto é reflexivo sobre nosso ofício como analista e embora a paciente não deva saber ou não devesse saber, ao início, ganhamos dela mais do que os honorários: uma oportunidade de aprendizado da técnica psicanalítica, algo tão importante para aqueles que se aventuram a traçar a saga da psicanálise. Para fins elucidativos, foi-nos impossível escrever todas as impressões e tivemos que limitar cada parte como um resumo do que poderia ter sido escrito – tal qual a paciente, aprendemos que a psicanálise é a clínica do possível. A condução possível. O pagamento possível. A escuta possível. A relação possível. O medo como possibilidade de superação de um trauma e não mero deslocamento de sintomas – talvez esse tenha sido nosso maior aprendizado nesse acompanhamento terapêutico.

Assim, numa primeira parte apresentamos brevemente a 'história de uma alma', que sofre, que ora deseja e ora se impede de desejar, ora se integra e ora se faz através de cisões. Num segundo momento, apresentamos alguns elementos técnicos usados para condução do tratamento através, sobretudo, do pensamento de Sándor Ferenczi. Não temos nenhuma pretensão de certeza, pois todas foram abandonadas para conseguirmos escutar essa paciente.

Ao termo, tentamos refletir sobre o fenômeno da migração e suas possíveis implicações no psiquismo e no processo de subjetivação da analisante. Aqui cabe uma percepção importante, para nós, no início de uma atividade clínica: os atravessamentos da cultura e do momento histórico-social na vida psíquica do ser humano. A reprodução psíquica dos traumas da infância e do trauma de ser imigrante, aquele que deixa sua terra por necessidade, revelou-se como uma errância psíquica presente na "psicopatologia da vida cotidiana" da paciente em questão.

Para fins éticos, todos os nomes foram alterados, informações que identificam a paciente foram eliminadas. O tratamento continua em curso desde outubro de 2017 e a paciente tem conseguido movimentos de integração significativos para ela. Ela já não faz mais bolos como forma de pagamento ao analista, mas faz questão de pagar em espécie suas sessões. O sentimento de culpa por estar devendo ao analista permanece.

Se nos fosse permitida uma divagação metaclínica diante da realidade do abandono vivenciada pelo (i)migrante, após esse sujeito chegar a nosso consultório e contar sua história, tivemos que nos perguntar: não seria previsível que acontecesse no próprio *setting* analítico uma ação conjunta de *Eros* e *Thánatos* que reatualizasse o trauma de abandono inicial, revivido através da vivência migratória? Assim foi nesse caso, o social (externo fisicamente ao divã, mas intimamente ligado ao sujeito que nele está) faria com que a paciente fosse "enviada" para outro lugar, outro terapeuta ou mesmo nenhum. Poderíamos ter encaminhado a paciente a outro lugar ao deixá-la sem atendimento e, mais uma vez, ela teria que ir a outro local, ainda que não quisesse ir a nenhum outro lugar. Diante do ter que abandonar o seu lugar de reconhecimento, seja a casa dos pais ou o local de nascimento, a psicanálise pode lhe oferecer um lugar que fosse dela: sua subjetividade. Aliás, ela chega ao CAP do CBP-RJ já como migrante de um posto de saúde: "seu problema é psicológico, você devo buscar tratamento em outro lugar", lhe disseram antes de chegar ao nosso consultório.

Encontrar meios para continuar a análise foi trabalho da analisante e do analista: da analisante em reconhecer os limites de suas possibilidades financeiras (como sombra dos seus limites psíquicos); do analista em se dispor a sair de uma clínica voltada para classe média e se perguntar sobre o seu próprio desejo de ser um analista – o que queremos quando nos colocamos como analistas?

Em um mundo em que tudo é consumo desenfreado e que o valor monetário dita as regras da substancialidade das coisas, inclusive das relações, cabe ao analista se perguntar se somos parte irredutível do processo de

consumo, inclusive do que chamamos consumo analítico, ou se estamos numa esfera crítica do social – mesmo quando estamos a sós com nossos pacientes. Nós escolhemos, dentro das nossas possibilidades, estar nos dois momentos supracitados: precisamos de algo em troca, mas não necessariamente aquilo que é proposto como o justo pagamento dentro de uma sociedade de consumo. O justo nada mais seria que o acordo entre as partes. E, desse modo, começam as narrativas deste trabalho.

Fragmentos de um relato clínico: breve história de uma alma

Nossa paciente Vitória nos foi apresentada através de uma ficha preenchida na entrevista de triagem do Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP) do CBP-RJ. O entrevistador preencheu a ficha com detalhes de sua sintomatologia, em que se destaca um quadro de histeria fóbica, que impossibilitava a paciente de viajar, tanto de carro quanto de avião. Esse sintoma seria sua primeira demanda de análise, uma vez que já afetava sua vida familiar e social.

Havia ainda uma mensagem do colega que a entrevistou e apresentou o caso durante uma supervisão coletiva dos pacientes do CAP. Estava escrito a lápis na cópia da ficha que recebemos: "Ligue-me com urgência, preciso falar com você, pois é uma paciente difícil". Ora, pensamos, todos os casos que recebemos são urgentes. Sabemos que, para muitos pacientes, o acompanhamento psicanalítico é uma opção terapêutica que lhes aparece após tentativas de outros tratamentos em diversas modalidades terapêuticas. Esse parece ser também o caso de Vitória, dado que o CAP lhe foi indicado através da assistência social do posto de saúde em Copacabana, após muitas idas e vindas a essa instituição.

Em nossa curta experiência – ou melhor, inexperiência, pois diante do novo que se representa através de cada paciente que chega a nossos consultórios, nós somos, em certa medida, sempre inexperientes – todos os casos são difíceis, pelo menos para nós. Esse caso não seria diferente. Aliás, uma fobia não deve ser algo difícil, cogitamos, e nunca atendemos uma pessoa fóbica. Houve mesmo uma tentativa ingênua de tentar ler algum livro sobre fobia que seria "útil" no tratamento da paciente. Após a leitura do livro em questão (Gurfinkel, 2012), chegamos à conclusão mais óbvia possível: era necessário escutar o que a paciente tinha a dizer e não reduzi-la a um sintoma ou conjunto de sintomas. A autora, logo no início de suas reflexões sobre o tema, diz que

> [...] a fobia é, em última instância, uma tentativa de solucionar um conflito de ambivalência. As histerias de angústia são os distúrbios psiconeuróticos mais comuns, as neuroses da infância *par excellence* (Gurfinkel, 2012, p. 23).

Enfim, foi necessário escutar a paciente, permitir que ela identificasse seus conflitos e ousasse permitir que o infantil emergisse através da sua análise.

Uma informação que nos chamou a atenção foi como a paciente chegou ao CAP. A equipe médica que acompanhava Vitória, através da assistência social, lhe disse para procurar uma terapia e lhe deu o telefone do CBP-RJ. Suas dores no corpo, sobretudo nas pernas, e seus problemas gastrointestinais, poderiam vir a ser de origem psicológica. Esses eram os dados que nos foram passados como apresentação da paciente.

Após recebermos a ficha, numa postura de um analista "clássico" que mantém uma certa distância sob a égide de uma neutralidade terapêutica, telefonamos para o colega que nos deu detalhes da entrevista preliminar. Havia recomendações tais como: ela deveria fazer duas sessões de análise por semana, ou mais. Deveríamos também tomar "cuidado" com o marido dela, Pedro. À época, discutindo o "caso" com o colega entrevistador chegamos a algumas fantasias: talvez houvesse situa-

ções de abuso familiar nesse caso – que interessante, foi o pensamento que veio à mente.

Hoje vemos esse desejo por novos pacientes como uma certa forma de ufanismo que nos invade no início da atividade clínica. As novas sintomatologias do século XXI são vistas por nós como meios através dos quais os sofrimentos psíquicos se manifestam e não coisas em si, independentes do sujeito. Por que fazemos isso, colocar os sintomas à frente dos sujeitos, algumas vezes? Num primeiro momento, tal postura do terapeuta que enxerga coisas ou sintomas e não pessoas diz mais respeito ao nosso sadismo do que um interesse realmente terapêutico e psicanalítico.

O Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção RJ nos proporciona, além das supervisões coletivas, supervisões individuais com dois analistas efetivos, que não podem ser feitas de modo concomitante. O estudo teórico da psicanálise e nossa própria análise pessoal junto com a clínica supervisionada constituem uma ferramenta para que possamos elaborar continuamente nossa atividade clínica: encontrar os pacientes e escutá-los analiticamente, enquanto sujeitos desejantes.

Se olharmos os possíveis pacientes como se eles mesmos fossem os sintomas que relatam, encontraremos coisas – e coisas não falam. Logo, não haveria escuta analítica. Aliás, o termo "paciente" advém do verbo grego *paqe/w*, comumente traduzido por sofrimento. Mas o *pa/qoj* ou sofrimento seria, segundo Aristóteles, uma potência passiva da alma: capacidade de receptividade, de sofrer ou receber influência externa. Isidro (1990, p. 471) diz no verbete sobre o substantivo *páthos* no seu dicionário grego-português:

> • sentido geral: o que se experimenta / prova, experiência [...] / estado agitado da alma, paixão.
> • em filosofia: mudanças produzidas nas coisas [...]
> • em retórica: expressão emocionada, assunto emocionante.

Ao escrever sobre o que significa o termo "paciente" quando pensamos em clínica psicanalítica, podemos nos encontrar talvez mais próximos do sentido na língua grega clássica: alguém que experimentou uma vivência com tal força, o que chamaríamos de traumático, que deixa a alma ou *psyché* num estado de desconforto, agitação, sofrimento – o sujeito se vê diante da ambivalência e do conflito interno. As mudanças que a história pessoal e os atravessamentos da cultura causam na nossa *psyché* agem diretamente sobre todas as realidades do humano, que se emociona, que sofre, que se alegra. Entender essa complexidade de relações daquele que se diz paciente, ou daquele que se deseja entender como paciente, pode ser fundamental para a condução de uma clínica focada em quem traz o *páthos* [sofrimento] e não no *páthos* como algo separado metafisicamente do sujeito que o padece.

Essa escuta analítica decorrente de uma certa compreensão do que viria a ser um paciente deveria se manifestar como um desvelamento de uma verdade subjetiva. E isso nos parece acontecer no divã de nossa própria análise pessoal, em primeiro lugar. Sem compreender também como um paciente, no sentido acima, será relativamente difícil estar com os pacientes que chegam a nossos consultórios. Somente ao se descobrir enquanto sujeito desejante, um analista pode reconhecer um futuro analisante como sujeito. O sujeito inicia seu desvelamento através de seu *pathós*, porém vai além dele.

Esse desvelamento, lento e constante, instável e muitas vezes disfarçado, começa já no primeiro contato através de um telefonema:

– Olá, Vitória! Sou Michell do CBP e gostaria de marcar uma entrevista em meu consultório.

– Boa tarde, "doutor"! Mas para que outra entrevista, aquela que fiz na "casa de vocês" não serviu?

– Sim, ela serve para termos uma visão geral e tomarmos dados pessoais para cadastro, também para vermos qual localidade

ficaria mais perto de você para atendimento. Enfim, no meu consultório podemos falar pessoalmente. Você poderia na próxima segunda-feira às 19 h?

– Posso, mas não consigo ir nesse horário porque já está escuro (era inverno).

– E às 17 h da segunda-feira?

– Esse horário é ótimo, pois busco minha filha na escola, a deixo em casa e vou ao seu consultório. Aliás, onde fica mesmo?

– Em Copacabana [...].

– Ah, que bom que não preciso pegar ônibus.

– Ok, até segunda.

Na semana seguinte, no dia marcado, Vitória chega vinte minutos antes do horário e aguarda na sala de espera. Ao entrar no consultório, ela parece estranhar o ambiente usual da psicanálise: sofá, poltrona, iluminação, etc.

Após observar em silêncio a sala, ela começa a falar de sua demanda inicial: há mais de 10 anos não consegue viajar de avião e dali a três meses ela teria que voltar a sua cidade natal, no "sertão".

Sua família lhe comprou uma passagem em dez parcelas porque Vitória seria madrinha de um casamento. Ela se encontrava desesperada, pois tinha certeza de que não iria, não conseguiria entrar no avião e todos em sua casa iriam odiá-la por causa disso. Combinamos com ela duas sessões semanais, sempre depois da aula de sua filha mais nova. Ana, a caçula, tinha 16 anos e não lhe era permitido ir sozinha ao colégio ou a qualquer lugar, mas sempre acompanhada por alguém, ou seja, por sua mãe.

Na segunda semana, Vitória deitou-se no divã, a meu pedido, com muito desconforto. Isso durou apenas um mês. Achávamos que ela iria cair do divã ou teria um problema na coluna, uma vez que ficava extremamente enrijecida quando deitada. Nesse primeiro mês, ela nos fala de sua história: nasceu no interior da Paraíba, teve 11 irmãos. Seu pai era alcoolista e sua mãe era do lar, eram muito pobres e quase não tinham o que comer. Primeiro a mãe servia o pai, depois os homens mais velhos e ela própria; o que restava, quando sobrava algo, ficava para as meninas.

Aos 7 ou 8 anos de idade, ela foi "doada" pela mãe, pois era o costume em sua casa. Ela iria trabalhar na casa de uma senhora "rica" em troca de comida e roupas. Só pôde estudar até quarta série do ensino fundamental, pois "o trabalho na casa da senhora era muito e não dava tempo". Era chorava muito, no começo, com saudades da mãe, mas a senhora não a deixava ir ver a mãe. "Era uma vida boa, doutor! É assim no Nordeste", nos disse. Eu lhe pedi que contasse algo que lhe trouxesse uma memória feliz, já que era uma vida boa aquilo que ela me falava de sua infância.

Vitória descreve sua casa de infância com riqueza de detalhes, até agora podemos imaginar como era seu lar. Seu pai chegava em casa sempre bêbado, batia nos "meninos", mas nunca nas meninas. Às vezes, batia na mãe, que depois lhe servia o que tinha para comer. Depois ele pegava o violão e tocava músicas para as meninas, quando havia noite de lua cheia. Vitória sorriu pela primeira vez, pois isso significava para ela uma vida boa.

Ao início do acompanhamento psicanalítico, Vitória morava em Copacabana, seu marido trabalhava como porteiro de um prédio e ela adorava morar ali. Era uma casa de um quarto só e uma cozinha, sem nenhuma janela. Eles tinham construído uma casa razoável com "piscina" numa cidade do subúrbio do Rio de Janeiro, mas era melhor morar em Copacabana num único quarto com todos juntos. Vitória trabalhava como cuidadora de idosos, na realidade, de uma senhora idosa. Algumas vezes ela comete o ato falho de chamar de mãe a senhora para a qual trabalhava como cuidadora. Aliás, quando sua mãe morre no Nordeste, ela não consegue ir ao funeral, uma vez que não conseguiu entrar no avião. Também viajar três dias de ônibus era impossível, pensava que a cada momento sofreria um acidente de trânsito. Ela disse que estava tudo bem com isso, que seus únicos problemas eram as do-

res gastrointestinais e outras dores no corpo, sobretudo "uma dor que anda" pelas pernas.

No segundo mês de terapia, Vitória fica desempregada e novamente órfã: a senhora para quem trabalhava tinha falecido. Teria que parar a terapia. Pedi que Vitória ficasse sentada, não mais deitada, evitei os silêncios prolongados que a deixavam numa angústia inenarrável. O silêncio, tão importante em análise, era naquele momento algo surdo – um vazio hermenêutico, tanto para ela quanto para o analista.

A paciente dizia que não gostaria de parar a análise, mas não teria meios financeiros para tal. Embora Vitória pagasse o preço de uma clínica social, lhe sugeri que, agora que estava desempregada, ela nos pagasse um quarto do que pagava antes e, assim, continuaria sua análise. Ela disse que sim.

No mês seguinte, seu marido ficou desempregado. Era um bom marido, "nunca bateu nela nem nas filhas dela, era trabalhador e pagava todas as contas em casa". No começo ele bebia muito, mas agora ela jogava fora toda bebida alcóolica que houvesse em sua casa. Vitória tinha tido um único namorado antes de Pedro. O namoro era nessa ordem: o rapaz, a mãe-patroa no meio, ela. Isso durou oito anos. Então Vitória descobre que ele saía com outras mulheres e termina o relacionamento. Ela tinha 21 anos e ainda vivia na casa da mãe-patroa em troca de comida, casa e roupa. Ela conheceu Pedro através da mãe-patroa, que lhe apresenta um "bom-partido" e namora com ele durante dois meses. Pedro migra para o Rio de Janeiro, vem de ônibus numa viagem de três dias. Lá vai morar num bairro muito pobre e, após quatro meses de trabalho, envia uma passagem de ônibus para Vitória vir e se casar com ele.

Ela estava livre, me disse. Mas ao chegar ao Rio encontra outra pobreza. Eles moravam numa casa de um quarto único. Pedro bebe muito e ela engravida de sua primeira filha, Felícia, hoje com 22 anos. Felícia é a felicidade da vida de Vitória, cursava à época o último ano da graduação numa universidade pública. Ela também relata que Pedro corria muito de carro, aliás, ele adora carros. Vitória tem medo de morrer com o marido dirigindo, não consegue "entrar no carro de seu marido".

Vitória tem uma irmã mais velha que mora na cidade do Rio de Janeiro e reclama muito dela dizendo que a irmã sempre lhe dizia: "Não sei por que você é assim, passei pelas mesmas coisas e não fiquei traumatizada, só você ficou".

Vitória também diz não entender por que não consegue "andar no carro de seu marido", ele era um bom marido: trabalha e não bate nela. Isso era falado repetidas vezes.

Com o marido sem emprego também, ela perdeu o plano de saúde e começa a manifestar muitos sintomas hipocondríacos. O único dinheiro que tinham era a bolsa de estudos de Felícia, a filha mais velha. Eles tiveram que se mudar para a casa no subúrbio e, por isso, Vitória passa a fazer análise uma vez semana somente. Vitória tem que embarcar no ônibus das 4h30min para poder chegar antes das 8h, horário de sua sessão semanal agora. Não tem como pagar nada e eu lhe sugiro que ela me pague com um bolo, algo que ela colhesse ou fosse possível fazer. No início eram extremamente saborosos, depois ficaram duros. Eu comecei a receber outros bolos: faltas sucessivas, pedidos para troca de horário porque ela tinha dentista, médico, etc.

Continuamos a escutar Vitória, que agora fala pelos cotovelos, como se diz. Hoje ela pode reclamar do marido, dizer que não tem relações com ele nem quer. Já falou, ao elaborar, que sua mãe era muito boa e muito má, apenas o pai parece que ainda é representado como uma imagem intocada de ternura.

Outra dificuldade que apareceu no transcorrer das sessões era a impossibilidade de Vitória permitir que as filhas saíssem sozinhas. Aos poucos foi permitindo à mais velha que saísse sozinha com o namorado. Dizia que era "macumba" o que ela passava, pois Pedro sempre foi rápido em arrumar

trabalho e agora fica "aquele traste" em casa sem fazer nada. Ela tem vontade de sumir, mas ir para onde? Não tem lugar. Repete três vezes: eu não tenho para onde ir e Pedro não vai deixar minhas filhas virem comigo.

Vitória consegue ir ao casamento em sua terra de origem, embarca com grande sofrimento no avião para um voo curto de duas horas e trinta minutos. Pensamos que Vitória fosse parar as sessões após a viagem. Ao retornar, nos conta detalhes da viagem e disse que fez questão de ir sozinha até ao exato lugar onde viveu sua infância. Parecia outro lugar, mas ainda continuava lindo. Perguntei se após 40 anos algo tinha sido feito que pudesse ter melhorado a vida lá, ela disse que não: continuava a mesma coisa: seco, árido, pobre e crianças subnutridas.

Vitória continua suas sessões análise, fala muito de si e suas dores. Após um tempo de desconforto nosso devido às faltas, pois praticamente faltava uma semana e vinha na outra, lhe transmitimos cuidadosamente nossos sentimentos e lhe indagamos se ela gostaria de parar o tratamento. "Não, doutor, pelo amor de Deus! Se não fosse você já teria me separado do meu marido, e minhas dores passaram, minha vontade de morrer não existe mais, já deixo minhas filhas saírem sozinhas, fui ao casamento, já consigo "entrar no carro do meu marido (mas ainda é muito difícil, mas já consigo)". Vi que ali ela estava me dando um presente, que não era para eu ficar tão desconfortável com suas faltas – pois ela estava melhor.

Falamos sobre pagamentos e bolos; ela disse que Pedro conseguira trabalho naquela semana e iria nos pagar o valor total. Dissemos a ela que seria confortável nesses primeiros meses nos quais seu marido voltava a trabalhar se ela me pagasse o combinado anteriormente, mas se ela faltasse teria que pagar a sessão completa sob condição de não haver mais sessões caso continuassem as faltas constantes. Foi uma tentativa de lhe dizer: "Você pode ficar nesse lugar, mas é necessário se comprometer com ele". Ou ainda: "Não vamos tirar você daqui, mas é preciso que você saiba que esse lugar (e horário) é seu e você deve cuidar dele".

E Vitória continua sua peregrinação. Nós continuamos escutando-a.

Abordagem clínica a partir de Sándor Ferenczi: a categoria do tato e da empatia

Agora desejaríamos falar sobre alguns momentos da abordagem clínica em psicanálise, que se encontra no presente momento e, nesse caso, mais voltada para uma técnica ativa (Ferenczi, [1919] 2001) na tentativa de fazer emergir um ambiente mais favorável à analisante. A forma de enquadre alterada – sobretudo nos silêncios, que não eram constituintes para Vitória, mas representavam um vazio. Nos silêncios lhes pedíamos "exemplos" das coisas que ela tinha falado antes livremente.

No início foi importante uma técnica mais clássica, todavia após o desfecho positivo da viagem de avião para o casamento no Nordeste, sua visita física ao próprio lugar de nascimento e infância, as sessões estagnaram. Não sabemos exatamente por quê. Apenas fazemos a fantasia que de modo inconsciente Vitória fora concretamente à infância, visitou o local onde nasceu e viveu até os oito anos, depois retornou à casa da antiga mãe -patroa, descreveu com detalhes o piso vermelho da casa que ela mesma "dava brilho" quando lá começou a trabalhar na infância.

Nas sessões seguintes, após narrar sua história da viagem, pareceu-nos que Vitória estava "sem verbalização" – o que era obviamente falso – pois "o verbo estava encarnado", ela mostrava onde doía no seu próprio corpo: aqui e ali, apontava ela com o dedo. Ousamos aqui fazer nossas as palavras do "analista dos pacientes difíceis".

> Neste caso, fui levado a abandonar o papel passivo que o psicanalista desempenha habitualmente no tratamento, quando se limita a escutar e a interpretar as associações do

> paciente, e ajudei a paciente a ultrapassar os pontos mortos do trabalho analítico intervindo ativamente em seus mecanismos psíquicos (Ferenzci, [1919] 2011, p. 7).

Uma das maneiras de abordagem com Vitória no *setting* foi também a técnica do "por exemplo", pois, segundo Ferenczi ([1918] 2011, p. 415), em *A técnica psicanalítica*, pode ser "um bom recurso técnico para trazer diretamente a análise de um material distante e pouco importante para o que é próximo e essencial".

Vitória estava há semanas reclamando de seus problemas de saúde, que já fazia sessões de análise há muito tempo (uns 6 meses) e que não via melhora em sua vida. Tentávamos interpretar o que nos dizia e como agia durante as sessões, mas era completamente ineficaz permanecer nessa abordagem. Por isso, pensamos em outra técnica, e naquele momento estávamos começando a ler a obra de Sándor Ferenczi.

Em nossa atenção flutuante, pensávamos e divagávamos: "o que fazemos aqui? Freud, ficar escutando e interpretando, não funciona mais há algumas semanas! Klein, eu tenho respeito por você, a teoria se encaixa, mas não conseguiria usar uma "análise mais selvagem", uma vez que o relato de Vitória já é deveras "selvagem". Lembramos do nosso analista, lacaniano, que adora as relações de palavras, significantes, signos, etc., mas aqui não há palavras, mas indicações. "Indicações!" Esses momentos de elaboração teórica e livre a partir do que nos é dado no consultório tem se revelado a nós como um dos momentos mais ricos na clínica: quase que uma criação do artista, que pensa cada obra de arte como uma história singular.

Naquele momento de questionamento da condução de uma análise, lembramos de Husserl (1974) na sua primeira investigação lógica e de Derrida (1993): indicar tem dois sentidos: apontar [*anzeigen*] e querer-dizer [*bedeuten*]. O que ela quer dizer? Ela aponta onde dói, mas o que ela quer dizer com sua dor? Com certeza eu estava num diálogo profundo com minha própria história.

Bolognini (2008, p. 28) escreve na sua obra *A empatia psicanalítica*:

> Estes são meus pais psicanalíticos e eu os conheço em mim e não os renego, pelo contrário, realmente aprecio o que recebi deles. Mas os instrumentos e modelos propostos por tios e primos de vários graus ou, por vezes, simples vizinhos, podem resultar interessantes e úteis em certas circunstâncias. [...] Essa atitude não implica necessariamente a traição da própria origem, nem a perda da identidade, mas o reconhecimento da complexidade e da riqueza do campo psicanalítico e das oportunidades que ele oferece após um século de trabalho, reflexão e debate.

Começamos, então, a pedir a Vitória que não mais ficasse apontando aqui e ali as partes do seu corpo onde havia suas dores, mas que tentasse nomear em que lugar no corpo estava sua dor. Quando ela colocava o dedo ora na perna, ora na barriga, lhe dizíamos:

– Diga o nome do lugar que dói, não coloque a mão!

Ela disse rapidamente:

– Dói minha barriga.

Insistimos:

– Como é essa dor?

Ela gritou:

– Eu não sei como é essa dor, não sei como se chama!

Nesse momento percebemos que estávamos com uma azia fortíssima, tentamos nos lembrar se havíamos comido algo que pudesse ter causado isso, mas não. Deve ser a tal da transferência recíproca, pensamos, vamos falar isso com Vitória:

– Sabe, agora eu estou sentindo uma azia terrível. Será que eu comi algo que me fez mal?

– Ah, Michell [pela primeira vez ela me chama pelo meu nome], eu sinto tanta azia! Sabe, desde criança, eu sinto azia quando fico com fome. Acho que fome é a mesma

coisa que azia. Eu tenho muita azia também, mas acho que é porque fico sem comer. Nesses dias em que estamos sem dinheiro, os primeiros a comer são as meninas, porque eu não vou fazer igual a minha mãe que primeiro comia e só depois ia pensar se existiam filhas.

Pausa. Colocamos a pergunta: "Como assim, me dá um exemplo do que acontecia na sua casa. Que história é essa que as meninas comiam somente o que restava?". Assim, Vitória, que tem um certo medo de velocidade, pôde colocar seu próprio ritmo em suas sessões. Ela contou que tudo era para o pai e os irmãos, depois para as meninas. Dois meses depois, Vitória chega no consultório e, sorrindo, diz:

– Michell, agora eu sei a diferença entre azia e fome. Desde aquele dia não sinto mais azia, às vezes sinto um pouco de fome quando a comida acaba rápido, mas minhas filhas sempre comem bem.

Ela agora consegue diferenciar "fome" de "azia".

– O que você faz, então, quando está com fome? – perguntamos.

– Eu como qualquer outra coisa que conseguir, um biscoito, o que tiver em casa, mas sei também que isso vai passar assim que meu marido arrumar um trabalho. Aliás, ele corre para tudo, mas é muito lerdo para arrumar trabalho, fica lá parado achando que o emprego cai do céu.

No seu tempo, Vitória começa a falar sobre o marido, que corre e é parado ao mesmo tempo – em outros termos, pensamos que nossa paciente começou a ter condições de assumir a ambivalência da vida. Para quem teve muito pouco ou quase nada na infância, estar na ambivalência pode significar não ter nada em absoluto.

Indagamos: "Como assim? Ele fica lá parado se você me disse que ele faz tudo rápido? Como é que ele pode ficar parado se ele adora o carro e andar em alta velocidade? Me dá um exemplo!" Vitória começa a falar do marido, que era muito bom, mas ... também não era tão bom. Ele transava muito rápido, mas agora ela estava parada e eles não transavam mais. Ela explicou como isso começou: engravidou sem condições financeiras da sua segunda filha, pois quando ele chegava em casa faziam amor muito rápido, antes do jantar (era ele o primeiro a comer, tal como seu pai quando era criança?). Para não engravidar tão rápido, ela decide que eles não transariam nunca mais. Na semana seguinte, como se nada tivesse acontecido no *setting*, ela nos conta: "Eu bem consegui andar de carro com meu marido, foi bem pouco, até tal lugar somente". Sorrimos e lhe dissemos: "Então, conte-nos mais!"

Vitória nos parecia sempre estar a reviver sua situação de pobreza e abandono (social e familiar) e tentamos pensar o quanto para ela pode ter sido doloroso e traumático enquanto criança ser rapidamente colocada para fora de casa para trabalhar na casa da "mãe/patroa"; ter que abandonar o mundo que ela conhecia como seu ao ter que migrar para o Rio de Janeiro, fugindo de uma situação que poderíamos classificar como escravidão ou servidão voluntária/imposta, e ainda ter que transar rapidamente, quer desejasse ou não, e muito velozmente engravidar. Quanto à contracepção, Vitória toma uma atitude radical: faz laqueadura de trompas, nada vai passar rápido por ela, vai que um dia seu marido a devora e a engravida de novo? Mesmo após a cirurgia, Vitória não se relaciona mais sexualmente, por medo de engravidar mesmo assim. E se justifica: "Como arrumar comida para mais um filho?"

> Descrevemos como *"traumáticas" quaisquer excitações provindas de fora que sejam suficientemente poderosas para atravessar o escudo protetor.* Parece-me que o conceito de trauma implica necessariamente uma conexão desse tipo de ruptura numa barreira sob outros aspectos eficazes contra estímulos. *Um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do orga-*

> *nismo e a colocar em movimento todas as medidas defensíveis possíveis*. Ao mesmo tempo o princípio de prazer é momentaneamente posto fora de ação (Freud, [1920] 2006, p. 39, grifos nossos).

> [...] As especificidades dos sujeitos e as vicissitudes de seus processos em contexto de exclusão e violência [...]. A partir da experiência com imigrantes formula as bases de um trabalho centrado na clínica do traumático, mais do que na clínica dos sintomas e focaliza as particularidades da escuta psicanalítica nesses contextos, assim como as intervenções [...] (Rosa et al., 2009, p. 498).

Podemos mesmo dizer que um trauma, real e externo, acompanha toda a existência de Vitória. Qual seria o trauma originário? Não sabemos. Mas parece que a situação de desamparo em que nasceu, cresceu e permaneceu até os 21 anos lhe foi bem impactante. Parece que cuidar exaustivamente de suas duas filhas foi uma de suas medidas defensivas, uma espécie de reparação maníaca kleineana (Klein, [1946-1963] 1991).

A paciente relatava que, quando ela era criança, seu pai chegava bêbado em casa e ela tinha que correr para o terreno externo, enquanto ele batia na mãe e nos irmãos. Ela teve que correr e se apressar para sair de casa e ficar adulta, de modo muito rápido, trabalhando numa casa de família aos 8 ou 7 anos de idade. Para sair da situação de pobreza extrema em que vivia até os 21 anos, ela teve que correr e arrumar um marido. Ele correu para o Rio de Janeiro e rapidamente lhe envia a passagem de ônibus para abandonar sua terra. Seu marido corria muito de carro e muitas vezes quase sofreram acidentes. Pedro chega1va e devorava/deflorava Vitória com muita pressa, era muito rápido. Como a rapidez pode ser traumática?! A hipótese de uma histeria fóbica, via deslocamento, devido ao trauma causado pelo "rápido" parecia clarear aos poucos, tanto para a paciente quanto para o analista.

Um dia Vitória nos solicita uma sessão rápida e um tratamento rápido. Nós lhe respondemos: "Parece que muitas coisas na sua vida foram rápidas demais, talvez sua análise seja o seu momento de ir com calma". (Repeti mentalmente: com calma, Michell!). Lembramos aqui de Kahtune (2009, p. 401), que elucida didaticamente o que se entende por trauma numa leitura ferencziana:

> Para Ferenczi, o trauma é um acontecimento concreto provocado por algum agente externo ao sujeito, nomeadamente um objeto externo. Em sua teorização, o trauma é efetivado num segundo momento que não o da primeira agressão, mas o da negação por parte do adulto de que as percepções da criança frente ao acontecimento brutal são legítimas.

Assim, podemos pensar a hipótese da violência paterna, ainda que tenha sido exclusiva e fisicamente com os meninos e com a mãe, segundo Vitória. Foi um primeiro momento. Sua mãe desmentia sua percepção, era justo o pai e irmãos comerem primeiro porque eles tinham que trabalhar. Sua "mãe/patroa" dizia para ela não chorar de saudade por sua mãe, pois já era bem grande para poder trabalhar e, assim, não deixava que Vitória aos 8 anos de idade visse sua mãe durante os finais de semana. Já adulta, morando no Rio de Janeiro, sua irmã mais velha, sua vice-mãe do passado, efetiva ainda mais o momento do trauma: "Eu passei pelas mesmas coisas que você e não sou tão traumatizada como você". Vitória foi posta rapidamente fora de casa pelo menos três vezes: quando criança pequena e o pai chegava; aos 8 anos de idade pela mãe, que a doa para uma casa de família, e aos 21 anos quando a "mãe/patroa" lhe arruma um marido para ela sair do Nordeste. Em todos os casos, como assinala Ferenczi, parece que o trauma foi real e causado por um agente externo. Caberia ao analista, pensamos, não repetir o trauma da

"velocidade" e, assim, conduzir o tratamento no próprio tempo de Vitória? Assim tentamos, assim continuamos.

Psicopatologia, migração e sofrimento psíquico

A dimensão trágica do migrante encena algo comum a todos, "pois todos somos sujeitos exilados, desenraizados de nós mesmos, constituídos pelo desconhecimento enigmático da dimensão inconsciente" (Rosa, 2009, p. 511).

Um migrante, aqui entendido como alguém que se vê obrigado por quaisquer motivos a deixar sua terra de origem, pode assumir um caráter de errância em seu caminho psíquico. Ele vagueia pela sua existência, sem lugar. Aqui podemos ver, através de Vitória, que ela caminha por seus sintomas, muitas vezes percorrendo vários médicos para suas diversas dores. Quando uma histeria de conversão era percebida (por ela), o sintoma se deslocava para outra parte do corpo. Diante de tantos deslocamentos psíquicos, parece que suportar deslocamentos físicos lhe era insuportável.

Outro fenômeno observado nos migrantes é a tendência de se isolar em comunidades étnicas nos novos lugares de (sobre)vivência. Uma tentativa de encontrar alguma ligação libidinal com sua memória afetiva. Muitas vezes parece que tais grupos étnicos, cujo líder seria substituído por um sentimento de saudade comum ou uma ideologia (Freud, [1921] 2006), atua como um ego auxiliar para o migrante, sustentando-o, ainda que algumas vezes de forma precária. Todavia, ao mesmo tempo, esses grupos étnicos podem revelar algo estranho, não familiar e familiar ao mesmo tempo, um *Unheimliche* (Freud, [1919] 2006).

Vitória vive numa região cheia de migrantes, todavia diz que nem sempre se sente bem entre eles e esse tal *Unheimliche* lhe aparece quando ela é convocada a viajar até sua terra natal: queria muito ir, mas não conseguia – por isso procurou uma terapia também. Quando estava em sua terra de origem, visitou o lugar onde nasceu. "Era estranho, era o mesmo lugar, mas era diferente. Eu senti paz e angústia ao mesmo tempo em que lá estava. Algo muito estranho, não é mesmo, doutor?", disse Vitória ao regressar de viagem.

É sabido em psicanálise que temos apenas o relato do paciente e sua história, todavia parece-nos aqui que o fenômeno social da migração tem uma relação direta com a psicopatologia nos migrantes. O migrar significa, para muitos, abandonar a terra de origem e, assim, parece reavivar o trauma do abandono vivido tanto na primeira infância quanto em outros períodos da vida. No caso de Vitória, o trauma do migrar reativa nela seus primeiros abandonos. Assim, uma abordagem terapêutica que desconheça a historicidade (social, inclusive) desse sujeito migrante deixaria de lado o próprio sujeito, que se constitui como sujeito na e através de sua história (Hegel, 2004).

> A migração pode levar a uma identidade cristalizada alienante que retira o sujeito de sua condição desejante, [...] o momento do deslocamento como de suspensão das certezas simbólicas e imaginárias do Eu (Rosa et al., 2009, p. 500).

Vitória cuidava de todos, inclusive sua profissão era ser cuidadora de idosos. Cuidava do marido, decidia tudo sozinha em casa, todo o dinheiro estava na mão dela, cuidava das filhas e as alimentava primeiro. Mas quem cuidava de Vitória? Numa sessão ela disse: "Aqui é a única coisa que faço realmente só por mim". Rosa (2009) assinala que os migrantes aceitam o mínimo para sua subsistência, e isso pode fazer com que dispensem artifícios narcísicos para manutenção de uma individualidade psíquica que sustente um mínimo de desejo.

> Mas são nas migrações forçadas pela violência e miséria, como no caso principalmente dos refugiados e migrantes, que a dimensão

> do perdido e a dificuldade de se localizar no mundo tomam um lugar primordial e podem promover efeitos de desenraizamentos ou desterritorialização (Rosa et al., 2009, p. 501).

Esse conflito com sua origem, com sua história e com seu passado pode fazer com que o migrante se sinta um estrangeiro dentro do seu próprio psiquismo e dentro do seu próprio corpo. Lembramo-nos de quantas vezes Vitória não conseguiu reconhecer as partes do seu próprio corpo nas quais ela sentia dor, uma vez que não reconhecia isso como suas dores e seus medos. Foi preciso que uma assistente social do posto público de saúde lhe indicasse a terapia como forma de tratamento porque, para Vitória, todo medo e toda dor lhe vinham do fora: do carro, do marido, da falta de dinheiro.

Não se trata aqui de negar a importância do fenômeno social sobre os sujeitos em geral, mas da impossibilidade de reconhecer como pertencente ao próprio eu as dores e os medos causados pelo trauma da migração. Contar sua história é a possibilidade de reeditar a narrativa de sua existência e se aperceber das dores e sofrimentos como algo seu, ainda que tenham sido causados por fatores externos diversos. Essa reedição, porém, está condicionada a alguns elementos externos que muito se aproximam daqueles outros fatores que a levaram a 'abandonar' sua terra e se tornar uma migrante: a falta de meios financeiros.

A migração, quer por pobreza, quer por fuga devido ao risco de vida, é como se fosse uma melancolia (Freud, [1917] 2006), pois é uma ferida aberta que empobrece a libidinização do ego identificado ao objeto abandonado. A sombra do objeto caiu sobre o ego. Ao perder os elementos concretos de sua própria historicidade, quando ela abandona sua terra e vem para o Rio de Janeiro, parece que as catexias retornam ao ego. Poderíamos aqui chamar tal fenômeno de "depressão de migração".

Talvez o luto pela morte dos pais jamais seja completamente elaborado. E usando uma forma de raciocínio análoga, o luto causado pelo abandono forçado da terra-mãe, a Heimat, talvez nunca seja também plenamente elaborado. Se a melancolia é um sofrimento profundamente narcísico, a clínica que tentamos usar com Vitória foi em alguns momentos também uma clínica do "sensível" (Anzieu, 1989), pois a sombra do objeto caiu sobre um sujeito cujo processo de subjetivação foi deveras precário e, assim, a sombra esmagava seu eu.

Reescrever as narrativas migratórias numa técnica analítica pode encontrar uma barreira na escuta analítica: a errância. Um eu frágil e primitivo (seguimos aqui os pressupostos kleineanos), que regride a um estágio de não reconhecimento do eu corporal, indicando muitas vezes um autoerotismo do corpo como fetichização do sintoma numa tentativa desesperada de ter um eu corporal e, depois, um eu psíquico. No caso de Vitória, suas dores físicas eram um fetiche para seus medos de velocidade e deslocamento físico. Seu benefício era este: se adoecesse no corpo, não precisaria se deslocar a nenhum local. "Ah, doutor, se o exame indicasse uma doença eu não precisaria viajar para o tal casamento", disse Vitória uma vez no início da análise.

> No caso de migrações, o luto se apresenta como "saudades da terra natal", em que o sujeito não se reconhece em suas perdas, pois é absorvido em modo de produção alucinante ou degradante. [...]. Nesse sentido, o luto se desloca e se efetiva com a primeira perda no país de imigração – geralmente decepções amorosas, com irrupções de sentimentos extremamente narcísicos –, ou ganha contornos melancólicos na maturidade quando os filhos deixam o lar para ganhar a própria vida ou mesmo para emigrar (Rosa et al., 2009, p. 504).

Vitória não se percebia como vítima de um processo cruel (tudo era bom, a vida era

boa, o marido era bom, a infância tinha sido boa, mudar para o Rio de Janeiro tinha sido bom, etc.). Com a migração, ela conseguiu uma casa e um lar e desenvolveu por eles uma espécie de melancolia de defesa: não quer sair de casa, onde está seu lar, não quer que o marido saia de carro; não quer que as filhas saiam de casa para estudar ou namorar. Durante uns dois meses falamos somente sobre suas filhas. E o narcisismo patológico de Vitória aparecia como uma espécie de defesa maníaca. "Eu não consigo sobreviver se minhas filhas saírem de casa, ainda que possam voltar alguns dias depois de viajarem com seus namorados".

Vitória não tinha elaborado o luto de suas perdas, menos ainda o luto da morte de seus pais e, agora, como lhe seria possível fazer o luto pela saída de suas filhas de casa? Apenas oferecemos a Vitória um espaço de escuta através do qual ela pudesse contar sua história, elaborar seus lutos e, assim, localizar-se subjetivamente na própria existência.

> Portanto, a clínica do traumático convoca o analista a um lugar preciso em relação à angústia – cabe ao analista abrir espaço para a fala, dizer "diga mais" promovendo as condições necessárias para sua localização subjetiva. A presença da palavra se suporta da presença do analista e se verifica na diversidade das intervenções (Rosa et al., 2009, p. 507).

Considerações finais

É-nos extremamente difícil fazer qualquer conclusão com pretensão universal quando tratamos de um caso clínico – talvez isso nos seja imposto por uma certa ética em psicanálise: o cuidado com o sujeito que está diante de nós. Mas além de uma questão ética, há um elemento epistemológico aquém da própria psicanálise – na tradição ocidental, somente poderia ser considerado algo "claro e distinto" à la Descartes se for uma forma de conhecimento do universal. Além do rigor cartesiano, mesmo a psicanálise tem seu paradigma universalisante que lhe confere um estatuto de saber na cultura ocidental: Édipo e o inconsciente dinâmico. Mas esses elementos são, no consultório, uma ferramenta clínica e não uma teoria a ser aplicada.

A questão seria se há conhecimento seguro sobre o singular e parece que não. Assim, não haveria um conhecimento ou fechamento de um saber em psicanálise ao se tratar de um caso clínico e isso indica, sobretudo, a questão da temporalidade histórica do momento analítico. Se isso for válido, o critério de resultado ou verificação passa a ser sua própria premissa: o discurso do paciente, em todas as suas formas verbais e não verbais. Se o discurso leva o analisante a pelo menos administrar seus conflitos internos e encarar seu peregrinar existencial como algo que lhe é absolutamente inerente, parece que o resultado de um caso clínico pode ser considerado válido, eficaz, positivo.

Nesse aspecto, consideramos que o presente texto declina toda a nossa consideração de uma abordagem exclusivamente teórica, pelo menos na clínica psicanalítica. Com isso, queremos dizer apenas que, na condução de um acompanhamento psicanalítico, parece inviável considerar uma teoria como a melhor e adaptar o paciente a ela. E devido ao grau de adequação desse acompanhamento a nossa paciente, poderíamos considerar um bom resultado – que seria um equívoco, no mínimo.

Ora, se o "núcleo duro" da psicanálise for o Édipo e o inconsciente dinâmico, e se o próprio processo edípico eclode também no processo dinâmico e não apenas topológico e econômico, então até a vivência edípica supõe uma dinamicidade. Essa força ou *du/namij* [*dynamis*], um mecanismo pulsional, permeia o corpo teórico forjado a partir de Freud e continua a se movimentar em cada encontro singular no *setting*.

Por outro lado, pensamos em três momentos que podem apresentar uma pequena síntese a partir do que refletimos na confecção deste trabalho.

1. Um ambiente para poder desejar

Antes de tudo, a nós cabe escutar nossos pacientes e, tratando-se de migrantes, antes de tudo, dar um tempo necessário para que aquilo que realmente importa ao sujeito surja: seu discurso desejante. Sabemos que, no processo secundário, já temos a ação do recalque quando rememoramos, já uma primeira forma de resistência. No caso de migrantes, parece ter havido essa resistência sobre o ativar da memória, sobretudo infantil. Entendemos que o processo migratório reativou os traumas infantis, esses traumas foram reais, externos ao sujeito e não somente conflitos internos. Lembrar os traumas infantis foi para Vitória tão doloroso quanto assumir as dificuldades internas de sua vida e as externas que lhe foram impostas. Não ter sua vivência traumática desmentida pelas palavras ou atos do analista permitiu a Vitória todo um processo de "renascimento" psíquico. Um eu apareceu no meio do todo e gritou: eu quero isso e não aquilo. Ela demorou para diferenciar fome de azia, mas o tempo era de Vitória, não nosso. O estranho [*das Unheimliche*] é uma constante no relato de nossa paciente. O que poderíamos fazer? Talvez apenas usar o *setting* como página em branco para que a paciente reeditasse sua história. Convidemos o estranho, o migrante, o não dito. Escutar foi o primeiro momento.

2. Uma técnica ativa emerge da necessidade do paciente

Páginas em branco sem nenhuma narrativa mais profunda de suas memória, além da sintomatologia, pareciam colocar Vitória novamente em desamparo. Deitar e falar, no início, era um não lugar – uma vez que ela não conseguia, a princípio, expressar sentimentos através do discurso verbal. Uma vez pensamos na nossa atenção flutuante que, para aprender a falar como uma criança, é necessário um interlocutor ativo, que incentive a criança a falar. Foi assim que pensei durante algumas sessões de Vitória. Hoje Vitória necessita muito pouco. Algumas vezes até chega a reclamar quando exercemos uma técnica mais ativa. Agora ela fala livremente o que deseja, inclusive quando não quer ir à análise ou se vê confusa dentro do processo. Em casa, ela diz o que quer fazer e o que não quer fazer. Hoje ela discorda, pensa, silencia e escuta. Mas antes era necessário falar.

Emprestar nossa voz na "técnica ativa" através de um 'por exemplo', 'por favor', foi como lhe oferecer uma caneta ou lápis para compor sua narrativa. A página, como sabemos, não estava totalmente em branco. Havia marcas, mas não cabia a nós nem era euristicamente viável indicar à analisante essas marcas. Ao pedir ativamente à paciente que se implicasse com exemplos, impedindo-a de apenas indicar as partes que lhe causavam dor, ela pôde descrever onde realmente estava sua dor: no seu medo de ser abandonada novamente, inclusive pelo analista. Uma técnica ativa foi o segundo momento.

3. O trauma da migração como uma forma de melancolia

Se desconsiderássemos como traumáticos os fatores externos, como a pobreza e o processo migratório, talvez não tivéssemos conseguido dar continuidade ao processo terapêutico de Vitória devido à falta de pagamento em espécie. Escutamos muitas críticas de colegas, tais como "Você faz muita concessão"; "Isso não é psicanálise", "Pobres não podem fazer análise", etc. Mas como não fazer concessões a quem a vida quase nada concedeu? De fato, enquanto terapeutas, não podemos fazer todas as concessões, mas não fazer nenhuma pode ser tão traumático quanto os traumas externos e marcados no psiquismo. Era uma paciente difícil ou simplesmente sem recursos financeiros para o tratamento analítico? Considerar o abandono vivido como expulsão de casa e da terra nos permitiu que não fosse oferecido a Vitória um reviver do trauma externo no *setting*: ela não seria colocada para fora por nós, rapidamente após os primeiros meses de dificuldades

financeiras. A não ser que ela desejasse parar seu tratamento.

Além disso, entender o processo migratório como uma certa melancolia nos ajudou e muito a escutar a hipocondria manifesta de Vitória como uma defesa diante do próprio trauma. Era preciso não desmentir seus traumas, outra vez. Nas sessões era possível chorar de saudades e isso não era errado, ao contrário do que havia feito a mãe/patroa ao lhe dizer que não poderia ver sua mãe porque já era grande para sentir saudades. Sua irmã dizia que a vida dela era boa e tinha um ótimo marido e que não entendia porque só ela ficou traumatizada com as vivências infantis e o trauma da migração socialmente forçada. Nas suas sessões, foi permitido a Vitória que percebesse que seu marido era bom, de fato – mas trazia também suas próprias questões e dificuldades no relacionamento. Descobre que todos os seus irmãos têm problemas relacionados à infância e induz que o sofrimento é inerente ao humano: "Todo mundo sofre, Michell. Isso é bom porque eu não sou a única maluca no mundo".

Encontrar-se como boa companhia para si mesma foi para ela uma descoberta extraordinária. Não repetir o trauma da migração no consultório, um cuidado constante de nossa parte. Considerar o trauma da migração com um agente externo que reativa os traumas infantis foi o terceiro momento.

Ao término deste texto, apenas podemos agradecer a Vitória por nos ensinar que a saga de um analista é um caminho migrante: migramos de teoria em teoria, de técnica em técnica, nada sabemos e nosso saber é apenas uma suposição, ainda que busquemos fundamentá-la da melhor forma possível. Se cabe ao analista cuidar do andamento da análise, cabe aqui a pergunta de Cícero: *Qui custodiat custodes?* [Quem toma conta de quem deve tomar conta?] Cabe, como bem fala Ferenczi, tomar conta de nós mesmos enquanto analistas, quer na análise pessoal, quer através da supervisão.

No cenário contemporâneo com tantas migrações, nos perguntamos: o que nos resta na análise quando tudo é tirado de alguém, senão nossa presença? Será nossa presença um meio de reescritura de um processo que nunca para? O desejo é um migrante, inclusive o nosso próprio. Se não fizermos com o que o trauma do abandono na migração seja reencenado através de nós e nossa prática clínica, talvez já tenhamos feito um bom trabalho: *Qui custodiat custodes?* O analista, mais próximo do poeta do que mestre, na nossa concepção, deve sempre se lembrar de que sua sensibilidade ou categoria do tato é também um operador clínico de muita relevância, pois "Os poetas não sentem vergonha frente às suas experiências, eles as exploram"[2] (Nietzsche, 2003, p. 90, tradução nossa).

2. No original: *"Die dichter sind gegen ihrer Erlebnisse schamlos: sie beuten sie aus".*

Abstract

Vitoria is a 46 years old woman and is married about 20 years. She was born in one of the poorest regions of Brazil. She looked for therapy in the Social Clinic of the CBP-RJ. Her fears: it was unbearable to be in the husband's car and it seemed to be impossible to fly by airplane. Her biggest problem: her Family bought an airplane's ticket to go to Brazil's Northwest. They were/are very poor, her father was alcoholic and violent. His mother was very severe. Her house was built with clay and wood. When she was 8 years old she was sent to another Family to work for food and clothing. She met her husband in Brazil's Northwest, and after a one-month relationship, the husband immigrated to Rio de Janeiro looking for a better life. Three months after he sent her a bus ticket to come to Rio de Janeiro, a three day trip on the road. Despite several oedipal situations, there is fear to return to poverty and abandonment with an obsession with the security of her daughters. To fly back to birth's place brings to her memories that hurt, with a lot of somatizations. Now these traumas return as extreme anxiety, fear and somatizations. It is just not a classical Phobia's case, but how poverty and immigration could result in a kind of "psychopathology of immigration. Our clinic was based in some Ferenczi's ideas and reflections about therapy for (im)migrants.

Keywords: *Psychopathology, Immigration, Phobia, Social Clinic, Trauma, Ferenczi.*

Referências

ANZIEU, D. *O eu-pele*. Tradução: Zakie Yazigi Rizkallah e Rosaly Mahfu. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

BOLOGNINI, S. *A empatia psicanalítica.* Tradução: Ana Maria Stucchi Vanucchi et al. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

DERRIDA, J. *La voix et le phénomène*: introduction au problème du signe dans la phénoménologie du Husserl. Paris: PUF, 1993.

FERENCZI, S. *A técnica psicanalítica* (1918). Tradução: Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Obras completas de Sándor Ferenczi, 2).

FERENCZI, S. *Dificuldades técnicas de uma análise de histeria* (1919). Tradução: Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Obras completas de Sándor Ferenczi, 3).

FERENCZI, S. *Elasticidade da técnica psicanalítica* (1927). Tradução: Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Obras completas de Sándor Ferenczi, 4).

FERENCZI, S. *Princípio de relaxamento e neocatarse* (1930). Tradução: Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Obras completas de Sándor Ferenczi, v. 4).

FERENCZI, S. *Prolongamentos da "técnica ativa" em psicanálise* (1926). Tradução: Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Coleção obras completas de Sándor Ferenczi, 3).

FEYERABEND, P. *Contra o método* (2007). São Paulo: Unesp.

FREUD, S. Além do princípio de prazer (1920). *In:* _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos* (1920-1922). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 17-75. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, 18).

FREUD, S. Luto e melancolia (1917). *In:* _____. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 249-263. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas, 14).

FREUD, S. O 'estranho' (1919). *In:* _____. *Uma neurose infantil e outros trabalhos* (1917-1918). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 237-273. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). *In:* _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos* (1920-1922). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 81-154. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

GURFINKEL, A. C. *Fobia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

HEGEL, G. W. *Phänomenologie des Geistes*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2004.

HUSSERL, E. *Recherches logiques.* 2. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1974.

KAHTUNI, H. C.; SANCHES, G. P. *Dicionário sobre o pensamento de Sándor Ferenczi*: uma contribuição à clínica psicanalítica contemporânea. São Paulo: FAPESP, 2009.

KLEIN, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). Tradução: Elias Mallet da Rocha *et al.* Rio de Janeiro: Imago, 1991. (Obras completas de Melanie Klein, 3).

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

NIETZSCHE, F. *Jenseits von Gut und Böse zur Genealogie der Moral*. Stuttgart: Alfred Kröner, 2003.

RIESENBERG-MALCOLM, R. *Suportando estados mentais insuportáveis*. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

ROSA, D. M. et al. *A condição errante do desejo*: os imigrantes, migrantes e refugiados e a prática psicanalítica clínico-política. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 497-511, set. 2009.

SEGAL, H. *Introdução à obra de Melanie Klein*. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Col. Psicologia psicanalítica).

ZIMERMAN, D. *Etimologia dos termos psicanalíticos.* Porto Alegre: Artmed, 2012.

Recebido em: 10/04/2022
Aprovado em: 26/04/2022

Sobre o autor

Michell Alves Ferreira de Mello
Psicanalista.
Membro efetivo do Círculo Brasileiro de psicanálise Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).
Doutor em filosofia pela Basel Universität (UNIBASEL, Suíça).
Mestre em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).
Professor titular da Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC-RJ).
Professor do curso de formação psicanalítica do Centro de Estudos Antônio Franco Ribeiro da Silva do CBP-RJ.
Integrante do Grupo de Trabalho sobre Neo e Transexualidades (GTNTrans) do CBP-RJ.
Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi (GBPSF).
Coautor de *Transexualidades: reflexões psicanalíticas entre gênero e Édipo* (2018) e *Duas éticas em questão: cuidado de si e práticas de liberdade em Ferenczi e Foucault* (2020) e autor de artigos.

E-mail: mafmello@gmail.com

Trabalho, laço social e sofrimento psíquico

Work, social link and psychic suffering

Paulo Roberto Ceccarelli

Resumo

A psicanálise atribui muita importância ao trabalho do ponto de vista da economia libidinal. Quando livremente escolhido, o trabalho constitui uma fonte de satisfação importante, pois, via sublimação, permite a transformação da energia psíquica em força de trabalho, isto é, coloca essa energia à disposição da civilização, promovendo, assim, a inserção do sujeito no tecido social. Pretende-se, neste texto, refletir sobre as questões ligadas ao sofrimento psíquico advindas da impossibilidade, por razões internas ou externas, da transformação da energia psíquica em fonte de trabalho.

Palavras-chave: Trabalho, Energia psíquica, Sofrimento.

Nenhuma outra técnica de condução da vida
prende o indivíduo tão firmemente à realidade
quanto a ênfase concedida ao trabalho,
pois este, pelo menos, fornece-lhe um lugar seguro
numa parte da realidade, na comunidade humana.
Freud, 1930

Ao longo da obra freudiana encontramos várias expressões nas quais a palavra "trabalho" [*Arbeit*] aparece: trabalho do sonho [Trau*marbeit*], trabalho do luto [Traue*rarbeit*], perlaboração [Durch*arbeit*], e em outros termos traduzidos por elaboração: Ve*rarbeitung,* Be*arbeitung,* Aus*arbeitung,* Auf*arbeitung* (Laplanche; Pontalis, 1970). A perlaboração, o "trabalhar através" [Durch*arbeit*], é um momento marcante do processo analítico, quando o sujeito recorda algo, repete-o, na transferência, e o perlabora, ou seja, atravessa algo, labora algo. Com isso, evita-se a descarga de energia via atuação, ou *acting-out* (Freud, [1916] 1996), que ocorre quando uma experiência liberadora de energia é repetida pela ação, sem que o sujeito saiba que está repetindo-a, e não pela recordação.

Graças à elaboração psíquica [*Psychisch Verarbeitung*], processo que transforma a quantidade física (energia) em qualidade psíquica (representação), as associações ocorrem. "A noção de elaboração forneceria, assim, uma transição entre o registro econômico [energético] e o registro simbólico" (Laplanche; Pontalis, 1970, p. 197). Na histeria, a elaboração associativa [Ve*rarbeitung*] não ocorre, fazendo com que a experiência traumática não se integre às demais representações psíquicas. Tanto na histeria quanto na neurose de angústia, "em vez de uma elaboração psíquica [*psychischen Verar-*

beitung] da excitação, há um desvio dela para o campo somático" (Freud, [1895] 1969, p. 134). E na base das neuroses, das psicoses e das perversões, encontramos uma elaboração psíquica insuficiente.

A pulsão, pilar da teoria psicanalítica, é concebida como um conceito-fronteiriço entre o psíquico e o somático, "uma medida da exigência de trabalho [*Arbeitsanforderung*] imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal" (Freud, [1915] 2013, p. 25).

Nosso aparelho psíquico, psicopatológico em sua origem, constitui-se como uma defesa contra o excesso de paixões (Freud, 1987). Ele surge como uma astúcia evolutiva para a sobrevivência da espécie, a fim de enfrentar o excesso pulsional sem adoecer. Graças a ele, criamos dispositivos para (re)organizar as demandas pulsionais: "o homem se acha aparelhado com as mais variadas disposições pulsionais, cujo curso definitivo é determinado pelas experiências da primeira infância" (Freud, [1927] 1969, p. 19).

O sofrimento psíquico acontece justamente quando a circulação pulsional se encontra entravada por questões internas e/ou externas ao sujeito. Adoecemos quando o trabalho psíquico falha em sua função de lidar com o pulsional, ou quando o *quantum* de energia a elas associado é de tal monta que inviabiliza esse trabalho. É nessa cartografia pulsional que a *psico-pato-logia* ganha toda a sua dimensão: um saber (*logos*), sobre as paixões [*pathos*], que conduzem a alma (*psychê*). Trata-se, pois, de um discurso sobre o sofrimento psíquico, sobre o padecer psíquico. Os caminhos da *psychê*, da constituição do psiquismo, são determinados pelas paixões, ou seja, pelas vicissitudes pulsionais (Ceccarelli, 2011).

Em uma extensa nota de rodapé de *O mal-estar na civilização*, Freud ([1930] 1969, p. 99) fala da importância de amar e trabalhar como fontes de satisfação pulsional. Graças a Eros, realizamos laços sociais que nos ajudam a suportar o desamparo, que traduz a situação antropológica fundamental do humano que, ao nascer, encontra-se em um estado de total dependência de um outro que lhe forneça ações específicas para garantir a sua sobrevivência. Através da sublimação, "somos capazes de deslocar uma grande quantidade de componentes libidinais, sejam eles narcísicos, agressivos ou mesmo eróticos, para o trabalho profissional" (Freud, [1930] 1969, p. 99, nota). E mais adiante, Freud faz outras considerações que vão no mesmo sentido: "a vida comunitária dos seres humanos teve, portanto, um fundamento duplo: a compulsão para o trabalho, criada pela necessidade externa, e o poder do amor" (Freud, [1930] 1969, p. 120). Nesse contexto, o trabalho é atemporal e acultural, por representar uma forma de transformação pulsional que leva a liberação de energia, mantendo o equilíbrio psíquico. Quando associado ao desejo, o trabalho faz parte da sublimação, cuja importância, é evidente no desenvolvimento da civilização (Freud, [1930] 1996). Além disso, "o homem, em quaisquer que sejam as formas de sociedade, recorrerá ao trabalho, atividade mediadora entre ele e natureza, para suprir sua sobrevivência" (Lara, 2011, p. 80).

Estes dois processos – a criação de laços sociais e a sublimação – só são possíveis graças ao trabalho de cultura [*Kulturarbeit*]. Noção fundamental que atravessa toda a obra freudiana, o trabalho de cultura é um operador central para se compreender tanto a origem do processo civilizatório, quanto as consequências dos descaminhos desse processo. Na *Conferência XXXI: A dissecção da personalidade psíquica*, encontramos essa noção de modo mais explicito:

> Seu propósito [o da psicanálise] é, na verdade, fortalecer o ego, fazê-lo mais independente do superego, ampliar seu campo de percepção e expandir sua organização, de maneira a poder assenhorear-se de novas partes do id. Onde estava o id, ali estará o ego (*Wo es war, soll ich werden*) [Onde era isso, eu apareço]. É

> uma obra de cultura (*Kulturarbeit*) – não diferente da drenagem do Zuider Zee (Freud, [1933] 1996, p. 102).

A comparação feita por Freud entre o propósito da psicanálise e a drenagem do *Zuider Zee* ilustra bem a sublimação. Graças à aquisição de conhecimentos ao longo de anos, graças ao trabalho de cultura, pôde-se transformar parte do mar em terra cultivável: a força transformou-se em criação. Este é o propósito sublimação: criar novos destinos pulsionais que transformem moções pulsionais inutilizáveis em criações culturais.

O trabalho de cultura não foi algo que surgiu de uma hora para outra: ele é o resultado de um trajeto de milhares de anos, que foi sendo criado aos poucos e estabelecido a duras penas a partir da "coerção e da renúncia das pulsões" [*Zwang und Triebverzicht*] (Freud, [1927] 1996, p. 17). Todo ser humano tem que passar por esse processo, e a grande dificuldade reside no fato de que a criança deverá, em pouco tempo, "assimilar os resultados de uma evolução cultural que se estende por milhares de anos" (Freud, [1933] 1996, p. 180) para adquirir o controle das pulsões e adaptar-se à cultura: onde era isso, eu apareço.

O trabalho da cultura é o responsável pelo surgimento do que chamamos de civilização ou estado de cultura:[1] uma posição libidinal que inclui, por um lado, o conhecimento e a capacidade que adquirimos para controlar as forças natureza e dela tirar proveito e, por outro lado, a regulamentação das relação entre os homens, sobretudo no que diz respeito às riquezas disponíveis, quanto à satisfação pulsional, e à agressividade (Freud, [1927] 1996). Isso significa que a constituição do aparelho psíquico –que, conforme vimos, surge para enfrentar o excesso interno e externo –, é também obra do trabalho de cultura. Quando o trabalho de cultura falha ou não ocorre de modo satisfatório, as pulsões tornam-se inutilizáveis para uso posterior, posto que "grande parte das forças suscetíveis de utilização em atividades culturais [*Kulturarbeit*] são obtidas pela repressão dos componentes perversos da excitação sexual" (Freud, [1908] 1996, p. 194). E os indivíduos que não atingem esse estágio sofrem "as consequências do seu desvio dos padrões de civilização" (Freud, [1908] 1996, p. 196).

Nos exemplos citados, aos quais poderíamos acrescentar muitos outros, a utilização da noção de trabalho por Freud é muito próxima daquela da física: a aplicação de uma força que leva a um deslocamento. Para Freud, o trabalho psíquico faz com que a energia sem vinculação, que pode ser descarregada como angústia, se desloque e se vincule à representações de palavras. E a palavra, ou melhor, a linguagem, é capital na situação analítica, local de forte reações emocionais.[2] Ao falarmos, a energia se desloca (produz trabalho) e dá representação aos afetos. A catarse é uma liberação de energia através da fala, pois no ser humano "a linguagem serve de substituto para a ação; com sua ajuda, um afeto pode ser 'ab-reagido' quase com a mesma eficácia [da ação]" (Freud, [1893] 1996, p. 49). A ab-reação define "um processo de descarga emocional que, liberando o afeto ligado à lembrança de um trauma, anula seus efeitos patogênicos" (Roudinesco; Plon, 1998, p. 3).

Contudo, se, por um lado, o trabalho "constitui fonte de satisfação especial, se for livremente escolhido", por outro lado, ele "é pouco apreciado como via para a felicidade pelos seres humanos" (Freud, [1930] 1969, p. 99, nota). Uma das razões dessa dupla face

1. Para Freud ([1927] 1996, p. 16), a civilização humana representa "tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais [...] e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização".

2. Não só na análise observamos esta força da linguagem: é comum alguém dizer sentir-se aliviado após ter colocado em palavras (ab-reagido) – para um amigo, um confessor, um terapeuta – emoções que o contrariavam.

do trabalho talvez se deva à possibilidade, ou não, de o trabalho ser um substituto da satisfação pulsional. Sabemos que nas sociedades escravagistas greco-romanas, o trabalho, tido como desonra, era reservado aos escravos. Para os nobres, a verdadeira virtude era o ócio tido como fundamental e necessário para uma vida feliz, para o bem do corpo e a criatividade do espírito.[3] Contudo, a "criatividade do espírito" é também, via sublimação, uma forma de trabalho psíquico. Para a classe governante na Grécia antiga, seguida mais tarde pela elite romana que tinha aversão ao trabalho, o trabalho (manual) era indigno, pois impedia os seus cidadãos de dedicarem mais tempo à atividade de governar (Carmo, 2005).

A ideia do trabalho como punição é corroborada quando nos voltamos para a etimologia do termo trabalho (Chauí, 1999). Por exemplo, em algumas passagens da Bíblia, o trabalho aparece com um castigo devido a uma falta cometida, no caso, o pecado. Em *Gênesis* 3, 16-18, lemos que, após a desobediência, Deus retira o ócio de Adão e Eva, e os castiga com o trabalho, que toma a dimensão de dor e sofrimento:

> Disse à mulher: Multiplicarei os sofrimentos de teu parto; darás à luz com dores, teus desejos te impelirão para o teu marido e tu estarás sob o seu domínio.
>
> (e ao homem) [...] maldita seja a terra por tua causa. Tirarás dela o teu sustento com trabalhos penosos todos os dias da tua vida. Ela te produzirá espinhos, e abrolhos, e tu comerás a erva da terra. Comerás o pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra, de que foste tomado.[4]

Não é por acaso que em algumas línguas a relação dor-trabalho está presente no dar à luz: fala-se em trabalho de parto [*travail d'accouchement*; *trabajo de parto*; *lavoro di nascita*; *Arbeit Geburtsort*; *labor of birth*].

Seguindo os passos de Freud, podemos dizer que os nobres se dedicavam à sublimação das pulsões, o que fazia de seus trabalhos uma atividade extremamente prazerosa, pois resultava do deslocamento e da transformação da energia libidinal que não encontraria outra forma de satisfação devido às limitações impostas pelo trabalho de cultura. Já para os escravos, o trabalho não era natural, ou seja, não constituía fonte de transformação de energia, o que levava ao sofrimento e ao adoecimento. Quando o trabalho é imposto, seja de fora através de um discurso ideológico, seja internamente (superego), ou quando o sujeito não tem recursos psíquicos para transformar parte da energia psíquica em trabalho, ocorre um represamento da pulsão, fazendo com que o psiquismo procure outras vias de descarga que podem se revelar patológicas, como bem o mostram os inúmeros textos sobre a psicopatologia do trabalho. Ou, então, o trabalho aliena o sujeito fazendo com que ele "trabalhe por trabalhar".

Na contemporaneidade, o trabalho, baseado no discurso capitalista, se presta cada vez menos à satisfação pulsional via sublimação e vem se transformando em um recurso

3. A importância do ócio como fonte de produtividade é o ponto central do conhecido o livro de Bertrand Russel (2002) *O elogio ao ócio*, no qual o autor defende a necessidade de se ter um tempo sem trabalho, no sentido de algo imposto. Para Russel, a utilização do tempo livre é fundamental para a ampliação do conhecimento e da capacidade de reflexão. Em termos psicanalíticos o que é discutido por Russel é a questão da transformação de pulsões em trabalho. (Cf. RUSSEL, B. *O elogio do ócio*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002).

4. O que está em jogo aqui é o conhecimento, a consciência, o discernimento: "os olhos dos dois se abriram, e perceberam que estavam nus; então juntaram folhas de figueira para cobrir-se" (Gên., 3, 7). A dor do parto, assim como o comer com o suor do rosto não é uma prerrogativa da espécie humana. Outros animais também passam por isso, apenas não o sabem, não têm consciência.

perverso, via sedução, por parte do detentor do capital (Lacan, 1972). O trabalho escravo continua, ainda que de forma sutil e velada, na medida em que o sujeito é incentivado a trabalhar mais para ter acesso (cada vez menos) aos bens de consumo, para "ir mais longe ", para se dar o melhor que a vida pode oferecer-lhe. No mundo moderno, o homem é apenas mais uma engrenagem entres milhares de outras, tal como foi imortalizado no clássico *Tempos modernos*, de Charles Chaplin.

Quando o trabalho deixa de ser fonte de satisfação para se transformar em uma ação repetitiva e frustrante, ele pode produzir sofrimento e adoecimento psíquico, na medida em que calcifica a circulação pulsional, impossibilitando o aperfeiçoamento, logo a transformação (Dejours, 1993). A calcificação da circulação pulsional pode ocorrer igualmente em casos de aposentadoria. Passado o primeiro momento de euforia por não ter que trabalhar mais, sobretudo quando o trabalho era regular e constante, é fonte de alegria e relaxamento, pode acontecer que o sujeito não se sinta incluído na sociedade, quando não inútil (Bruns; Abreu, 1997). Não raro, observa-se estados depressivos e outras soluções, frente ao sentimento de "não ter lugar no mundo".

O trabalho participa ativamente na construção da subjetividade: ele é parte do sentimento de identidade, assegurando ao sujeito a manutenção do laço social e mantendo o equilíbrio psíquico-corporal do sujeito.

> O trabalho é o elemento mediador fundamental, por cujo intermédio, no inserimos no circuito e intercâmbio social, e nos tornamos adultos – de fato e de direito – sócios plenos da sociedade humana (Pelegrino, 1987, p. 201).

Considerações finais

O sentido que a psicanálise dá ao trabalho [*Arbeit*] é bem diferente de seu uso frequente, geralmente relacionado com a produção de bens: trata-se, antes, de uma transformação, via trabalho de cultura, de uma parte da energia pulsional inconciliável para a inserção do sujeito no tecido social – moções pulsionais narcísicas, agressivas e eróticas – em "acervo cultural comum de bens materiais e ideais" (Freud, [1908] 1996, p. 192). O trabalho tem, assim, uma dupla função: do ponto de vista subjetivo permite um escoamento da energia que leva a uma diminuição da tensão psíquica, geradora de angústia. Do ponto de vista social, ocorre uma troca: se, para viver em sociedade, o sujeito deve renunciar à satisfação dos elementos pulsionais incompatíveis com a cultura, ele recebe um nome, uma filiação e uma inserção social. Com isso, a sociedade também ganha ao receber as pulsões sublimadas em forma de força de trabalho, para a construção e a transformação social.

A não ocorrência desses processos – subjetivo e social – pode ser uma das origens das patologias do trabalho. Não raro, por exemplo, observamos estados depressivos em pessoas aposentadas. Uma das razões é a impossibilidade de transformar a repressão pulsional em força de trabalho. Para alguns, não trabalhar é sinônimo de exclusão social.

Em algumas formas de sociopatias, o que se observa é uma ruptura, por vezes definitiva, com a sociedade por aqueles(as) que não têm nenhuma razão para respeitar as imposições do trabalho de cultura, pois a sociedade não os(as) acolhe. Quando isso acontece, o lação social é rompido e as pulsões incompatíveis com o estado de cultura ganham o primeiro plano.

Abstract

Psychoanalysis attaches great importance to work from the point of view of libidinal economy. When freely chosen, work constitutes an important source of satisfaction, because, via sublimation, it allows the transformation of psychic energy into work force, that is, placing this energy at the disposal of civilization, thus promoting the insertion of the subject in the fabric. Social. The aim of this text is to reflect on issues related to psychic suffering arising from the impossibility, for internal or external reasons, of transforming psychic energy into a source of work.

Keywords: *Work, Psychic energy, Suffering.*

Referências

BRUNS, M.; ABREU, A. O envelhecimento: encantos e desencantos da aposentadoria. *Revista da ABOP*, v. 1, n. 1, p. 5-33, 1997.

CARMO, P. S. *A ideologia do trabalho*. São Paulo: Moderna, 2005.

CECCARELLI, P. R. Contribuições da psicopatologia fundamental para a criminologia. © *Prima Facie*, João Pessoa, 10, n. 18, p. 327-344, 2011. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba.

CHAUÍ, M. Introdução. *In:* LAFARGUE, P. *O direito à preguiça.* São Paulo: Hucitec; Unesp, 1999.

DEJOURS, C. *Travail:* usure mentale. De la psychopathologie à la psychodynamique du travail, Paris: Bayard, 1993.

FREUD, S. As pulsões e seus destinos (1915). *In:* _____. *As pulsões e seus destinos*. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 13-69. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 2).

FREUD, S. Conferência XXXI: A dissecção da personalidade psíquica. *In:* _____ . *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos* (1932-1936). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 63-84. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

FREUD, S. *Estudos sobre a histeria* (Breuer e Freud) (1893-1895). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 2).

FREUD, S. Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna (1908). *In:* _____. *"Gradiva", de Jensen, e outros trabalhos* (1906-1908). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 169-186. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

FREUD, S. *Neuroses de transferência:* uma síntese (manuscrito recém-descoberto). Tradução: Abram Eksterman. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão (1927). *In:* _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931). Direção geral da tradução:

Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 15-63. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). *In:* _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 73-148. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

FREUD, S. Por que a guerra? (1933 [1932]) (Einstein e Freud). *In:* _____. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos* (1932-1936). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 193-208. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II) (1914). *In:* _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 163-171. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, S. Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada "neurose de angústia" (1895 [1894]). *In:* _____. *Primeiras publicações psicanalíticas* (1893-1899). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 93-118. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).

LACAN, J. *Seminário O saber do psicanalista* (1971-1972). Tradução: Ana Izabel Corrêa, Letícia P. Fonsêca e Nanette Zmeryz Frej para uso exclusivo dos participantes do Centro de Estudos Freudianos do Recife.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise.* Direção: Daniel Lagache. Tradução: Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LARA, R. Saúde do trabalhador: considerações a partir da crítica da economia política. *Revista Katálysis,* Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 78-85, jan.-jun. 2011.

PELLEGRINO, H. Pacto edípico e pacto social. *In:* PY, L. A. et al. *Grupo sobre grupos.* Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise.* Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RUSSEL, B. *O elogio do ócio* (1932). Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

Recebido em: 12/06/2022
Aprovado em: 28/06/2022

Sobre o autor

Paulo Roberto Ceccarelli
Psicólogo.
Psicanalista.
Doutor em psicopatologia fundamental e psicanálise pela Université Paris 7 - Diderot.
Pós-doutor pela Université Paris 7 - Diderot.
Chercheur associé de l'université Paris 7 - Diderot.
Membro da *Société de Psychanalyse Freudienne* (SPF) - Paris, França.
Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG).
Sócio fundador do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA).
Membro do Corpo Docente do Contemporâneo: Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade - POA, RS.
Professor na pós-graduação em psicanálise do Hospital Santa Catarina, Blumenau (SC).
Pesquisador Associado do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social (LIPIS) da PUC-Rio.
Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental.
Professor e orientador de pesquisas na pós-graduação em psicologia na Universidade Federal do Pará (UFPA).
Professor e orientador de pesquisas do mestrado em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência/MP da Faculdade de Medicina da UFMG.
Coordenador e professor da pós-graduação em sexualidade humana da Faculdade Santa Casa, Belo Horizonte (MG).
Membro do Programa Antártico Brasileiro.
Diretor científico da Clínica Ampliada de Saúde Mental (CASM).
Fundador e Coordenador do Instituto Mineiro de Sexualidade (IMSEX).

E-mail: paulorcbh@mac.com
Homepage: www.ceccarelli.psc.br

Normas de Publicação[1]

1. Serão publicados apenas trabalhos inéditos de psicanálise e textos de colaboradores convidados pela Comissão Editorial. Entende-se como inéditos os trabalhos que não foram publicados – nem no todo nem em parte – em periódicos, capítulos de livros nem em anais de eventos.

2. Os trabalhos serão publicados em língua portuguesa ou em língua estrangeira. Ficará a cargo do autor a tradução para o português do resumo dos trabalhos enviados em outro idioma. A revisão de linguagem e a diagramação são responsabilidade da revista.

3. Conteúdo a ser publicado
3.1 Casos clínicos;
3.2 Ensaios;
3.3 Entrevistas;
3.4 Reflexões sobre a psicanálise, em articulação com outras áreas do conhecimento;
3.5 Resenhas.

- Papel: A-4
- Margens: superior e esquerda: 3 cm; inferior e direita: 2 cm
- Fonte: Times New Roman 12 em todo o texto
- Espaçamento entre linhas nos parágrafos: 1,5 cm
- Espaçamento entre linhas nas citações: simples
- Primeira linha dos parágrafos: 1,25 cm
- Recuo das citações à esquerda: 1,25 cm assim como os parágrafos

5. Estrutura do trabalho
Todo trabalho deverá ser obrigatoriamente acompanhado de:
5.1 Título em português e em inglês no corpo do trabalho.
5.2 Nome completo do autor ou autora, ou autores.
5.3 Resumo antes do texto, com o máximo de 250 palavras, seguido de 3 a 5 palavras-chave.
5.5 *Abstract* depois do texto, seguido de 3 a 5 *Keywords*.
5.6 Referências

6. Referências
- Segundo a ABNT (NBR 6023, de 2018), "tudo o que está citado no texto deve ser referenciado e tudo o que está referenciado deve ser citado no texto". As obras citadas no texto devem ser alinhadas à esquerda, principalmente por causa dos extensos *links*. Na *Estudos de Psicanálise*, o título das obras fica em *itálico*.

Obs.: Não se usa mais o termo "bibliográficas" já que são citadas outras fontes além de livros.

1. Atualizadas em 2021 para as próximas edições.

a. Livro

AUTOR. *Título*: subtítulo. Edição. Local (cidade) de publicação: Editora, ano de publicação.

• LACAN, J. *O seminário, livro 11:* Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2008. (Campo Freudiano no Brasil).

• LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. Direção: Daniel Lagache. Tradução: Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

• WINNICOTT, D. W. A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. *In:* _____. *Os bebês e suas mães*. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1994. p. 79-92.

b. Capítulo de livro

AUTOR DO CAPÍTULO. Título do capítulo. *In:* Autor do livro. *Título*: subtítulo. Edição. Local (cidade) de publicação: Editora, ano de publicação. Número do volume (se houver). Intervalo das páginas.

• FREUD, S. As pulsões e seus destinos (1915). *In:* _____. *As pulsões e seus destinos*. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2019. p. 13-69. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 2).

• FREUD, S. Os instintos e seus destinos (1915). *In:* _____. *Introdução ao narcisismo*: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 51-81. (Obras completas, 12).

• FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes (1915). *In:* _____. *A história do movimento psicanalítico:* artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. p. 123-144. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

• IANINNI, G.; SANTIAGO, J. *Prefácio*. Mal-estar: clínica e política. *In:* FREUD, S. *Cultura, sociedade e religião:* O mal-estar na cultura e outros textos. Tradução: Maria Rita Salzano Morais. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2020. p. 33-63. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

c. Artigo de revista

AUTOR. Título do artigo. *Título do periódico*, local de publicação (cidade), número do volume, número do fascículo, páginas inicial e final, mês e ano.

• LOPES, A. J. Sigmund Freud - O manuscrito inédito de 1931 - As aventuras e desventuras de um texto e as ideias desconhecidas de Freud sobre o cristianismo e a sublimação. *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, RJ, n. 50, p. 39-58, dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.

bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372018000200004. Acesso em: 06 out. 2021.

• MENDES, E. R. P. Sobre a transmissão da psicanálise nas instituições psicanalíticas. *Reverso*, Belo Horizonte, MG, ano 40, n. 76, p. 23-30, dez. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952018000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 maio 2020.

6. As citações deverão ser acompanhadas de sua fonte, com as respectivas páginas.

• **Citação direta:** Quando é extraído um trecho literal, copiado fielmente do original. Nesse caso, deve-se colocar o sobrenome do autor, o ano da obra consultada e a página.
As citações diretas podem ser de dois tipos, conforme o número de linhas.

• **Até três linhas**
Aparece incorporada ao texto, entre aspas.
a. Pontalis (1998, p. 274) afirma: "Nossas memórias, para serem vivas, nossa psique, para ser animada, devem se encarnar".
b. "O objetivo da análise é preparar o paciente para a autoanálise". (GREEN, 1988, p. 302).

• **Mais de 3 linhas**
Deve ser destacada com recuo de 1,25 cm da margem esquerda e espaçamento simples – sem uso de aspas. Ex.:
Em *Considerações contemporâneas sobre a guerra e a* morte, Freud ([1915] 2020, p. 99) afirma:

> Tomados pela agitação destes tempos de guerra, informados unilateralmente, sem distanciamento, das grandes mudanças que já se realizaram ou que começam a se realizar, e sem previsão quanto ao futuro que está tomando forma, nós mesmos duvidamos do significado das impressões que nos assolam e do valor dos julgamentos que formamos. Parece-nos que jamais um acontecimento destruiu tanto os bens preciosos comuns à humanidade, confundiu tantas das mais lúcidas inteligências, rebaixou tão radicalmente o que era elevado. A própria ciência perdeu sua desapaixonada imparcialidade; seus servidores, profundamente exasperados, procuram extrair-lhe armas para oferecer uma contribuição na luta contra o inimigo.

• **Citação indireta:** Texto baseado na obra do autor consultado (paráfrase).

a. Diversos autores citam a importância do estudo das perversões para entender as psicopatias da vida cotidiana. (CLAUVREUL, 1990; DOR, 1991; ANDRÉ, 2003; CORRÊA, 2006).

b. A concepção médica de oposição entre o normal e o perverso se desfaz, segundo Corrêa (2006), à medida que o inconsciente vai sendo revelado.

c. Para a psicanálise, o Sujeito não seria natural como queria Sade, seria um Sujeito irremediavelmente dividido, como demonstrou Freud, ao que Lacan acrescenta que isso aconteceria pela relação dele, Sujeito, com a linguagem. (LACAN, [1962] 1998 citado por LEITE, 2000).

7. Notas de rodapé
Devem ser usadas apenas as notas explicativas, já que as notas de referência fazem parte do corpo do texto.

8. Uso de destaques gráficos no texto/recursos visuais
• 'Aspa simples': Em destaque do autor do texto.
• "Aspas duplas": Nas citações do autor consultado e nas transcrições das falas de pacientes, entrevistados e outros interlocutores.
• *Itálico:* Em título de obras, palavras de língua estrangeira, em destaque ou grifo do autor.
• **Negrito:** Somente no título do texto e suas seções.

9. Cabe ao Conselho Consultivo de cada sociedade participante do CBP, inicialmente, examinar e aprovar, em primeira instância, os trabalhos de seus respectivos sócios e, posteriormente, encaminhá-los ao Conselho Editorial, já dentro das normas de publicação da revista, que decidirá sobre a sua publicação de acordo com a programação da revista.

10. O Conselho Editorial reserva-se o direito de recusar os trabalhos que não se enquadrem nas normas citadas ou não tenham qualidade editorial.

11. Para submissão, os trabalhos deverão ser enviados por e-mail para **cbp.rj@terra.com.br.**

Revista Estudos de Psicanálise
Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504
22050-002 - Rio de Janeiro/RJ
Tel.: (21)2236-0655

Roteiro de avaliação dos artigos

1. Título claro e preciso sobre o conteúdo do artigo.

2. Resumo claro e preciso sobre o conteúdo do artigo, contendo no máximo 250 palavras.

3. Palavras-chave adequadas ao conteúdo, em número máximo de cinco.

4. *Abstract e Keywords* conforme instruções.

5. Normas para citações e referências conforme instruções.

6. Relevância do tema.

7. Clareza de pensamento.

8. Consistência e coerência na fundamentação teórico-metodológica do trabalho.

9. Linguagem, considerando objetividade, estilo e correção.

10. Aspectos éticos de acordo com a Resolução CNS 196/96 sobre privacidade e anonimato das pessoas envolvidas, e declaração de conflitos de interesses.

11. O artigo deverá conter conclusão ou considerações finais.

Local de aplicação do selo F S C

Os papéis desta revista são oriundos de empreendimentos florestais que seguem normas internacionais de reflorestamento.

Papel Certificado, o papel da revista!

Círculo Brasileiro de Psicanálise